



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - CULTURA,
DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO - PPGCS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RENATA ARGOLO DOS SANTOS

“AQUI O PRETO GORDO PODE”: UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES ENTRE
PADRÕES DE MASCULINIDADES E GORDOFOBIA ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA
DO PERFIL DE *INSTAGRAM* “CANAL DO PRETO GORDO”

CACHOEIRA-BA
2024

RENATA ARGOLO DOS SANTOS

**“AQUI O PRETO GORDO PODE”: UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES ENTRE
PADRÕES DE MASCULINIDADES E GORDOFOBIA ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA
DO PERFIL DE *INSTAGRAM* “CANAL DO PRETO GORDO”**

Dissertação apresentada como resultado do processo
pesquisa de mestrado no Programa de Pós Graduação
em Ciências Sociais da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (PPGCS-UFRB).

Orientador: Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior

CACHOEIRA-BA
2024

S237a Santos, Renata Argolo dos.

“Aqui o preto gordo pode”: uma análise das conexões entre padrões de masculinidades e gordofobia através da etnografia do perfil de instagram “Canal do Preto Gordo”. / Renata Argolo dos Santos. Cachoeira, BA, 2024.
257f., il.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Bahia, 2024.

1. Peso corporal - Brasil. 2. Corpo Humano – Aspectos sociais – Brasil. 3. Imagem corporal – Brasil - História. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 306.46130981

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)


RENATA ARGOLO DOS SANTOS

**“AQUI O PRETO GORDO PODE”: UMA ANÁLISE DAS CONEXÕES ENTRE PADRÕES DE
MASCULINIDADES E GORDOFOBIA ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA DO PERFIL DE
INSTAGRAM “CANAL DO PRETO GORDO”**


Dissertação submetida à avaliação para obtenção do
grau de Mestre(a) em Ciências Sociais do Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira - BA, 20/06/2024.


EXAMINADORES(AS):

Documento assinado digitalmente
 **WILSON ROGERIO PENTEADO JUNIOR**
Data: 20/06/2024 11:40:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Wilson Rogério Penteado Junior (UFRB – Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO BARCELOS SOLIVA**
Data: 20/06/2024 12:58:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Barcelos Soliva (UFSB – Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente
 **MARIA LUISA JIMENEZ JIMENEZ**
Data: 20/06/2024 17:52:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Maria Luisa Jimenez Jimenez (UF RJ – Examinadora Externa à Instituição)

CACHOEIRA/BA
2024

Dedicado a todos os pretos gordos, especialmente aqueles que se dispõem a encarar as contradições das próprias masculinidades. Vocês realmente podem muito!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Damião e Denise, pela companhia felina na escrita que avançava madrugada adentro que, mesmo dormindo em cima dos meus livros, nunca me deixaram sozinha.

Agradeço muitíssimo ao meu orientador Wilson Penteado, por todo apoio e condução das orientações de forma tão humanizada. Por me transmitir tranquilidade principalmente nos momentos de tensão, quando o cansaço e as inseguranças me tomaram. Por nunca impor, sempre sugerir e dialogar, fazendo as críticas necessárias sem me fazer sentir incapaz. Você é um exemplo de docência que demonstra como esse processo de orientação pode ser muito mais horizontal.

Agradeço a minha família, por todo apoio e investimento afetivo e financeiro na minha formação e continuidade no campo da pesquisa. Em especial a minha mãe Telma Andrade.

As amigadas, em especial a Sarah Sanches, por sempre acreditar no meu potencial e dividir reflexões teóricas e pessoais nessa jornada, e a Sol por ser uma amiga tão próxima e preciosa não apenas nesse processo, mas no caminhar da vida.

A Victor Fernandez, meu companheiro, por todo dengo durante esse percurso, pela paciência em minhas ausências justificadas por motivos acadêmicos, por acreditar na minha capacidade e me lembrar também de confiar mais em mim mesma.

A Elaine Borges, que além de amiga querida é minha principal parceira acadêmica nas Ciências Sociais, sem a qual eu não teria nem me inscrito no mestrado. Brincamos nos momentos de cansaço dizendo “você me meteu em problema”, contudo a pesquisa é um “problema bom” que a gente reclama, mas gosta de resolver. Admiro você como pessoa e como pesquisadora, que venha o doutorado para reclamarmos mais juntas.

Agradeço também às minhas parceiras de pesquisa no campo dos estudos antigordofóbicos, Grasielle Mota, Rosemeire Paixão, e mais recentemente Erica Estevam, por pautarem esse debate no Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Assim como, agradeço a minha turma do PPGCS. Mesmo com as correrias que configuram o segundo ano do mestrado, onde nossos encontros presenciais diminuíram, demos um jeito de manter o contato e o apoio mútuo. Em especial a Danrlei Moreira e Carlene Santana, parceiros desde 2015 quando iniciamos nossa jornada na graduação em Ciências Sociais, e os quais admiro o crescimento e excelência enquanto pesquisador e pesquisadora.

Assim como, agradeço as contribuições valiosas da minha banca qualificação, em nome da Maria Luisa Jimenez Jimenez e Sílvia César de Oliveira Benevides, que me auxiliaram na chegada a uma melhor delimitação da pesquisa.

Destaco também minha participação no Laboratório de Pesquisas e Estudos em Lesbianidades, Gênero, Raça e Sexualidade (LES/UFRB) e na PESQUISA GORDA - Grupo Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil, que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal em temáticas tão centrais a realização desta investigação.

Agradeço aos homens dos quais me aproximei a partir das nossas pesquisas, Adriel Souza e Lucas Modesto, pelas suas contribuições a esse debate e a disponibilidade e interesse de trocar comigo. Assim, como agradeço ao amigo de longa data, Luis Nogueira, que dialogou comigo sobre suas próprias experiências pessoais enquanto homem gordo.

A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento desta pesquisa. Auxílio sem o qual não poderia ter me dedicado com o mesmo afinho a esse processo, e que garantiu minha subsistência e dignidade enquanto pesquisadora.

E por fim, mas certamente não menos importante, aos interlocutores da pesquisa, que longe de estranharem “uma mulher querendo se meter nesses assuntos”, acolheram a proposta da pesquisa e se colocaram disponíveis para compartilhar suas experiências comigo. Rick Trindade, Leo Robusto, e especialmente Julio Cesar, por confiar a minhas análises a sua narrativa e de tantos outros homens, e pela persistência na construção do Canal do Preto Gordo.

RESUMO

A presente pesquisa nasceu da percepção do protagonismo das mulheres no ativismo gordo e dos questionamentos a respeito de como homens gordos se aproximam ou não dessas articulações a partir de barreiras configuradas por suas construções de masculinidades. Através de um viés qualitativo e especificamente da construção de uma etnografia em ambiente virtual, o perfil de *instagram* “Canal do Preto Gordo” foi eleito como lócus desta investigação, na qual se analisou as temáticas recorrentes no perfil, as maneiras como constroem seu conteúdo e os valores e visões compartilhadas a respeito de “ser homem”, “ser preto” e “ser gordo”. A compreensão de como a gordofobia impacta no cotidiano destes homens gordos se deu a partir de eixos como: realização profissional, acesso à saúde e lazer, seus relacionamentos afetivo-sexuais, suas construções de autoimagem e a perpetuação de estereótipos sobre esses sujeitos. Portanto, apresenta-se como a observação desse cenário confirma a hipótese de que padrões hegemônicos de masculinidade geram impactos nas possibilidades de engajamento de homens gordos com o ativismo antigordofóbico. Padrões esses que, a partir das experiências do perfil, foram localizados principalmente nas expressões da cisheteronormatividade através da homofobia e das dificuldades em se assumir vulnerabilidades e refletir e verbalizar sobre os próprios sentimentos. Ações que, por sua vez, são ferramentas relevantes na própria construção de articulações presentes no ativismo gordo. Ademais, destaca-se nesse percurso como a adoção de uma ótica interseccional é fundamental para a constituição do ativismo e das pesquisas engajadas com a luta antigordofóbica que se queiram comprometidas com a inclusão das diversidades que atravessam as realidades de pessoas gordas, especialmente a partir das especificidades do cenário brasileiro.

Palavras-chave: gordofobia, masculinidades, ativismo, cisheteronormatividade, racismo.

ABSTRACT

The present research originates from the recognition of the protagonist role of women in fat activism and inquiries how fat men either engage with or distance themselves from these movements due to barriers shaped by their constructions of masculinity. Through a qualitative approach and specifically the construction of an ethnography conducted in a virtual environment, the Instagram profile "Canal do Preto Gordo" was chosen as the locus of this investigation. The analysis focused on the recurring themes in the profile and how its content, values and shared views regarding "being a man," "being black," and "being fat" was constructed. The understanding of how fatphobia impacts the daily lives of these fat men was explored through various aspects such as professional achievement, access to healthcare and leisure, their romantic and sexual relationships, self-image constructions and the perpetuation of stereotypes about these individuals. Thus, the observation of this scenario confirms the hypothesis that hegemonic masculinity standards impact the possibilities of fat men's engagement with anti-fatphobic activism. These standards, as evidenced by the experiences of the profile, were primarily found in expressions of cisheteronormativity through homophobia, difficulties in acknowledging vulnerabilities and reflecting on and verbalizing their own feelings. These actions, in turn, are significant tools in the construction of connections within fat activism. Furthermore, it is highlighted in this journey how adopting an intersectional perspective is crucial for the constitution of activism and research committed to the fight against fatphobia, aiming to include the diversities that intersect the realities of fat individuals, especially if considers the specificities of Brazilian context.

Key-words: fatphobia, masculinities, activism, cisheteronormativity, racism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Notas de cyber campo: metodologia e desafios da experiência etnográfica no <i>instagram</i>	21
 2. GORDURA, GÊNERO E ATIVISMO: ORIGENS, ENCRUZILHADAS E NOVOS CAMINHOS NA LUTA ANTIGORDOFÓBICA	35
2.1 <i>Fat liberation</i> : movimentos precursores do ativismo gordo no cenário estadunidense....	36
2.2 Pesquisa e ativismo gordo no Brasil.....	54
2.3 Contextualizando minha trajetória enquanto ativista e pesquisadora gorda.....	67
 3. NAVEGANDO POR MASCULINIDADES GORDAS: URSOS, INTERSECCIONALIDADE E A ORIGEM DO “CANAL DO PRETO GORDO”	73
3.1 Reflexões sobre comunidades ursinas, masculinidades e racismo	78
3.2 PRETOS GORDOS: debate racial, propósitos do perfil e delimitação dos integrantes...	103
3.3 Breves apontamentos sobre o reconhecimento do protagonismo das mulheres no ativismo gordo e suas contribuições na articulação do Canal do Preto Gordo.....	113
 4. COTIDIANO DO CANAL DO PRETO GORDO: FOTOGRAFIAS E LIVES COMO FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ATIVISMO.....	118
4.1 “PRETO E GRANDE É LINDO”: negociações e significados em torno das fotografias no perfil.....	119
4.1.1 “Vem cá, esse perfil é um perfil gay?”: visibilidade gay, homofobia e tensões na construção do C.P.G.....	129
4.1.2 A questão da camisa: cultura, signos de masculinidade e gordofobia.....	144
4.2 “AQUI O PRETO GORDO PODE!”: Lives como ferramenta de construção de um imaginário de sucesso para os pretos gordos e compartilhamento de conhecimentos.....	162
 5. “ISSO É COISA DE VIADINHO”: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE O ENFRENTAMENTO DA CISHETERONORMATIVIDADE E ENGAJAMENTO NA LUTA ANTIGORDOFÓBICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO CANAL DO PRETO GORDO.....	190

5.2 SER PRETO GORDO: violências, resistências, contradições e disputas de outras masculinidades na construção de luta antigordofóbica.....	198
5.2.1 <i>Entre o “negão” e o “gordinho”: reflexões sobre hipersexualização e hipossexualização na vivência dos pretos gordos do perfil.....</i>	202
5.2.2 <i>O “gordinho engraçado”: pretos gordos e o humor autodepreciativo como estratégia para mascarar processos de vulnerabilidade.....</i>	224
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
7. REFERÊNCIAS.....	250

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Posts salvos.....	23
Figura 2 - Origem da NAAFA.....	38
Figura 3 - Ativista do Fat Underground.....	46
Figura 4 - Identidade visual	60
Figura 5 - I Congresso Pesquisa Gorda.....	65
Figura 6 - Contato com o ativismo.....	67
Figura 7 - O Canal do Preto Gordo e seu criador.....	73
Figura 8 - Uso do símbolo do urso.....	90
Figura 9 - Urso Preto da Favela nas redes virtuais.....	93
Figura 10 - Demonstração de afeto durante as lives.....	102
Figura 11 - Logo do Canal do Preto Gordo.....	104
Figura 12 - Homenagem às mulheres no perfil	115
Figura 13 - Live do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha	116
Figura 14 - Feed do Canal do Preto Gordo.....	120
Figura 15 - Diferentes produções fotográficas.....	122
Figura 16 - Fotos relacionadas à realização profissional.....	124
Figura 17 - Homenagem ao “Dia do Psicólogo” e “Dia dos Professores”.....	125
Figura 18 - Carrossel “Somos pretos! Somos lindos !”	128
Figura 19 - Pretos gordos “afeminados”.....	131
Figura 20 - Tensionando normas de gênero.....	134
Figura 21 - Signos de orgulho e visibilidade homoafetiva.....	138
Figura 22 - Exposição do conflito.....	139
Figura 23 - Pretos Gordos sem camisa.....	146
Figura 24 - “Fotos eróticas”	155
Figura 25 - Aniversários do Canal do Preto Gordo.....	165
Figura 26 - Exemplo de homens gordos no esporte.....	174
Figura 27 - Divulgação profissional.....	180
Figura 28 - Caixinha sobre o debate da hipersexualização.....	203
Figura 29 - Enquetes sobre rejeição.....	213
Figura 30 - Desabafo via Caixinha.....	222
Figura 31 - Comentários sobre o emagrecimento e sexualização de Baco.....	223

1. INTRODUÇÃO

Gordofobia é o termo utilizado para identificar a aversão estrutural a corpos gordos, que através de mecanismos de estigmatização e discriminações levam a exclusão social de pessoas gordas (JIMENEZ-JIMENEZ, 2021; RANGEL, 2018). Esse processo é construído a partir de mudanças em diversos contextos sociais, da transformação de padrões culturais em diálogo com interesses econômicos, religiosos, científicos e políticos, que passam a associar na contemporaneidade o corpo gordo a um desvio negativo de estética, saúde e moral (SANT'ANNA, 2017; VIGARELLO, 2012; POULAIN, 2017).

Atualmente, pessoas gordas, especialmente gordas maiores classificadas pela biomedicina como obesas¹, são vítimas de um estigma social (GOFFMAN, 2004), visto que “[...] a gordura não se tornou apenas inimiga pública da beleza, mas também passou a ser considerada a grande vilã da saúde.” (SANTOS, 2021, p. 10). Assim, para além da crítica ao demérito estético, são pautas centrais para os movimentos de luta antigordofóbica, o combate à patologização dos corpos gordos, combate à falta de acessibilidade em diversos âmbitos e aos preconceitos morais que associam pessoas gordas à preguiça, improdutividade, falta de vontade, gula, comichão, entre outros estereótipos que afetam diretamente suas relações interpessoais, carreiras profissionais, lazer e saúde.

Diante desse cenário, há registros da emergência de movimentos antigordofóbicos desde 1960. As articulações em torno dessa luta ganham em muito com a popularização da internet algumas décadas depois, visto que os espaços de trocas, redes sociais, fóruns, *blogs* e outras plataformas online cumprem um papel crucial na sua expansão e articulação atual. A internet “[...] tem estado no centro da militância antigordofobia como espaço que interliga projetos na rede dentro da pauta gorda [...]” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 12), e é principalmente a partir desse espaço que podemos observar como o ativismo gordo não é homogêneo, existindo grupos, ativistas e articulações com diferentes bandeiras e estratégias de luta.

¹ Utilizo os termos “obesa” ou “obeso” apenas para fazer referência a essa classificação ou quando ela for usada pelos interlocutores ou outros autores e autoras. Contudo, corroboro no movimento dos estudos transdisciplinares de corporalidades gordas que constroem uma crítica à abordagem atual sobre obesidade e me referirei ao longo da minha escrita a “pessoas gordas”, “gordas maiores” e “gordas menores”, sendo os dois últimos termos categorias desenvolvidas pelo próprio ativismo gordo para pensar as diferentes corporalidades gordas, principalmente em relação às suas possibilidades de acessibilidade.

É também através da internet que eu, enquanto uma mulher gorda desde a adolescência, me encontrei com o ativismo gordo, primeiro no *facebook*² e depois no *instagram*³. São nessas redes sociais online que entrei em contato com as primeiras informações sobre esse debate, antes mesmo de acessar possibilidades de pesquisar sobre o tema através da produção acadêmica. Um percurso que se consolidou posteriormente com minha entrada na graduação em Ciências Sociais e agora com a continuidade dessa experiência de pesquisa no mestrado.

Outra característica que tem marcado a luta antigordofóbica é que ela tem sido protagonizada por mulheres (GONÇALVES & SOUZA, 2020; JIMENEZ-JIMENEZ, 2020; RANGEL, 2017;2018; SANTOS, 2021); um fenômeno que observei empiricamente ao longo dos quase 10 anos em que me aproximei do ativismo gordo, assim como observei na minha pesquisa monográfica do bacharelado em Ciências Sociais, “SOMOS MUITAS: uma análise interseccional das vivências de mulheres gordas” (2021), na qual foi possível também identificar como a maioria dos trabalhos acadêmicos que abordam a gordofobia, aos quais tive acesso a partir de bancos de dados online, estavam sendo produzidos por pesquisadoras e com presença majoritária também de mulheres como interlocutoras.

Em um breve passeio por redes sociais online também é possível observar que a maioria dos perfis que debatem sobre gordofobia ou temáticas próximas a esse universo contam com o protagonismo feminino, e diria também geralmente feminista, sejam modelos *plus size*⁴, *influencers*⁵, pesquisadoras, entre outras. Há também, certamente, exemplos de homens gordos debatendo diretamente sobre gordofobia, modelando ou construindo espaços para falar sobre seus corpos nas redes, contudo essa presença se constata em comparação ainda notadamente minoritária.

² *Facebook* é uma rede social virtual lançada em fevereiro de 2004, nela é possível realizar postagens de texto, imagem e vídeos, assim como compartilhar *links*, adicionar amigos, utilizar chat e criar, moderar e participar de grupos abertos e fechados de diversas temáticas.

³ *Instagram* é uma rede social virtual, criada mais especificamente para o uso em *smartphones*, mas hoje já tem variações da plataforma para uso em computadores, tem como principal proposta o compartilhamento de conteúdos audiovisuais, imagens e vídeos, também oferece opção de chats e grupos de transmissão de mensagens.

⁴ *Plus size* pode ser lido em uma tradução direta como “mais tamanho”, é um termo que começa a ser usado nos Estados Unidos para se referir a roupas que atendem um público gordo ou “curvilíneo”, mas, além disto, posteriormente *plus size* passa a delimitar um campo de moda específico e a ser usado como um termo de identificação por algumas pessoas gordas, inclusive criadoras de conteúdo em redes sociais (SANTOS, 2021).

⁵ O termo *digital influencer*, influenciador digital ou apenas *influencer*, ganhou visibilidade no Brasil a partir de 2015. Foi um fenômeno motivado principalmente pela emergência de novas plataformas virtuais de trabalho e entretenimento, para além do *youtube* que abarcava o conteúdo de vlogueiros, e dos *blogs* que abarcavam o conteúdo dos blogueiros. Os *influencers* aparecem primeiro então como uma definição para produtores de conteúdo em redes sociais distintas, entre elas o *instagram*. (KARHAWI, 2017).

Pesquisadoras ativistas como Maria Luisa Jimenez Jimenez (2020) pontuam que a questão antigordofóbica passa necessariamente pelo debate feminista. Mesmo quando essa relação não é tão facilmente identificada, a autora argumenta que a noção de luta por consciência do próprio corpo e emancipação de sistemas que oprimem mulheres são reivindicações feministas em sua origem e compõem bases do ativismo antigordofóbico. Embora reconheça que os impactos da gordofobia não se restringem a um gênero, ela também nos apresenta em sua tese um panorama sobre como há uma pressão social muito maior sobre as mulheres a respeito de sua estética e controle corporal, elementos que são base para violências gordofóbicas.

Natália Rangel (2018) em sua dissertação também identifica a predominância feminina nesse campo e, além disso, destaca que a orientação sexual parece ser um marcador que configura quais homens estão presentes nessa minoria envolvida na luta antigordofóbica, ao apontar que além da presença majoritária de mulheres, homens gays em menor porcentagem também estariam envolvidos com o ativismo gordo. Esses elementos não são aprofundados pela pesquisadora naquele momento, mas ela aponta como investigar a construção de masculinidades heteronormativas pode ser uma pista chave para compreensão da permanência de homens cis⁶ heterossexuais como minoria absoluta no envolvimento com o ativismo gordo.

Diante do exposto, a ausência ou pouca presença dos homens nesse cenário me chamou atenção e suscitou questionamentos a respeito das maneiras como a gordofobia pode atingir diferentes sujeitos em nossa sociedade marcada por desigualdades estruturais de gênero, bem como sobre o nível de envolvimento deles nos debates e expressões públicas a respeito dos seus corpos gordos. Assim, passei a investir nesse caminho de analisar construções de masculinidades na vivência de homens gordos, buscando compreender se a conformação ou afastamento de ideais hegemônicos do que é “ser homem” na nossa sociedade poderiam associar-se a barreiras ou possibilidades de contato com o ativismo antigordofóbico.

O envolvimento com pesquisas antigordofóbicas não é novo na minha trajetória acadêmica ou mesmo no meu ciclo pessoal, como relatei anteriormente. Contudo, nessa nova

⁶ Cis ou cisgênero é o termo adotado para identificar pessoas que apresentam uma identidade de gênero alinhada com a leitura social do sexo designado no seu nascimento. Na pesquisa de Rangel (2018) a autora não sinaliza essa demarcação quando aponta a ausência de homens heterossexuais nas articulações antigordofóbicas, mas eu destaco como esse é um elemento relevante na compreensão de quem são os sujeitos mais apartados desse processo, tendo em vista que homens transgêneros apresentam especificidades na sua construção de masculinidades que os localiza na maioria das vezes em uma posição subalterna a despeito da masculinidade hegemônica.

investigação me vi desafiada por uma temática com a qual ainda não tinha um contato tão aprofundado, que eram os estudos sobre masculinidades. Diante disso, nos primeiros meses da pesquisa, em 2022, me lancei na busca por livros, artigos e outros trabalhos que me ajudassem a construir o arcabouço teórico dessa categoria central na minha proposta de investigação.

É relevante relatar como esse projeto de pesquisa mobilizou questionamentos e curiosidade das pessoas que me cercam. Afinal, o que teria motivado meu interesse em estudar masculinidades? Por que enquanto uma mulher pesquisadora busquei me aproximar desse debate? Essas foram indagações feitas a mim em diferentes momentos da pesquisa, inclusive, pela banca de qualificação. Portanto, acredito que uma das respostas possíveis sobre o meu interesse em embarcar nessa jornada pode ser apresentada através de um episódio onde também fui questionada por um amigo próximo a respeito desse recorte.

Certa ocasião, em minha mesa de cabeceira, entre os livros adquiridos, estava a "História dos Homens no Brasil", organizado por Mary Del Priore e Maria Amantino (2013), livro este que chamou atenção de um amigo em uma visita a minha casa. Ele é um homem transgênero e já havíamos conversado algumas vezes sobre a visão crítica que compartilhamos sobre sexismo, cisheteronormatividade⁷ e sobre como as leituras que faziam diante do seu corpo não permitiam que ele ocupasse um lugar de masculinidade padrão, e nem era também do seu interesse ocupá-lo. Nós ainda não tínhamos conversado tanto sobre a pesquisa que eu estava começando a desenvolver, e ao ver o título do livro, com certo tom de sarcasmo, ele me fez o seguinte questionamento: "História dos homens? Todas as histórias já não são sobre eles?".

Naquele momento, entendi que o que meu amigo queria expor é o quanto a história dos humanos foi, e por vezes ainda é, encarada como "a história do Homem", um homem com H maiúsculo que é construído enquanto um sujeito universal, protagonista da cidadania, citado em declarações de direitos e entendido como representante da humanidade. Aquela pergunta carregava uma reflexão compartilhada por nós, de como foi preciso descobrir outras fontes e debates para entender que, apesar dessa super-representação masculina, a história da economia, da política, das ciências em geral e de tantas outras áreas consideradas sérias e

⁷ A cisheteronormatividade é o termo que expressa a "[...]naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo-sexualmente: um homem cisgênero se relacionando com uma mulher cisgênero, supondo uma linearidade entre corpo somático, prática sexual e identidade de gênero, linearidade que mantém o binarismo masculino-feminino." (COSTA, et al, 2023, p.100). Enquanto processo de normatização, a cisheteronormatividade se naturaliza atuando através de uma série de regras culturalmente impostas que produzem "[...] desde a infância, corpos e subjetividades para que estes sejam cisgêneros e heterossexuais, infligindo punições contra aqueles/as que a subvertem" (Rosa, 2020)" (COSTA, et al, 2023, p.100).

importantes, não eram apenas uma “história de Homens”. Essas histórias também haviam sido construídas por mulheres e outros sujeitos invisibilizados, inclusive, outros homens que não recebiam o mesmo status de humanidade dos “Homens universais”.

O que respondi a ele naquele momento, e que virou uma nota do meu diário de campo, foi que era exatamente por conta desses motivos que eu também estava interessada nos estudos críticos sobre masculinidades. Para descortinar o fato de que essa história, contada a partir de perspectivas masculinas hegemônicas, não localiza em primeiro plano que esses homens também são sujeitos generificados, socialmente construídos a partir de modelos de comportamento, expectativas e hierarquias de gênero. Apesar da sua presença constante nos livros como protagonistas e relatores da “jornada humana”, havia estudos que começavam a olhar essas histórias mais de perto, separando as peças do quebra-cabeça que constrói essa figura quase mítica do Homem.

Assim, adentro esse debate posicionando meu interesse nesse exercício de “desuniversalizar” a figura dos homens, compreendendo que o campo de estudos críticos sobre masculinidades contribui nesse sentido de situá-los, explicitando como ali estamos observando sujeitos também construídos por normas de gênero e passando a visualizar melhor suas próprias contradições e hierarquias internas.

Portanto, trata-se de um movimento que toma as masculinidades como objetos dos estudos de gênero, a despeito da lógica que compreendia gênero como um “problema das mulheres” (SCOTT, 1995), um processo análogo ao que também tem se feito com os estudos sobre branquitude (BENTO, 2002; CARDOSO, 2011; MISKOLCI, 2013; PIZA, 2017), objetivando pessoas brancas como parte fundamental da problemática do racismo, fazendo com que o campo dos estudos raciais não seja também entendido como “o problema do negro”. Um contexto que se intersecciona na compreensão de como o racismo e a construção desse padrão de masculinidades estão intrinsecamente relacionados diante dos processos de colonização.

A maneira pela qual o Homem passou a ser definido e, por extensão, o “ser humano”, está enraizada em um projeto epistemológico colonial no qual o Homem veio a ser construído em torno da experiência e imagem do homem heterossexual branco, burguês, cristão, enquanto que o não-humano se definia, em primeiro lugar, em relação à indignidade, para depois ser redefinido como africano, negro. (SAUNDERS, 2017, p. 104).

Relevante destacar também a contribuição de estudos feministas, e em especial de feministas negras, na emergência de um campo de estudos sobre masculinidades. Estudos esses que apontam como na relação estrutural de desigualdade de gênero há diferentes

posições ocupadas por sujeitos identificados como homens, que existem hierarquias dentro do espectro da masculinidade nas quais raça tem um papel central. Assim, intelectuais como Maxine Baca Zinn, Angela Davis e Bell Hooks “[...] criticaram os preconceitos raciais que ocorrem quando o poder é unicamente conceitualizado em termos de diferenças de sexo, preparando, desse modo, o terreno para o questionamento de quaisquer reivindicações universalizantes sobre a categoria de homem.” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 243).

Mara Viveros Vigoya (2018) contextualiza como as autoras que ela chama de “teóricas do *Black Feminism*” buscaram se relacionar com os homens das suas comunidades como possíveis aliados e não principais opositores, em um exercício de compreender de forma simultânea tanto as particularidades do sexismo vivido pelas mulheres negras, como as adversidades interseccionais das vivências de homens negros. De maneira que, “Uma das contribuições mais importantes do *Black Feminism* à desnaturalização das categorias de raça e sexo foi sua oposição a todo tipo de determinismo biológico e, nesse sentido, também a essencialização dos homens por sua condição biológica (VIGOYA, 2018, p.52).

Raewyn⁸ W. Connell e James W. Messerschmidt (2013, p. 250), argumentam que “a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. Masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar [...]”, uma diferenciação que nessa argumentação é atribuída às relações de gênero em cenários sociais particulares, e eu acrescentaria ainda de forma mais explícita, de acordo com os atravessamentos de raça, classe, território, sexualidade, idade e diferentes corporalidades. Tal argumento é também reforçado por Michael Kimmel (1988) que pontua que essas diferenças se estabelecem em dois campos interrelacionais de poder: nas relações de desigualdade de gênero entre homens e mulheres, e nas relações entre homens e outros homens⁹ em que as desigualdades são baseadas nos elementos de diferenciação social já citados.

Osmundo Pinho (2005), também ressalta a relevância de desnaturalizar as masculinidades e buscar observar os conflitos existentes entre elas, onde os maiores atravessamentos, segundo ele, seriam entre homens gays e heterossexuais e entre brancos e negros. Destacando que para cada contexto sociocultural são eleitos diferentes modelos de

⁸ No texto citado a autora ainda assina como Robert W. Connell, seu nome de batismo, contudo atualmente após sua transição de gênero, sua identidade passou a ser Raewyn, por isso a alteração no texto.

⁹ Aqui entendendo que há diferentes sujeitos que reivindicam a identidade masculina, e que a questão da transgeneridade, por exemplo, coloca outras desigualdades em jogo, visto que homens trans também transitam de uma forma específica entre esses locais de subalternidade ou hegemonia a depender de suas características físicas e possibilidades sociais de adequação.

homem aceitáveis e valorizados, assim como aqueles que são mais desprezados. Essa criação de modelos também pode ser compreendida através da conceituação de masculinidades hegemônicas e subalternas, sendo que, segundo ele, a norma vigente de masculinidade têm eleito como hegemônicos homens brancos, heterossexuais e pertencentes a camadas econômicas superiores.

Quando aciono a ideia de masculinidades hegemônicas, estou em diálogo principalmente com a conceituação de Connell (1995) que aborda a ideia de uma hierarquização entre masculinidades consideradas superiores ou subordinadas, sempre posicionais, não existindo assim um modelo fixo de masculinidade hegemônica, mas, configurações que são bem-sucedidas em contextos culturais determinados. Nesse sentido a “[...] masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem [...]” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245) e dessa forma não só legitima ideologicamente a subordinação das mulheres, mas também exige o posicionamento de diferentes homens em relação a ela.

Vigoya (2018) também aciona o conceito de masculinidades hegemônicas, mas o reelabora a partir do contexto pós-colonial, especialmente na Colômbia, seu país de origem, mas também em diálogo com territórios vizinhos como o Brasil, nos quais a questão étnico racial é central no processo de “[...] minar a ideia de uma masculinidade abstrata, universal e desencarnada.” (p.24). A autora também argumenta como não há uma resposta única a respeito da configuração desses padrões hegemônicos em cada país, e é necessário se dedicar a uma análise que leve em conta os contextos nacionais e regionais a partir de investigações teóricas e empíricas tanto das lógicas internas das masculinidades, no interior da estrutura de gênero, quanto da sua relação com outras estruturas sociais.

De maneira análoga aos apontamentos da autora em diálogo com Connell, a respeito de como estudar masculinidades é ir além delas mesma, as reconhecendo como uma expressão que integra uma estrutura de gênero, também reconheço que para estudar gordofobia é preciso ir além dela e entender como essa estrutura de hierarquização corporal interage com diferentes processos de opressão e privilégio social.

Portanto diante desse contexto, busquei analisar como homens gordos acionam esses significados, principalmente diante da sua localização a partir de padrões hegemônicos de masculinidade, visto que, no cenário brasileiro, trabalhos que cruzam experiências de masculinidade e gordofobia de maneira central ainda são difíceis de serem localizados, e cabe

destacar que quando situamos intersecções com a questão racial como bússola neste processo as referências são ainda mais escassas.

Meu desejo de investigar essa temática surgiu primeiro de provocações na minha pesquisa monográfica, onde realizei uma análise interseccional da gordofobia a partir da narrativa de mulheres gordas no recôncavo baiano (SANTOS, 2021). Algumas das interlocutoras desse estudo anterior falaram a respeito de homens gordos em suas entrevistas, ora afirmando que também acompanhavam modelos *plus size* masculinos nas redes sociais online, ora falando de reproduções gordofóbicas por parte de homens gordos com os quais se relacionaram; uma pauta que também localizei no conteúdo de mulheres gordas ativistas que acompanho no *instagram*.

Ademais, enquanto violência estrutural, a gordofobia segue atingindo corpos gordos e fazendo vítimas também entre homens, especialmente os gordos maiores e que se encontram em outras situações de vulnerabilidade. Caso exemplar foi o corrido com Victor Augusto, homem negro de 25 anos, que em janeiro de 2023 foi vítima de descaso e negligência médica configuradas pelo racismo, classicismo e gordofobia. Victor morreu depois de 4 horas dentro de uma ambulância na porta do Hospital Geral de Taipas, na Zona Norte de São Paulo, após ter sido recusado também por outras unidades de saúde diante da inexistência de uma maca adequada para seu atendimento (FRANCO e ROSA, 2023).

É munida então dessas inquietações, dialogando com a pista que Rangel (2018) pontua a respeito do impacto das relações de gênero e sexualidade na presença minoritária de homens no ativismo gordo, e posicionando raça também como elemento central da construção de masculinidades, que comecei a investigar essa problemática através de um primeiro objetivo de pesquisa anunciado como a busca por analisar as relações entre a gordofobia e as construções de masculinidades a partir da vivência de homens gordos *influencers* no *instagram*, em distintos lugares sociais de raça, sexualidade, classe e corporalidades.

Issaaf Karhawi (2017) argumenta que uma pessoa é denominada *influencer* a partir de dois elementos centrais, seu tipo de produção de conteúdo e sua capacidade de influência, capacidade esta que pode ser medida por métricas como: número de seguidores, de visualização, compartilhamento e interação com postagens. Contudo, não me interessava basear a escolha desses perfis por medidas como número de seguidores, e sim pela sua capacidade de produção de conteúdo direcionada a um público, ou seja, tomei como possíveis interlocutores aqueles homens gordos cujos perfis eram abertos e utilizavam o *instagram* não apenas para postagens consideradas pessoais, mas sim para divulgação de conteúdos

profissionais, debates, produção imagética e outras atividades que dialogam diretamente com seus corpos gordos de forma pública e direcionada a seguidores externos.

Relevante também justificar a escolha do *instagram* e não outra rede social online. Muitos caminhos me levaram para essa plataforma, e o primeiro deles diz respeito ao fato de eu ser usuária dessa rede há mais de 10 anos, o que fez com que tivesse uma experiência direta com a produção e consumo de conteúdo na plataforma do *instagram* e a criação de uma rede de perfis com temáticas ligadas ao debate antigordofóbico que me auxiliaram na delimitação do campo.

Além disso, o *instagram* é desde seus primórdios uma rede voltada para a exibição de imagens e acabou sendo apropriado em grande medida como uma vitrine de estética corporal. Essa característica faz com que essa rede social online seja palco de disputas de narrativas sobre corporalidades, sendo tanto um espaço de reforço de padrões de beleza, quanto um espaço de crítica aos mesmos e construção de outras referências estéticas.

Corpos definidos não são uma novidade do século XXI, é bem verdade. Mas se dedicar em tempo integral às dietas alimentares, treinos, procedimentos estéticos e fazer disso um modo de vida, parece característico principalmente da segunda década do século XXI. O Instagram, como rede social de compartilhamento de imagens, se constitui como lugar por excelência de construções de narrativas visuais, centradas em estilos de vida esteticamente indefectíveis e monetizáveis de diferentes formas, como pelas postagens de publicidade para marcas de suplementos alimentares e cosmético (GONÇALVES, p.36)

Essa plataforma já tem sido apontada, por exemplo, como causa de disforias corporais relacionadas ao uso de filtros, ferramentas de modificação instantâneas de imagem, que são associadas, inclusive, a uma maior procura de intervenções estéticas (LOCATELI, 2022), além de outros processos de comparação que afetam diretamente a autoestima de usuárias e usuários (PEREIRA e SANTOS, 2022). Ao passo que também tem sido um espaço muito usado para disseminação de conteúdos voltados ao debate antigordofóbicos, como já argumentado.

Assim, é através desse intento investigativo com relação a masculinidades e gordofobia, delimitando o *instagram* como lócus de investigação, que desenvolvi um primeiro projeto de pesquisa que se alterou posteriormente no percurso do mestrado. No tópico abaixo busquei contextualizar brevemente esse percurso, descrevendo as mudanças que levaram ao projeto final com novos objetivos e os processos metodológicos que me dão base para a construção dessa dissertação a partir da observação etnográfica do perfil “Canal do Preto Gordo”. Observação esta que confirma minha hipótese de que padrões hegemônicos de

masculinidade geram impactos nas possibilidades de engajamento de homens gordos com o ativismo antigordofóbico. Padrões que, a partir das experiências observadas no perfil, foram localizados principalmente nas expressões da cisheteronormatividade através da homofobia, e das dificuldades de assumir vulnerabilidades e refletir e verbalizar sobre os próprios sentimentos.

1.1 NOTAS DE CYBER CAMPO: METODOLOGIA, GANHOS E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO *INSTAGRAM*.

O *instagram* foi lançado há 14 anos, em 2010, e eu sou usuária dessa rede desde 2013. Ser pesquisadora em uma rede social da qual eu também sou usuária proporciona uma experiência etnográfica específica. Estar inserida como agente nesse meio, também consumindo e produzindo conteúdo de forma pessoal, faz com que, por um lado, eu chegue a esse campo com certo entendimento dos códigos do *instagram*, como uma leitura mais geral dos tipos de comunicação e interação, e uma intimidade prévia com as ferramentas da plataforma, e, por outro, lide também com os desafios da construção de estranhamento do familiar como uma ação necessária nesse processo de pesquisa, entre outros elementos que envolvem esse uso e que abordarei adiante.

Antes mesmo da entrada no programa de pós-graduação, quando iniciei meu contato com essa ideia de pesquisa, comecei a acompanhar com mais afinco perfis de homens gordos no *instagram*, assim como perfis de debate sobre masculinidades. Inicialmente me propus a analisar alguns perfis, delimitando um conjunto de diferentes homens gordos *influencers* nessa plataforma a partir de diferenças mediadas por critérios raciais, de classe e sexualidade em primeiro plano, com o direcionamento de continuar meus processos de investigação a respeito da gordofobia a partir de uma perspectiva interseccional.

Carla Akotirene (2019) apresenta a interseccionalidade como uma “sensibilidade analítica” elaborada por feministas negras, que nasce de experiências e reivindicações intelectuais que eram inobservadas tanto pelo feminismo branco, quanto pelo movimento antirracista. Apesar de ser uma perspectiva presente em diferentes abordagens teóricas de intelectuais negras, é a partir da conceituação de Kimberlé Crenshaw no campo do direito que a noção de interseccionalidade ganha maior visibilidade dentro e fora dos contextos acadêmicos.

Na presente pesquisa, acionei, como defende Akotirene (2019), a interseccionalidade enquanto ferramenta teórica e metodológica que instrumentaliza abordagens sobre a “[...]”

inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” (p.14). Mas, que também é coerente ao meu objeto de estudo, principalmente pela centralidade das masculinidades negras nesta investigação, a fim de analisar as vivências de homens negros gordos visto que, como afirma Crenshaw (2002) “as mulheres não são as únicas vítimas de tal subordinação interseccional. Estereótipos racializados de gênero também foram usados contra homens” (p. 179).

Desde minha pesquisa monográfica (SANTOS, 2021) venho argumentando que a gordofobia também está presente no bojo de discriminações que “[...] interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002. p. 177), ou seja, é também um elemento a ser considerado nas encruzilhadas de opressão analisadas a partir da interseccionalidade. Assim, compreende-se que a coexistência da gordofobia com o racismo, o sexismo, o classicismo, a LGBTQIAP+fobia¹⁰, o etarismo, o capacitismo, entre outras violências, gera locais específicos de exclusões que são vivenciados em menor ou maior grau por pessoas gordas a partir desses elementos.

Desse modo, na fase inicial do campo, fiz uma observação mais exploratória afim de mapear perfis para compor o quadro de interlocutores que havia predefinido a partir de elementos como a seleção de homens gordos *influencers* que fossem brancos e negros, heterossexuais e homossexuais e também me atentando às diferenças percebidas que pudesse indicar seus pertencimentos de classe.

Ao fim desse período, em novembro de 2022, fiz uma observação mais geral das postagens do *feed*¹¹ dos perfis, arquivando os *posts*¹² através da ferramenta “Salvar”, disponibilizada pela própria plataforma do *instagram*, e posteriormente realizando capturas de tela, também conhecidas como *prints*, para ter esses conteúdos salvos em formato de imagem ou vídeo fora da plataforma. Nessa pasta onde arqueei o material não guardei apenas os *posts* dos perfis já selecionados, mas também outros conteúdos relacionados ao debate de masculinidades e gordofobia que localizei nessa navegação. Na verdade, essa pasta acabou

¹⁰ Neologismo que caracteriza o preconceito contra sujeitos pertencentes a essa delimitação de diversidade sexual e de gênero, sendo LGBTQIA’+ sigla que engloba lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexos, assexuais, pansexuais e o “+” símbolo de que pode, haver outras identidades e orientações.

¹¹ *Feed* é o espaço onde postagens permanentes são dispostas na plataforma do *instagram*, sejam elas postagens com texto, imagens ou vídeos, é o espaço onde se alimenta a rede fazendo uma relação mais direta com a tradução do próprio termo

¹² Termo usado para se referir ao conteúdo postado, ao longo do texto da dissertação usarei alguns termos que são próprios dessa plataforma e que em sua maioria são de língua inglesa.

me servindo também como um mural de informações sobre a temática que me ajudou a fazer conexões e reflexões, mesmo quando o conteúdo salvo nesse processo não foi diretamente transcrito neste material da dissertação.

FIGURA 1 - Posts salvos



Fonte: Captura de tela realizada pela autora em seu próprio perfil no *instagram* para demonstrar a Coleção, galeria onde ficam os *posts* salvos na plataforma, produzida em 02 de junho de 2023.

Além dos *prints* dos *posts* salvos, fiz também gravações de tela em forma de vídeo dos *stories*¹³ e *lives*¹⁴ dos interlocutores, visto que esses conteúdos por si só já têm um formato temporário. Os *stories* ficam disponíveis por 24 horas na plataforma e as *lives* só são salvas de

¹³ *Stories* é o nome dado ao conteúdo postado na ferramenta do *instagram Story*. São cliques curtos que podem combinar imagens, vídeos, áudios, figuras animadas e/ou links para outras plataformas.

¹⁴ *Lives* são transmissões ao vivo de áudio e vídeo feitas em plataformas virtuais.

forma fixa se esse for o mecanismo escolhido por quem as realizou. Além da facilidade de organização do material e posteriormente anexação ao texto da dissertação, esse cuidado em fazer cópias de segurança fora da plataforma foi parte da compreensão de como o conteúdo postado ali pode ser facilmente perdido, tendo em vista que podem ser apagados ou arquivados pelos próprios interlocutores, ou os *posts* e até mesmo todo perfil podem ser excluídos por conta de alguma denúncia ou percepção de violação de regras do *instagram*, além da possibilidade de os perfis serem *hackeados*, ou seja, roubados por outros usuários. Deste modo, pesquisar em redes sociais *online* é entender essa efemeridade dos dados e a necessidade de se precaver.

A sistematização dos dados começou com a organização dos materiais em pastas identificadas e com a construção de um documento para cada perfil, onde arqueei trechos do seu conteúdo textual e comentários das minhas observações. Em abril de 2023 iniciei o processo de contato com os interlocutores através do envio de mensagens via *instagram* para os *chats* de cada um deles, buscando, além de comunicar sobre a realização da pesquisa, convidá-los para as entrevistas semiestruturadas que pretendia realizar. Nesse momento havia pré-selecionado 8 perfis, mas ainda não havia encerrado esse processo de delimitação, que foi pauta presente das minhas orientações e reflexões sobre a pesquisa.

A idealização do momento das entrevistas foi também um processo que envolveu tensões, havia afinal um receio de minha parte de que os interlocutores não quisessem se abrir para esse diálogo comigo. Questionava-me sobre a percepção que teriam do fato de uma observação estar sendo realizada em seus perfis, e, principalmente, receava que ser uma mulher pudesse gerar algum tipo de constrangimento ou impedimento de troca sobre alguns assuntos, como das suas relações afetivas-sexuais e outros aspectos associados a vulnerabilidades; uma preocupação que fez parte desse percurso e que foi sanada com o desenvolvimento do campo.

Contudo, a essa altura, na segunda metade do tempo do mestrado, estava enfrentando algumas barreiras: havia dificuldades de contato com os interlocutores, visto que muitos não chegaram a visualizar e responder às mensagens enviadas via *instagram*, e em alguns casos, enviados também aos *e-mails* daqueles que disponibilizavam essa outra via de contato nos seus perfis. Esse processo ia de encontro com o tempo de execução da pesquisa e o receio de não ter tempo de qualidade para a análise dos conteúdos advindos da quantidade de perfis propostos, entre outras questões que encaminharam a decisão de reformulação do meu recorte e objetivos.

Um exemplo de barreira na seleção que merece ser destacado diz respeito à dificuldade de encontrar perfis de homens gordos brancos e heterossexuais que apresentassem uma produção de conteúdo consistente sobre gordofobia, ou ao menos que compartilhassem com mais detalhes suas experiências a respeito dos seus corpos gordos, estética, acessibilidade e outros elementos que interessam a esse debate. Assim, nessa fase da pesquisa a maioria dos perfis de *influencers* gordos que localizei, falando diretamente, e de forma crítica e ativista, a respeito dos próprios corpos e de suas experiências enquanto homens gordos, eram compostos basicamente por homens negros e/ou não heterossexuais (gays, bissexuais e pansexuais).

Os perfis de homens gordos brancos e que aparentavam ser heterossexuais¹⁵, mesmo quando identificados enquanto modelos *plus size*, apresentam um número reduzido de postagens com debates que abordam essa experiência do corpo gordo. Além disso, pude observar nos perfis de influenciadores dentro dessa classificação (gordos, brancos e heterossexuais), conteúdos ligados a outras temáticas, como jogos, música e principalmente humor, no quais até localizavam seus corpos gordos como característica de identificação e material para esses conteúdos, mas, não sob uma ótica antigordofóbica. Assim, reflito sobre esse elemento não apenas como uma dificuldade na identificação e seleção de interlocutores, mas, tomo esse processo como um dado relevante para compreensão da minha própria hipótese de pesquisa.

Diante dessas questões, e do amadurecimento do meu arcabouço teórico e prático com a temática, me deparei com a decisão de repensar o recorte da investigação, o que foi mais concretamente formulado também com as sugestões e debates pós exame de qualificação. Quando apresentei o meu percurso de pesquisa à banca de qualificação, em julho de 2023, já havia entrado em contato com um perfil chamado “Canal do Preto Gordo”, realizando a observação inicial do conteúdo e o contato com seu administrador. Esse perfil apresentava algumas especificidades que o destacam entre os demais, o que despertou minha atenção e de meu orientador.

Nos outros perfis os *influencers* eram as figuras principais do conteúdo postado, geralmente o perfil levava seu próprio nome como título, seja ele artístico ou de registro, e era possível acompanhar muitas fotos, vídeos e textos voltados para seus próprios corpos e experiências. No caso do Canal do Preto Gordo, o perfil se apresentava como uma página

¹⁵ Uma heteroidentificação feita por mim a partir de elementos apresentados no perfil, mas que só é realmente confirmada no diálogo direto com eles no momento das entrevistas.

pensada para a divulgação de outros perfis de homens negros gordos, sendo, como o próprio nome indica, um canal de conexões e debates a respeito dessas vivências.

O *feed* do Canal do Preto Gordo é alimentado com fotos e vídeos de outros usuários do *instagram* e seu administrador tem uma presença mais constante nos *stories* e na mediação das *lives* que realiza semanalmente, com uma série de temáticas consideradas relevantes para aquela comunidade de homens negros gordos, relacionados à saúde, autoestima, relações afetivo sexuais, trabalho ou outros temas escolhidos através do protagonismo dos homens convidados a dividir suas experiências. Esse processo acabou gerando uma configuração que eu analisei como uma coprodução de conteúdo, onde o administrador é um produtor articulador que busca esses contatos, organiza as pautas e gerencia o funcionamento do perfil, que por sua vez tem como foco apresentar um conteúdo coletivo, composto por essa produção conjunta com outros homens negros gordos.

Portanto, chegamos à decisão de tomar esse perfil em específico como lócus da pesquisa, a fim de abordar as relações entre masculinidades e gordofobia como objeto de investigação. Visto que, do ponto de vista metodológico, além desse caráter coletivo do perfil que foi decisivo para sua escolha, o Canal do Preto Gordo também apresenta um vasto material sobre o debate das masculinidades e da antigordofobia, além de uma série de questões relevantes a respeito de como a raça e a sexualidade interseccionam esse processo.

Quando aciono a ideia de comunidade ao longo do trabalho, estou em diálogo com as reflexões a respeito de como esse conceito abordado por diferentes autoras e autores a partir dos estudos socioantropológicos é polissêmico e ganha novos contornos na contemporaneidade (POLIVANOV, 2014). Inês A. Amaral (2007) argumenta que o ciberespaço é um fenômeno social que se configura como espaço de sociabilidade e origina também comunidades, comunidades essas que são agrupamentos humanos que surgem através da comunicação mediada por computadores e que “Efectivamente, as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem na rede, com base em interesses comuns e com sentimento de pertença.” (p.05).

Assim, mesmo extrapolando conceituações clássica de comunidade, na qual a pertença territorial era um elemento chave, quando nomeio o Canal do Preto Gordo como uma comunidade de homens negros gordos, também estou acionando a noção de que ela constitui uma rede social que interliga as pessoas e, apesar da heterogeneidade dos seus membros, há uma construção social partilhada através de interesses individuais e coletivos em comum, que no caso do perfil analisado são anunciados através do ativismo antirracista e antigordofóbico e da identidade de “pretos gordos”.

Contudo, apesar dessa mudança, com a centralidade no Canal do Preto Gordo, cabe destacar que o período de experiência anterior com os demais perfis com os quais fiz contato não foi descartado ou considerado menos importante para o desenvolvimento desta dissertação, tendo em vista que foram parte da construção dessa experiência etnográfica no *instagram* e contribuíram na formação das minhas análises como um todo.

Desta primeira tentativa de contato, além do retorno de Julio Cesar, administrador do @canal_do_preto_gordo, recebi retorno de outros dois *influencers*, Leo Robusto (@leorobusto) do Rio de Janeiro e Rick Trindade (@ricktrindade) da Bahia, com os quais também realizei uma entrevista semiestruturada online. Além deles, outro perfil que faz parte dessa fase da pesquisa foi o de Christian Johannes (@bmaiike), de São Paulo, de quem não recebi retorno do convite para entrevista, mas que foi um dos primeiros perfis que comecei a observar, acompanhando a página por um longo período.

Por fim, diante dessas mudanças no percurso da pesquisa, reformulei também meus objetivos, definindo então como objetivo geral: Compreender as relações entre construções de masculinidades e o engajamento de homens gordos com o ativismo antigordofóbico, a partir da análise do perfil de *instagram* Canal do Preto Gordo.

Foram objetivos específicos da pesquisa identificar no Canal do Preto Gordo quais são as temáticas recorrentes, como constroem seu conteúdo e quais são os valores e visões compartilhadas no perfil a respeito de “ser homem” e “ser gordo”; compreender como a gordofobia impacta no cotidiano destes homens gordos a partir de eixos como: trabalho, acesso à saúde, lazer, relacionamentos afetivo-sexuais e construção de autoimagem e analisar se, e como, ideais hegemônico de masculinidade interferem em uma aproximação ou não aproximação desses homens com movimentos e debates antigordofóbicos.

O caminho escolhido para a realização da pesquisa é qualitativo, no qual, segundo Mirian Goldenberg (2004), o foco não está na representatividade numérica de um grupo pesquisado, mas sim na busca por uma compreensão aprofundada de suas realidades. Assim, é apoiada na abordagem etnográfica que me lanço na observação atenta dos significados construídos na produção de conteúdo feita por homens gordos no *instagram*.

Teresa Caldeira (1988) argumenta que o antropólogo contemporâneo tende a se interrogar mais sobre os limites da sua capacidade de conhecer o outro e busca expor no seu texto etnográfico essas dúvidas e os caminhos que levam à produção de uma interpretação, que passa também a ser entendida como parcial. Como sabemos, essa mudança está associada aos processos de autocrítica que a antropologia enfrentou e que levaram a questionamentos e

desconstrução de certos aspectos considerados clássicos. Contudo, a autora também sinaliza que é necessário:

[...] não apenas pensar que tipo de representação é possível criar sobre os outros e quais os nossos procedimentos ao construir interpretações, mas que tipo de crítica à política nós queremos fazer. [...] o estilo do texto se define em função do objeto e do tipo de análise que se pretende fazer – e talvez seja da consciência dessa flexibilidade de mais do que receitas prontas que nós precisemos. [...] faz parte do novo papel do antropólogo/autor a busca do estilo que melhor se adapte aos seus objetivos, à definição crítica desses objetivos e à responsabilidade pelas suas escolhas. (CALDEIRA, 1988, p. 133)

Esse processo também se insere no curso de mudanças epistemológicas no campo das Ciências Sociais como um todo a respeito do que compreendemos enquanto rigor científico; um debate que questiona as bases que por muito tempo reivindicavam a neutralidade enquanto parâmetro para produção de um conhecimento legitimado. Como argumentam os organizadores da recente publicação “UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA: Ciência Sociais no Recôncavo Da Bahia” (2023), a respeito do novo perfil de estudantes de ciências sociais e o reposicionamento do campo a partir de suas produções:

A proclamação de uma objetividade e neutralidade, ou então, a pretensão de descrever a real natureza humana ou a real essência da cultura são exemplos de uma disposição epistemológica que reflete distância ontológica entre sujeito e objeto de conhecimento. Lélia Gonzalez já chamava atenção para o caráter neocolonial do distanciamento científico em relação ao objeto. (ALVES et al, 2023, p. 10)

Donna Haraway (1995) também é uma das autoras que, a partir de uma crítica feminista, questiona este projeto de objetividade herdeira de uma ciência positivista, propondo que nossa construção de conhecimento não deve partir da noção ilusória de neutralidade, e sim de saberes localizados, ou em algumas traduções, conhecimentos situados. Essa ideia de uma visão científica descorporificada — exemplificada por ela com a analogia do “truque de deus”, o olho mítico que vê tudo de lugar nenhum e que não pode ser visto — é aplicada apenas aos cientistas que ocupam um lugar social hegemônico, homens brancos geopoliticamente localizados em determinados países, etc., tendo em vista que para aquelas e aqueles considerados “outros”, mulheres, pessoas negras, e demais sujeitos classificados

como “grupos de interesse especial”¹⁶, havia sempre a acusação de não neutralidade e consequentemente da produção de um conhecimento científico menos legitimado.

Assim, Haraway (1995) argumenta que “[...] apenas a perspectiva parcial promete uma visão objetiva” (p. 21), ou seja, é apenas quando reconhecemos e explicitamos a presença dos nossos corpos, lugares sociais, possibilidades e barreiras, até onde nossas visões alcançam ou não, que podemos produzir uma pesquisa objetiva. Uma pesquisa implicada, como toda ciência é, mas rigorosa diante do compartilhamento explícito de seus limites e interesses.

Portanto, é a partir deste debate que me localizo e busco construir esta investigação. Mas, além de descrever meus marcadores sociais de diferença me corporificando enquanto uma mulher branca, bissexual, gorda menor, de classe baixa, entre outros atravessamentos, também destaco minha vinculação teórica politicamente localizada enquanto pesquisadora e ativista antigordofóbica, feminista, antirracista e anarquista. Ainda apoiada na argumentação de Haraway (1995), entendo que o caminho para a produção do conhecimento científico situado não consiste em um processo de essencialização das identidades, mas sim em uma responsabilização das nossas escolhas e maneiras de ver e produzir, na assunção das nossas perspectivas.

Igualmente importante parece ser localizar minha produção acadêmica a partir da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, especificamente do curso de Ciências Sociais no Centro de Artes Humanidades e Letras - CAHL, como espaço de formação de uma geração de cientistas sociais que tem buscado em boa parte de suas produções realizar uma revisão crítica de conceitos e abordagens consagrados nas nossas áreas, suscitando debates sobre pressupostos da sociologia, antropologia e ciências políticas que se mostram insuficientes para dar conta dos novos problemas e possibilidades empíricas que nos dedicamos a pesquisar. Trata-se de um cenário no qual “[...] o crescente interesse de cientistas sociais em estudar suas próprias sociedades ao invés de buscar alhures o campo de suas análises constitui um indício seguro de que a disciplina está, há já certo tempo, em mudança.” (ALVES, et al, 2023, p. 11).

¹⁶ Esse termo, usado por Haraway (1995) para ironizar o lugar ao qual as pesquisas feministas estavam sendo relegadas, é uma chave relevante para entender a divisão hierárquica dos campos de interesse dentro das ciências, visto que quando grupos historicamente subalternizados começaram a produzir um discurso científico crítico sobre suas próprias realidades, suas produções foram consideradas “interessadas demais”, e muitas vezes classificadas como uma “ciência feminina”, “ciência negra”, “ciência indígena” e etc., mas quando as pesquisas são dominadas majoritariamente por sujeitos privilegiados, que também têm seus interesses nesses processos, elas são apenas “ciência”.

No bojo dessas problematizações epistemológicas e metodológicas uma transformação relevante ao debate, e que está diretamente relacionada a esta pesquisa, é a emergência de novas tecnologias e principalmente da consolidação do que se convencionou chamar de ciberespaço; esse espaço virtual que é cada vez mais palco de interações culturais, onde grupos distintos passam a se relacionar e produzir também significados e interpretações, criando por vezes comunidades que existem exclusivamente pela mediação da internet.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p.17)

É nesse contexto, com o *boom* da internet entre a década de 1990 e os anos 2000, que a etnografia adentra uma janela de novas conexões e passa também a instrumentalizar pesquisas em ambientes online. Esse processo mobiliza opiniões distintas, desde daquelas que não acreditam que é possível a realização de uma etnografia guiada por seus pressupostos clássicos mediada por computadores e celulares, até aquelas que defendem não apenas a sua possibilidade, mas também as novas potencialidades desta abordagem (HINE, 2004; KOZINETTS, 2014).

O caminho proposto na presente pesquisa entende a possibilidade do fazer etnográfico mediado por plataformas online, pela compreensão de que esse não deixa de ser um espaço onde humanos constroem trocas e produção de significados culturais e onde, enquanto pesquisadora, posso exercitar premissas etnográficas como o exercício de estranhamento e reflexão, valorização dos aspectos comunicacionais, análise de produção simbólica e protagonismo das experiências e discursos dos sujeitos e contexto observados.

Clifford Geertz (1978) argumenta que para além de um conjunto de procedimentos e técnicas, onde a pesquisadora ou pesquisador há de selecionar informantes, levantar genealogias, mapear campos, manter seu diário, entre outros passos para a construção do texto etnográfico, “[...] não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” [...]” (p. 15). Assim, segundo Amaral, Recuero e Fragoso (2011, p.191), podemos identificar como um fio condutor comum, entre as muitas maneiras de se construir a experiência etnográfica, “[...] a vivência em campo; a narrativa personalizada; a utilização e a combinação flexível de múltiplas técnicas de

pesquisa; um compromisso de longo prazo (seja ele por semanas, meses ou anos dependendo do projeto) e a indução a partir do acúmulo de descrições.”.

A etnografia em uma plataforma como o *instagram* não é apenas a reprodução ou transposição da etnografia clássica para e em uma rede social, *site* ou fórum online, ela tem também especificidades, características próprias que dizem sobre a construção dessa experiência empírica mediada por computadores, celulares e outros dispositivos de acesso à rede. Ela envolve questões complexas e muitas vezes estranhas à prática realizada no campo físico, visto que a internet pode ser entendida como um campo não geograficamente territorializado, onde há um trânsito muito mais rápido de sujeitos, efemeridade dos conteúdos e registro de relações nas plataformas, criação de múltiplas identidades virtuais, outros códigos de comunicação, uma realidade de observação que é por vezes assíncrona, entre outros aspectos específicos que diferem das experiências na chamada “vida *offline*”. Contudo, Ferraz (2019) argumenta que a etnografia virtual toma também como bússola o pressuposto fundamental de buscar meios para uma imersão e descrição densa de grupos e culturas, localizadas agora também no ciberespaço

Assim, a produção de dados nesta investigação se deu, de forma geral, a partir de três processos: 1) dados produzidos diretamente no perfil, através da transcrição de vídeos, *lives* e legendas dos *posts*, além dos *prints* de interações e de fotografias\imagens postadas pelos interlocutores; 2) constantes anotações feitas a partir da experiência em campo e 3) do material proveniente das entrevistas semiestruturadas, realizadas através de videochamada online, e demais diálogos e interações nos *chats* do *instagram* e *whatsapp*.

Enquanto cientista social em uma geração que tem contato com a internet e as redes sociais online antes da entrada na vida adulta, é relevante também demarcar o processo de desenvolver uma pesquisa acadêmica numa rede social online que utilizo, para além da pesquisa, como local de entretenimento no uso pessoal. Esses diferentes usos coexistiram na prática etnográfica, e me fizeram traçar ferramentas para dedicar atenção aos momentos de navegar por lazer e navegar por intento investigativo, diante de uma realidade onde essas fronteiras também se borram a todo instante na ação diária de abrir o aplicativo do *instagram*, rolar o *feed*, ver os *stories*, abrir a caixa de mensagens, etc. Uma delas foi acionar a ferramenta de notificação dos perfis que estive observando, a fim de não perder a visualização dos seus conteúdos em meio ao mar de informações visualizadas diariamente a cada entrada no aplicativo.

Assim, é uma implicação direta da pesquisa em plataformas como o *instagram*, o desenvolvimento da disciplina de manter uma rotina de trabalho com prazos e objetivos

específicos, sem incorrer na falta de concentração ocasionada pela exposição de diversos estímulos proporcionada por uma rede social programada para gerar distração e vício sensorial. O *instagram* cada vez mais gera um *loop* contínuo de conteúdos a fim de prender a atenção das e dos usuários, principalmente com o advento dos *reels*, que são vídeos curtos que aproximam a experiência da plataforma com a da “rede vizinha”, o *TikTok*, com o qual o *instagram* tem disputado terreno.

Nos últimos anos, pesquisas têm apontado para as transformações cognitivas geradas pelo uso excessivo dos celulares, entre eles problemas de concentração. Há, inclusive, um novo termo circulando entre as e os estudiosos da área, a nomofobia¹⁷, que seria uma tentativa de classificar um novo transtorno psicológico relacionado à dependência do uso de celulares. A psiquiatra do Hospital das Clínicas da USP, Anny Maciel, alerta que essa dependência emocional está relacionada à liberação de dopamina como consequência do uso dos aparelhos em suas diversas funções. E nesse contexto, como argumenta a reportagem de Barros (2022), as plataformas de redes sociais online são centrais nesse tempo de uso.

Essas são questões que não apenas impactam na minha relação direta com o campo, como também se apresentam como elementos que compõem essa experiência das conexões em ambientes online e mais especificamente no uso do *instagram*. Essa não é minha delimitação de pesquisa, aprofundar um debate a respeito do impacto desse uso, mas trazer à tona esses elementos é parte do falar sobre a experiência etnográfica nesse ambiente. Afinal, enquanto usuária dessa plataforma e agora pesquisadora nela, lido diretamente com esses fenômenos.

Essas observações a respeito dos desafios impostos pela pesquisa na plataforma do *instagram*, limites e potencialidades da metodologia e construção de critérios de pesquisa, bem como o desafio de disciplina e concentração que me acompanharam durante todo o processo de observação e produção de dados, são relatados aqui a fim de compartilhar de forma mais holística essa experiência etnográfica e afinar o exercício de uma flexibilidade tão cara à etnografia, seja ela exercida em ambientes *online* ou não.

[...] podemos ajudar a entender os fenômenos digitais tentando adquirir nossa própria experiência autêntica desses fenômenos como etnógrafos inseridos, incorporados, e refletindo constantemente sobre o que sabemos e como o sabemos. Penso que este aspecto da reflexividade – refletir sobre como sabemos o que sabemos sobre uma situação - provavelmente seja a parte mais significativa da etnografia em ambientes digitais. É importante refletir continuamente sobre a maneira como nosso entendimento é plasmado por determinadas abordagens metodológicas, pelo

¹⁷ Nomofobia é um neologismo para a frase “no mobile phobia”, que em uma possível tradução direta é o medo de estar sem o dispositivo móvel, o celular (BARROS, 2022).

subconjunto de participantes com quem acontece de estarmos interagindo e pelos meios que escolhemos para essas interações. Ao pensar sobre os limites do nosso entendimento, podemos também pensar mais criativamente sobre o modo como todos os/as participantes de fenômenos digitais lidam com as incertezas inerentes às interações sociais online. Perversamente, ao deter-nos nos limites do nosso próprio entendimento, acho que podemos entender algo mais profundo a respeito da natureza das interações online. A reflexividade é a chave, e isto, para mim, está ligado com uma longa tradição de etnografia crítica e reflexiva que existia bem antes de a Internet tornar-se um fenômeno dominante. (BRAGA, 2012, 4-5)

Ademais, foi relevante observar como não só minha subjetividade impactou na maneira como projetei e construí a pesquisa, mas também como a pesquisa mobilizou novas visões no meu cotidiano como, por exemplo, as leituras e reflexões sobre masculinidades que me fizeram observar com mais cuidado os homens com quem interajo, fazendo com que ao longo desse processo desenvolvesse um olhar mais atento tanto aos pesquisadores e trabalhos que têm se debruçado nessas reflexões sobre masculinidades e gordofobia, quanto às situações cotidianas, também fora das redes sociais online, onde homens gordos são atravessados pela gordofobia no meu dia a dia.

Por fim, é através dessa trajetória que concretizo a escrita desta dissertação que está organizada em 4 capítulos, além desta introdução e das considerações finais, sendo o primeiro deles intitulado “**GORDURA, GÊNERO E ATIVISMO: ORIGENS, ENCRUZILHADAS E NOVOS CAMINHOS NA LUTA ANTIGORDOFÓBICA**”, onde contextualizei parte da trajetória do ativismo gordo, abrangendo informações sobre seus primórdios no surgimento de grupos nos Estados Unidos, sobre questões que atravessam a emergência do movimento em países latino americanos e uma visão sobre o cenário atual no Brasil. A análise de como as desigualdades de gênero são parte central da problemática que mobiliza esses movimentos, e também elemento de contradições e disputas dentro deles, foi o fio condutor deste capítulo. Além disso, nele situo minha própria trajetória com a antigordofobia, que tem em seu cerne a relação íntima entre ativismo e pesquisa que é característica da luta antigordofóbica.

Em “**NAVEGANDO POR MASCULINIDADES GORDAS: URSOS, INTERSECCIONALIDADE E A ORIGEM DO “CANAL DO PRETO GORDO”**” apresentei o Canal do Preto Gordo e o seu criador e principal interlocutor da pesquisa. Analisei o processo de criação do perfil, com suas motivações e desafios, além de destacar como essa história está intimamente ligada às “comunidades dos Ursos”, que se tornaram um debate central neste capítulo, visto que é a crítica às contradições racistas e classicistas dessas comunidades que levam à construção do perfil e delimitação de uma comunidade exclusiva para homens “pretos gordos”.

No terceiro capítulo, **“COTIDIANO DO CANAL DO PRETO GORDO: FOTOGRAFIAS E LIVES COMO FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ATIVISMO.”** abordei de maneira mais específica os elementos que constituem o conteúdo do perfil, debatendo, em um primeiro momento sobre as negociações e significados em torno das fotografias postadas e como elas são atravessadas por dois conflitos principais, a respeito da homofobia expressa por parte de seguidores cis heterossexuais e das tensões envoltas na centralidade da representação desses homens sem camisa. Em um segundo momento, apresentei o processo de construção de conhecimento e criação de referências pautadas na realização das *lives* no Canal do Preto Gordo, suas principais temáticas e contribuições.

Por fim, no último capítulo, **““ISSO É COISA DE VIADINHO”: RELAÇÕES ENTRE O ENFRENTAMENTO DA CISHETERONORMATIVIDADE, REFLEXÕES SOBRE MASCULINIDADES NEGRAS E O ENGAJAMENTO NO ATIVISMO ANTIGORDOFÓBICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO CANAL DO PRETO GORDO.”** arrematei as conclusões convergentes com minha hipótese de pesquisa, refletindo a respeito dos conflitos que emergem das diferenças entre as construções de masculinidades desses homens e a centralidade das questões de sexualidades e gênero que atravessam as relações construídas no Canal do Preto Gordo. Além disso, destaquei reflexões sobre masculinidades negras através das vivências dos seguidores que compõem o perfil em torno de duas discussões: 1) a encruzilhada entre a hipersexualização e o preterimento sexual desses “pretos gordos” e 2) suas relações com o humor autodepreciativo acionado no estereótipo do “gordinho engraçado”.

Essas análises confluem na compreensão, que vem sendo também pautada pelo administrador e principais cocriadores do conteúdo do Canal do Preto Gordo, de que a heteronormatividade é o principal elemento que prejudica a adesão desses homens ao perfil e de maneira mais geral as suas possibilidades de articulação com a luta antigordofóbica. Tracei então apontamentos de como a disputa por outras concepções e vivências de masculinidades, comprometidas com lutas interseccionais, é fundamental nesse contexto para alcançar o objetivo do Canal do Preto Gordo, de ser um “perfil de empoderamento do homem preto gordo” e para o avançar de forma mais ampla no engajamento de homens no ativismo gordo.

Posto isto, convido para essa navegação junto comigo, desejo uma boa leitura e faço votos de que essa dissertação possa contribuir para a ampliação desse campo de estudos e do enfrentamento da gordofobia e suas intersecções com o racismo, sexismo, homofobia e outras opressões que limitam as nossas possibilidades de existência.

2. GORDURA, GÊNERO E ATIVISMO: ORIGENS, ENCRUZILHADAS E NOVOS CAMINHOS NA LUTA ANTIGORDOFÓBICA.

Apesar dos avanços significativos a respeito da visibilidade de pautas antigordofóbicas, ainda há um longo caminho a ser percorrido quando pensamos na luta contra a gordofobia enquanto uma violência estruturada em diversos âmbitos sociais. Diante disso, conhecer, documentar e socializar a história, ainda pouco abordada no país, do surgimento e expansão de movimentos antigordofóbicos é relevante nesse processo. Além disso, nesta pesquisa em específico, fazer esse resgate nos auxilia na compreensão da configuração dos cenários atuais do ativismo gordo e nos dá pistas a respeito da presença ou ausência de homens gordos nesse processo.

Corpos gordos já ocuparam lugares de prestígio no imaginário social de diferentes povos, associados a ideias de abundância, opulência, força, sensualidade, fertilidade, entre outras características consideradas positivas. A mudança desse cenário é percebida a partir de marcos históricos que envolvem uma teia complexa de significações da gordura e abordagens sobre o corpo (VIGARELLO, 2012; POULAIN, 2017; SANT'ANNA, 2016). Sabrina Strings (2019) aponta a colonização e expansão protestante como fundamentais na ressignificação negativa de corpos gordos, sendo uma das autoras que trazem o debate racial para o centro da conversa a respeito da aversão à gordura e adoração da magreza, além de apontar como a construção de ideais de feminilidade e nacionalismo estão interligados nesse processo no contexto norte americano.

Os Estados Unidos da América vão exercer uma forte influência na expansão de um novo padrão de beleza ligado à magreza através da glamourização de um modelo corporal magro vinculado a sua exportação cultural, especialmente através do cinema, moda e outros meios de propaganda. Segundo Denise Bernuzzi Sant'anna (2016), apesar de no Brasil só ser possível observar por volta da década de 1950 uma verdadeira emergência do ideal de corpos magros como padrão estético hegemônico, desde a década de 1920 o *american way of life* que chegava ao país já provocava mudanças na busca por um “novo corpo”, visto que os e as modelos, atores e atrizes que apareciam nas telas e páginas de revistas traziam consigo a mensagem de que a magreza era o novo símbolo da modernidade, juventude e sucesso.

Contudo, se é principalmente desses países ao norte da América que chegam até as terras brasileiras tendências que passam a estigmatizar os corpos gordos com maior incidência na contemporaneidade, é também lá que surgem os primeiros movimentos organizados contra violências que atingem pessoas gordas. O *fat liberation* é a semente dos movimentos

antigordofóbicos atuais e nesta breve contextualização abordo a trajetória de dois movimentos precursores nos Estados Unidos, dou foco a como a articulação entre pesquisa e ativismo se constrói dentro da luta antigordofobia, além de explicitar como sua trajetória está intimamente ligada à luta feminista e como construímos esse processo no Brasil a partir de algumas similaridades, mas também das especificidades da nossa realidade social, tomando as relações de gênero, sexualidade e corporalidades gordas como fio condutor dessa reflexão.

2.1 *Fat liberation*: movimentos precursores do ativismo gordo no cenário estadunidense.

Charlotte Cooper (2008), ao fazer um resgate dessa história nos Estados Unidos, começa seu texto com uma provocação instigante, destacando como para muitas pessoas falar de um ativismo gordo é impensável, pois a própria noção de “obesidade” na cultural ocidental do século XXI lê as pessoas gordas através de estereótipos como preguiça, passividade e necessidade de intervenção, as colocando como o oposto do que se associa a ideia de ativismo, que sugeriria um envolvimento dinâmico com a vida pública. Mas é contrariando esse estigma que entre os anos de 1960 e 1970, historicamente marcados pela efervescência de novos movimentos sociais e políticos, emergem os primeiros grupos organizados de combate à violência contra pessoas gordas.

Em 1969 surge a, até então denominada de forma mais branda, *National Association to Aid Fat Americans – NAAFA* (Associação Nacional para Ajudar os Americanos Gordos), que viria a se tornar a *National Association to Advance Fat Acceptance* (Associação Nacional pelo Avanço da Aceitação da Gordura) em 1980. Fundada em Nova York, a partir do encontro entre Llewelyn “Law” Louderback e William Bill Fabrey, graças ao artigo de Louderback intitulado “More People Should be FAT”¹⁸ publicado em 1968. A mensagem de Louderback tocou Fabrey, que buscou imprimir e distribuir o texto para o maior número de pessoas que pudesse. De acordo com Linda Gerhardt (c2023), essa publicação é o registro de uma das primeiras defesas públicas da gordura no *mainstream* norte americano.

Um fenômeno que também permeia o surgimento da NAAFA são os chamados *Fat-In*, protestos com objetivo de combater a discriminação contra pessoas gordas que começaram a acontecer em meados de 1960. Esse tipo de mobilização emerge no bojo de uma série de outros processos que provocaram a arena social e política norte-americana, com

¹⁸ Em tradução “Mais pessoas deveriam ser gordas”, publicado originalmente no Saturday Evening Post, disponível para acesso neste endereço: <https://mirrormirror.trubox.ca/wp-content/uploads/sites/1200/2021/07/More-People-Should-Be-Fat-1.pdf>

os movimentos *hippies*, a chamada segunda onda do feminismo, organizações de dissidências sexuais, protestos contra a guerra do Vietnã, disputas em torno de direitos civis e contra o racismo. O próprio nome *fat-in* faz referências aos protestos pacíficos chamados *love-ins*, presentes no cenário de contracultura do período (SPANJERS, 2023?). Apesar dessas manifestações ainda não estarem inseridas em uma organização política mais sistematizada, elas foram estopins relevantes para o surgimento de mais debates e grupos nos anos seguintes.

O primeiro registro de um *fat-in*, considerado como uma manifestação inaugural *fatactivist* (gordativista) de impacto público nos Estados Unidos, é de 1967, um ano anterior à publicação de Louderback. Convocada pelo apresentador de rádio nova-yorkino Steve Post, a manifestação reuniu cerca de 500 pessoas no *Central Park* para celebrar seus corpos gordos e realizar ações provocativas contra o que denominavam como “cultura de magreza” e “indústria da dieta”. As ações incluíam carregar cartazes com dizeres como “Fat Power” (poder gordo) e “Buddha Was Fat” (Buda era gordo), ou broches com a mensagens como “Take a Fat Girl to Dinner” (Leve uma garota gorda para jantar), além de ações como tomar sorvete ou outros alimentos considerados calóricos enquanto queimavam livros de dieta e fotos da modelo Twiggy¹⁹ (COOPER, 2008).

Quando começa a tecer reflexões sobre a experiência de pessoas gordas Law Louderback já era profissionalmente escritor, mas esse não era seu tema de trabalho, a principal motivação para a publicação deste artigo histórico, segunda a maioria dos registros, foi a forma como a sua esposa Ann Louderback era socialmente tratada por ser uma mulher gorda. Inclusive, Ann faleceu de câncer de pulmão em 2004 e essa fatalidade tem uma ligação direta com seu processo de busca por perda de peso, visto que ela havia aderido a um programa de emagrecimento que tinha como *slogan* “*reach for a smoke instead of a sweet*”, incentivando que diante da vontade de comer um doce se recorresse ao cigarro como forma de compensação ou distração do desejo alimentar. Um exemplo explícito de programas que colocavam o emagrecimento acima da saúde, um fenômeno que foi denunciado com maior dedicação pelo autor com o lançamento, em 1970, do seu livro “*Fat Power: Whatever You Weigh is Right*”, que viria a ser também um documento importante da luta gorda.

Ann Louderback teve também um papel relevante na origem dessa movimentação, apesar de não aparecer com tanta visibilidade nos resgates sobre a história da NAAFA dos

¹⁹Twiggy pode ser traduzido para o português como “graveto” e foi o nome artístico de Lesley Lawson, uma modelo, atriz e cantora britânica que foi considerada uma das primeiras supermodelos do mundo, sendo ícone na década de 1960. Twiggy é associada a uma imagem quase adolescente, era extremamente magra e pequena, e é tida como precursora da magreza no mundo da moda, um padrão que iria nos anos seguintes dominar as passarelas, gerando uma série de controvérsias e ajudando a estabelecer um novo padrão de beleza feminina no Ocidente.

quais eu tive acesso. Ela não foi apenas alguém que motivou a indignação do marido a partir de suas experiências pessoais, mas também participou ativamente da construção dos argumentos que o levaram a publicar sobre o tema. Como o próprio Law Lauderback comenta, Ann “[...] fez muita pesquisa, aliás, ela estava trabalhando para uma agência de publicidade. Seu trabalho era editar, revisar e acertar tudo nesses anúncios. Anúncios farmacêuticos terríveis. Mas ela tinha acesso através da empresa a todos os tipos de revistas que ela poderia obter artigos.” (COOPER, 2008, n.p, tradução nossa).

FIGURA 2 - Origem da NAAFA



Legenda: Os casais Bill e Joyce Fabrey (a direita) e Ann e Law Louderback (a esquerda) em entrevista ao *The New York Times*, imagem divulgada pelo informativo da NAAFA em 1970. Fonte: Imagem retirada do *site* oficial da NAAFA, <https://naafa.org/history>, em 10 de novembro de 2023.

Bill Fabrey se aproxima de Law Lauderback ao ler seu artigo porque sente-se representado por aquele sentimento de indignação, sua esposa Joyce Fabrey também era uma mulher gorda e compartilhava daquela experiência, assim ambos procuraram o casal Louderback. A partir dessa identificação e da dedicação em articular pessoas em torno dessa causa, Bill Fabrey funda a NAAFA e é eleito enquanto seu primeiro presidente de conselho.

Ao buscar os registros dessa trajetória encontrei imagens dos fundadores da NAAFA e algumas questões vieram à tona nesse processo. Pela fotografia apresentada na Figura 2, por exemplo, é possível dizer que Bill Fabrey é também uma pessoa gorda, tal qual sua esposa Joyce, sendo assim, passei a questionar por que seu envolvimento com o *fat acceptance* não

partia da sua própria experiência enquanto homem gordo e sim da sua indignação com o tratamento que ela recebia. Será que a experiência dele com a gordofobia não foi tão expressiva quanto a dela? Como o gênero articula essas vivências e posicionamentos?

Questiono sobre Fabrey pois, lendo o artigo de Louderback foi possível observar que o autor situou desde o início sua identidade enquanto homem gordo²⁰. Além de falar abertamente sobre sua luta contra o próprio peso, se colocando na mesma batalha da sua esposa, ele também descreve discriminações relacionadas ao peso usando homens com exemplos diretos, como é possível observar no trecho abaixo, onde ele escolhe o termo “*fat man*” e não “*fat people*” para falar da experiência com o mercado de trabalho.

A situação do mercado de trabalho é ainda mais desagradável. **Qualquer homem gordo** sabe que o executivo com sobrepeso não tem praticamente nenhuma chance de garantir uma posição decente. Mesmo que consiga passar pelas agências de emprego, descobrirá que os diretores de pessoal relutam em contratá-lo. Faz parte da insanidade da magreza: indivíduos com excesso de peso, ao que parece, podem manchar a “imagem corporativa”: “já tem muita gente gorda naquele andar.”. (LOUDERBACK, 1968, n.p, destaque e tradução nossa)

Certamente é preciso uma investigação mais aprofundada nos registros desse processo para ter uma visão mais complexa a respeito da autopercepção desses homens, o que não é o objetivo principal deste capítulo. Contudo, levantar tais questões me auxilia a situar a trajetória desse movimento que, apesar de ter como precursores oficiais dois homens, se consolida como uma luta protagonizada por mulheres. Assim, é relevante observar como eles se identificam, quais elementos são apresentados como propósitos do seu ativismo e de que forma se colocam na luta.

Uma questão polêmica que envolve a criação da NAAFA é o fato de que orbitava em torno da organização uma comunidade de pessoas que não eram necessariamente gordas, mas se identificavam como “admiradoras de pessoas gordas”, o termo usado mais especificamente era *fat lovers* ou *fat admirer*, conhecidos também pela abreviatura *FAs*, uma identidade geralmente reivindicada por homens. Assim, segundo Carla A. Pfeffer (2021):

É um segredo bastante mal guardado que, apesar das intenções do seu fundador, a National Association to Advance Fat Acceptance [...] começou como uma organização predominantemente social para facilitar as ligações românticas e sexuais entre homens que eram *fat admirers* [...] e as mulheres gordas que assim desejavam. (p.169, tradução nossa)

²⁰ Como é visível neste trecho retirado do seu artigo: “Minha esposa e eu somos refugiados dessa insanidade. Nós dois somos gordos por natureza. Não sabíamos disso - ou pelo menos nos recusamos a admitir - até alguns anos atrás. Em vez disso, lutamos contra nossa condição natural durante a maior parte de nossa vida adulta, seguindo compulsivamente cada nova dieta [...]” (LOUDERBACK, 1968, n.p, tradução nossa).

O próprio Bill Fabrey se reconheceu e apresentou-se abertamente como um *fat admirer*, termo que o mesmo ajudou a consolidar. Os *FAs* se entendiam também como integrantes desse movimento e por vezes até ocuparam cargos altos dentro de organizações gordoativistas (COOPER, 2008). Contudo essa presença gerava tensões que diziam também sobre caminhos diferentes no entendimento do que deveria ser o foco de reivindicações e ações do *fat acception*.

Se por um lado havia uma linha de pensamento mais voltada a uma noção de *fat pride* (orgulho gordo), focada em debates sobre autoestima e que era receptiva à movimentação em torno de um potencial serviço de namoro, ações como acesso a varejistas de *lingeries* para mulheres gordas, concursos de beleza, entre outras, que ocorriam nas conferências da *NAAFA*. Por outro lado, havia, especialmente das ativistas gordas feministas, uma denúncia desse viés que segundo elas poderia reduzir o escopo da atuação da organização e deixar de focar em uma luta considerada mais política, voltada à vida pública, reivindicação de direitos, denúncia do discurso biomédico e busca por acessibilidade de forma mais ampla.

Além disso, “Feministas ativistas como Karen Stimson (Cooper 1998) forneceram evidências de que os *FAs* dentro do movimento estavam assediando mulheres ativistas gordas e as tratando como conquistas sexuais em potencial” (COOPER, 2008, n.p, tradução nossa). É dessas ativistas também que surgem críticas a respeito do universo pornográfico focado em mulheres gordas, como a emergência da categoria *BBW (Big Beautiful Woman)* e práticas consideradas abusivas como o *feederismo*²¹. Essa argumentação esteve ligada um movimento feminista radical²² crítico da sexualidade patriarcal e da pornografia e as ativistas gordas vinculadas a essa corrente situavam o *fat-fetishism* (fetichismo gordo) como um processo que também gerava abjeção, injustiça social e abuso.

Na atualidade, autoras como Pfeffer (2021) argumentam ainda que:

Existe hoje uma cultura próspera de fetichismo gordo, povoando sites pornográficos na Internet e impulsionando subculturas sexuais de fetiche gordo (que são em grande parte heterossexuais e focadas em mulheres gordas), tanto online quanto no presencial [...]. A fetichização da gordura atinge particularmente alguns grupos de pessoas de cor (Saguy 2012; Williams 2017). As dinâmicas de poder de gênero, raça e classe de muitas destas subculturas muitas vezes refletem, reforçam e até exageram as desigualdades raciais, de gênero, de classe e de sexualidade existentes. (p.169, tradução nossa)

²¹ *Feederism* é o termo utilizado para definir o fetiche de alimentar uma pessoa com intuito de engordá-la, geralmente envolve consumo de grandes quantidades de alimentos de uma única vez, dietas altamente calóricas e relação de dependência entre os *devotees of gaining* (devotos de ganho) e os *feeding* (aqueles que os alimentam). Outras práticas que orbitam esse universo são o *hogging* (fazer sexo com pessoas gordas com o propósito expresso de exploração), o *squashing* (fetiche por práticas de esmagamento) também ligadas ao *facesitting*.

²² Ver autoras como Dworkin (1981) e Jeffreys (1991) (apud COOPER, 2008).

Contudo, essa crítica não foi, e ainda não é, um consenso²³. Houve desde daquela época o surgimento de uma comunidade ligada à produção, distribuição e consumo de materiais pornográficos focados em mulheres gordas (revistas, fotos, vídeos), além do surgimento de clubes fetichistas e agências de namoros especificamente ligados aos *FAs*, que também tinha apoio de mulheres gordas que estavam vinculadas aos grupos de *fat acceptance*. O surgimento do chamado “feminismo pró-sexo”, associado a autoras como Rubin (1994) e Califia (2001) (apud COOPER, 2008) também permitiu, segundo a autora, “[...] uma visão mais ponderada do sexo consensual e pervertido nas comunidades do FA [...]” Cooper (2008, n.p, tradução nossa), e além disso, o posterior aparecimento e aceitação da cultura *Bear*²⁴ dentro das comunidades gays também teria confluindo para validar, mesmo que indiretamente, a identidade dos *fat admirers*.

É relevante trazer à tona esses apontamentos, mesmo que breves, sobre o debate do fetiche dentro das comunidades gordas, pois ele está diretamente ligado a reflexões sobre gênero, sexualidade e poder. Além disso, essa é mais uma das diferenças de abordagem dentro da história da luta antigordofobia, as divergências fazem parte desse processo e continuam atualmente presentes na diversidade que compõe os movimentos antigordofóbicos.

Por fim, neste cenário, é interessante perceber como os próprios precursores, Bill Febrey e Law Louderback, assumiram posicionamentos diferentes na constituição da NAAFA. Quando o conselho decidiu, por exemplo, expandir a função social do grupo e desenvolver abertamente um serviço de namoro, Louderback também deixou a organização, assim como alas de ativistas mais radicais que fundaram outros grupos nos anos seguintes.

Houve mulheres que optaram por não deixar a NAAFA e disputar internamente seu propósito e ações. Karen Stimson (1993) é uma dessas ativistas que buscou construir um grupo feminista na NAAFA e relatou em seus registros uma forte oposição de vários membros antifeministas do Conselho, que impediram o projeto em um primeiro momento. Apesar disso, em meados de 1974 elas oferecem um *workshop* sobre mulheres gordas e feminismo na convenção anual do grupo, e no fim daquele mesmo ano publicaram no boletim informativo

²³ Alguns trabalhos apontam também leituras que apontam aspectos considerados positivos sobre a pornografia gorda, principalmente a partir de debates sobre “pós-pornô” e leituras que localizam a pornografia como um lugar também de transgressão e resistência para corpos não normativos. Ver Jimenez-Jimenez (2020a; 2020b), Figueiroa (2014) e Kulick (2012).

²⁴ Os *bears*, ursos em português, são entendidos como um segmento, considerado de certa forma alternativo, no interior da comunidade gay. José Domingos (2021) explica que essa cultura começa a se desenvolver na década de 1960, e um dos primeiros registros é do “Clube dos ursos” na cidade de Los Angeles. De maneira geral “ursos” são homens peludos e grandes ou gordos, que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, e boa parte deles reforça traços físicos e comportamentos ligados ao imaginário masculino viril e forte (HENNEN, 2005; CAROBA, 2021; TEXTOR, 1999). Abordarei com maior profundidade essas características no próximo capítulo.

da *NAAFA* uma cartilha sobre a relação entre sexismo e gordura, intitulada “*Fat and Female – One Woman’s View*”, apesar de enfrentar também objeções da própria editora do boletim.

Nem todos os membros da *NAAFA* apreciam o ambiente (hetero)sexualizado dos eventos da *NAAFA*, no entanto, algumas formaram um *Fat Feminist Caucus* (Convenção política feminista gorda) para se concentrar centralmente nos objetivos políticos e ativistas da *NAAFA* (Gimlin 2002). O foco no *Fat Feminist Caucus* estava menos em garantir que a gordura fosse considerada bonita e desejável e mais em garantir que as pessoas gordas não fossem discriminadas com base no seu peso, tamanho ou forma, ou excluídas de locais públicos, cuidados de saúde, serviços justos, representação legal e emprego [...] (Pfeffer, 2021, 169, tradução nossa)

Inicialmente a organização se concentrava em campanhas como a redação de cartas entre pessoas gordas e *FAs*, consolidando esse tipo de rede para relacionamentos afetivo-sexuais, e suas primeiras ações realizadas nas conferências anuais eram focadas em construir espaços onde pessoas gordas pudessem comemorar, dançar e se relacionarem com o objetivo de fortalecer sua autoestima enquanto uma comunidade afetiva e orgulhosa, apesar das controvérsias envolvidas nesse processo. Contudo, posteriormente a *NAAFA* desenvolve também outras ações que a ajudam a se estabelecer como uma organização “[...] inovadora ao abordar o viés de peso e a discriminação contra pessoas gordas como uma questão de direitos civis” (GERHARDT, c2023, n.p, tradução nossa), pautando sobre o respeito aos corpos gordos em escolas, locais de trabalho e na mídia. Sendo ativa até hoje, reconhecida como organização mais antiga e relevante no cenário gordoativista dos Estados Unidos.

Entretanto, esse caráter mais explicitamente político, que culminou também na alteração do seu nome, só se consolidou nos anos de 1980 e, não à toa, em um momento posterior a rachas internos e emergência de outros grupos, em um cenário de expansão e maior legitimidade desse debate que teve uma relação forte com a atuação feminista antigordofóbica. É com essas mudanças internas que vinham sendo disputadas pelas ativistas que em 1983, nove anos após a primeira tentativa, a Convenção Feminista da *NAAFA* é viabilizada com anuência das lideranças. No fim da década de 1980, diante do inegável fortalecimento da pauta alcançada pelo apoio de publicações feministas, a *NAAFA* é também forçada a reconhecer a importância dessa coalizão e as membras do *Caucus Feminist* ganham a maioria dos assentos no Conselho da organização durante os próximos anos.

Por fim, se algumas ativistas decidiram permanecer e pautar a transformação da *NAAFA*, outras acreditaram que apenas em uma nova organização poderiam levar adiante o viés político que pautavam como primordial para essa luta. De acordo com Sarah Simon (2019), apesar da importância do pontapé inicial dado pela *NAAFA* a sua atuação ainda

poderia ser considerada “morna” e foram munidas desse incômodo que duas de suas membras mais engajadas, Judy Freespirit e Sara Fishman (na época conhecida pelo pseudônimo de Aldebaran), resolveram pautar uma atuação considerado por elas como mais feminista e radical em torno das pautas do que passaram a denominar como *fat liberation* e não mais apenas *fat acceptance*.

Era como os Panteras Negras trabalhando com a NAACP, diz ela sobre as antigas facções dentro da NAAFA. 'A ideia deles de ativismo era ir para a Fundação de Paralisia Cerebral e fazer trabalho voluntário para que as pessoas dissessem que pessoas gordas são legais. A nossa era para demonstrar – invadir uma sala de aula universitária na UCLA durante uma aula sobre modificação de comportamento (para perda de peso) e dominar a sala de aula. (Relly 1998). (COOPER, 2008, n.p, tradução nossa)

Ambas as ativistas vinham de um contexto de mobilização em organizações feministas e lésbicas, sendo o contato delas com a *Radical Therapy* um fator relevante em suas trajetórias políticas. A Terapia Radical foi um movimento desenvolvido na década de 1970, que reivindicava uma mudança de perspectiva sobre os problemas psicológicos e o estigma em torno deles, deslocando o foco da ideia de que havia problemas individuais e os apontando como produto da opressão social. Os coletivos de terapia radical criticavam a psicoterapia convencional, principalmente por compreenderem que esses profissionais delegaram a “culpa” das questões de saúde mental aos próprios indivíduos, reivindicando em contraponto uma ideologia que proclamava “mudar a sociedade, não a nós mesmos”, pensamento que tem forte influência para a futura organização criada por Freespirit e Fishman, como ela mesma afirma.

Radical significa "raiz". Os movimentos radicais de libertação raramente tentam mudar as leis discriminatórias. Em vez disso, eles exigem mudanças no nível dos valores sociais fundamentais, que são vistos como a causa raiz de todas as leis humanas. Esses valores não apenas moldam a legislação, mas também afetam a maneira como as pessoas se veem e se tratam nas interações do dia a dia. Esses valores influenciam a autoimagem do indivíduo, fomentando atitudes de auto ódio e comportamentos autodestrutivos em membros de grupos que a sociedade considera "inferiores". Esse *insight* foi a força motriz por trás do movimento da Terapia Radical, um dos principais precursores do Fat Underground. (FISHMAN, 1998, n.p, tradução nossa)

Portanto, elas buscaram o Centro de Psiquiatria Radical de Berkeley, Califórnia, em 1972 a fim de iniciarem um grupo de resolução de problemas²⁵ para mulheres em Los

²⁵ Os *problem-solving groups* eram parte da intervenção proposta pela Terapia Radical, buscando interferir de forma coletiva e prática em questões que afligiam as pessoas e afetavam sua saúde mental. Além de serem espaços terapêuticos, os grupos também serviam como campos de treinamento para o ativismo social, de acordo com Fishman (1998).

Angeles, um interesse motivado pelo desejo de abordar os problemas enfrentados por mulheres gordas a partir de uma perspectiva mais coletiva e radical. No entanto, ambas notaram que mesmo os psiquiatras radicais com os quais haviam feito contato também seguiam uma interpretação estigmatizante a respeito da gordura, a ponto de serem recusadas como nomes para uma palestra a qual haviam se voluntariado, segundo Fishman (1998), por conta do medo implícito de que serem representados por duas mulheres gordas poderia prejudicar a credibilidade do grupo, gerando uma leitura social negativa do coletivo.

Tendo em vista a associação do corpo gordo como uma posição de fracasso pessoal, aquela imagem poderia validar a opinião pública sobre o quão desajustados aqueles membros poderiam ser diante da sua recusa a uma terapia convencional e a mudança de si mesmos para adequação social. Havia ainda segundo seu registro, uma retórica dentro do movimento que argumentava que: “você é gordo porque come demais e come demais porque é oprimido. Presumivelmente, qualquer um que realmente viva a vida de um revolucionário social deve ser magro” (FISHMAN, 1998, n.p, tradução nossa).

Mesmo diante dessas contradições e violências internas a dupla conquistou esse espaço com seu ativismo comprometido, aproveitando, inclusive, da própria recepção negativa dos seus corpos para trazer ao centro do debate uma discussão sobre o papel dos padrões sexistas de beleza na opressão das mulheres. Sara Fishman relata ter encontrado o livro “Fat Power” de Louderback em uma Biblioteca Pública de Hollywood, o livro apresentou um argumento a respeito da relação médica com a opressão dos corpos gordos que foi muito relevante para ela e para o grupo de mulheres onde atuava, contudo, sentiam que o argumento do livro carecia ainda de uma análise política mais concisa e que a *Radical Therapy* poderia fornecer ferramentas para tal através do conceito de opressão mistificada²⁶.

Com apoio de Judy Freespirit, apresentaram a ideia ao Coletivo de Terapia Radical que ficou dividido a respeito dessa articulação, mas por fim elas contactaram a *NAAFA* e formaram uma filial do grupo em Los Angeles, naquele momento com um número pequeno de membros ativos e constituído inicialmente de forma mista, com homens e mulheres. Desde o princípio, esse agrupamento da *NAAFA*, fortemente influenciado pela posição política das duas ativistas, sustentou uma postura combativa, atacando diretamente profissionais de saúde

²⁶ Dentro da *Radical Therapy* debatia-se sobre a ideia de mistificar opressões, ou seja, ocultar sua verdadeira natureza através da criação de mitos que se estabeleciam como verdades em sociedade, a fim de evitar que essas opressões fossem contestadas. Fishman (1989) dá exemplos como a ideia de negar acesso à educação e emprego em áreas predominantemente masculinas com o discurso de proteger mulheres contra o assédio sexual, entre outras atitudes que vem revestidas de discursos como “é para seu próprio bem”, e o *Fat Underground* passa também a entender as intervenções médicas e programas de emagrecimento como opressões mistificadas contra pessoas gordas.

e o argumento biomédico vigente a respeito dos corpos gordos, os acusando de terem “se vendido a indústria multimilionária de perda de peso”. No entanto, não demorou muito para que essa radicalidade se tornasse um incômodo para a própria *NAAFA*.

Nossa postura de confronto acabou chamando a atenção do escritório central da NAAFA. Embora alguns dos líderes nos aplaudissem em particular, oficialmente nos disseram para diminuir o tom de nossa fala e também para sermos mais circunspectas sobre nossa ideologia feminista, para a qual a maioria dos membros da NAAFA ainda não estava pronto. (FISHMAN, 1998, n.p, tradução nossa)

Esses processos são centrais na decisão de Freespirit e Fishman de sair *da NAAFA* e fundar o próprio grupo, assim nasce no início dos anos de 1970 o *Fat Underground*, inicialmente formado por quatro mulheres e um homem, que logo partiu, tornando-se então explicitando um grupo lésbico, feminista e radical de combate a opressão gordofóbica. No final de 1973, elas escreveram um documento de grande relevância para a história da luta antigordofobia que foi o *Fat Liberation Manifesto*²⁷. Fishman (1998) afirma que o manifesto expressava a aliança do grupo com a esquerda radical e sua intenção de combater a “indústria da dieta”.

Interessante destacar como o *Fat Underground* já sinaliza em seu manifesto um comprometimento que podemos compreender como atento a intersecção de outras opressões, ao citarem que “NÓS vemos a nossa luta como aliada às lutas de outros grupos oprimidos contra o classicismo, o racismo, o sexismo, o etarismo, a exploração financeira, o imperialismo e afins.” (Freespirit e Aldebaran, 1973, n.p, tradução nossa). Demonstrando um avanço significativo a respeito do que vem a ser a luta antigordofobia a partir do reconhecimento de que ela é uma violência que interage com outras formas de opressão, que tem uma relação direta com o modelo capitalista e com narrativas e padrões mantidos principalmente pelo sexismo e racismo (NOVAIS e MACHADO, 2021; SANTOS, 2021; STRINGS, 2019).

²⁷ Link para acessar o texto do Fat Liberation Manifesto na íntegra, <https://fatlibarchive.org/fat-liberation-manifesto-1973/>.

FIGURA 3: Ativistas do *Fat Underground*



Legenda: Fotografia de integrantes do Fat Underground. Não há muitas informações adicionais, mas tudo indica que se trata de uma fotografia vinculada a uma manchete de jornal ou revista sobre o grupo. Fonte: Imagem retirada do site The Curvy Fashionista (<https://thecurvyfashionista.com/know-your-fat-history-the-fat-in-of-1967/>) em 26 de outubro de 2023.

As fundadoras do *Fat Underground* se tornaram membras atuantes do *Radical Feminist Therapy Collective* (RFTC) que funcionava a partir do *Women's Liberation Center*, e foi através do RFTC que formaram o primeiro Grupo de Resolução de Problemas para Mulheres Gordas (*Fat Women's Problem-Solving Group*), esse espaço agrupava uma número maior de mulheres, que segundo Fishman (1998) não se sentiam “ousadas o suficiente” para integrarem o *Fat Underground*, mas se aproximaram do debate a partir dos grupos de resolução de problemas e da sua atuação prática.

Nesse cenário, foi o protesto do Fat Underground em memória da cantora Cass Elliot²⁸ que protagonizou um evento marcante na história da luta antigordofobia nos Estados Unidos, realizado no palco da Marcha do Dia da Mulher de Los Angeles, em 1974, ele conseguiu proporcionar visibilidade à pauta e conquistar uma maior infiltração dela em outros grupos feministas da época.

²⁸ Cass Elliot é o nome artístico da cantora Ellen Naomi Cohen, também conhecida como “Mama Cass”, ela foi parte do famoso quarteto musical The Mamas & the Papas, formado na Califórnia em 1960.

Apesar do talento reconhecido, Cass Elliot enfrentou muita gordofobia durante sua vida pessoal e carreira musical, sendo atacada mesmo após sua morte com uma falsa notícia de que havia falecido ao se engasgar com um sanduíche de presunto, um boato que buscava ridicularizar a cantora, associando o seu corpo gordo ao descuido e a alimentação excessiva. Esse episódio mobiliza o *Fat Underground* que, em conjunto com outras membras do *Fat Women's Problem-Resolving Group*, subiram ao palco carregando velas e usando braçadeiras pretas, performando assim um cortejo fúnebre simbólico para a cantora. Elas também realizaram um discurso contra a indústria do emagrecimento argumentando que a insuficiência cardíaca constatada como causa do falecimento de Elliot estaria relacionada com as dietas extremas às quais ela estava se submetendo.

Essa aparição pública rendeu a foto de capa e uma página inteira a respeito do *fat liberation* no *Sister*, importante jornal feminista de Los Angeles, fazendo com que este debate começasse a ser mais reconhecido como uma questão seria de opressão das mulheres, ao menos entre os grupos de feministas radicais locais, provocando também a adesão de mais integrantes ao *Fat Underground*, apesar do número de integrantes ser sempre oscilante, fazendo com que na prática o grupo atuasse como uma minoria política ativa, influenciando e criando coalizões com outros grupos de maior abrangência ou mobilizando ações em conjunto com os *Fat Women's Problem-Resolving Groups*.

Em 1976, o *Fat Underground* rompe com o *Radical Feminist Therapy Collective* após um grande desacordo político, o que levou também à saída de várias integrantes principais, nesse período a organização havia se tornado localmente reconhecida como uma voz legítima entre os *Women's Liberation. Feminist groups*. Neste processo o *Fat Underground* deixa parte do seu estilo mais abertamente combativo de atuação, ao passo que conquistaram também outros espaços formais de debate. Além das articulações com outros grupos feministas, desenvolveram uma relação promissora com o Programa de Estudos Femininos da *California State University*, sendo inclusive convidadas para testemunhar perante o *California State Board of Medical Quality Assurance* a respeito de casos de abusos e negligência médica na prescrição de anfetaminas para emagrecimento.

Mais grupos de mulheres gordas se formaram em outras cidades e no início dos anos 1980 o pioneirismo do *Fat Underground* havia criado uma rede que influenciou diretamente nos movimentos de aceitação corporal e antigordofobia que viriam a se consolidar futuramente. Em 1983 a organização se desfez, mas muitas das ativistas continuaram engajadas, atuando em outros grupos ou individualmente, sendo o *The New Haven Fat Liberation Front* uma das rearticulações de ativistas de grande destaque, foi a partir dela que

Lisa Schoenfielder e Barb Wieser organizaram o “Shadow on a Tightrope: Writings by Women on Fat Oppression” (1983), uma importante antologia de artigos, histórias pessoais e produção artística e literária de mulheres gordas.

Diante dessa trajetória considero relevante destacar duas marcas fundamentais impressas pela atuação dessas precursoras na história dos movimentos antigordofóbicos. A primeira delas é o caráter feminista e centrado na ligação íntima entre gordofobia e sexismo.

Embora homens como Bill Fabrey e Lew Louderback estiveram diretamente envolvidos na origem dos primeiros grupos organizados de pessoas gordas nos Estados Unidos e foram figuras importantes para emergência desse movimento, é a atuação de feministas que radicaliza e expande politicamente essa luta. Munidas de ferramentas apreendidas com o movimento de terapia radical e de seu envolvimento com o lesbofeminismo, as ativistas do *Fat Underground* reivindicaram uma análise mais crítica e estrutural da opressão contra pessoas gordas, através da experiência daquelas que elas consideravam as mais atingidas por essa violência, as mulheres.

Grande parte do foco do ativismo gordo tem sido na opressão de mulheres gordas em particular. Isso pode ser rastreado até os laços do movimento de aceitação da gordura com a segunda onda radical do feminismo, bem como o fato de que a NAAFA e o ativismo inicial da gordura foram liderados por homens, mas focados na discriminação que suas esposas experimentaram. Muitas das primeiras ativistas gordas acreditavam que a cultura da dieta era uma ferramenta de opressão patriarcal, usada para exercer controle sobre os corpos e as vidas das mulheres. O ativismo gordo moderno ainda é liderado e focado principalmente nas mulheres, mas visa ser mais inclusivo para homens e pessoas não binárias. (GERHARDT, c2023, n.p, tradução nossa)

A segunda marca diz respeito sobre a presença da pesquisa como ferramenta de organização e luta, visto que a perspectiva crítica contra a patologização dos corpos gordos pelo discurso biomédico incentivou, desde os primórdios do grupo, que as ativistas se envolvessem com pesquisas a respeito do tema e abrissem janelas para o que viria se desenvolver de maneira mais sistemática como um campo de estudos acadêmicos, os *Fat Studies*²⁹, na década seguinte

Essa forte ligação entre pesquisa, ativismo feminista e a emergência da pauta do *fat liberation* pode ser observada no lançamento de obras como “Fat is a Feminist Issue” (1978) de Susie Orbach, “The Hungry Self: Women, Eating, and Identity” (1981) e “The Obsession:

²⁹ Entre as obras que ajudam a documentar a consolidação dos *fat studies*, podemos destacar o *Fat Studies Reader* (2008), um compilado feito por Esther Rothblum e Sondra Solovay, que reúne artigos, ensaios pessoais, estudos e trabalhos que também funcionou como um registro da produção de ativistas das décadas anteriores. Além disto Cooper (2008) indica as obras de Evans et al (2008), Monaghan (2008), Tomrley e Kaloski (2009), encontros como *The Popular Culture Association, Fat and The Academy, Resisting Treatment*, *Fat Studies UK* e *Bodies of Evidence: Fat Across Disciplines*; e fóruns de discussão online, como *Fat Studies* e *Fat Studies UK*.

Reflections on the Tyranny of Slenderness” (1985) de Kim Chernin, “The Beauty Myth: How Images of Beauty Are Used Against Women” (1990) de Naomi Wolf³⁰, “Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body” (1993) de Susan Bordo, entre outros livros lançados nesse período que apresentavam de forma central uma perspectiva feminista de análise e crítica aos padrões de beleza, especialmente os vinculados à magreza, apesar de algumas dessas obras, como o famoso livro de Orbach, apresentarem também argumentações equivocadas a respeito da gordura que foram criticadas pelo *fat activism* (PFEFFER, 2021; COOPER, 2008).

Assim, entre as décadas de 1980 e 1990 o *fat liberation* foi tornando-se mais relevante dentro da academia e do mundo jurídico. Algumas batalhas são vencidas nos Estados Unidos, como o estabelecimento de ações judiciais que tornam ilegal a discriminação baseada em peso e mais estudos sobre a temática são visibilizados, fazendo com que “[...] a liberação gorda se tornasse parte do *zeitgeist* cultural e do tecido acadêmico através dos campos de estudos femininos, estudos afro-americanos, Psicologia, Literatura, História, Sociologia, Estudos *Queer* e Estudos Americanos.” (SIMON, 2018, n.p, tradução nossa).

Há nesse processo uma via de mão dupla, tanto estudos acadêmicos passam a abordar com mais especificidade questões críticas sobre o corpo gordo a partir de uma demanda do ativismo, quando o próprio ativismo passa desde os primórdios a construir sua argumentação em torno da causa, especialmente sua crítica a biomedicina enquanto perpetuadora de discursos e ações violências contra a população gorda, a partir da capacidade de pesquisa e articulação de dados feita por ativistas que se dedicaram a buscar e confrontar essas informações.

Law Louderback reúne já em suas primeiras publicações argumentos que partem desse processo de pesquisa e apesar de apresentar um estilo muito mais jornalístico, com poucas notas de rodapé, o texto do autor foi construído com fontes confiáveis que vinham de documentos de saúde pública, de resumos de anos de pesquisas publicadas, pesquisas essas disponíveis nas bibliotecas para quem tivesse um cartão de acesso e interesse em investigá-las. Segundo argumenta Cooper (2008), o livro de Louderback pode ser considerado “pré-feminista”, além de exibir uma “compreensão ingênua de raça e classe e uma inclinação heteronormativa”, contudo nessa área o *Fat Underground* avança em suas análises e leva

³⁰ Apesar da visibilidade que o trabalho de Wolf ganhou, hoje existem críticas contundentes a sua obra, como a denúncia de falta de checagem de informações e aumento indevido dos números e dados apresentados. O livro de Wolf apresentar uma argumentação relevante, se apropriando da ideia de opressão mistificada, e é uma referência presente para muitas pesquisas sobre corporalidades gordas graças a sua crítica a cultura da dieta e sua relação com o sexismo, contudo há que se reconsiderar sua posição enquanto uma fonte segura de pesquisa devido a essas inconsistências na obra.

adianta a construção relevante que o autor fez sobre o papel da mídia, indústrias farmacêuticas e cultura da dieta na opressão de pessoas gordas.

O ativismo do *Fat Underground* se baseia largamente nesse processo. De acordo com a própria Sara Fishman (1998) a princípio elas se valem das fontes reunidas por Louderback em “Fat Power”, apesar de não demora muito para que fossem em busca de fontes primárias. Nesse sentido, a entrada de Lynn McAfee, que trabalhava em uma biblioteca médica, foi essencial. McAfee ajudou o grupo a acessar informações dos próprios periódicos de pesquisas médicas, identificar incoerências, chegar até materiais de circulação mais interna da área biomédica e formular também argumentos científicos em prol do *fat liberation*, o que teve impacto inclusive no apoio de alguns profissionais de saúde tradicionais.

No *Fat Underground* encontramos um cenário onde muitas daquelas mulheres estão envolvidas com a academia nas décadas de 70, 80, 90, do século XX, e passam a pautar sua atuação antigordofóbica a partir também deste espaço de legitimação que são as pesquisas científicas, cumprindo um papel relevante na consolidação dessa pauta nos programas de estudos. Fishman (1998) comenta ainda que mesmo os simpatizantes acadêmicos e outros ativistas dos direitos da população gorda que no princípio tentaram diminuir o tom dos argumentos do *Fat Underground*, posteriormente acabam adotando muito da lógica formulada pelo coletivo.

Elas também buscaram articulações com outros autores e autoras que estavam na época produzindo críticas à opressão gorda desde suas áreas de atuação, como os psicólogos Susan e O. Wayne Wooley que publicaram “Obesity [sic] and Women I – A closer look at the facts” e “Obesity [sic] and Women II – A neglected feminist topic”, as primeiras pesquisas que incorporaram escritos de Sara Fishman e outras feministas gordas. Processo que, de acordo com Stimson (1993), foi relevante para crescente aceitação de ideias feministas gordas em comunidades científicas, visto que a validação de profissionais associados à área da saúde ajuda a enfrentar a ridicularização e críticas que essas ideias também receberam em suas relações com este campo acadêmico.

É relevante pontuar como o discurso biomédico se estabeleceu ao longo dos séculos como parâmetro de verdade, como área dotada do conhecimento e legitimidade para balizar o tratamento e a leitura social dos corpos. Contudo, mesmo que as “ciências duras” tenham sido, e por vezes ainda sejam, concebidas como “neutras” e “mais objetivas” que as demais áreas, seus usos, desenvolvimentos, avanços em pesquisa, entre outras movimentações em torno dessa construção de conhecimento, são também mediadas por interesses políticos,

morais e principalmente econômicos, sendo também campo de disputas e contradições (HARAWAY, 1995; POULAIN, 2017).

É inegável que o aprimoramento dos conhecimentos em saúde e avanços tecnológicos que confluem para que a nossa medicina se tornasse mais rápida, precisa e padronizada, permitiram que certas necessidades de cuidado e bem-estar humanos fossem atendidas com mais eficiência, aumentando inclusive expectativa de vida de parte da população humana. Contudo, elas também são frutos de processos marcados pela violência, principalmente a partir da exploração dos corpos de grupos sociais marginalizados e do apagamento ou apropriação capitalista de saberes tradicionais não institucionalizados.

Questionar esse bastião do conhecimento moderno é se colocar em uma luta complexa e por vezes desacreditada. Contudo, cabe recordar que os movimentos antigordofóbicos não são os primeiros nem os únicos a enfrentar embates com o conhecimento biomédico a fim de desestabilizar narrativas e práticas que desumanizam e expõem corpos de grupos historicamente oprimidos por negligências e abusos. Esses discursos de poder, especialmente vinculados à medicina, também foram usados em diferentes períodos para sustentar perspectivas racistas, sexistas e capacitistas.

A recusa à heterossexualidade, por exemplo, já foi enquadrada como uma manifestação patológica. O até então chamado “homossexualismo” foi adicionado à Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1948, e apenas retirado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) quase 40 anos depois, em meados de 1990, após processos de luta³¹. É nessa mobilização que o sufixo “ismo”, que remetia a doenças, é substituído passando a se denominar a homossexualidade como uma manifestação da sexualidade humana e não uma anormalidade médica, apesar desse status continuar ameaçado por opressões heterossexistas ainda hoje, em uma disputa que articula também discursos biológicos enviesados por valores morais e religiosos. Uma violência enfrentada também pelas comunidades transgêneras.

Não à toa, além de uma forte articulação feminista, o ativismo gordo tem ligações profundas com a luta de dissidências sexuais e de gênero³². Karen Stimson (1993) registra que havia grandes contingentes gordos em marchas do “orgulho gay” e “[...] São Francisco se

³¹ Uma vitória análoga foi a alcançada através do confronto entre a Fat Liberation Front (FLF) e American Psychiatric Association (APA), que também rescindiu a sua classificação da obesidade como uma perturbação mental, passando a associar na edição de 1980 do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais a descrição de que “[...] a obesidade simples [sic] geralmente não está associada a nenhuma síndrome psicológica ou comportamental distinta.” (STIMSON, 1993, p. 5-6, tradução nossa)

³² Grupos como o *Girth&Mirth* e posteriormente aqueles que ficaram conhecidos com os *Bears* também estão localizados nesse contexto, destaco que abordarei sobre eles no próximo capítulo e que as reflexões em torno deles são elementos relevantes na análise do próprio Canal do Preto Gordo.

torna uma meca para feministas gordas radicais, lésbicas e bissexuais, mulheres em todos os lugares que estão famintas por um senso de comunidade e pertencimento” (p.6, tradução nossa). Essas mulheres foram protagonistas na consolidação do ativismo norte americano e sua expansão conta com articulações diretas com os movimentos de “orgulho gay” e grupos lesbofeministas, que também estavam pautando lutas e gerando mudanças significativas naquele mesmo período.

Os corpos de mulheres, mais especificamente, também estiveram envolvidos em muitas disputas e patologização ao longo da história das ciências médicas, como a noção de ser um “corpo invertido”, “histérico” e “impuro”. Assim como, populações negras foram expostas a experimentos biomédicos, negligências até hoje registradas em nossos sistemas de saúde e a um arcabouço racista pseudocientífico fundamentado por áreas como antropologia física, frenologia e medicina legal, vide a presença de médicos eugênicos no Brasil (FIUZA, 2016; SCHWARCZ, 1993). Assim, é relevante destacar como os corpos em meio a esta encruzilhada de raça, classe, gênero e sexualidade, foram peças centrais inclusive em argumentações que consolidam a gordura enquanto sinal de desajuste e abjeção ao longo da história, como argumenta pesquisas como a de Strings (2019).

Michel Foucault (1977) demonstra como a medicina ocupa um lugar de poder na transição para a modernidade. Uma mudança relevante para entender como ela se consolida, ao passo que expande técnicas de controle e domesticação corporal, é a reflexão sobre como a medicina passa de uma fase inicial de compreensão das doenças para um foco na perspectiva de vigilância e prevenção das doenças, através muitas vezes da exclusão de grupos que apresentam características consideradas anormais e patológicas para as normas sociais vigentes. Esses processos podem ser analisados sob a ótica do que o autor vai denominar como biopoder, o poder de controle biológico, controle sobre a vida e os corpos.

A análise do poder conferido à medicina para controle dos corpos está também articulada com a legitimidade que essa ciência tem na produção de conhecimento sobre eles. Como argumenta o autor, tanto o poder produz saber e, portanto, não existe relação de poder sem constituição de um campo de saber, quanto todo saber gera relações de poder em diferentes níveis (FOUCAULT, 1999). É a partir de provocações como essas, que podemos articular análises a respeito dessa equação entre legitimidade científica e a ideia de neutralidade, fazendo com que os estudos sobre corporalidades gordas, que não abraçam acriticamente essa linha biomédica, sejam vistos com uma dupla desconfiança, como aqueles que questionam um saber instituído, como o da medicina, e também como um movimento intelectual acadêmico questionado por sua articulação com o ativismo.

Portanto, valorizar a ciência que se propõe a investigar suas reais patologias, bem distantes das pré-condenadas ao limbo pelas ciências estabelecidas - medicina e suas adjacências - é um ato de rebeldia e de resistência. Ressignificar a leitura sobre o corpo gordo como um corpo invisibilizado, vítima de higienização, é tarefa que está sendo construída há algumas décadas em alguns países, porém muito recentemente no Brasil, por meio de teses e dissertações de pesquisadoras como Denise Bernuzzi de Sant'Anna (PUC-SP), Fernanda Magalhães (UEL), Natália Figueiroa (UFBA), Natália Rangel (UFSC), Bárbara Amorim (UFSC), Malu Jimenez (UFMT), Agnes Arruda (Unip), Patrícia Assuf (PUC-SP). (ASSIS, 2022, p.19)

Assim, cabe destacar que essa trajetória das pesquisas ativistas gordas diz diretamente sobre disputa de legitimidade, desafiar o status de “verdade inquestionável” da narrativa biomédica sobre obesidade é uma das principais batalhas travadas pelo ativismo gordo. Desta forma, os *fat studies*, e os outros campos de estudos críticos sobre corpos gordos que se desenvolvem posteriormente, são também uma resposta a isto, lutando dentro do próprio campo científico para abertura de novas perspectivas sobre as existências e resistências de pessoas gordas. A produção que começa a ser reconhecida com maior abrangência nos anos de 1990 e 2000 é resultado de articulações, pesquisas e sistematizações que já vinham sendo feitas nas décadas anteriores desde a emergência coletiva dessa pauta através do ativismo gordo.

Esse período de entrada nos anos 2000 traz consigo também uma inovação que transforma as possibilidades de expansão do ativismo gordo e torna-se um elemento central na sua organização atual. O crescimento da popularização do acesso à internet trouxe novas maneiras de criar redes entre ativistas, compartilhar documentos e, com o aparecimento das redes sociais online, ter a possibilidade de criar grupos de ativismo de grande alcance nacional e internacional a distância de um *click*.

O movimento de divulgação e compartilhamento feito pelos primeiros grupos e ativistas até então através de encontros presenciais, editoras independentes, *zines*, revistas e busca por espaço em mídias mais tradicionais como rádios e programas de televisão, encontrou na internet um ambiente propício para ganhar mais visibilidade e alcance através de uma ferramenta que prometia democratizar a produção e distribuição de informações. É a partir de *blogs*³³, listas de transmissões, *e-mails* e mais tarde plataformas como *youtube*³⁴,

³³ Os *Blogs* são plataformas virtuais concebidas inicialmente como “diários pessoais”, de fácil criação e acesso, permitiam postagens rápidas de textos e imagens, e posteriormente também vídeos e links, além da possibilidade de personalização da estrutura do *site*.

³⁴ *Youtube* é uma plataforma virtual de compartilhamento de vídeos lançada em 2005.

*tumblr*³⁵, *facebook*, *twitter*³⁶ e *instagram* que a luta antigordofóbica desenvolve sua relação íntima com o ciberativismo.

2.2 Pesquisa e ativismo gordo no Brasil.

Esse fenômeno de aproximação com o ciberativismo também é fundamental para que esses debates adentrem e sejam visibilizados como maior incidência no Brasil. Apesar de já haverem contatos e repercussão das pesquisas e ativismos gordo desde do começo dos anos 2000, é por volta de 2010 que experienciamos a emergência de uma série de articulações em torno dessa luta e, de acordo com as pesquisas de Natália Rangel (2017, 2018), as plataformas virtuais e as redes que se articulam em torno delas cumprem um papel muito relevante na construção e disseminação de conhecimento, que mesmo em sua conexão com fontes acadêmicas é socializado a partir de novas estratégias e relações.

No país essa mobilização é também fundamental nos processos de construção identitária de pessoas gordas, que começam a ver nessas ações novas ferramentas de reconhecimento de suas vivências e a possibilidade de se articular através de movimentos sociais e políticos a partir do seu encontro com outras pessoas gordas que dividem essas experiências por meio da *internet*.

O termo “gordofobia” passa a ser adotado no Brasil como uma tradução direta do inglês *fat phobia*, que é conceituado no bojo desses movimentos e estudos precursores e toma sufixo “fobia” para denotar a aversão a determinada característica ou vivência, em um processo análogo ao que ocorre com o termo homofobia, por exemplo. Há também o conceito de lipofobia, que aparece em alguns estudos como o de Claude Fischler (1995 *apud* JIMENEZ-JIMENEZ, 2020), mas fora do âmbito acadêmico “gordofobia” é a palavra mais conhecida, além de ter uma relação direta com a articulação ativista em torno desse debate.

O termo já aparecia em alguns dicionários informais na internet, mas só muito recentemente passou a ser reconhecido como um neologismo legítimo na língua portuguesa, incluído no *site* da Academia Brasileira de Letras com a definição de “Repúdio ou aversão preconceituosa a pessoas gordas, que ocorre nas esferas afetiva, social e profissional” (ACADEMIA, 2023). As ativistas gordas lutam pelo reconhecimento não apenas do nome,

³⁵ *Tumblr* é uma rede social online concebida para ser um espaço de compartilhamento de narrativas pessoais através da postagem de imagens, vídeos, textos, áudios e *links*, que permitiu uma grande possibilidade de personalização da plataforma, com alteração de fontes, planos de fundo, etc.

³⁶ *Twitter* é uma rede social online de atualizações rápidas geralmente em formas de textos curtos e imagens ou vídeo, atualmente conhecido como *X* após ser comprada em outubro de 2022, contudo, continuo me referindo como *twitter* ao longo do texto por esse ser o termo presente nas falas dos interlocutores.

mas principalmente do seu significado e também do reconhecimento de atitudes gordofóbicas no dia a dia. Agnes Arruda (2021) é uma delas, a pesquisadora começou a publicar primeiro de forma fracionada a respeito de expressões consideradas gordofóbicas, entre maio de 2021 e junho de 2022, na coluna quinzenal que escreve para a *Revista AzMina*, e conseguiu em 2022, através de um financiamento coletivo virtual, lançar a versão física do livro “Pequeno dicionário antigordofóbico”.

Nomear opressões, processos discriminatórios e outras violências é um passo central para seu reconhecimento social e enfrentamento. Em minha pesquisa do bacharelado em ciências sociais, uma das interlocutoras destacou a relevância desse, ato ao afirmar que a descoberta do termo “gordofobia” foi importante principalmente por gerar um senso de legitimidade ao processo que ela enfrentava e a possibilidade de punição dessa discriminação.

[...] acho ele um termo que se encaixa muito bem, porque deram um nome aos preconceitos que sofremos todos os dias, e não fica só como uma "piadinha inocente, sem maldade". Com o nome se tornou algo grave, que pode ter consequências, então de uma certa forma, pode dar, causar um medo nas pessoas por essas consequências. (Paula, 21 anos, negra e heterossexual). (SANTOS, 2021, p. 114)

Falar sobre a expansão desse debate no Brasil envolve destacar alguns elementos que são comuns a história do *fat liberation*, assim como apontar as especificidades da nossa construção nacional. Acompanhamos um processo que se consolida através do interesse ativista que começa a reunir pessoas gordas, e aqui mais uma vez é relevante pontuar que estamos falando quase exclusivamente de mulheres gordas, em torno desse debate que se instala em nosso país principalmente graças à expansão das plataformas e redes sociais virtuais.

Temos também, assim como no cenário inicial norte-americano, a relação do ativismo gordo com o feminismo, tendo em vista a confluência das pautas a respeito das opressões femininas, nas quais o valor estético cumpre um papel central. Aqui os debates a respeito da gordofobia também se articulam através de grupos e reflexões onde pautas feministas estão em campo. Apesar da relação com movimentos feministas não ser um pré-requisito exclusivo para as pessoas gordas que entram em contato com esta pauta, há uma correlação nesses processos de aproximação. No entanto, ativistas e pesquisadoras questionam o quanto movimentos feministas estão dispostos a dialogar e incluir pautas antigordofóbicas como elementos relevantes em seus debates e ações.

Apesar da discussão sobre a estigmatização da gordura corporal ter sido alavancada pelos ideais feministas em relação ao corpo, ela aparece geralmente enquanto pauta

secundária dentro do movimento feminista. Outras opressões que as mulheres sofrem são tidas como prioritárias como a desigualdade salarial, a violência doméstica, o direito ao aborto legal, etc. Há inclusive ativistas que questionam se o ativismo gordo deveria ser vinculado ao feminismo, uma vez que homens também sofrem gordofobia de maneira diferenciada. (RANGEL, 2018 p. 51-52)

Essa relação controversa de um ativismo gordo, que nasce e se fortalece em meio à luta feminista, mas não necessariamente é abraçado como um pauta central nos debates feministas, começa a gerar outras construções como o debate em torno de um “feminismo gordo”, movimento que nasceria da “[...] necessidade da existência de um pensamento feminista decolonial em relação às vivências e experiências das mulheres gordas, a partir de uma análise social e cultural da forma de tratamento e consequências da gordofobia na sociedade e na mídia contemporânea [...]” (JIMENEZ-JIMENEZ, ARRUDA e SILVA, 2022, p. 39).

A crítica à essa invisibilidade ou secundarização de pautas gordas em movimentos feministas vem gerando um debate epistemológico em torno de uma vertente feminista que pauta de maneira central as vivências gordas e seus atravessamentos de gênero, debate que emerge das reflexões sobre as mulheres gordas da América Latina, e mais especificamente do Brasil (JIMENEZ-JIMENEZ e SILVA, 2021). Essas ativistas têm se organizado pela internet e em coletivos presenciais e galgado também espaços dentro de outras organizações feministas.

Além disso, nosso ativismo vai culminar também em um processo de expansão da produção de trabalhos ligados a esta luta no âmbito acadêmico institucional. É relevante recordar que também aqui no Brasil, falar sobre interesse ativista não diz apenas sobre a identificação e construção de espaços para compartilhar violências cotidianas, mas também diz sobre o empenho de muitas ativistas em acionarem processos de pesquisa e sistematização, mesmo que fora das universidades, de informação sobre corporalidades gordas e antigordofobia. Diante de um cenário no qual esses conhecimentos eram a princípio bastante escassos, a pesquisa realizada através do intuito ativista foi e é uma ferramenta para o fortalecimento dessa luta e sua expansão também dentro dos circuitos acadêmicos nacionais.

No Brasil podemos pensar os estudos sobre corpos gordos divididos de maneira geral a partir de duas linhas. A primeira delas é a dos “estudos sobre obesidade”, que abrangem majoritariamente as áreas de saúde. Podemos classificá-la como um campo de pesquisas que investigam os corpos gordos a partir da conceituação biomédica de obesidade, acionando

principalmente o Índice de Massa Corpórea (IMC)³⁷ como ferramenta de identificação e classificação dessas corporalidades enquanto patológicas. A ABESO - Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica é um exemplo que reúne pesquisas em torno dessa perspectiva.

A segunda linha é intimamente vinculada ao ativismo antigordofóbico e atualmente é nomeada como “estudos transdisciplinares das corporalidades gordas”, um termo que surge da articulação da Pesquisa Gorda, o primeiro grupo nacional formalizado em torno do interesse em pesquisas antigordofóbicas, como afirma uma das suas fundadoras em entrevista cedida a mim a respeito da trajetória da pesquisa e ativismo gordo no Brasil.

Ele acaba se estabelecendo por causa da Pesquisa Gorda, a gente tinha a necessidade de nomear, até pra gente contrapor com os Estudos da Obesidade. Muitos de nós na época já tava dentro da decolonialidade, a gente não queria usar *fat studies*, a gente queria ter o nosso nome. Na América Latina tem alguns países que usam *estudios de la gordura*, a gente também não queria, então a gente votou [...] A partir disso que a gente coloca a discussão dos dois estudos, os Estudos da Obesidade, que é numa área mais biomédica, e os Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas que seria esses estudos ligados ao ativismo gordo, né? Ao questionamento dos Estudos da Obesidade. (Maria Luisa Jimenez Jimenez, entrevista online em 23 de outubro de 2023)

A Pesquisa Gorda é atualmente um nome de destaque na articulação de pesquisa e ativismo gordo no Brasil, portanto é relevante entender também sobre sua formação na contextualização desta história. Sua fundação está ligada à trajetória de ativismo e pesquisa da Dra. Maria Luisa Jimenez Jimenez, e em sua tese, “lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos” (2020), e na entrevista realizada por mim, ela demarca como esse processo emerge da sua busca por mais informação e articulação com outras pessoas gordas que também estavam se posicionando a respeito da gordofobia quando começa a estudar mais profundamente sobre o assunto, entre 2014 e 2015.

Seu primeiro movimento foi exatamente criar uma página no *facebook* que servia tanto para arquivar os textos, imagens e outros materiais que ela encontrava a respeito da temática, quanto para que ela pudesse ser encontrada por outras pessoas que também estavam estudando o corpo gordo, que neste período, segundo ela, ainda eram pouquíssimas. Inicialmente a página se chamava “Gorda Linda”, o que também reflete um caminho comum a muitas pessoas gordas, de se articularem primeiro através do fortalecimento da autoestima a partir do debate estético, o que na época também estava em voga através da visibilidade de canais ligados ao *body positive* e ao *plus size*.

³⁷ Para mais informações sobre a consolidação e contradições de os estudos da obesidade ver Poulain (2013).

Esse também é um elemento importante de diferenciação do ativismo antigordofobia que se estabelece com um debate considerado mais crítico e estrutural, e os movimentos de positividade corporal ligados a um ideal mais individual de empoderamento e autoestima, que não tem como centrais os corpos gordos, e por vezes acabam tomando como protagonistas corpos muito mais próximos dos padrões estéticos e perpetuando novas exclusões para pessoas gordas maiores, por exemplo, principalmente aquelas já atingidas por outras opressões como o racismo (SANTOS, 2021)..

As críticas a esse processo não são novas, autoras como Cooper (2008) já argumentam que tornar pautas como beleza centrais era um processo de cooptação capitalística de uma luta que se radicaliza a partir da pauta de combate a gordofobia como um processo de justiça social que deveria visar a conquista de direitos coletivos. Neste novo campo para o debate sobre corporalidades, que se estabelece a partir do surgimento de páginas em redes sociais online, coexistem essas diferentes perspectivas, sendo mais recente no Brasil um maior número de páginas ligadas a uma noção de movimento social e coletividade defendida também pela Pesquisa Gorda. Assim, é possível perceber neste processo inicial de expansão virtual, um maior número de páginas com foco em dicas de moda e debates em torno da autoestima estética como porta de entrada para a articulação de mulheres gordas.

Ainda sobre a origem da Pesquisa Gorda, o que começa como com uma página de *facebook*, vira posteriormente um grupo, entre 2017 e 2018, já com um novo nome “Estudos do Corpo Gordo”. Outro perfil com mesmo nome foi criado posteriormente também no *instagram*, e é neste período em que eu conheço a página a partir de um interesse que nesse momento já estava sendo articulado pelo início da minha pesquisa no bacharelado em ciências sociais. Me recordo também que por um tempo o perfil se chamou “Estudos do Corpo Gordo Feminino”, uma demarcação do quanto o ativismo e as pesquisas estavam voltados à realidade de mulheres gordas de maneira mais específica,

Neste mesmo período Jimenez é convidada por Flávia Durante, idealizadora do *Pop Plus*³⁸, para organizar uma mesa sobre pesquisa neste evento, um convite que tinha a potencialidade de tornar a pauta visível para mais pessoas no Brasil. De acordo com a descrição do próprio *site* do Pop Plus, a mesa reunia estudiosas de todo país para debater e avaliar os 10 anos de moda *plus size* no Brasil, a consolidação do movimento de ativismo gordo na internet e a presença do corpo gordo na mídia. Além de Jimenez, a mesa foi

³⁸ Pop Plus é, segundo a descrição do próprio site (<https://popplus.com.br/>), uma plataforma de moda e cultura plus size, que articula uma feira que acontece quatro vezes por ano em São Paulo. A primeira edição foi em 2012 com apenas 9 expositores e atualmente o evento conta com uma média de 80 expositores e um público em torno de 10 mil pessoas por edição.

composta por Patrícia Sufi A. Nechar (na época doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP), que segundo o relato de Jimenez Jimenez “veio muito antes dela”, além de Bruna Salles (na época mestranda História PUC-SP), Rosane Gomes (na época Pós-Doutoranda em Pós Cultura pela UFBA) e Natália Rangel (na época Mestranda em Sociologia Política pela UFSC).

Esse acontecimento é relevante para destacar também como há uma articulação entre o *plus size* e o ativismo gordo no Brasil. Entendendo que para além dessa denominação servir para demarcar um mercado de moda, ele também começa a ser acionado como uma local de identidade gorda, há coletivos e ativistas que utilizam esse nome, e eventos como o Pop Plus, onde além da comercialização existem atividades voltadas para o debate a respeito da gordofobia, e também uma forte presença nas redes sociais de *influencers* que são modelos *plus size* e debatem sobre gordofobia em suas páginas.

Apesar de haver também críticas por parte de pesquisadoras e ativistas a respeito do *plus size*, como minha própria pesquisa (SANTOS 2021), que aponta com ele não cumprir com as promessas associadas ao movimento, sendo muitas vezes um mercado pouco acessível por questões socioeconômicas, de distribuição geográfica e representatividade, criando também um novo padrão de corporalidade gorda que gera exclusões. Bem como a pesquisa de Marcella Uceda Betti (2014), que apresenta na sua dissertação as próprias disputas internas entre a ideia de um “movimento *plus size*” e um “mercado *plus size*”, havendo também profissionais desse mercado que fazem questão de negar a sua associação com ativismo antigordofóbico e estabelecem outros discursos sobre suas relações com o corpo gordo, estética e trabalho.

Depois dessa mesa pública no Pop Plus outras pesquisadoras começaram a entrar em contato e montaram um grupo de *whatsapp* para continuar se articulando, segundo relato, esse grupo cresceu rapidamente com as indicações de cada nova integrante, eram “[...] aproximadamente 30 mulheres que pesquisam o corpo gordo tanto nas universidades, como de modo independente, de áreas distintas e enfoques diversos.” (JIMENEZ-JIMENEZ-, 2020, p. 38. Neste primeiro momento, o grupo realizava algumas ações ativistas, mas ainda não era formalmente um grupo de pesquisa, é só em 2020, após o doutorado de Jimenez-Jimenez é que surge a iniciativa de articular institucionalmente o que é a “Pesquisa Gorda” atualmente.

Ainda nesse processo de transição, em meados de 2020, o nome “Pesquisa Gorda” nasce primeiro como um projeto de Jimenez Jimenez e da também pesquisadora e ativista Agnes Arruda. Ambas lançaram em um canal de *youtube* a Pesquisa Gorda através de uma iniciativa que funcionava com bate-papo quinzenal com pessoas que estavam pesquisando o

corpo gordo no Brasil a partir de uma perspectiva antigordofóbica. Este primeiro experimento não durou tanto tempo, mas entre as entrevistas publicadas no canal é possível observar uma diversidade na atuação e interesses das convidadas. Com nomes como o das ativistas pesquisadoras Jussara Belchior (bailarina gorda), Jéssica Balbino (jornalista e escritora), Flávia Novais (assistente social), KONO (escritora e ativista gorda, sapatão, antiespecista, pós-pornô e BDSM), Ale Mujica (Doutore³⁹ em saúde coletiva), Sarah Donato (cantora do projeto Rap Plus Size) e Aliana Aires (Doutora em comunicação e práticas de consumo).

É relevante observar a identidade visual desses primeiros projetos, apresentadas na Figura 4, nas quais há uma escolha de colocar em destaque as representações de corpos identificados como femininos, visto que são eles os mais estudados e abordados neste campo de ativismo e pesquisa.

FIGURA 4 - Identidade visual



Fonte: Montagem produzida pela autora com *prints* realizados 25 de outubro de 2023, à esquerda, *logo* da primeira página Estudos do Corpo Gordo retirada de postagem no site “Lute como uma gorda” (<https://lutecomoumagorda.net/sobre/>) e, à direita, *logo* do primeiro projeto Pesquisa Gorda, retirado de postagem no perfil do *facebook* de Maria Luisa Jimenez Jimenez (<https://www.facebook.com/malujjimenez>).

A logo do “Estudos do Corpo Gordo”, por exemplo, é um desenho baseado na imagem da própria Jimenez Jimenez, e ao fundo do *card* de lançamento da “Pesquisa Gorda” podemos visualizar a figura da Vênus de Willendorf, estatueta identificada como artefato do paleolítico que é considerada uma das representações femininas mais antigas que se tem notícia.

³⁹ Termo conforme apresentado na descrição do seu vídeo, visto que Ale Mujica se identifica como uma pessoa não binária.

A figura dessa “vênus gorda” foi amplamente apropriada por mulheres gordas como símbolo de reconhecimento histórico de um período em que o corpo gordo feminino ocupava um local de destaque, ela também foi recuperada como símbolo de identificação pelas ativistas do *Fat Underground*, como relembra Sara Fishman (1998), “Substituímos as guerreiras amazônicas do feminismo por nossa própria imagem de mães enormes e macias” (n.p, tradução nossa).

Por fim, em 2021, a Pesquisa Gorda se estabelece como o primeiro grupo de pesquisa institucionalizado sobre corporalidades gordas, quando Jimenez Jimenez entra no pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e consegue registrá-lo junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Atualmente ele também funciona enquanto uma linha de pesquisa do grupo Corpo e Afeto, coordenado pela Doutora Kathleen Tereza da Cruz, vinculado ao curso de Medicina da UFRJ. Ter esse debate sendo travado dentro de um grupo vinculado à formação médica representa um grande avanço para a pauta gorda, diante da disputa de narrativas que travamos com um discurso biomédico tradicional, majoritariamente fechado a novas perspectivas sobre corpos gordos.

Olha, eu acho que é uma luta de narrativas [...] Por exemplo, eu, quando eu vi eu estava vindo para a área da saúde, né? Vim fazer o meu pós doutorado dentro de um programa de psicossociologia onde todos os professores, em sua maioria, são médicos. A minha supervisora é médica. É um lugar de formação para médicos, eu tenho estudado com médicos. Tenho feito projetos com médicos, né? Estar nesses espaços, também é questionar a obesidade de dentro. Então, existe um respeito também por grupos de médicos. Porque não são todos os médicos, claro, a maioria médica é, mas existem médicos que estão questionando também. Que questionam saberes médicos, que leem outras coisas, que gostam de filosofia, sociologia, entende? Então eu acho que mudar a ABESO, essa galera, é muita grana envolvida para eles estudarem, e a gente não pode esquecer que a medicina é uma ciência masculina, patriarcal, violenta. Medicina é violência. Então, tem tudo isso, mas, isso não quer dizer que a gente não tá entrando nas frestas, como diz o Preciado, né? Temos entrado nas frestas, tanto que eu tô lá. Se não eu não teria nem sido aceita, né? Pelo programa. Aceita no CNPq, que eu falo sobre o estigma da gordofobia na obesidade, e tudo mais, né? Então, eu acho que a gente vem caminhando, sabe? Pra esse debate, essa discussão, eu acho que é uma questão de tempo, como foi pra homossexualidade, como foi pra o racismo, como tem sido, né? Não faz muito tempo que você ser sapatão era uma doença. sabe? (Maria Luisa Jimenez Jimenez, entrevista online em 23 de outubro de 2023)

Outro aspecto relevante diz sobre as relações que conseguimos estabelecer com a militância gorda de países latino-americanos. Jimenez Jimenez (2020) recorda em sua tese a importância do 1º Encontro Latino-Americano do Ativismo Gordo Feminino, que ocorreu em 2019 com representantes de vários países, inclusive do Brasil com a sua participação. Ele foi organizado pelo coletivo “*Gordas sin Chaquetas*”, de Bogotá na Colômbia, e foi intitulado de

“*GRR Gordes, Resistencia y Rebeldia - 1er Encuentro De Activismos Gordes Del Abya Yala Y La Diáspora Africana*”.

No mais, a fim de fortalecer essas relações de trocas com o ativismo gordo latino-americano, a Pesquisa Gorda busca incluir espanhol em suas chamadas de eventos e submissões, e também se articula algumas vezes diretamente com coletivos de países vizinhos, principalmente através da figura de Jimenez Jimenez que tem espanhol com uma das suas línguas nativas. Assim, no primeiro congresso da Pesquisa Gorda houve também inscrições da Argentina, Colômbia e Peru. Podemos então pontuar que falar do ativismo gordo no Brasil é também pensar sobre o cenário maior de articulações em torno dessa luta desde esse lado do sul global, refletindo sobre a expansão desse movimento também em outros países latino-americanos e quais são nossas especificidades geopolíticas e culturais nesse processo.

Constanza.Castillo (2014 apud NOVAIS e MACHADO, 2021), autora de *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, anticapitalista y antiespecista* (2014), reflete sobre a existência de muitas referências acerca da gordofobia situadas no que ela chama de “países do norte”, onde os *Fat Studies* se consolidaram e cresceram com a possibilidade de lançamento de diversas publicações, mas que, no entanto, são pouco acessíveis pela barreira da língua, elemento que a autora argumenta ser também um impulso para o desenvolvimento de uma produção ativista situado na contexto *hispanohablante*.

Destaco também como o ativismo latino-americano não se difere das produções estadunidenses apenas pelo idioma, nós estamos situadas a partir de outros atravessamentos e interesses. Castillo argumenta que não é a mesma coisa ser uma pessoa gorda nos Estados Unidos e na América Latina, isto sem falar em nossas diferenças entre os países desse território e das suas divisões internas, por isto é:

[...] importantísimo construir historia desde nuestra ubicación geopolítica, porque las fronteras, por muy creadas por la colonización que estén, forman diferencias contextuales necesarias de vislumbrar para detener la universalización de hacer política y la homogenización de las mismas cuerpas y experiencias.(Castillo, 2014, apud NOVAIS e MACHADO, 2021)

O Brasil ocupa um lugar distinto, visto que não compartilhamos o mesmo idioma dos nossos países vizinhos e como Jimenez Jimenez (2020, p. 196) relata, a respeito da sua experiência na organização do *GRR*, ela pautou que o evento tivesse também uma tradução para o português, já que havia constatado como entre ativistas brasileiros\brasileiras haviam mais pessoas lendo e falando em inglês do que em espanhol, um dado que também tem

relação com nossa proximidade ou não com as produções de outros ativismos latinos. Além de ter também outras características que diferenciam nossas articulações internas, como o tamanho do nosso território e suas desigualdades regionais.

Entre os países latino-americanos há um destaque da Argentina no envolvimento com o ativismo gordo, de acordo com a observação de Maria Luisa J. Jimenez em entrevista cedida a mim. Ela esteve presente no XIX Congresso da Associação Internacional de Filósofas, que ocorreu em julho de 2023 em Buenos Aires, convidada a falar sobre filosofia gorda, e situou que no país há muitos grupos e ativistas articulados com a pauta da luta antigordofóbica.

Os ativistas argentinos Laura Contrera E Nicolás Cuello lançaram em 2016 o livro “Cuerpos sin patrones: resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne”, a obra contribui, entre outras questões, com uma espécie de mapeamento da difusão do ativismo gordo latinoamericano. Cuello (2016 apud NOVAIS e MACHADO, 2021) afirma que em sua origem o ativismo gordo esteve vinculado a países de “primeiro mundo” e que isto faz com que nossas relações com consumo de bens, serviços e alimentação sejam diferentes, visto que na América Latina, a produção, distribuição e acesso de alimentos se dariam por vias que estão muitas vezes relacionadas com a pobreza extrema e má distribuição.

O autor questiona Como são os corpos gordos do sul? E, numa tentativa de resposta, propõe a reflexão acerca de um sistema sociopolítico em países da América Latina no qual o alimento é um privilégio, e as formas de consumo de comida são determinados, muitas vezes, pela possibilidade de compra de cada família, sendo em muitos casos escassos e pobres de nutrientes. Dessa forma, a gordofobia, em países do sul, está diretamente relacionada pela desigualdade econômica, criminalização da pobreza e estigmatização e apagamento de manifestações e corpos nativos e/ou não brancos. (NOVAIS e MACHADO, 2021, p 7-8)

Em entrevista para *Revista Fuerza*, questionada sobre as proximidades e disparidades do ativismo norte americano e latino-americano, Contrera também argumenta que:

No sé si lo vería como una contraparte, yo pienso más que nada en tráfico, vandalismo, apropiación y relectura torcida y desviada; lo que se hace desde las lecturas latinoamericanas tiene que ver con una fuerte crítica geopolíticamente situada, a veces viene bien reivindicar las coordenadas desde donde producimos. El activismo norteamericano que es el más mainstream, es heterocissexual, de clase media y blanco. (ESPUL e TELLECHEA, 2016, p 14)

A indicação dela de um ativismo classe média e branco não me surpreende, mas é instigante pensar como uma luta que se expande nos Estados Unidos com uma aproximação tão íntima com movimentos de diversidade sexual e de gênero tenha se transformado em seus processos a ponto de ser lido pela autora como um “ativismo heterocissexual”. Apesar dessa

disputa entre um ativismo *mainstream*, ajustado às normas sociais, e um ativismo que buscava romper também com as estruturas sexistas, racistas e classistas ser presente internamente desde o princípio, como reflito no começo deste capítulo a *NAAFA* também se inicia realmente vinculada a uma perspectiva bastante heterossexualizada.

Rangel (2018) nos recorda ainda que a articulação da luta contra a gordofobia em nossos territórios apresenta uma articulação direta com a construção de outros tipos de feminismos, ou com o que Sonia E. Alvarez identificou como “[...] o terceiro momento da trajetória feminista latinoamericana, o “sidestreaming”, definido como “o fluxo horizontal” dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil [...] (ALVAREZ, 2014, p. 17)” (p. 53). Talvez por isso também nosso debate ativista não deixe passar as críticas a essas contradições do ativismo norte americano, e que como argumentaram Novais e Machado (2021) precisam receber atenção entre os nossos próprios ativismos.

Estas questões a respeito da construção dos nossos ativismos desde *Abya Yala*⁴⁰ são bastante pertinentes e destaco aqui as possibilidades em aberto de pesquisa nesse sentido. Nicolas Cuello, também comenta em entrevista à *Revista Fuerza* sobre as características do contexto ativista em países latino-americanos, entre eles o Brasil.

Pienso actualmente en países como Brasil, Colombia, Chile, Paraguay, Perú, México y en Argentina, que están teniendo mucha producción crítica en torno a las corporalidades gordas y por lo general siempre son iniciativas que están muy vinculadas a la producción de prácticas artísticas contemporáneas, de dispositivos performativos, de intervención callejera, el diseño de imágenes socializadas en internet dispuestas para ser apropiadas y reproducidas; Eso también genera un marco de referencia político sobre la temática afectivo-política que están teniendo el activismo de la gordura en latinoamérica sudaca. Se están produciendo muchas cosas, desde muchas perspectivas distintas, algunas más vinculadas a prácticas artísticas, otras vinculadas a la producción de teoría, a la escritura de libros, a la gestión de espacios de sociabilidad, a la construcción de imágenes para la difusión pública, a proyectos editoriales, a proyectos fotográficos. También hay otras organizaciones que se están aproximando más a un discurso de reflexión en torno a modificaciones legales o a poder incidir en torno a poder a la implementación de una política pública, por ejemplo en torno a la ley de talles, hay diferentes cosas. (ESPUL e TELLECHEA, 2016, p 14-15)

Se em 2016 já havíamos desenvolvido uma mobilização marcante em alguns aspectos como comenta Cuello, nos últimos anos avançamos em outras áreas muito relevantes, como na produção e difusão acadêmica. É assim, que em 2022, temos no Brasil o I Congresso

⁴⁰ Significa “terra madura”, “terra viva” ou “terra que floresce”, é o nome dado pelo povo Kuna, originário do Panamá, para identificar o território que hoje conhecemos como América. O termo foi resgatado por organizações e instituições de povos indígenas, bem como, autores, autoras e artistas ligados a movimentos de decolonialidade, ele se popularizou após a publicação do documento “Povos Indígenas nas Américas (Abya Yala)”(2017) pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (National Geographic Brasil, 2023).

Pesquisa Gorda, do qual eu também participo. Com 200 inscrições, 68 trabalhos vindos de diferentes universidades e uma diversidade de áreas e recortes através dos estudos transdisciplinares das corporalidades gordas, o congresso contou também com espaços para divulgação artística e produção ativista que não estava necessariamente vinculada à academia.

FIGURA 5: I Congresso Pesquisa Gorda



Fonte: Imagem do cartaz de divulgação do primeiro congresso da Pesquisa Gorda, em setembro de 2022, Imagem retirada do site de divulgação do congresso (<https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/>) em 25 de outubro de 2023.

No Brasil, as produções vinculadas aos estudos transdisciplinares de corporalidades gordas tem, em sua maioria, abraçado os elementos auto etnográficos como relevantes para as pesquisas, como demonstra a tese de Jimenez Jimenez (2021). Essa elaboração metodológica também está vinculada a um debate epistemológico sobre objetividade e ativismo, da construção de “conhecimentos situados” (HARAWAY, 1995), isso é também consequência do fato de sermos majoritariamente ativistas, pesquisadoras ativistas, que reconhecem que suas experiências de vida enquanto mulheres gordas não são apartadas dos processos de investigação e construção de conhecimento.

Em minha pesquisa de graduação (SANTOS, 2021) tomei como referências para um debate interseccional da gordofobia também a produção intelectual de ativistas que estavam propondo reflexões sobre o tema desde suas redes sociais online. Naquela pesquisa ainda não estava investigando especificamente o *instagram* ou o ciberativismo gordo, mas compreendia que, mesmo não sendo considerado um texto acadêmico, o conteúdo que mulheres como

Ellen Valias, Luana de Carvalho, Dríade Aguiar e tantas outras ativistas gordas postavam em suas redes sociais online continham relatos ricos e análises pertinentes que contribuem para a construção de conhecimento antigordofóbico. Reflexões que provocavam, inclusive, àquelas e àqueles que se dispunham a investigar a gordofobia desde um ambiente universitário, apontando contradições e lacunas que podiam ser identificadas tanto naquele ambiente do movimento social quanto nas pesquisas acadêmicas, especialmente no que dizia respeito a intersecção entre racismo e gordofobia. Como demonstra o conteúdo a seguir, relato da ativista Luana Carvalho.

Eu e outras pessoas negras gordas, a gente observa faz muito tempo, sobretudo aqui na internet, a gente observa que temos um problema bem grande dentro do movimento anti gordofóbico, e esse movimento, ele é dominado por pessoas brancas. Isso não significa que só tenham pessoas brancas dentro do movimento anti gordofóbico, eu estou aqui pra provar, e mais um monte de gente [...] Quando o debate da gordofobia ele é dominado por pessoas brancas, acaba que as denúncias da gordofobia, ou seja, os problemas apresentados por essas pessoas, são problemas da perspectiva branca do rolê. Tende a ter um olhar muito elitista, uma visão muito elitista e isso é um problema, porque a gente vive no Brasil, a maioria da população do Brasil é pobre, é negra, e a maioria da população gorda é pobre e negra. E então, o que significa pessoas brancas dominarem o movimento? Acabam contando histórias únicas sobre a gordofobia e aí muita gente acha que a gordofobia é igual pra todo mundo [...] (Luana de Carvalho, IGTV, *Instagram*, @lxccarvalho, 17 de abril de 2020). (SANTOS, 2021, p. 12)

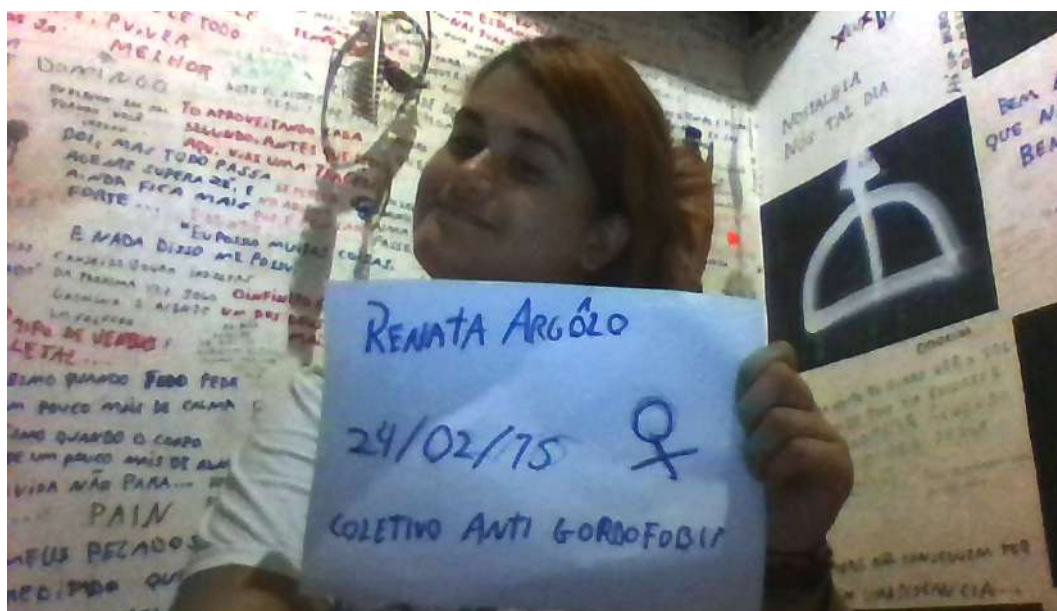
Essa é uma perspectiva que vem sendo enfrentada também pelas produções vinculadas a Pesquisa Gorda, como é possível observar nas pautas apresentadas pelo Manifesta Gorda, documento lançado pela articulação da Pesquisa Gorda na data de aniversário dos 50 anos de lançamento do “*Fat Liberation*”, manifesto produzido em 1973 pelo *Fat Underground*, como apontei no primeiro tópico deste capítulo. Neste documento, além de uma lista de exigências pelo fim da gordofobia, foi apresentado um debate que em dialogo com Strings (2019), reconhece que “ [...] a gordofobia possui raízes profundas inaugurada na escravização de corpos negros e femininos” (MANIFESTA GORDA, 2023, p. 3) e destaca, assim como no “*Fat Liberation*”, a afirmação de que “Estamos ao lado de outros grupos oprimidos contra o classismo, o racismo, o sexismo, o capacitismo, a LGBTQPIA+fobia, o etarismo, o adultocentrismo, a exploração financeira, o neoimperialismo/ neocolonialismo. Nossa luta é anticapitalista!” (p. 6).

Assim, além de apresentar alguns elementos a respeito de como o ativismo e pesquisa antigordofóbica tem se articulado no Brasil, destaco na conclusão deste capítulo, como essa trajetória também atravessa a minha própria trajetória enquanto ativista e pesquisadora.

1.3 Contextualizando minha trajetória enquanto ativista e pesquisadora gorda.

Meu contato com a pauta antigordofóbica não começa na academia, assim como a própria história desses movimentos, essa demanda parte da minha experiência pessoal enquanto mulher gorda, da vivência das violências gordofóbicas sobre as quais começo elaborar melhor através do meu contato com o ciberativismo e a necessidade de me articular com outras mulheres gordas. É o ativismo que constrói minha relação com a pesquisa das corporalidades gordas nas ciências sociais, assim como é através da pesquisa que encontro um caminho para também contribuir na luta através da produção de conhecimentos que questionam narrativas únicas sobre pessoas gordas.

FIGURA 6: Contato com o ativismo



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal da autora, registro de fevereiro de 2015. Legenda: Placa de identificação para ingressar como membra de um grupo de debate antigordofóbico no *facebook*. As placas eram uma estratégia usada pelo Coletivo Anti Gordofobia para ter algum controle sobre as pessoas que solicitavam entrada nele, a fim de garantir que fosse um ambiente exclusivo e seguro para mulheres gordas.

Ingressei como estudante do bacharelado de Ciências Sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB em junho de 2015, nesta época, recém-saída do ensino médio, vivia também o período em que estive mais gorda durante minha vida. É nesse cenário, na cidade de Cachoeira, vivenciando um grande processo de mudança e readaptação, um relacionamento abusivo e as descobertas dessa jornada nas ciências sociais, que fortaleci também minhas relações políticas através da entrada, a partir dali de forma presencial, em

coletivos e organizações sociais e políticas. O primeiro deles foi o GRITEM - Grupo Independente de Empoderamento de Mulheres, um espaço de articulação feminista na época mediado pela atuação do Fórum Anarquista Especifista da Bahia (FAE), do qual virei integrante. Além de espaços como o LES - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidades, Gênero, Raça e Sexualidade, grupo de pesquisa da UFRB do qual também continuo integrante.

Esses ambientes me proporcionaram um contato positivo com outras mulheres gordas, e mesmo que muitas delas não se posicionassem como ativistas dessa pauta, suas trajetórias de vida e produções artísticas e acadêmicas contribuíram em muito na minha formação e transformação de olhar para com meu próprio corpo. Destaco os nomes de Sarah Sanches, poetisa, jornalista e parceira também no LES, com a qual estabeleci trocas muito profundas sobre as dores e alegrias de habitar o mundo enquanto mulheres gordas e que se relacionam afetivo e sexualmente com outras mulheres. Aquila Jamile, cineasta que produziu conteúdos muito sensíveis e provocativos sobre vivências de mulheres gordas⁴¹, outra amiga com a qual construí um lugar seguro para trocar sobre nossas experiências diante da gordofobia. Além de Fernanda Abreu, conhecida como Poly, artista que me ensinou a desviar dos padrões, também amiga querida que me inspirou com sua coragem, rebeldia e beleza gorda.

Jimenez Jimenez (2020) afirma em sua tese que “ser ativista gorda feminista nos dias atuais requer muito mais que pesquisa, é necessário criar uma rede de apoio na militância e nas pesquisas acadêmicas.” (p.45). Eu estava começando a traçar a minha, mas é em meados de 2019, quando inicio meu processo de construção da monografia do bacharelado em ciências sociais, que começo a buscar com mais atenção por outras pesquisadoras que estavam investigando corporalidades gordas no CAHL - Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB.

Naquele momento mesmo com uma pluralidade de coletivos e grupos de pesquisa no centro, não havia nenhum especificamente dedicado a um olhar crítico a respeito da gordofobia, esse não era um nome que aparecia em nossos debates, não haviam docentes pesquisando especificamente sobre gordofobia, e apesar das ciências sociais fornecerem um rico arcabouço para reflexões sobre diferentes corporalidades, não encontro uma rede mais consolidada academicamente para trocar a respeito dessa área de investigação.

⁴¹ Ver “Pouso autorizado”, filme de Áquila Jamile, disponível no link <https://vimeo.com/331128654>.

Nesta busca por referências e contatos próximos, tive a feliz surpresa de cruzar com duas pesquisadoras, Rosemeire Paixão⁴², no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - PPGCS/UFRB, e Grasielle Amorim⁴³, na graduação de Serviço Social - CAHL/UFRB. Nós começamos a nos comunicar buscando criar essa rede possível para debater sobre nossas experiências enquanto mulheres gordas dispostas a pesquisar a temática. No final de 2019 criamos um grupo no *whatsapp*, que permanece ativo, onde trocamos referências e informações sobre encontros e publicações, além de ser um local de afeto e trocas sobre vida e ativismo, sobre nossas anseios e conquistas enquanto pesquisadoras ativistas envolvidas com a luta antigordofóbica.

Em 2021 propomos juntas um primeiro debate público a respeito do tema no congresso virtual da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O nome da nossa mesa foi “A gorda cabe na academia?: reflexões sobre pesquisas antigordofóbicas nas ciências humanas”, onde debatemos sobre o processo das nossas primeiras pesquisas e a relevância das trocas entre nós, sobre dificuldades, avanços e, entre outras questões, sobre a busca por reconhecimento da legitimidade dessa temática nas ciências humanas.

Um exemplo direto da provocação que estávamos apontando podia ser observada no próprio evento, naquele momento entre as mais de 900 mesas de discussão, um número recorde de submissões como foi divulgado no próprio site da UFBA, nós fomos a única proposta relacionada à temática da gordofobia, conforme eu conferi entre as mesas divulgadas. Esse foi um dado de diagnóstico relevante para pensar sobre a presença das pesquisas sobre corporalidades gordas aqui na Bahia.

Continuo essa trajetória de pesquisa agora com a conclusão dessa dissertação de mestrado e celebro a entrada de mais uma integrante no nosso grupo. Fui apresentada a Érica Estevam pela minha orientadora anterior, Dra. Suzana Maia, em uma optativa ofertada por ela sobre estudos interdisciplinares de gênero. A proposta de pesquisa de Érica chamou minha atenção principalmente porque ela vem de uma área que ainda pouco abraça essa temática, que é a Educação Física. Ter pesquisadoras vinculadas a formações em saúde que estejam pautando estudos críticos sobre corporalidades gordas é uma movimentação muito relevante para a luta por dignidade e acesso pleno às práticas de atividades físicas e saúde para pessoas gordas, além do questionamento do discurso biomédico tradicional sobre nossos corpos.

⁴² SANTOS, Rosimeire Paixão. Gordofobia, Resistência e Ativismo a partir do Movimento Vai ter Gorda em Salvador/ BA. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Cachoeira. Bahia. 2021.

⁴³ AMORIM, Grasielle GORDOFOBIA E GÊNERO: Preconceitos vivenciados pelas mulheres gordas da cidade Cachoeira/BA. Monografia (Graduação em Serviço Social – Centro de Artes, Humanidades e Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Cachoeira. Bahia. 2020.

A pesquisa de Érica, intitulada “O corpo gordo no espaço econômico da pobreza: Vulnerabilidades interseccionais no Sistema Único de Saúde”, está atualmente em construção também no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - PPGCS/UFRB e tive a oportunidade de contribuir com sua delimitação a partir da participação em uma mesa sobre seu projeto no “Ciclos de Afetos”, evento desenvolvido pelas turmas do PPGCS.

Em 2023 propomos um segundo debate público, focado agora na nossa experiência direta enquanto pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades E Desenvolvimento - PPGCS. Com o título "Desafios e potencialidades das pesquisas antigordofóbicas nas ciências sociais: um olhar desde o PPGCS/UFRB", estivemos presentes no IX RECONCITEC - Reunião Anual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura do Recôncavo da Bahia, evento construído pela UFRB.

O tema do encontro era “Ciências no plural: A Universidade é, em sua essência, diversa”, e esse é um voto que fazemos também ao nos dedicarmos às pesquisas transdisciplinares sobre corporalidades gordas, contribuir para uma abordagem realmente diversa nas ciências. Uma abordagem que possa construir novas narrativas sobre corpos gordos, ecoando as vozes dessa população, e não apenas isto, visto que descortinar esses processos que envolvem a produção de padrões corporais socialmente regulamentados diz sobre estudos que interagem com uma série de outras trajetórias de produção de violências, subjetividades e resistências.

Assim como, espero que esse capítulo possa ter contextualizado que o ativismo antigordofóbico em suas raízes e propósitos políticos é uma luta interseccional, e seu enfrentamento deve ser comprometido com o enfrentamento do sexismo, racismo, classismo e outras opressões situadas no contexto colonial e capitalista que também forja a própria gordofobia. Além de contribuir de uma forma mais ampla para o fortalecimento de uma produção de conhecimento que busca desnaturalizar “verdades” construídas às custas da marginalização de determinados corpos e vivências.

Nos últimos anos também pude compartilhar minha pesquisa o Centro de Artes, Humanidades e Letra da UFRB em outras ocasiões, através do convite de docentes para apresentá-la em aulas, ou do próprio estágio de docência do mestrado no qual ministrei o componente curricular “Tópicos Especiais em Antropologia V (Antropologia e Saúde)” em parceria com meu orientador, no qual pude contribuir na construção do plano da disciplina com sugestões também de pesquisas sobre corporalidades gordas, tendo um dos encontros reservados apenas para debater a respeito da gordofobia através de um olhar antropológico

sobre o corpo e a saúde. Agradeço, neste sentido, ao meu orientador Dr. Wilson Penteado Jr., pela recepção e apoio a introdução dessa temática no nosso centro de ensino.

Em agosto de 2023 também apresentei um recorte da minha pesquisa do bacharelado no seminário do LES, abordando ligações entre lesbianidades, estética e gordofobia. Além de ter recebido um convite para debater sobre gordofobia com crianças em uma escola da cidade vizinha, Cruz das Almas, uma ação que fez parte de um projeto chamado “Faz bem à saúde” e contemplava turmas de estudantes com idades entre 7 e 10 anos. Pude observar uma recepção muito positiva do tema por parte das crianças, inclusive demonstrando já ter tido contato com esse debate, o que situa também como ao longo desses mais de 10 anos de construção e ativismo antigordofóbico no Brasil, e principalmente pela sua disseminação nas plataformas de redes sociais online, crianças e adolescentes cada vez mais jovens podem ter contato com essas reflexões e a possibilidade de construir relações mais saudáveis com os próprios corpos.

Em minhas pesquisas tenho buscado pautar que uma perspectiva interseccional é fundamental para o entendimento da opressão de pessoas gordas. Desta forma, construir reflexões sobre outros sujeitos e identidades que coexistem nesse universo é uma das maneiras de expandir nosso olhar para realidades e perspectivas que têm buscado também consolidação dentro das bandeiras que constituem a luta antigordofóbica. Sem deixar de lado a trajetória histórica do ativismo gordo com o protagonismo das mulheres, mas entendendo que a inclusão de pesquisas sobre homens e outros sujeitos não conformados com essas identidades de gênero é também necessária para a construção de debates mais abrangentes e complexos sobre gênero e gordura. Sobre a gordofobia de maneira ampla, enquanto uma violência estrutural que atinge todos os corpos gordos em diferentes níveis e especificidades.

Ademais, entendo que meu desejo de investir na pesquisa sobre masculinidades e gordofobia também caminha lado a lado com a maior incidência desses sujeitos no ativismo gordo brasileiro, nos últimos anos acompanhei processos que instigaram meu olhar para essa população. Percebi, por exemplo, a mudança em um perfil de *instagram* que acompanhava e que antes se chamava “Papos de Gorda” e hoje é “Papos de gorda (e de gordo)” e também através da Pesquisa Gorda que conta com integrantes homens e pessoas não binárias que tem pautado outros debates sobre gênero e gordura.

Entre eles, destaco o contato que estabeleci com Lucas Modesto, com o qual desenvolvi trocas sobre nossas pesquisas de mestrado, visto que ele defendeu recentemente uma investigação sobre masculinidades e gordofobia através do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. A pesquisa intitulada “GORDURA NÃO É

COISA DE MACHO”: REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA NAS MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS (2024), também aponta resistências e contradições de comunidades ursinas, e o autor argumenta que, pretende mais do que apontar as diversas formas como homens gordos sofrem gordofobia, também destacando a necessidade que eles estejam presentes nesses debates e possam unir suas vozes com as vozes das mulheres feministas gordas, afim de somar na luta contra a gordofobia.

Esse processo de presença de outros sujeitos no ativismo gordo influenciou, inclusive, na explicação sobre a escolha do nome “pesquisas interdisciplinares sobre corporalidades gordas” como argumenta uma das coordenadoras da Pesquisa Gorda, “Também tava começando a linguagem de inclusão, né? E a gente não queria pôr gorda, nem gordo, queria por gordes, aí corporalidades gordas a gente achou que abarcava.” (Maria Luisa Jimenez Jimenez, entrevista online, em 17 de outubro de 2023).

Portanto, vê-los também construindo essa pauta, mesmo que em uma presença ainda menor se comparado ao protagonismo de mulheres, foi fundamental para começar a construir esta investigação que toma as experiências de homens gordos como centrais. Um movimento que também me fez questionar o lugar que esses homens ocupavam no meu imaginário e de que forma os via ou não como aliados nesta luta.

Por fim, é diante dessa trajetória, que culmina no cenário diverso do ativismo gordo hoje, que busquei focar minha investigação na experiência de homens gordos envolvidos com o ativismo antigordofóbico no Brasil, através do recorte de análise do perfil de *instagram* do Canal do Preto Gordo. Entendo a internet como uma ferramenta privilegiada para o ativismo gordo, a partir da qual grupos e indivíduos envolvidos nessa luta trocam e articulam informações, constroem conteúdo ativista, popularizam o conhecimento proveniente de pesquisas acadêmicas e vivências pessoais, sendo ainda o espaço majoritário de articulação dessa pauta. Assim, faço votos para que os dados apresentados nessa dissertação possam também contribuir para tornar cada vez mais complexo o olhar para os estudos e ativismo que há mais de 50 anos reivindicam outra realidade social para a população gorda.

3. NAVEGANDO POR MASCULINIDADES GORDAS: URSOS, INTERSECCIONALIDADE E A ORIGEM DO “CANAL DO PRETO GORDO”.

Comecei a acompanhar oficialmente o Canal do Preto Gordo – C.P.G⁴⁴ em abril de 2023, logo que encontrei o perfil ele me chamou atenção, visto que apresentou características que o diferenciavam dos demais que já observava, como exposto na introdução. Vinculados a ele estavam muitos perfis de homens negros gordos, mas não era só o acesso a esses possíveis interlocutores que me interessava, e sim o próprio formato do perfil com uma proposta de articulação coletiva entre esses homens. Mesmo administrado oficialmente por apenas um homem, Julio Cesar — que atua como organizador e mediador do perfil e do qual as concepções e escolhas são relevantes e visíveis nesse espaço — o Canal do Preto Gordo não tem o objetivo de ser focado na sua figura individualmente e sim na identidade preta e gorda que o associa aos outros homens que também constroem essa comunidade.

FIGURA 7: O Canal do Preto Gordo e seu criador



Montagem com duas capturas de tela realizadas pela autora no @canal_do_preto_gordo, em 17 de janeiro de 2024. Nelas é possível ver a página inicial do perfil e uma postagem no *feed* com foto do seu criador, Julio Cesar.

⁴⁴ A fim de otimizar o texto também usarei C.P.G como sigla para Canal do Preto Gordo ao longo da dissertação.

Na *bio* do *instagram*, espaço destinado à descrição do perfil, podemos ler o objetivo do Canal do Preto Gordo, que se anuncia como “Um perfil de empoderamento do homem preto gordo”. Atualmente o termo “empoderamento” é alvo de uma série de debates, em torno dos seus significados políticos, usos e possíveis distorções de sentido. Segundo a investigação desenvolvida por Joice Berth (2019) é possível localizar a abordagem de diferentes autoras e autores em torno da conceituação de empoderamento, mas ela destaca entre essas abordagens a relevância de não se distanciar dos objetivos coletivos dessa ação que só se efetiva diante de um processo no qual se afeta a realidade de “grupos minoritários” e não através de uma tomada de poder individual, visto que a própria noção de poder assumida em seu debate é do poder enquanto ação coletiva.

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p.18)

Berth (2019) argumenta que debates e práticas vinculadas a essa noção de empoderamento são historicamente presentes em articulação e movimento de lutas negras e no Canal do Preto Gordo a relação do perfil com essas lutas também faz com que o termo ganhe um local de destaque, tanto na descrição apresentada no *bio*, quando nas *hashtags*⁴⁵ e discursos afirmativos empregados principalmente pelo seu administrador.

Além dessa descrição, há também na *bio* do perfil uma frase afirmativa em destaque através de letras maiúsculas “PRETO E GRANDE É LINDO!”. A respeito dessa articulação entre estética e processos de empoderamento, Berth (2019) aponta que há críticas a essa relação, mas que não podemos desconsiderar a importância da estética para construção da autoestima e do quanto ela impacta nas possibilidades de articulação e luta de grupos historicamente oprimidos.

A autora aponta como essa valorização estética não resume o empoderamento, mas é relevante ao seu processo, principalmente para grupos que são subalternizados também a

⁴⁵ *Hashtag* é uma ferramenta usada em diferentes redes sociais online como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, elas são palavras chaves que quando escritas após o sinal de cerquilha (#) funcionam como *links* que agrupam postagens marcadas por essas mesmas palavras a fim de facilitar a pesquisa das e dos usuários e organizar o conteúdo por temáticas de relevância.

partir de discriminações que tomam suas aparências físicas como critérios para exclusão. “Principalmente quando consideramos que nas culturas ocidentais o belo/bonito é sinônimo de superioridade, ou seja, ultrapassa o campo da estética, uma vez que o senso comum aponta que tudo que é bonito só pode ser bom” (p.74) e consequentemente aqueles associados à feiura são também considerados maus e de menor valor.

No Canal do Preto Gordo essa valorização estética caminha lado a lado com uma série de outras ações que visam promover o compartilhamento de informações e a construção de referências consideradas positivas sobre as capacidades desses homens negros e gordos em diferentes âmbitos; ferramentas que atuam na construção de elementos apontados pela autora, como “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento” dos seguidores, a partir do enfrentamento do racismo e da gordofobia, bem como de outras opressões que interseccionam suas vivências, tendo em vista a diversidade de pretos gordos que compõe o C.P.G.

Em 5 de abril de 2024, em minha última conferência em trabalho de campo, o perfil contava com 3.115 seguidores, e cada conquista de um “K”, letra usada para simbolizar mil seguidores no *instagram*, foi comemorada no Canal do Preto Gordo. Em algumas *lives* foi possível acompanhar também um pouco da frustração do seu administrador diante das dificuldades de visibilidade e alcance na plataforma. Em seu relato ele destaca o papel do algoritmo⁴⁶ e a falta de apoio de perfis maiores, com os quais ele se indigna muitas vezes, relatando que perfis pequenos apoiam perfis de *influencers* negros que já tem prestígio e visibilidade, mas, a recíproca não foi verdadeira na sua experiência. Contudo, o interlocutor reforça também que há outros ganhos nesse processo que, independente dessa questão numérica, tornam a experiência do Canal do Preto Gordo importante para ele.

A gama de gente incrível que tem por aí, que tá produzindo conteúdo, que tá correndo atrás... E esse algoritmo dos infernos do *instagram* não reconhece, sabe? Tá boicotando essa gente de uma maneira absurda, gente que tem muito o que falar, tem muito o que ensinar, tem muito o que transmitir e fica limitado por um algoritmo que, sabe? Não ajuda de maneira nenhuma. Inclusive, o Canal do Preto Gordo também, né? Eu boto *hashtag*, faço vídeo, coloco no *stories*, faço *reels*... Eu tô ganhando prêmio de *reels* já, do *instagram*, de tanto *reels* que eu faço, graças a Deus, né? Pelo menos isso. Mas assim, acho que essa foi a melhor coisa que pode acontecer, de tanta gente legal que eu conheci e que pode me ensinar um tanto, coisas que eu nem atinava e achava... Não sabia, e nem prestava atenção, né? Muito legal mesmo. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

⁴⁶ Algoritmos são sequências de comandos, estratégias pré-determinadas que ditam instruções para máquinas como computadores cumprirem diversas funções. Nas redes sociais online os algoritmos ganham cada vez mais complexidade, no *instagram*, por exemplo, são usados para definir a sequência e ordem de conteúdos que serão visualizados pelos usuários a partir de critérios de relevância baseados nos seus termos de buscas, preferências expressas nos perfis, estratégias de publicidade e mecanismos pagos na plataforma.

Foi também esse intento qualitativo que me guiou na escolha do Canal do Preto Gordo no recorte desta pesquisa, a partir de um reconhecimento que não visava o alcance numérico do perfil e sim as relações desenvolvidas nele, relações que me ajudassem a compreender processos de engajamento de homens gordos com o ativismo antigordofóbicos.

O C.P.G se propõe coletivo desde a sua concepção, como afirma seu criador: “Quando eu boto Canal do Preto Gordo, eu não estou botando o meu canal por eu ser um preto gordo, mas, um canal de todos os pretos gordos [...]” (*live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo), uma missão que envolve uma série de dificuldades nessa busca por uma unidade demarcada pela identidade de “pretos gordos”, elemento que abordarei ao longo deste e dos próximos capítulos.

A respeito do alcance geográfico do perfil, é possível observar que há ali uma rede que reúne um número significativo de homens do estado do Rio de Janeiro, tendo em vista que o seu administrador é carioca e que são os seus contatos mais próximos que começaram a construir o C.P.G, ajudam a chegar até novos seguidores e multiplicam a divulgação do perfil no momento do seu lançamento. No entanto, o perfil não está restrito a essa delimitação geográfica, na verdade foi possível observar também uma diversidade com relação à origem⁴⁷ dos homens que compõem e contribuem para o Canal do Preto Gordo. Nas *lives*, por exemplo, registrei, além do Rio de Janeiro, a presença de convidados da Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pará, São Paulo, Maceió, Espírito Santo e Paraíba.

Quando iniciei a pesquisa tinha uma proposta centrada na ideia de trabalhar com a categoria *influencer*; contudo deixei de acionar essa categoria diante de alguns elementos como as mudanças no recorte e objetivos da pesquisa que ocorreram ao longo do campo, e a não identificação do administrador do C.P.G com essa definição. Assim, passei a considerar mais o processo coletivo desenvolvido no perfil do que a ideia de protagonismo individual que poderia ser vinculada à trajetória de *influencers*.

Eu acho que não cara, eu acho que falta tanta coisa para ser um *influencer*, e eu vejo tanta gente assim, com quatro, cinco mil seguidores, que “Ai, eu sou *influencer*”, sabe? Tá bom, você tem seu público, mas eu acho que não. Eu gosto muito de conversar, né? Apesar de eu ser canceriano, né? E ser tímido. Meu ascendente é aquário, então... Igual o canal, então assim, gosto dessa história de conversar, jogar conversa fora, de falar da vida dos outros, de trocar informação, de aprender. Eu

⁴⁷ Além disso, há também a presença de homens que não são brasileiros compartilhados no *feed* e *stories*, que além das fotografias, são encontrados principalmente nos vídeos que são postados com o intuito de servir como exemplos positivos da prática de esportes, dança ou outras atividades físicas. A maioria desses estrangeiros são estadunidenses, mas registrei também *posts* com homens da África do Sul, França, Espanha, Malásia e Portugal. Nas *lives*, no entanto, a presença é exclusivamente de brasileiros.

fazendo as *lives*, eu aprendo muito, muito! De assuntos que eu não dominava, então passo a pelo menos ter uma noção, né? Mas não sei se eu sou um *influencer* digital ainda, eu acho que não, né? Já me falaram isso: “Pow cara, tu é *influencer*!”. E eu falei: “Num sei não, se eu sou *influencer*, não me vejo como...”. Acho estranho isso, né? Porque quando todo mundo começa com essa história de internet, né? Seja no *youtube*, seja *instagram*, seja no *discord*, onde for, no *twitter*... As pessoas já “Ai, não, *influencer* digital”, mas não sei, acho que não. Ainda, eu não sei. Já me falaram isso, várias vezes. (Julio Cesar, entrevista online em 06 de maio de 2023)

Apesar de no relato anterior o interlocutor apontar sua atuação no C.P.G como um simples ato de “jogar conversa fora”, há por parte dele um investimento de tempo e energia dedicados na construção do perfil, que tem movimentação diária no *stories*, postagens frequentes no *feed* e *lives* semanais. Uma produção que demanda bastante dedicação nos bastidores através da busca por perfis de homens para serem compartilhados na página, análise desses perfis, contato e negociação para a postagem das fotos, além de uma observação mais dedicada ainda para a busca de convidados para as *lives* e as pesquisas sobre as diversas temáticas que são abordadas nesses encontros mediados por ele.

Além disso, outro elemento a se destacar é que esse trabalho não é marcado por um retorno econômico como objetivo imediato, como ocorre com outros canais e seus respectivos *influencers* que escolhem a produção de conteúdo virtual como carreira profissional. Não obstante, o interlocutor reconhece que seria positivo se isso ocorresse, inclusive como reconhecimento desse trabalho.

O objetivo principal é, como eu falei, servir de ponto de partida para aquela pessoa, aquele preto gordo, que não ouve sobre, né? E quer se redescobrir, quer um ponto de referência pra se entender como um homem preto gordo na sociedade. Nunca foi, e não é ainda, o objetivo de monetizar, mas se um dia acontecer a gente não reclama, né? A gente dá graças a deus, vai ser o reconhecimento a mais, né? Do algoritmo, né, e das pessoas, né? Assim, nossa, acho que monetizar o Canal do Preto Gordo seria top. (Julio Cesar, entrevista online em 06 de maio de 2023)

Profissionalmente o administrador do C.P.G é um funcionário público, analista administrativo. Ele também tem formação em jornalismo, o que analiso como uma característica marcante na sua atuação no Canal do Preto Gordo, visto que há notadamente uma preparação prévia dos momentos de trocas com os convidados, como ele chega a citar em meio a algumas *lives*, afirmando sobre seu processo de preparar pauta e pesquisar extensivamente as trajetórias, experiências e projetos dos convidados, apresentando também um toque de entrevistador no direcionamento de perguntas chaves e condução geral dos diálogos.

O perfil foi criado em janeiro de 2021 e, nesse primeiro momento, se chamava “Ébanos em Fartura”, nome que veio de um grupo de mensagens compartilhado por ele e

alguns amigos no *chat* da própria plataforma do *instagram*. Contudo, a página mudou de nome 4 meses depois da sua criação, segundo o interlocutor, a mudança foi motivada por uma reflexão de que esse nome poderia provocar uma associação estereotipada do conteúdo postado no perfil, associada a um lugar de sexualização. Além disso, ele relata que nesse processo, “Canal do Preto Gordo” surgiu como nome oficial porque deixaria mais nítido o objetivo da página, visto que “[...] o preto gordo vai se identificar sabendo que ali é um perfil pra ele, né?” (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023).

Essa preocupação que motiva a mudança do nome é apresentada em muitas falas do interlocutor, que destaca que não queria que o Canal do Preto Gordo fosse mais um espaço onde homens negros gordos ganhassem destaque apenas através da sua sexualização.

Puxando o gancho também da hipersexualização vamo ter uma mudança muito importante no nosso canal, porque assim, o nosso perfil não é para a sexualização do corpo gordo, eu acho que algumas pessoas inclusive... Semana passada eu tive uma conversa sobre isso, eu acho que os integrantes eles não estão entendendo qual é a proposta do perfil, não é sexualizar o corpo gordo preto, é empoderamento, e empoderamento significa que sim, nós podemos postar fotos sem camisa sim, nós podemos postar fotos de calção de banho na praia sim. Porque também nós somos bonitos sim e estamos aqui, existimos e temos a nossa beleza, e isso não é pra ser escondido, isso é pra ser mostrado, como qualquer pessoa normal faz. Isso não é motivo de demérito, isso não é motivo de vergonha, então o objetivo do canal é esse. Gente, quando eu falo com vocês *inbox* e peço: posso postar suas fotos? Não é porque eu quero expor vocês, é porque eu acho que vocês têm o direito de também terem seus corpos mostrados de forma natural como qualquer um. (Julio, em *live* de 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Essa pontuação feita pelo interlocutor a respeito do objetivo por trás das postagens de fotos dos homens também é uma tentativa de mitigar a desconfiança e receio que muitos apresentam a respeito da exposição das suas imagens que, de acordo com ele, seria uma das maiores dificuldades da produção de conteúdo do Canal do Preto Gordo. Além disso, ele sente a necessidade de separar aquele perfil de outros perfis existentes na plataforma que têm um objetivo mais centrado no interesse sexual por homens gordos, como seriam muitos daqueles vinculados às comunidades dos Ursos. Essa relação com os Ursos está diretamente envolvida na criação do C.P.G e, portanto, é relevante contextualizar do que estamos falando quando acionamos essa identidade.

3.1 Reflexões sobre comunidades ursinas, masculinidades e racismo.

De maneira muito geral, os Ursos, tradução do termo originalmente em inglês *Bears*, são definidos como homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens,

identificados principalmente pelas características físicas de serem peludos e grandes e\ou gordos, caracterização que, como veremos adiante, também é alvo de disputas e discordâncias na trajetória dessas comunidades. Além disso, a própria configuração estética vinculada aos Ursos é baseada no que autores vão sinalizar como a construção de uma masculinidade atrelada à ideia de “virilidade natural”, ou o que os integrantes entendem como uma masculinidade “mais autêntica” (HENNEN, 2005; CAROBA, 2021; TEXTOR, 1999).

Quando eu comecei a organizar minha proposta de debate sobre homens gordos acabei me deparando com alguns apontamentos sobre os Ursos. Esse termo não me era completamente desconhecido, porém tinha um contato muito superficial com esse universo, desconhecendo a fundo as questões que envolviam sua composição identitária, trajetória e contradições internas. No meu processo de pesquisa exploratória até sinalizei esse elemento dos Ursos em minhas anotações, mas até o momento não havia dado muita centralidade a essa categoria, visto que, quando vislumbrei espaços em que poderia analisar a presença e protagonismo de homens gordos no *instagram* busquei de maneira mais focada perfis vinculados ao *plus size* e a conteúdos de humor.

Entretanto, ao iniciar meu contato com o Canal do Preto Gordo esse cenário se transformou. Logo nas falas iniciais da entrevista com seu criador pude compreender que a sua relação com as comunidades ursinas⁴⁸ cumpria um papel fundamental na origem do perfil.

O perfil começou com... Digamos assim, um incômodo meu, um inconformismo meu. Porque assim, no *instagram* tem vários perfis de homens gordos, né? Os Ursos, né? Que são os homens gordos e peludos, né? Mas quando a gente sempre via... Eu, principalmente, eu via pretos nesses perfis, porque eles adoram pagar de democráticos, né? Sempre era o preto magro, ou era o preto musculoso, barriga tanquinho, ou seja, havia uma sexualização muito grande e incômoda com a imagem do preto, né? Mas os brancos tinham de todas as formas, tinha o magro, tinha a barriga tanquinho, tinha o Urso, tinha o *chubby* que é o gordo sem pelos, tinha todos os tipos E aí, mas cadê o preto gordo? Eu sinto que o do preto gordo não tem, né? E aí eu vi isso em uma, em duas, em três, em quinze, vinte páginas, o padrão era o mesmo, o preto magro ou preto musculoso, e aí eu falei, “Tá errado”. E aí eu comecei a perguntar na *DM*⁴⁹, para os administradores, né? Alguns amigos meus compartilhavam da mesma ideia e compartilhavam na *DM*, e a gente não tinha resposta. Como se diz antigamente, a gente ficava no vácuo, não tinha resposta nenhuma, visualizava e não respondia. E isso foi me dando uma agonia, uma revolta, que eu falei “Porra, isso é deliberado”, isso é uma coisa deliberada, o silêncio já mostrou isso. (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

⁴⁸ Ursina ou ursino são termos usados pelos interlocutores que têm contato com esse universo dos Ursos para qualificar e identificar festas, encontros, grupos e a própria comunidade.

⁴⁹ *DM* é a sigla para *direct message*, termo usado para se referir ao *chat* de bate papo do *instagram*, que também é às vezes chamado apenas de *direct* ou *inbox*.

Esse inconformismo que o interlocutor afirma diante da falta de representação de homens negros gordos em páginas ligadas a comunidades de Ursos, que em teoria deveriam abraçar também esses corpos, se apresentou como fio condutor de uma jornada que merece atenção nessa investigação. Pois, é a partir desse incômodo que se articula um rico processo de questionamentos a respeito dessas comunidades, de construção identitária e articulação de uma série de temáticas que atravessam a vivência de homens negros gordos e que são colocadas em visibilidade na construção do perfil. Portanto, é relevante entender, mesmo que de maneira resumida, quem são os Ursos, a fim de melhor analisar sua relação com o Canal do Preto Gordo.

O fenômeno das comunidades dos Ursos, e das outras categorias⁵⁰ ligadas a esses sujeitos, surge no início da década de 1980 nos Estados Unidos. Entre os elementos que influenciaram diretamente em um cenário mais propício a essa construção é relevante destacar a epidemia da HIV/AIDS; visto que o pânico gerado pelo medo de ser infectado pelo vírus acaba sendo importante em um processo de ressignificação das corporalidades no meio gay. Naquele momento retornavam leituras sociais que associavam os corpos muito magros a doenças, fraqueza e insegurança. Consequentemente, corpos gordos passavam a ser associados, nesse contexto específico, à saúde, visto que eram lidos como um sinal de que aqueles sujeitos não estavam infectados (TEXTOR, 1999).

Não obstante, a identidade dos Ursos emergia também como um processo que pode ser entendido como contracultural, visto que pautava uma resistência à padronização estética presente naquele momento no meio gay estadunidense, reivindicando como desejáveis características físicas marginalizadas diante da valorização de um padrão caracterizado por corpos jovens, magros e sem pelos, conhecido na época pelo termo *twink* (HENNEN, 2005). Sustentava-se, assim, um processo que trazia para o centro da atenção e do desejo homens gordos, homens peludos e homens mais velhos, ou seja, corpos que destoavam do que era reconhecido como a “estética gay” no padrão vigente.

Houve também uma construção performática associada a identidades estéticas de sujeitos enquadrados como trabalhadores braçais, como homens “comuns”, “naturais”, “rurais”, entre outros adjetivos que dialogam diretamente com o ideal de masculinidade desejado e defendido por membros dessas comunidades que começavam a se formar; tendo

⁵⁰ Além dos homens que são considerados esteticamente a representação dos Ursos e que se dividem em algumas subcategorias, principalmente a partir de características etárias e étnico raciais, há outros sujeitos habitando essas comunidades, como as *lontras* (“*otter*”, homens magros e peludos), *chub* ou *chubby* (homens gordos que podem ou não serem peludos) e o *chaser* (“caçador”, aqueles que independente da própria estética fazem parte da comunidade por terem atração pelos Ursos) (CAROBA, 2021).

em vista que esses homens foram tomados como representação de virilidade e autenticidade, características que estão no cerne da identidade ursina, como apontei inicialmente.’ (HENNEN, 2005; CAROBA, 2021; TEXTOR. 1999).

Além disso, a resistência contracultural apontada neste processo não está restrita apenas à variação da estética corporal. Também estavam em pauta elementos comportamentais e, principalmente em sua origem, um debate a respeito de formas de relacionar, reivindicando a presença de práticas consideradas mais afetivas.

A cultura do urso nasceu da resistência. De acordo com o historiador e fundador Les Wright, no início da década de 1980, os homens que frequentavam bares de couro em São Francisco e outras cidades começaram a colocar um pequeno ursinho de pelúcia na camisa ou no bolso da cintura como forma de "refutar o código do lenço colorido do clone", segundo o qual "homens de couro" gays colocam lenços de cores diferentes nos bolsos traseiros para sinalizar seu interesse em uma variedade de práticas sexuais. Não querendo ser objetificados e reduzidos a um interesse numa atividade sexual específica, esses homens ostentavam ursinhos de pelúcia para enfatizar seu interesse em "abraçar" (1997b, 21). Segundo Wright, essa era uma forma de dizer: "Sou um ser humano. Dou e recebo carinho" (1990, 5). (HENNEN, 2005, p. 26., tradução nossa)

Os “bares de couro”, citados no trecho acima, se referem a ambientes de encontro de uma outra comunidade, considerada também uma subcultura gay que se consolidou entre as décadas de 1950 e 1960. Muito couro em roupas e acessórios, chicotes, jaquetas e botas são elementos facilmente reconhecíveis da cultura *Leather*. Tal cultura é muito associada às comunidades de BDSM (bondage, dominação, sadismo e masoquismo), mas não se resume a isso, ela envolve pessoas de diferentes gêneros e sexualidades, mas foi especialmente incorporada por homens gays e se tornou parte significativa da trajetória homossexual masculina estadunidense.

Textor (1999) compreende o surgimento da comunidade *Bear* como emergente também da cultura dos “homens de couro gays”, sendo inclusive convergente na valorização de um ideal de hipermasculinidade, mesmo que a partir de elementos diferentes. Saez (2005 apud CAROBA, 2021) associa, inclusive, ambas identidades a um processo que poderia de certa forma ser comparado ao *drag king*⁵¹, visto que tanto os “homens de couro” quanto os Ursos, em sua busca por essa hipermasculinidade, acabam explicitando o caráter performático que ela tem e investindo também na indumentária como forma de demarcar essa identidade.

Contudo, a busca pela masculinidade que passa a ser performada pelos Ursos entra em confronto tanto com a expressão de masculinidade da cultura *leather*, que passa a ser considerada por eles como exagerada e pouco autêntica, quanto com o fenômeno que autores

⁵¹ *Drag king* é o nome dado à arte performática, geralmente realizada por mulheres, de interpretar personagens masculinos que a partir de um caráter caricatural explicitam estereótipos de gênero ligados às masculinidades.

descrevem como um processo de “efeminação dos homens gays” (CAROBA, 2021; TEXTOR, 1999; HENNEN, 2005). Processo esse reconhecido, por exemplo, na performance associada aos *twinks*, mas além disso, no que Textor (1999) demarca como uma efeminação dos corpos de homens gordos, mesmo quando não associado ao argumento da homossexualidade.

Diante desse cenário, os Ursos reivindicam para si a reprodução de ideais de virilidade ligados ao imaginário da natureza selvagem, do trabalho pesado e da negação de intervenções estéticas como a depilação, o emagrecimento ou ginástica para definição muscular, elementos que acreditavam contribuir para uma performance reconhecida como autenticamente máscula.

[...] o discurso médico de que gordos têm mais progesterona e portanto desenvolvem peitos e mais curvas criou a realidade de que homens gordos eram geralmente vistos como afeminados [...] O urso, talvez seja possível dizer, veio para suprir esse espaço como suplemento de gênero, funcionando como uma série de próteses de masculinidade que poderiam se acoplar ao corpo gordo através de certos traços semiótico-técnicos como a barba, os pelos no corpo, no peito, na barriga e um comportamento mais “ másculo”. (CAROBA, 2021, p. 64)

Essa noção de “próteses de masculinidade” argumentada pelo autor é bastante instigante e me leva a uma associação com o debate que desenvolvi em minha pesquisa de conclusão do bacharelado em Ciências Sociais (SANTOS, 2021), onde analisei as vivências das interlocutoras através da noção que chamei naquele momento de “estratégias de compensação”. Essa noção nasce da compreensão de que há para os corpos gordos um caminho imposto para obter algum nível de aceitação social que envolve dispor de artifícios de normatização, artifícios que cumprem o papel de tornar aqueles corpos gordos mais próximos da norma social através do reforço de alguns padrões estéticos e comportamentais socialmente valorizados.

Nessa pesquisa anterior, trabalhei com mulheres gordas — em diferentes posições raciais, econômicas, etárias e de sexualidade — e identifiquei o reforço de ideais de feminilidade hegemônica e branquitude como estratégias de compensação, tomando como exemplo, além das vivências da interlocutoras, uma análise do mercado de moda *plus size*, no qual o investimento em modelos brancas, curvilíneas e hiper feminilizadas é muito mais presente, a fim de apresentar ao público um corpo gordo feminino que nessa lógica seja mais facilmente aceito, ou tolerado, por sua proximidade com outros padrões valorizados na norma social vigente (SANTOS, 2021).

Na presente pesquisa, em diálogo com Caroba (2021), reflito também a respeito do funcionamento dessas estratégias de compensação na vivência de homens gordos, onde um

padrão de brancura e masculinidade mais adequada à norma social configurada pela cisheteronormatividade podem articular também maneiras de lidar com a exclusão gordofóbica. Diante desse fenômeno abordado, da atribuição de características consideradas feminilizadas aos corpos gordos de homens, é possível analisar o investimento dos Ursos nesses reforços de virilidade também através de uma lógica de compensação que nesse caso é interseccionada pela homofobia – manifestada na não aceitação, ou condenação da efeminação.

Além disso, o autor faz um paralelo desse processo vivenciado por homens gordos com a pesquisa de Thomas Gerschick e Adam Miller a respeito de como isso se apresenta também na vivência de homens com deficiência, o que demonstra “[...] como esse redobramento de esforços é só uma das estratégias utilizadas, na verdade, para situações em que a constituição da masculinidade pela performance corporal não consegue ser sustentada, revelando uma vulnerabilidade do gênero.” (CAROBA, 2021, p. 32).

Outro diálogo relevante nesse sentido pode ser observado na tese de Juliana S. Gonçalves (2021), que analisa também tecnologias e próteses de gênero no que ela compreende, através da conceituação de Rita Segato, como “mandato de masculinidade”⁵². Nesse caso, a autora amplia as definições dos aparatos acionados por esses sujeitos, além de pensar nos elementos mais diretamente ligados ao corpo (estilo de roupas, cabelo, acessórios, modificações corporais etc.), ela também destaca o uso de bens materiais como carros, motos e outras próteses que podem representar um status de poder nessas performances de masculinidade que são externas à constituição física dos sujeitos, mas também se tornam uma extensão delas na sua representação social.

Essa leitura feita pela autora pode ser útil na análise de como estratégias de compensação podem se configurar de formas distintas para corpos gordos a partir da identidade e expressão de gênero dos sujeitos. Pois, a cobrança de padronização estética que recai sobre as mulheres têm um peso mediado pelo contexto social em que seu status é medido em primeiro plano pelos seus próprios corpos, sendo a beleza uma das qualidades de maior significância, enquanto homens podem ser valorados por outros elementos, como suas possibilidades econômicas, o que abre outras estratégias de compensação que não estão associadas apenas ao controle corporal da sua estética.

⁵² “Para Segato, a masculinidade é um tipo de mandato, que deve ser mantida como um título, um tipo de status que requer comprovações constantes e que são legitimadas entre os pares que compõem a corporação masculina. Se masculinidade é entendida pela autora como sinônimo de potência que precisa ser exibida e demonstrada, esse mandato se nutre a partir da cobrança de tributos do feminino e de controle desses corpos. Dessa maneira, a desigualdade é condição de existência do sistema de gênero patriarcal.” (GONÇALVES, 2021, p. 17)

As noções de potencialização e compensação construídas simbolicamente por meio das próteses têm pesos distintos, em especial quando consideramos a dimensão corpórea da identidade de gênero. [...] Voltando aos exemplos de próteses recorrentes nos modelos tradicionais de masculinidades normativas, como é o caso do dinheiro e de outras formas de recurso financeiro, como carros caros, joias, roupas de marca, bebidas caras, ainda que façam sentido na composição de posições específicas dentro do espectro de feminilidades, esses elementos não são capazes de compensar o que é entendido como fragilidades simbólicas da carne da mesma maneira como operam com os corpos lidos como masculinos. (GONÇALVES, 2021, p. 183)

De maneira que, mesmo o poder econômico das mulheres é melhor percebido não em suas posses externas, mas no investimento que fazem em modificações corporais. É mais visível, por exemplo, identificar casais famosos, em que temos mulheres ajustadas aos padrões estéticos sociais, sendo companheiras de homens que podem não cumprir esses requisitos desde que os compensem através de outras exibições de próteses de poder, como o acesso financeiro. Isto não significa que homens não “[...] paguem preços ou gozem de privilégios, a depender da localização de seus corpos nessa régua normativa, mas não se pode negar que elementos como o envelhecimento e o sobrepeso sejam cobrados das mulheres de forma mais perversa.” (GONÇALVES, 2021, p. 187).

Entre essas próteses possíveis para sujeitos dentro do espectro das masculinidades, identifico na constituição dos Ursos o reforço de um padrão másculo, ou como descrito a partir das leituras sobre essas comunidades, um padrão hipermasculino. Esse padrão, inclusive, nega em seu discurso o investimento em modificações corporais, apesar das vestimentas, crescimento da barba e outros elementos serem também uma composição estética planejada, eles entendem a depilação, o emagrecimento ou a musculação como uma falta de autenticidade.

Contudo, cabe destacar também que, posteriormente há sujeitos que ocupam essas identidades de Ursos e se negam a cumprir essa performance de hipermasculinidade, que é diretamente associada a elementos cisheteronormativos, tensionando dentro das comunidades ursinas novas perspectivas de como “ser homem”, como abordam os dois projetos com os quais diálogo nesse capítulo, o Canal do Preto gordo e o Urso Preto da Favela⁵³.

Diante disto, também é preciso demarcar como o acionamento dessas próteses é mediada pelo elemento racial. No caso dos homens negros a aproximação com padrões de masculinidade hegemônica pode ser buscada através de diferentes estratégias, mas não é possível de ser alcançada com êxito total diante da constituição histórica colonial que os

⁵³ Projeto de um dos seguidores\colaboradores do Canal do Preto Gordo que apresentarei adiante.

localiza enquanto “homens de segunda categoria”. Além de outros elementos de desigualdades entre as masculinidades, como a orientação sexual, que é outro fator relevante para a presente investigação.

Como argumenta Rolf M. Souza (2013), as sociedades ocidentais, especialmente as marcadas pela experiência colonial, apresentam seu padrão de masculinidade hegemônica baseada na posição branca, heterossexual e burguesa, de maneira que embora os homens possuam privilégios mediados pela sua condição de gênero, essas vantagens sociais são assimétricas através da presença de elementos como classe, raça /etnia, religião e orientação sexual, nas quais considero relevante também destacar a realidade de homens com deficiência e homens gordos maiores. Assim, quando Gonçalves (2021) argumenta que:

No arranjo heteronormativo, enquanto as mulheres são associadas aos atributos do corpo, os homens são associados às qualidades do espírito e da racionalidade. Logo, nessa construção de feminino ligado à virtude do corpo, reforça-se a relação simbólica de beleza como elemento de um suposto poder, que gera admiração e sucesso em diversos sentidos (afetivo, financeiro, profissional). (p.188)

No caso dos homens negros, o processo colonial nega essa atribuição de racionalidade que é acionada como fator hierarquização nessa construção de gênero. A partir dos processos de racialização esses homens são também identificados socialmente como “mais corpo do que mente”. Assim, é preciso destacar o racismo como elemento que configura essas possibilidades de acionamento de próteses de masculinidade associadas às estratégias de compensação que podem ser acionadas por homens gordos em seus diferentes contextos.

Contudo, esse padrão de masculinidade não deixa de se apresentar como horizonte, visto que “[...] as projeções de gênero, invariavelmente, jogam com as faltas e fragilidades e é isso que faz com que cada homem (assim como cada mulher) renove cotidianamente seu compromisso com a gramática heteronormativa, em busca de alcançar um padrão inalcançável” (GONÇALVES, 2021, p.96).

Até aqui é possível dizer que certamente o debate das masculinidades está em foco no cenário dos Ursos. Contudo, tendo em vista o objeto da presente pesquisa, cabe perguntar: até que ponto essa trajetória converge com o ativismo gordo? O corpo gordo é o real protagonista no universo ursino? E baseado na reivindicação apresentada pelo criado do C.P.G, podemos ainda perguntar: qual corpo gordo tem espaço nesse cenário dos Ursos?

Ao pesquisar sobre as origens e trajetórias dessas comunidades ursinas, me deparei com um processo marcado em muitos momentos por discordâncias e disputas com relação à definição de quem pode ser classificado como Urso e quais características os definem, além

de debates que, inclusive, argumentam que os Ursos nunca tiveram uma forma física única e fixamente definida, e que assim sendo, o seu principal signo era “[...] de uma certa masculinidade ao mesmo tempo selvagem e austera, enquanto seu contorno físico era, antes, definido pelo que ele não era: um corpo magro ou malhado. Graças a isso, um urso pode ser associado a uma grande variedade de corpos, entre eles o corpo gordo.” (CAROBA, 2021, p. 45).

No entanto, essa flexibilidade é ora aceita por alguns sujeitos que entendem que a autoidentificação e uma certa “atitude” caracterizam quem pode ser ou não um Urso, ora negada e questionada também por integrantes dessas comunidades que entendem que essa é uma distorção da identidade ursina. Caroba (2021) também abre tópicos em torno desse debate e lança mão de questionamentos a respeito da ligação dos Ursos e do combate à discriminação dos corpos gordos, tendo em vista sua defesa do argumento de não seguirem as normas culturais vigentes de atratividade.

[...] qual a relação observável dos ursos com o corpo gordo? Existe alguma falha de percurso entre o discurso “body positive” até a aceitação efetiva? E quando ela se realiza, como efetivamente a “aceitação” do próprio corpo se realiza entre os ursos? O fator geracional incide de forma muito marcante nessa questão: parece que, quanto mais velho o urso, mais ele se preocupa com estar “acima do peso”. Também é possível argumentar que o termo “body positive” se trata de uma noção, no mínimo, vaga. De fato, é historicamente demonstrado que a categoria do urso facilitou e encorajou que muitos homens maiores ou “acima” do peso, como se costuma dizer, pudessem se aceitar e permitiu que pudessem ser vistos como sujeitos de desejo. Mas seria possível dizer que o urso representou a libertação do corpo gordo? (p. 62)

O autor em suas indagações traz para o campo da análise o *body positive*, e não o ativismo gordo que deu origem à luta antigordofóbica que conhecemos hoje. É interessante destacar ainda que, apesar de falar em seu texto sobre “preconceitos contra corpos gordos”, inclusive, apresentando a si mesmo como um homem também gay e gordo, em sua dissertação o debate não é mediado pelo termo “gordofobia”. Elementos sobre a exclusão de corpos gordos não deixam de ser acionados, mas não são referências sobre estudos transdisciplinares de corporalidades gordas que ganham centralidade no seu recorte. Apenas em um único trecho do seu texto, em que um dos seus interlocutores relata sua experiência de exclusão em um aplicativo de relacionamento ursino, encontramos uma afirmação de que aquele homem sofreu “agressões verbais gordofóbicas”.

Assim, é preciso compreender que por mais limítrofes que sejam esses debates, a comunidade *Bear* não é necessariamente um movimento de ativismo antigordofóbico. O autor, inclusive, questiona até o uso do termo “movimento” para se referir aos Ursos, visto

que ele analisa que muitos dos grupos ligados a essa cultura podem ser considerados comunidades, segundo definição de Kozinets (2014), como um “[...] grupo de pessoas ou lugar “comum” interacional onde se compartilha interação social.” (apud CAROBA, 2021, p.12), mas que atualmente seria difícil chamar as comunidades dos Ursos de um movimento político.

O mais perto que é possível de se encontrar disso hoje são as organizações que promovem festas onde os ursos se juntam, se abraçam, se amam, mas assim que a festa acaba, o grupo também acaba. Digo isso porque o termo “movimento” é bastante presente em diversos textos acadêmicos que abordam os ursos, como os de Diniz (2017) e Marmolejo (2004), mas talvez seria interessante questionar seus usos, já que não se encontra entre os ursos algo que se possa chamar de um “movimento político” sendo pensado coletivamente e orientado a algum fim específico. (CAROBA, 2021, p.12)

Nesse sentido é relevante para a presente pesquisa apresentar também como existem disputas de narrativa que privilegiam mais ou menos a centralidade dos corpos gordos na identidade dos Ursos. Esse percurso nos leva para suas proximidades e afastamentos com o *Girth & Mirth*, outro grupo de destaque nesse contexto e que, segundo Textor (1999), teve maior influência do protagonismo lesbofeminista que estava construindo as bases do ativismo gordo daquele período. Ao passo que o autor relata que entre os Ursos essa convergência foi menor, e outros autores como Hennen (2005) também afirmam que para certos segmentos dos Ursos essa proximidade com bases feministas foi por vezes até explicitamente evitada, tratando com hostilidade o que reconheciam com um “feminismo agressivo” que também poderia convergir na temida efeminação que eles se dedicavam a combater, muitas vezes através de um posicionamento masculinista

Hennen (2005) contextualiza que as ações dos Ursos também foram positivamente reconhecidas por pesquisadoras feministas a partir das rupturas que provocaram a respeito de padrões estéticos e pela tentativa de construção de uma masculinidade gay que desafiava pressupostos hegemônicos, como no caso citado mais anteriormente a respeito da reivindicação do afeto e humanização dos seus corpos e relações. Contudo, também se critica o fato de os Ursos apoiarem sua identidade na busca por uma masculinidade que se pode entender, inclusive, como essencialista, ao acreditar no resgate de uma performance masculina “natural e autêntica” que também os afasta de pautas colocadas por esse campo feminista.

Ainda sobre a contextualização sobre o *G&M*, *Girth & Mirth* que em uma tradução literal significa “circunferência e alegria”, esse grupo surge como uma comunidade que,

diferente dos *Bears*, não se baseava necessariamente num padrão másculo e peludo, e sim na gordura como elemento central de identificação sendo, de acordo com Caroba (2021), fundado por e para homens efetivamente gordos.

O autor descreve o *Girth & Mirth* como um movimento de “aceitação do próprio corpo”, não à toa sua fundação ocorre em São Francisco, Califórnia, em 1976, um período e localidade que, como contextualizado no capítulo anterior, foi marcado pela efervescência de movimentos ligados ao ativismo gordo e às manifestações e organizações em torno de dissidências sexuais e de gênero, com forte protagonismo feminino e feminista.

O *G&M* surge antes dos *Bears* e tem uma forte influência em sua criação. Contudo, ao longo da sua trajetória os Ursos se constituíram a partir do afastamento do *G&M*, que Caroba (2021) argumenta estar localizado principalmente nas problemáticas de performance de gênero, o que não era a grande questão para o *Girth&Mirth* mas, sem dúvida, foi para os Ursos, um afastamento que também trouxe impactos no protagonismo que os corpos gordos tinham dentro das comunidades ursinas.

Assim, ao longo do tempo, os corpos gordos vão perdendo o lugar de destaque e associação direta com os Ursos, a seleção de qual “fora do padrão” deve receber maior centralidade nessa comunidade vai se alterando, e é também a partir do inconformismo com esse apagamento de corpos que deveriam encontrar espaço ao menos dentro de uma comunidade tão específica, que começa a jornada do Canal do Preto Gordo. Uma jornada, que, vale destacar, vai além da denúncia do apagamento dos corpos gordos, visto que no C.P.G a pauta de denúncia é especialmente centrada no combate ao caráter racista presente na trajetória de comunidades ursinas. Um processo intrinsecamente ligado às vivências do próprio administrador do perfil, enquanto um homem mais velho⁵⁴, preto, gordo e gay.

É uma situação muito complicada, porque, como eu disse, a gente tá tocando em pontos delicadíssimos que não são falados, e aí tem duas vertentes. Primeiro dos pretos gordos héteros e a dos pretos gordos gays, têm diferença? Um pouquinho, porque a dos pretos gordos gays, não sei se você sabe Renata, a gente tá num meio muito vazio, né? Em que assim, a beleza é que conta, o tamanho do membro é que conta, se você é viril é que conta, né? Ou então assim, não cabe no meio gay o que você é, cabe o que você tem, né? Então assim, é um meio muito cruel, principalmente para quem está fora do padrão. Apesar de ser bem racista, o meio dos Ursos, por exemplo, apareceu nos anos 70 por causa disso, porque eles não se enquadravam no padrão, então eles fizeram a mesma coisa que o Canal do Preto Gordo, “Vamos criar nossa mesa, né?”. Até que começaram a tomar a narrativa, né? Com os *muscle bears*, que são os Ursos musculosos. Pra mim aquilo não é Urso, mas aí é outra história. (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

⁵⁴ O interlocutor tinha 51 anos quando a entrevista foi realizada.

Esse discurso sobre a cobrança estética em meio à comunidade gay é reiterado pela maioria dos convidados das *lives* que debatem sobre essa temática da sexualidade no perfil do Canal do Preto Gordo. O reconhecimento desse padrão e as demandas levantadas pelos sujeitos que não se enquadram nele não são processos recentes, como o próprio interlocutor sinaliza em sua fala sobre o surgimento da comunidade ursina e suas contradições.

Textor (1999) ao pesquisar sobre o que ele denomina de *big man's movement*, analisa revistas ligadas a comunidades ursinas estadunidenses e argumenta que enquanto na política lesbofeminista – que como apresentado no capítulo anterior esteve diretamente envolvida na emergência do ativismo gordo – há uma politização contínua da imagem corporal e das normas que a cercam, na política gay masculina isso é menos presente. Segundo o autor, a construção que pode ser vista através desses documentos analisados revela que estavam mais focados em um terreno erótico e em reconstruções gays de ideais de masculinidade, reconstruções que acabaram também reforçando normativas já estabelecidas.

Relevante destacar também a categoria citada pelo administrador do C.P.G, os *muscle bears*, que são um ponto de tensão no debate a respeito da caracterização dos Ursos. O incômodo relatado por ele reside exatamente no entendimento de que uma das grandes subversões daquela comunidade era trazer corpos gordos ou não adequados ao padrão musculoso para o centro, mas, que ao longo do tempo esses corpos tiveram que dividir, ou diria até disputar, espaço com corpos musculosos que foram transformando a imagem corporal inicial do que entendia enquanto Ursos.

Os *muscle bears* não são unanimemente aceitos como parte dessa comunidade, como revela a fala do interlocutor, contudo, pesquisas como a de Caroba (2021) demonstram que essa figura ganhou cada vez mais espaço dentro das comunidades ursinas brasileiras, num deslocamento que toma os pelos e outros elementos ligados à noção de virilidade como caracterização principal e secundariza o tamanho, e principalmente a gordura, como um ponto fundamental da identidade ursina.

Em sua dissertação o autor contextualiza esse cenário e também debate a respeito de como os Ursos aparecem midiaticizados no contexto brasileiro através da análise de duas reportagens, na primeira que aborda a *Ursound*, festa ursina que ocorre em São Paulo há mais de uma década, as descrições fornecidas pelos entrevistados em cena ainda giram em torno da ideia de um “corpo fofinho” ou “gays gordinhos”, e as imagens do vídeo analisado por ele revelam uma representação focada na visibilidade de corpos gordos e peludos. Contudo, essa reportagem também traz à tona uma questão recorrente na trajetória dos Ursos que é a autodenominação, o reconhecimento de si mesmo enquanto Urso, em um discurso que afirma

que “[...] antes de ser uma junção de características físicas e gestuais, os Ursos são Ursos porque se autodenominam assim [...]” (CAROBA, 2021, p.16).

Inclusive, pude notar um elemento curioso enquanto realizava as primeiras observações em campo. No perfil do *influencer* Christian Johannes (@bmaiike), que eu havia selecionado como interlocutor antes de centrar a observação da pesquisa no C.P.G, há um processo de apropriação do símbolo do urso, sem uma vinculação com a comunidade ursina que venho apresentando, mas que se aproxima da imagem do animal urso pelo seu simbolismo com elementos que podem valorizar o corpo gordo e que existem muito antes da emergência *Bear* como um subcultura gay.

O prestígio do urso confirma, enfim, o do gordo. Referência real na lenda de Artur, o urso é o emblema da grandeza nas narrativas antigas. É gordura e força, peso e habilidade. Michael Pastoureau soube lembrar textos do século XII que magnificam essas imagens: aquelas em que o peso aparente do urso acompanha sua agilidade, rapidez, uma aptidão para deslizar por entre os obstáculos, Animal onívoro, tal qual o homem, capaz de pôr-se de pé como ele, o urso tem múltiplas qualidades: flexibilidade e força, ação instantânea e massa. Peso majestoso, modelar. (VIGARELLO, 2012, p. 26)

FIGURA 8: Uso do símbolo do urso



Fonte: Montagem realizada pela autora com diversas capturas de tela do perfil do *instagram* @bmaiike, principalmente das legendas dos posts de fotografia. Capturas realizadas em 9 de dezembro de 2023.

Na Figura 8, apresento exemplos do uso que Christian faz da imagem do urso, representada através de um *emoji*⁵⁵ na plataforma do *instagram*, que aparece em muitas das suas postagens. No perfil dele, o urso como um símbolo ligado a homens gordos extrapola uma associação direta com os Ursos enquanto identidade de uma comunidade masculina homoafetiva, visto que ele se apresenta como um homem heterossexual. Sendo assim, é possível compreender que a imagem do urso é acionada como um reforço desse simbolismo positivo que o animal confere ao corpo gordo.

Vinicius M. Flauaus (2018) relata em sua pesquisa, sobre comunidades ursinas em São Paulo, um fenômeno que ele denomina de “ursificação dos homens heterossexuais”. Um processo que segundo o autor estaria diretamente associado aos “lumpsexuais”, termo que, assim como os “metrossexuais”, não se refere a uma identidade ou subcultura em si, mas sim a uma tendência estética que é parte da moda estadunidense e tem reflexo no Brasil por volta de 2014. *Lumber* significa lenha em inglês, e é exatamente inspirado na referência imagética do lenhador ou homem rural norte americano que essa tendência se estabelece. Recuperando elementos que são bastante característicos também na emergência da performance ursina, como a camisa xadrez, botas de couro e a barba grande, assim como a noção de “retorno à natureza”.

Entretanto, essa tendência não recupera necessariamente a valorização de corpos gordos, apenas os elementos lidos como reforço de virilidade. Enquanto é possível observar que no processo acionado por Christian a referência principal é da valorização do seu corpo gordo, o que ele explicita em suas legendas, associando o *emoji* do urso com palavras como “Fartura” e “BIG BOY”, além das frases mais diretas que anunciam que seu objetivo é fazer com que seu corpo gordo seja celebrado e não escondido.

Ainda pensando sobre as disputas de definições na comunidade ursina, na segunda reportagem analisada por Caroba (2021) já é possível observar os elementos que levam o autor a desenvolver uma argumentação em torno do lugar privilegiado que os “ursos musculosos” vem ocupando dentro dessas comunidades. Ele destaca como os *flyers* e outros materiais de divulgação de festas ursinas brasileiras observadas por ele também denunciam o quanto esse corpo ganhou uma visibilidade proposital maior do que aqueles considerados “fora do padrão”.

⁵⁵ *Emoji* é um pictograma, uma imagem que representa ou simboliza objetos e conceitos, eles fazem parte da comunicação mediada por computadores e celulares, sendo uma opção presente nos teclados de digitação que são bastante usados em legendas, comentários e conversas online.

Para McGrady, o louvor à figura do muscle bear representaria um potencial prejudicial ao poder da comunidade dos ursos de resistir a estigmas de peso. O muscle bear estaria criando um impacto na maneira como os ursos definem a si mesmos, por exemplo, no sentido de reviver velhos problemas de imagem corporal, ou de criar o sentimento de timidez ou de constrangimento por causa de tamanho corporal. (CAROBA, 2021, p.62)

Esses elementos dialogam diretamente com o apontamento feito pelo administrador do perfil, que demarca um processo que ele percebe como violento pois desloca o protagonismo dos sujeitos mais marginalizados, que anteriormente tinham destaque na comunidade, para focar em sujeitos que já têm certos privilégios nesse campo de relações através de corporalidades normativamente mais valorizadas, como é o caso dos homens musculosos. Esta é uma reivindicação análoga à feita por muitas ativistas gordas com relação à emergência do *body positive* enquanto um discurso compreendido como um avançar liberal sobre a radicalidade inaugurada pelo *fat activism*, que deixa de pautar questões estruturais levantadas pelo ativismo gordo como a acessibilidade e patologização de corpos gordos, para focar em noções de auto estima estética.

Esse processo do *body positive* acaba por contribuir também para marginalização de corpos gordos a partir da invisibilização de suas pautas e imagens, ao tomar como protagonistas outros corpos socialmente mais aceitáveis, como corpos curvilíneos que não são considerados magros, mas que não enfrentam os mesmos processos de acessibilidade e outras exclusões como as pessoas gordas, especialmente as gordas maiores. Essa padronização também é promovida pelo mercado *plus size*, como eu mesma analisei em pesquisa anterior (SANTOS, 2021).

Portanto, é preciso reconhecer que essa ambiguidade quanto às definições do corpo dos Ursos faz parte da trajetória dessas comunidades, mas também é preciso que se analise que essas disputas e transformações não são aleatórias, elas dizem sobre uma série de outros atravessamentos, o que também envolve diretamente a própria gordofobia. Assim, é relevante destacar a legitimidade da revolta e contra argumentação daqueles que discordam desse deslocamento dos corpos gordos, como meus interlocutores nesta pesquisa.

Você vê, em todo momento nesses grupos de *whatsapp* é essa discussão que coloca, você vê chegar lá um cara musculoso com meia dúzia de pelo no peito, “Ai sou gordinho, sou Urso”. Ahh, vai a merda, sabe? É um movimento de apropriação [...] é o movimento do padrão que quando vê que tá perdendo espaço ele chega e ele quer se apropriar de todo jeito pra poder consumir os louros, né? O resultado da luta, da atenção que a gente conseguiu. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

A fala apresentada anteriormente é de outro sujeito que eu já havia identificado através do campo antes da minha chegada ao C.P.G. Conheci seu perfil ainda na fase de seleção dos interlocutores e, para minha feliz surpresa, neste novo recorte ele continuou em minha observação por também ser um membro ativo no Canal do Preto Gordo. Esse interlocutor produz um discurso relevante de contra narrativa a essas contradições e apropriações dentro das comunidades ursinas e é a partir do seu diálogo com o administrador do Canal do Preto Gordo que direciono as análises neste tópico.

FIGURA 9: Urso Preto da Favela nas redes virtuais



Fonte: Montagem feita pela autora com capturas de tela, realizadas em 19 de dezembro de 2023, do Urso Preto da Favela em quatro plataformas virtuais, respectivamente: *youtube*, *instagram*, *twitter* e *podcast* no *Spotify*.

Jefferson Rodrigues⁵⁶ é mais conhecido como Urso Preto da Favela, nome que adotou publicamente nos perfis que gerencia nas plataformas do *instagram*, *podcast*⁵⁷, *youtube* e

⁵⁶ Nas redes sociais é possível ler na descrição da *bio* do Jefferson a sigla “NB”, que é uma abreviação que demarca que ele se identifica enquanto uma pessoa não binária, ou seja, que não se enquadra em uma divisão binária de gênero. Entretanto nas *lives* ele localiza sua vivência a partir deste lugar masculino associado a um homem preto e gordo, o termo androssexual após a sigla também indica sua preferência pelas características e performance masculina em suas relações.

⁵⁷ Os *podcast* são um formato de produção de conteúdo entregue através de áudios, tem uma proposta análoga ao da produção de programas de rádio, mas é vinculado através da internet, principalmente em plataformas de

twitter. Na maioria desses perfis sua descrição da *bio* é “A vida vista pelo olho gordo de um preto favelado”, buscando demarcar desde o princípio qual sua posição e posicionamento dentro desse universo, de um Urso que é “preto e favelado”.

Além de geógrafo de formação, Jefferson é um produtor de conteúdo multirefexas, como o próprio administrador o apresentou em uma *live* no C.P.G, e seus interesses giram em torno do debate sobre religiosidade de matriz africana e indígena, gênero, sexualidade, questões raciais e uma visão crítica da própria comunidade ursina. Como é possível observar logo ao ler o nome que sustenta em suas redes, ele demarca sua identidade de Urso a partir de um lugar racial e territorial, território que por sua vez também é socioeconomicamente referenciado, enquanto um urso preto e morador da favela do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro.

Quando a gente chega à conclusão que esse perfil deve ser chamar Urso Preto da Favela, porque é exatamente quem eu sou, a gente tá querendo... É pra delimitar o lugar que se fala, não necessariamente sobre o que se fala e eu não tô querendo falar com a galera só da minha rola, do volume da minha calça, eu tô cagando pra isso na verdade. Eu tô querendo falar de questões que são minhas, por exemplo, chacina no Jacarezinho. Quando eu falei no grupo de Ursos, me expulsaram do grupo. Eu saí, na verdade, mas o movimento foi o movimento de “tira ele daqui”. Porque as pessoas gostam da rola preta, mas não gostam do homem preto vivo, o homem preto vivo pra eles é uma ameaça. A rola preta é maravilhosa pra sentar, mas quando a gente chama a responsabilidade: “oh galerinha, vamos voltar os olhos para o que tá acontecendo lá? Porque tá feio o negócio lá”. Ai a galera vai dizer “ahh isso aqui não é lugar pra isso”. Há 20 minutos atrás tava postando o video do negão te comendo, como é que aqui não é lugar pra isso? Me diz, onde é que vai ser lugar pra eu reclamar da minha vida? Pra eu poder ficar vivo, pra eu ter prazeres tanto quanto você quer, oh Urso branco da Tijuca ! [...] É isso que a gente tem que começar a ver, a falar disso, e eu falo disso. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

O Urso Preto da Favela escancara como o racismo opera nas relações desenvolvidas em muitos dos espaços de trocas entre Ursos que ele participou, onde os corpos dos Ursos pretos são desejados de uma forma hipersexualizada, mas as questões raciais referentes a sua sobrevivência e existência na sociedade, tal qual o exemplo acima do genocídio nas comunidades periféricas, não são debatidas, ou nem ao menos permitidas de ser citadas.

Hennen (2005) ao realizar uma pesquisa em clubes e festas *Bears* estadunidenses relata que “A cultura do urso se anuncia como racialmente inclusiva, mas permanece esmagadoramente branca” (p. 31, tradução nossa), uma realidade que continua anunciada pelos interlocutores desta pesquisa ao falarem da sua experiência também nas comunidades ursinas brasileiras. Contudo, é relevante destacar que essa percepção diz menos sobre um

música como o *Spotify* ou o *Youtube*. Apresenta episódios que podem ser compostos por monólogos, mas geralmente há a presença de convidados, isso varia a depender da proposta de cada *podcast*.

dado numérico, de maioria de homens brancos se associando a essa identidade ursina, e mais sobre a predominância de ideais de branquitude que operam no interior dessas comunidades e invisibilizam outras pautas e sujeitos, como os ursos pretos que também desejam construí-las.

O relato de Jefferson que apresento a seguir, demonstra como a identificação com esse universo em que homens gordos transitam com mais facilidade e aceitação foi e é importante apesar das suas contradições, e é por isso também que ele continua reivindicando e disputando essa identidade de Urso, visto que foi a partir dela que pode entrar em contato com o enfrentamento da gordofobia e com a possibilidade de ver beleza, afeto e sensualidade em corpos como o seu.

Quando eu chego no meio Urso, e aí o caminho já tava andando. A questão racial eu já tinha entendido que era uma questão que o meio gay lidava pessimamente mal, eu fui entender também que a questão do meu corpo era um problema. Porque eu também entendi que o preto espaduado, malhado, ele era aceito, também até o limite, mas ele era aceito. Eu não era aquele preto, eu não era um... Enfim, eu não era aquele preto e eu também não estava disposto a ser. Eu não gosto da academia, eu não gosto desse ambiente, eu não falo essa linguagem. Então, se não é isso que eu vou ser, o que é que eu vou ser então? Até que um amigo [...] um grande amigo até hoje, me disse: “Cara, porque é que você não vai no *site* dos Ursos?”. Aí eu falei: “*Site* dos Ursos, que porra é essa?”. “Eu vi que existe um *site* e você vai lá e se cadastra, põe sua foto e as pessoas são como você, as pessoas vão gostar de você”. Aí eu falei cara, vamo lá, vamo ver, na época [...] não existia aplicativos, nem *whatsapp* a gente usava, então fui lá, fui no computador e coloquei o perfil e na primeira noite assim do perfil, quando eu acordei já tinha 30 e tantas mensagens, e eu falei: “Caralho, que tanta gente é essa?”. Muita gente gostando de quem eu era, de como eu era, e eu fui conversar com essas pessoas [...] e aí eu fui muito feliz durante o tempo que estive lá, conheci namorados, conheci muitas pessoas que são meus amigos até hoje, também me decepcionei com muitos, mas enfim fui muito feliz lá. E isso me levou aos eventos dos Ursos [...] E hoje eu sou muito resistente a muitos eventos de Ursos [...] era embranquecido, era estranhíssimo, mas eu gostava de lá. Porque era um lugar onde as pessoas me desejavam de fato, e onde eu podia, por exemplo, tirar a minha camisa, onde eu podia ser quem eu era, eu podia ter orgulho de tá ali. [...] porque de fato eu me senti desejado, e eu nunca tinha sentido aquilo ali na minha vida, e aí eu fiquei apaixonado e falei “Cara esse é meu mundo”, mas aí eu também tive que educar o meu olhar, ao olhar para o corpo gordo como algo desejável, porque até então eu também não olhava para o corpo gordo com... Eu não olhava para mim, pra pessoas como eu, eu pegava padrãozinho. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Nessa trajetória é visível o reconhecimento da importância dessa identidade de Urso no seu processo de aceitação enquanto um homem gordo, que entende que a comunidade gay de maneira mais geral o marginaliza e se alegra ao encontrar esse espaço específico que lida melhor com o seu corpo gordo. Este contato gera transformações no seu próprio olhar sobre outros homens gordos, como relatou ao fim da sua fala, visto que ele também tinha seu desejo voltado a corpos entendidos como padrões dentro da estética vigente e isso começa a se alterar com a possibilidade de frequentar espaços em que se sente representado e desejado.

Um processo que em um primeiro momento o faz até lidar com o fato de que aqueles espaços também eram embranquecidos, como ele mesmo pontua.

Eu lembro que eu tinha um amigo que [...] ele falava assim, “o Jefferson não fica com gente feia”. E eu falava, “ahh, nada cara, eu fico com qualquer pessoa”, “Não você não fica com gente feia porque você é libriano, libriano dá muito valor a beleza”. Aí eu fui entender que beleza era essa, o que é que esse cara tá dizendo que é belo? [...] Em outras palavras, ele tava dizendo, sem querer dizer porque ele também não tinha sistematizado isso, ele tava dizendo que o Jefferson só pega padrão e era verdade [...] E eu só consegui aceitar homens diferente daqueles padrões, se tivesse em outros padrões, ou seja, se fosse o negro espadaúdo, malhado, ou se fosse o homem muito alto [...] Mas não era esse o tipo que eu tinha, eu não tinha sido educado para aquilo, e eu fui entender que meu olhar também precisava ser direcionado para os meus, e aí é um outro rolê, de você parar e falar, “Não, perai”. cara, eu tô aqui no evento, num *site* em que tá todo mundo igual a mim, então se todo mundo me deseja é porque eu sou bonito e as pessoas a partir de agora são bonitas, eu vou reeducar o meu olhar. E eu fui descobrir prazeres novos, corpos novos, sensações novas que estavam disponíveis pra mim e eu nunca tinha sido educado, porque eu nunca tinha sido apresentado pra isso. Porque a estrutura opressora não me permitia olhar para mim como desejado. E aí cara foi esse role de se reeducar, que é o role até hoje, né? (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Entretanto, essa sensação de que todos ali são “iguais” não dura muito tempo, visto que o interlocutor também é confrontado pelo racismo. Essa representação positiva e o acolhimento que sente com relação ao seu corpo gordo não é completa, porque enquanto um homem preto e periférico passou a compreender que o caráter interseccional das suas vivências precisa também ser reconhecido e respeitado por aqueles que projetam desejos sobre o seu corpo gordo. A comunidade ursina ofereceu suporte para ele enquanto um homem gordo que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens, mas isso não eliminava o fato de o racismo ser uma opressão presente na sua vivência e com a qual era violentado dentro desses espaços.

Diante dessa contradição, da coexistência de sentimentos de acolhimento e exclusão, sua ação não é nem de abandonar a identidade ursina, nem de aceitar seus espaços como são, e sim de reconhecer, tensionar e lutar também contra o racismo dentro dessa comunidade, a fim de que ela possa ser marcada não por novas exclusões, mas sim pelo seu potencial positivo em relação às vivências de homens gordos. Assim, é a partir da sua experiência de opressão multifacetada que o interlocutor apresenta seus posicionamentos e críticas a respeito do universo dos Ursos.

Até quando a gente vai participar desses *sites* tem um lugarzinho lá onde tem as classificações [...] Quando eu percebi que existia aí uma outra questão racial no meio dos Ursos que era cruel, absurdamente cruel... É muito louco, né? É o momento em que vão chamar a gente de louco, a branquitude gosta, quando a gente coloca as

questões, de dizer que a gente tá de “mi mi mi”⁵⁸, de loucura, mas a gente vai falar. E aí quando eu percebi, inclusive nas classificações de *site*, de Urso, tem lá a classificação de *black bear*, né? Urso preto, mas não têm *white bear*, por que não? Você destaca quando é preto, mas não destaca quando é branco. Porque o branco no mundo ocidental, da forma como a Europa construiu o mundo, o branco é sempre central, você não precisa classificar o homem branco, o homem branco ele é uma pessoa. O homem preto é um homem preto, a mulher negra é uma mulher negra, a Mulher é branca. Vocês entendem? Quando a gente não qualifica, quando tá naturalizado as pessoas, são brancas. Elas não precisam de qualificação, isso é uma linguagem racista [...] Homens podem ser de todas as cores, se podem ser de todas as cores, caralho, se você destaca um, ou você destaca todo mundo ou você não destaca ninguém. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

O interlocutor aponta a construção arbitrária das categorias ligadas a essa identidade ursina, que invisibiliza a raça dos homens brancos, através da sua universalização e consequente normatização, mas racializa homens negros e toma isto como um marcador de diferença entre os Ursos. Como argumenta Cláudio Patrício (2023)

Um dos efeitos, e da eficiência, do racismo, especialmente no Brasil, foi a racialização apenas do negro. O branco, enquanto sujeito, até então, tido como universal, nunca precisou questionar a sua posição racial. Como já citado, o silenciamento quase sempre é uma ótima estratégia para a manutenção de uma determinada situação. No momento em que não se fala sobre a branquitude não se precisa questioná-la, nem pensar quais são os seus efeitos na manutenção do racismo estrutural. Ela é tão naturalizada que os brancos nunca precisaram se questionar o que é ser branco na nossa sociedade. Entretanto, tal discussão tem se mostrado cada vez mais importante diante do cenário de transformações sociais que temos vivenciado. (p.20)

Além de “urso preto” é possível observar também a demarcação de outras classificações étnico-raciais não brancas, como a inclusão do termo “urso panda”, categoria usada para classificar os homens gordos de origem asiática (NEVES & RODARTE, 2018). Ademais, esses marcadores que operam em *sites* e aplicativos ursinos podem ser analisados como ferramentas que também podem aumentar o alcance da hipersexualização desses corpos, operando em conjunto com outras categorias associadas a fetiches sexuais, colocando esse marcador de diferença racial como elemento de interesse sexual que demarca apenas sujeitos não brancos.

Afora apontar como essa divisão racial opera na classificação dos *sites*, e que como Caroba (2021) sinaliza também operar em aplicativos móveis de relacionamento ursino, o interlocutor apresenta em suas falas um relato muito rico de como essa lógica racista e classista não interfere apenas na construção identitária das comunidades ursinas através dos discursos, imagens e outras violências simbólicas, mas como também afeta diretamente no

⁵⁸ “Mi mi mi” é um termo associado a onomatopeia de um choro ou lamento, usado de forma pejorativa para acusar sujeitos ou pautas de debate de serem vitimistas e exagerados.

acesso físico desses homens a espaços de socialização de Ursos, visto que existem obstáculos ligados a suas condições socioeconômicas, como o valor e localização das festas e encontros, o que diz diretamente sobre a composição do seu público e consequentemente constrange o pertencimento simbólico de homem gordos negros e/ou pobres naqueles espaços.

Então assim, se a gente falar de urso no Brasil, a gente tá falando de gente preta, porque no Brasil pobreza e racialidade andam de mãos dadas, pela estrutura da nossa história, então assim, não dá pra fugir disso. Então assim, glamourizar, higienizar e querer colocar aquela figura do Urso padrão norte americano, pra mim vocês podem fazer tudo isso, mas vocês só estão dizendo pra mim que desconhecem a própria história da própria construção da identidade que vocês reivindicam para si. Não tem problema nenhum branco ser Urso, não é isso que to falando também, mas que haja uma compreensão de que ser Urso não é uma coisa só, e que se a gente for buscar historicamente como essas definições estão aproximadas, no Brasil a gente vai chegar ao proletário e as pessoas, aos trabalhadores, sabe? Aos operários, e aí eu insisto também em dizer que é uma questão de classe, não é só uma questão de raça não, e que a gente tem que falar. O corpo não é da pessoa que tem dinheiro pra pagar 60,70 reais numa festa que nem *open bar* é, sabe? Pagar 50 reais numa sauna, não é dessa gente que a gente tá falando, porque essa gente não vai nesses lugares porque não tem dinheiro para pagar isso daí, porque sequer mora perto de uma estação de metrô que deixe perto da sauna pra ir numa festa de Urso [...] e aí você também vai percebendo, que existe, fatalmente existe, com o tempo até foi mudando um pouco, mas não deu tempo de mudar o suficiente, que existe também um padrão de classe e de renda, de atividade, entres os Ursos [...] Eu gostava de festa do Maroon, e gosto da Sauna Carioca, no Catete, gosto dessas, mas as outras, elas estão marcadas racialmente, esteticamente e economicamente. Na sauna você ouve a conversa da galera e você vê que aquela não é uma galera que, sabe? Que esqueceu o feijão no fogo, não é uma galera que tá com o joelho ralado porque pulou o muro na infância, que tem marca no joelho, não é essa galera. É uma outra galera, você olha para o corpo dessa galera e você vê, não tem marca que nem o nosso corpo tem. Porque o nosso corpo, ele é marcado desde sempre [...] e o corpo deles não tem, mas eles insistem em se apropriar disso, e a branquitude, ela vai se apropriar de tudo que ela quiser [...] (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Seu relato traz elementos relevantes a respeito das questões de classe que estão inseridas nesse debate, não só sobre as possibilidades ou não de acesso a esses espaços de socialização ursinas, saunas, festas e outros eventos, mas também demonstrando em sua experiência prática como sente e interpreta essas diferenças entre os sujeitos, diferenças que contribuem para demarcar essas exclusões. Sua descrição da percepção do corpo do outro como “um corpo sem marcas”, explicita como esses elementos de distinção socioeconômica estão também corporificados, que há uma história que se insere nesse corpo a partir das cicatrizes, por exemplo, que ele associa a vivências demarcadas pela classe social. O interlocutor argumenta como mesmo em espaços em que aqueles homens podem encontrar-se com pouca ou nenhuma roupa, como uma sauna, há outros elementos de distinção que estão

ali presentes em suas constituições corporais, gestos e conversas que também os localizam socialmente.

Outro elemento que me chama atenção em seu relato é que aqui parece haver uma virada de narrativa muito relevante, porque ele não apenas está dizendo que os grupos ursinos deveriam se atentar a essas demandas interseccionais porque isso seria certo, ético ou comprometido com lutas importantes, mas também está argumentando que essa é essencialmente a origem daquela comunidade e que não encarar isso é ser desleal com a própria motivação que constitui a identidade dos Ursos em seu processo contracultural. É, como ele mesmo afirma, desconhecer a própria história.

Contudo, essa realidade percebida por ele infelizmente não parece dizer sobre uma distorção posterior da trajetória dos Ursos, visto que o que apontam as pesquisas sobre suas origens é que essa comunidade já emerge de forma contraditória. Apesar de trazer à tona essas referências estéticas de masculinidades que, como o interlocutor aponta, estão intrinsecamente associadas a trabalhadores de classes baixas, operários, a composição dos primeiros grupos que se articulam nos Estados Unidos nunca foi majoritariamente essa.

A identidade dos Ursos é, então, baseada a partir de uma performance construída por signos conflitantes, visto que era um movimento fundamentalmente urbano, mas que reclamava um retorno ao “selvagem”, ao contato com a natureza e que, apesar de terem como referência de performance masculina esses trabalhadores, sendo a do lenhador a mais famosa delas, se tratava de uma comunidade formada por uma maioria de homens brancos de classe média que não ocupavam essas funções.

Hennen (2005) ao comentar sobre essas características paradoxais, entende que há um fetiche pela representação de sujeitos que nem ao menos participaram ativamente dessa construção, mediada por uma noção de que esses homens apresentariam uma masculinidade “mais autêntica”, visto que a dureza do trabalho que exercem e as dificuldades pelas quais seus corpos passam seriam uma prova de sua força e resistência, o que também leva a um processo de erotização da imagem desses trabalhadores por classes mais altas. Ademais, Textor (1999) contextualiza que:

As comunidades de ursos e homens grandes cresceram em grande parte em oposição à cultura masculina gay dominante. Dadas as alienações que os ursos e os homens grandes experimentam em relação às representações, aos ideais e à estética esmagadoramente da classe média do *mainstream* gay masculino, não é surpreendente que uma calibração oposicionista da estética e da avaliação estética, baseada na classe, crescesse em valor e aplicabilidade. Este processo, no entanto, não é nada simples. Se Eric Rofes estiver correto ao presumir que um número considerável de ursos são homens solidamente de classe média em “drag da classe trabalhadora”,

então pareceria que, até certo ponto, a estética carrega ainda mais a confiança erótica nas masculinidades da classe trabalhadora através de gerações de escrita homossexual masculina e fantasia cultural. (p. 201-232, tradução nossa)

Entretanto, o entendimento dessa contradição como uma característica presente desde a origem dos Ursos não necessariamente deslegitima o argumento do interlocutor, porque é possível compreender, principalmente acompanhando suas demais falas, que esse argumento não parte de um desconhecimento dessa história contraditória e sim, que ele conscientemente a subverte ao usá-la contra suas próprias hierarquias, conclamando que se esses homens querem mesmo honrar a ideia dos Ursos, se querem chegar à raiz da questão, devem agora se responsabilizar por tornar as comunidades ursinas mais coerentes com suas próprias referências de masculinidade, ou seja, com a realidade desses homens marginalizados.

Ademais, o interlocutor também chama especialmente as comunidades ursinas brasileiras para protagonizar essa responsabilidade, visto que, segundo ele, estas devem se conscientizar do seu papel relevante nessa mudança e aprender a partir da realidade estrutural de muitos homens gordos brasileiros, que raça e classe não podem ser pautas secundárias dentro das suas articulações, nas quais se propõem a lutar contra outras opressões como a homofobia e gordofobia, mas são ainda atingidos por racismo e classicismo.

Aí os Ursos têm um movimento em São Paulo, né? Um movimento organizado, e esse movimento dos Ursos ele é americanizado, e ele não é ilegítimo por ser americanizado, mas a gente tem que entender que esse movimento dos Ursos e eu vou falar isso, e é uma pauta do meu canal, terceiro vídeo do meu canal que não lancei ainda, mas eu vou falar porque a gente tem que falar disso em todos os lugares. O movimento dos Ursos é um movimento que nasce a partir de trabalhadores, sabe, aquela figura do lenhador que todo mundo gosta? Que todo mundo valoriza porque é branco, porque é barbudo, porque... Sabe? Aquela figura do *cowboy*, isso são pessoas trabalhadoras, proletários, gente pobre, é gente que tem que vender a sua força de trabalho para poder ter o que comer, e no Brasil, quem é pobre? Quem é que tem que vender sua força de trabalho pra comer? É gente preta, a gente não pode desassociar de maneira nenhuma no Brasil o movimento ursino da questão racial. Aí vão falar: “Jefferson, até aí você que colocar raça?”. Vou colocar sim, vou colocar sim, porque a branquitude ursina de São Paulo, Rio de Janeiro, tem uma responsabilidade nisso, porque valoriza, porque higieniza a figura dos Ursos. Porque quando você define aquilo lá nas ilustrações, o *chubby*, a *lontra*, o *filhote*, são todos brancos, aí o único preto é o urso preto, como se ele não pudesse ser todas essas coisas também. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Em outro momento, o interlocutor argumenta que cita São Paulo e Rio de Janeiro como referências porque essas cidades têm destaque na organização dessas comunidades no Brasil, apesar de lembrar que Recife também foi um polo historicamente importante no protagonismo dos Ursos brasileiros, ele afirma que de maneira geral essa é uma construção “branca, classe média e sudestina”. Ainda nesse bojo onde aparecem questões geográficas e

as hierarquias envolvidas nelas, o administrador do C.P.G provoca o convidado da *live* dizendo que já escutou muitos falando que “não existem Ursos no Brasil”, que não há como cobrar essa coerência com a história da comunidade porque tudo foi adaptado, ao passo que o convidado argumenta que esse também deve ser mais um elemento problematizado.

Pow, mas aí, a gente adapta o Natal, a gente adapta a Páscoa e o povo falando dos Ursos [...] Jesus não nasceu em Belém do Pará não, nasceu lá na puta que pariu, longe pra caralho e a galera comemora aqui feliz da vida o nascimento dele, e eu não posso pegar o movimento? A gente tem que parar de xenofobia, “Aí no Brasil não existe Urso”, mas fala isso como orgulho sabe? Como se quisesse se purificar de ser brasileiro. Então a pessoa que diz isso se considera o que? Ela vai dizer, “Não, eu sou Urso”, porque ela quer na verdade é se isentar do fato de ser brasileira. E de admitir que o Urso que aqui está, se aproxima de coisas que ela não quer ser: preto, trabalhador, trabalhador braçal... E eu não to falando isso como fetiche não [...] Eles querem de todo jeito se apropriar, transformar em produto e lucrar com isso, mas isso envolve fazer o apagamento das pessoas que de fato compõe isso. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

E por fim, após expor suas críticas a lógica capitalística e branca dentro das comunidades ursinas, elementos que tanto ele, quando o administrador do C.P.G desaprovam e entendem como nocivos, o interlocutor destaca, em contraponto, quais os valores considera importantes para novas comunidade que estão sendo construídas por iniciativas como a do Canal do Preto Gordo. Para que possam cultivar um objetivo de coletividade necessário no enfrentamento de suas lutas, que tipo de trocas devem ser incentivadas entre esses homens negros que debatem sobre seus padrões de masculinidades, sua sexualidade e seus corpos?

[...] ela [a branquitude] vai se apropriar e ela vai transformar em produto, vendável, e é o que acontece aí com os Ursos. Virou a serviço do capital e deixou de ser um movimento... não deixou, não deixou não, mas se aproxima muito mais do mercado do que um movimento identitário, que era pra poder, inclusive, ser um movimento colaborativo, de pessoas que se ajudam, irmandade, sabe? Uma outra história, que a gente precisa talvez pegar já que a gente é povo, e de irmandade coletiva a gente entende. Tá aí a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, Irmandade dos Homens Pretos, que a gente fez no Brasil, então a gente também tem que pegar e se ajudar dessa forma, como é que a gente pode se unir entre os nossos e levantar, e de fato um puxar o outro, sabe? Aquela conversa que a gente teve inclusive no *instagram*, parte do mesmo princípio, sabe? O que sabe ensina o que não sabe, o que sabe o caminho pega o que não sabe o caminho e diz isso aqui. Porque um dia o Wilson fez isso comigo, e hoje eu vou fazer isso com todo mundo, sabe? Porque entre a gente não pode ter essa coisa do “ah vou segurar informação”, isso é coisa de branco e a gente não vai querer isso aqui, isso é coisa da branquitude. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Portanto, o interlocutor evoca a necessidade de construir um caráter colaborativo, citando como exemplo duas irmandades históricas brasileiras, a Irmandade de Boa Morte e a Irmandade dos Homens Pretos, iniciativas negras que começaram no período escravocrata e trabalharam coletivamente em prol de objetivos comuns de libertação da população negra. É

com esse imaginário que ele vislumbra uma coletividade diferente do que vê na prática das comunidades ursinas. Além de destacar a necessidade de compartilhar conhecimentos e não os reter, uma movimentação que pude observar ser realizada pelo Canal do Preto Gordo, principalmente através de suas *lives*.

Nesse espaço das *lives* também foi possível observar momentos de demonstração de afeto como a captura de tela na figura 10, entre Jefferson e Julio. A parceria dos dois é visível em muitos momentos no Canal do Preto Gordo, onde o seguidor, que é um colaborador bastante presente, auxilia em questões que também dizem respeito à administração do perfil, como os usos de ferramentas do *instagram*, com as quais têm mais experiência.

Olha, eu posso dizer quem é o Jefferson, que é assim, um cara que dá assim os mínimos toques, mas não se refuta em ajudar. Vou falar aqui, rapidinho, que eu tava tentando colocar os vídeos nos *stories* e reclamava sempre, que não dava tempo fazer as *lives*, que só durava uma hora, que eu tava puto, tava uma merda o *instagram*. Ele simplesmente, do nada, virou pra mim um dia e falou “Porque você não troca sua conta pra comercial?”, e aí o idiota aqui perguntou “Como é que eu faço isso?”, e aí ele mandou *print inbox* pra mim mostrando como é que faz, então assim, sabe? Tem umas pessoas que às vezes fazem as coisas assim tão pequenininhas, mas elas não sabem o quanto significam, tô falando pra você aqui ao vivo agora na *live*, porque você não sabe o quanto significou isso que você fez [...] Uma das pessoas que eu nunca vou esquecer na minha vida é o Jefferson. (Julio Cesar, *live* em 27 de junho de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

FIGURA 10: Demonstração de afeto durante as *lives*



Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de tela de *live* salva no perfil @canal_do_preto_gordo, realizadas em 08 de fevereiro de 2024.

O envolvimento afetivo entre os homens que estão mais diretamente ligados na produção de conteúdo do Canal do Preto Gordo é visível em muitos momentos de observação do perfil. Laços de amizade anteriores ao lançamento do C.P.G e outros que se desenvolveram exatamente pelo contato promovido por ele, são elementos relevantes na manutenção das atividades desenvolvidas no perfil. Outro sujeito que também está presente na manutenção da administração do Canal do Preto Gordo é o companheiro de Julio, que mesmo não se apresentando de maneira tão visível nas *lives*, *stories* ou publicações como ele, cumpre um papel relevante nos bastidores.

[ele] é assim, braço direito pra tudo, pau pra toda obra, inclusive, esse *live* tá acontecendo por causa dele, porque o meu telefone deu pau, então eu to com telefone dele agora [...] ele me dá todo apoio, curte todas as fotos, já foi postado no canal inclusive. O bolo que eu mostrei pra vocês terça feira quem fez foi ele, eu falei “Mô, tive uma ideia, faz um bolo de aniversário pro canal”, ele “Ah, deixa que eu vou fazer” [...] assim, é super parceiro, super do bem, dá todo apoio [...] (Julio Cesar, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Portanto, após apresentar elementos da relação de origem do Canal do Preto Gordo com as comunidades ursinas, as principais críticas levantadas, associadas principalmente ao debate do racismo presente nesses contextos, e a mobilização do objetivo de construção de outras dinâmicas a partir de perfis como o C.P.G, vamos adentrar ainda mais no processo de construção do perfil e da identidade de “pretos gordos” destacada pelo seu administrador.

3.2 PRETOS GORDOS: debate racial, propósitos do perfil e delimitação dos integrantes.

Diante do todo exposto, fica nítido que não há como separar o debate sobre gordofobia e o debate racial na constituição da proposta do Canal do Preto Gordo. Além de todo discurso empregado nas falas e textos presentes na página, a centralidade da negritude ou, como o seu administrador e outros seguidores se referem, da “pretitude”⁵⁹, na constituição da identidade dessa comunidade pode ser vista também no elemento imagético do logotipo usado como foto do perfil, que se trata de um punho negro erguido. O criador do Canal do Preto Gordo comenta que, no processo de definição do logo quando questionado pela desenhista que

⁵⁹No conteúdo do perfil não identifiquei debates em que eles definiram essa noção de “pretitude”, assim como não localizei outras referências que puderam delimitar a origem do termo no Brasil, que aparecem também em outras páginas do *instagram* como @pretitudes, @nossapretitude, @pretitudesdocabula e @projetopretitudes, contudo ao observá-las pude compreender que o termo é o neologismo que assume também uma relação analoga ao uso do termo “negritude” mas com o foco na visibilidade da identificação enquanto “pretos” no lugar de “negros”.

contratou sobre o que queria nessa ilustração, ele disse “Cara, tava com uma ideia assim de um punho porque vai mostrar luta, vai mostrar resistência.” (Entrevista online realizada em 06 de maio de 2023).

FIGURA 11: Logo do Canal do Preto Gordo



Fonte: Ilustração usada como identidade visual do perfil Canal do Preto Gordo, imagem salva pela autora a partir do perfil de *whatsapp* do administrador Julio Cesar, em 07 de dezembro de 2023.

O interlocutor fez questão de reforçar essa noção em torno do simbolismo de resistência que escolheu para o perfil também em postagens no *feed*, como uma realizada no dia 20 de novembro, data histórica reconhecida como o dia da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, simbólica para luta antirracista e oficialmente demarcada como Dia da Consciência Negra no Brasil pela Lei 12.519/2011.

Hoje é dia de festejar! Mas também de protesto, luta e resistência! De gritar contra esse racismo estrutural que insiste em nos segregar e excluir dos lugares a que temos direito como qualquer brasileiro! Não é à toa que o símbolo do @canal_do_preto_gordo é um punho negro fechado! É um aviso aos racistas, gordofóbicos, homofóbicos, misóginos e transfóbicos de plantão que não vamos desistir e lutaremos até o fim contra a nossa invisibilidade e a patologização institucional, objetificação e hiperssexualização de nossos corpos! Conforme disse o @alessandrobl em seu último post, com a aquarela "Cata-Ventos" "NORMALIZEM CORPOS GORDOS E PRETOS!" Já deu! [...] (Texto copiado da legenda do *post* feito em 20 de novembro de 2022 no @canal_do_preto_gordo)

Na legenda Julio demarca de forma nítida que o perfil se propõe a ter um caráter antirracista. Além disso, que sua luta é interseccionalizada, trazendo para o debate outras

opressões como a gordofobia, homofobia, misoginia e transfobia, localizando que todas essas violências devem ser combatidas por aquela comunidade.

Uma característica marcante da comunicação no Canal do Preto Gordo, que também reforça essa centralidade da raça na constituição de identidade do perfil, é a utilização do termo “preto gordo”. Esse termo está presente no próprio nome do perfil, na forma como seu administrador e muitos dos seguidores vão se referir aos homens que compõem aquela comunidade e no bordão utilizado por ele: “Aqui o preto gordo pode”. Neste processo me chama atenção o uso da categoria “preto” como identificação dos homens negros de diversas tonalidades de pele e fenótipos que ocupam aquele espaço.

No Brasil historicamente vemos a constituição de uma classificação inversa, como a usada oficialmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, onde a categoria “negros” inclui pessoas classificadas como pretas e pardas, e o termo pretos\pretas abarcaria apenas pessoas negras de pele retinta. As terminologias dessas classificações raciais estão envoltas em processos de disputas e mudanças, uma dinâmica associada em especial a articulação política do movimento negro no Brasil, como destaca Livio Sansone (2003).

Além disso, o autor argumenta que há diferenças, influenciadas por elementos como fatores regionais, geracionais e de classe, na maneira como o significado e apropriação dessas terminologias ocorre no contexto social a despeito das classificações oficiais. Esse debate não é desconhecido pelo administrador do C.P.G, contudo, o interlocutor aponta essas divisões, principalmente certos acionamentos da categoria pardo\parda, como um resquício de um processo repressor e racista, como demonstra na própria entrevista cedida a mim quando peço para informar sua autoidentificação racial. “Preto, apesar de na certidão de nascimento tá escrito absurdamente pardo, né? A gente sabe que isso é uma herança do governo militar, da época e etc. Porque preto só consideravam retinto, mas é preto.” (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023).

Quando retorno ao interlocutor com questões a respeito desse debate para melhor compreender a escolha do termo e seu posicionamento no perfil, ele argumenta sobre seu incômodo com essa classificação racial, que segundo seu relato teria efeitos negativos, principalmente para pessoas pouco retintas que seriam empurradas para um lugar de ambiguidade que ele denomina de “limbo racial”. Ademais, o interlocutor demonstra estar especialmente preocupado com as cisões internas que essa classificação pode gerar, como uma relação de negação de determinados sujeitos que não seriam “retintos o suficiente”.

Então cara, como é que eu vou te dizer isso? Pra mim pardo é preto, apesar de que, surrealmente falando, eu conheço vários pretos retintos que não consideram pardos pretos, né? Isso me remete lá no ano 2000, na matéria da revista *Newsweek*, se não me engano, de que havia essa crise de identidade dos filhos norte-americanos oriundos de relações interracialais, pais pretos e mães brancas, ou pai branco e mãe preta, porque eles não eram aceitos como brancos pelos brancos americanos [...] e também não era visto com bons olhos pela comunidade preta, porque dos pretos retintos, porque o cara era mestiço. Então ficava nesse limbo racial, nessa loucura de não saber a qual parte, qual lado ele pertencia. Foi uma matéria muito interessante [...] E eu vejo a mesma coisa acontecendo aqui, tem preto retinto que acha que não é preto, e aí eu faço o que? Tem uma *youtuber* chamada Lilian Zaruty, eu parei de acompanhar aquela garota, ela mora em Milão, na Itália, já sofreu casos de racismo, assim, absurdos, por parte dos italianos, né? Mas teve um vídeo dela e eu não me lembro quando foi, tem 3, 4, 5 anos disso, em que ela não considerava o Spartacus, que é um outro *youtuber* também, outro *influencer* preto, ele não é preto retinto, ele é preto mais claro que eu pouca coisa... E ela falando que não considerava ele preto, não considerava ele cor de pele de uma pessoa preta, preto tem que ser retinto pra ela. Cara, eu fiquei tão decepcionado [...] (Julio Cesar, transcrição de áudio enviado via *whatsapp* em 17 de janeiro de 2024)

O fenômeno que Julio traz para o debate pode ser interpretado como uma reflexão sobre o “colorismo”, termo usado para analisar um sistema de discriminação racial baseado na hierarquia de traços fenotípicos, principalmente na pigmentação da pele, e que a autora Alice Walker (1983 apud GOES, 2022) em suas primeiras construções desse debate também associa intrinsecamente a atuação do patriarcado na exclusão e hierarquização de mulheres negras. Juliana M. Goes (2022), argumenta também que a noção de “pigmentocracia”, conceituada por Alejandro Lipschütz a respeito da colonização latino-americana, seria mais coerente para pensar a realidade brasileira, visto que enquanto o colorismo focaria mais em um preconceito intragrupo, a pigmentocracia se encaixa na ideia de uma manifestação do racismo nacional e institucionalizado a partir da hierarquização fenotípica.

No entanto, apesar de o interlocutor apontar como o racismo vindo da branquitude se apresenta no que ele denominou de “paleta de cores”, demarca em seus relatos um foco na leitura voltada para a ideia de exclusão interracial daqueles que seriam menos retintos pelos sujeitos mais retintos dentro de grupos e articulações negra. Em sua crítica ele argumenta que essas classificações geram mais divisões entre eles, um movimento que consequentemente agrada a branquitude. Esta perspectiva, assumida pelo administrador, não é consensual entre os homens que compõem o perfil, como é possível também observar no caso relatado abaixo, em que um dos seguidores questiona a posição racial de outro seguidor que teve suas fotos compartilhadas no Canal do Preto Gordo.

[...] e eu percebi, inclusive, coisa de 3 meses atrás, 5 meses atrás, teve um... Eu já tinha postado como um preto gordo, né? E aí, o que eu faço, diariamente agora, há um bom tempo já, eu posto fotos desses pretos gordos que contribuíram para a postagem no *feed*, eu coloco fotos deles nos *stories* [...] Eu postei a foto de um cara, da Bahia [...] E já tinha dado as fotos dele para o *feed* e veio um outro seguidor, que também já

tinha dado fotos para o *feed*, que é preto retinto, e falou: “Olha, ele não é preto”. Ai eu falei, não acredito, paleta de cores a essa altura do campeonato? Ai ele: “Ele não é preto, ele é queimado de sol...”. Começou toda uma teoria e tals, e eu: “Então pelo que você tá falando eu também não sou preto?”, “Não, sua passagem para Wakanda⁶⁰ tá garantida” e eu falei “Poxa que bom, né? Porque vai chegar ao ponto de eu não ser preto”. E eu ouço isso de pretos retintos, né? Esse tipo de argumento, que a pessoa não é preta, cara, é uma coisa surreal. Ai eu fiz questão de falar, aí é o que eu sempre falo, é um perfil para o preto gordo, aí ele: “Claro, mas o perfil é seu, né?”. Ai eu contei até 10 e tava sem tempo e falei “Sabe de uma coisa? É verdade, agora o perfil é meu, eu boto quem eu quiser”. Porra, não tem a mínima condição de ficar aturando esse tipo de julgamento, sabe? A gente já é tão questionado, já é tão massacrado, humilhado pela branquitude e vai ficar brigando entre a gente? Quem é mais preto que o outro, por paleta de cores, eles já usam paleta de cores contra a gente Renata, já usam pra tudo. Nós também vamos fazer a mesma coisa entre nós? Porque é o que eles querem, que a gente não se una, que pretos e pardos não se unam pra brigar pelos seus direitos. Enquanto tiver essa picuinha tá ótimo, eles estão amando, porque é isso que eles querem, manter o *status quo*, né? (Julio Cesar, transcrição de áudio enviado via *whatsapp* em 17 de janeiro de 2024)

Assim, apesar de reconhecer as diferenças na denominação de “pretos” e “pardos”, no perfil do C.P.G, a categoria “preto”⁶¹ ganha outro significado político, que não necessariamente se refere a uma identificação racial exclusiva para homens negros retintos, mas opera como uma categoria que acomoda toda a diversidade de homens negros do perfil, em suas diferentes tonalidades de pele e traços fenotípicos. Diante das falas do interlocutor é possível inferir que essa escolha diz respeito a sua percepção de caráter afirmativo do termo, que é usado em uma operação de inclusão na ideia de “pretitude”, que assim como a afirmação das corporalidades gordas, visa ser incentivada como um dos elementos centrais da identidade dos homens reunidos ali, e consequentemente, da construção de masculinidade que estão buscando com os debates promovidos no perfil.

É interessante observar como essas perspectivas se alteram ao longo do tempo e dos espaços, tendo em vista que a categoria política “negro\negra” se estabelece nos anos de 1980 exatamente como uma resposta a essa demanda de unificação. Goes (2022), argumenta também que esse debate está longe de terminar, visto que o racismo no Brasil se baseia fortemente na valorização de peles mais claras e outras características fenotípicas definidas como “europeias”, e que esse processo criou tensões dentro das próprias comunidades negras.

⁶⁰O termo “portões de *Wakanda*”, usado pelo seguidor, é uma referência ao reino ficcional do filme estadunidense *Black Panther* (Pantera Negra), lançado em 2018, que acabou virando também no Brasil uma referência de resgate e valorização de negritude. Assim, o seguidor busca explicitar quais sujeitos estariam abrigados nesse “paraíso negro”, onde reconhece também o administrador do C.P.G, e quais não teriam características suficientes para cruzar a fronteira racial

⁶¹A partir dessa análise, destaco que diante da escolha do uso do termo “pretos gordos” para se referir aos seguidores do perfil e seu significado na construção do C.P.G, também usarei essa identificação ao longo do texto dos próximos capítulos para falar dos homens negros e gordos que compõem o Canal do Preto Gordo.

A opção do interlocutor ao eleger o termo “preto”, mesmo diante da possibilidade de usar a classificação “negro” recorda também outros cenários em que essa mudança é reivindicada a fim de afirmar esse lugar de luta antirracista unificada, como relata Sueli Carneiro em texto no Portal Geledés.

Há quase duas décadas, parcela significativa de jovens negros inseridos no Movimento Hip Hop politicamente cunhou para si a autodefinição de pretos e o slogan PPP (Poder para o Povo Preto) em oposição a essas classificações cromáticas que instituem diferenças no interior da negritude, sendo esses jovens, em sua maioria, negros de pele clara como um dos seus principais ídolos e líderes, Mano Brown, dos Racionais MCs. O que esses jovens sabem pela experiência cotidiana é que o policial nunca se engana, sejam eles mais claros ou escuros. (CARNEIRO, 2004, n.p)

O incômodo do outro seguidor também deve ser analisado como dado relevante das diferenças de concepção dos sujeitos que dividem esse espaço do Canal do Preto Gordo. Suas falas apontam um questionamento a respeito da legitimidade da identidade que o perfil sustenta enquanto um “perfil para pretos gordos”, diante do controle da inclusão de sujeitos que para ele não fariam parte dessa classificação, a partir da sua própria experiência enquanto um homem negro retinto. Reivindicando assim uma divisão que leve em conta sua percepção, que, assim como Oracy Nogueira (2006) afirma em sua análise do preconceito de “marca” e “origem” no contexto nacional, pode ter sido construído a partir da experiência de racismo onde a exclusão por sua aparência demarca um local de violência específico, inclusive, colocado em comparação ou competição com outros homens menos retintos.

Contudo, Goes (2022) também destaca que o que muitas vezes é entendido como uma vantagem, a exemplo de uma predileção afetivo-sexual por pessoas menos retintas, é também outro lugar no qual o racismo continua operando em seu processo de desumanização de pessoas negras, como relembra Lélia Gonzales (1984), a “mulata” adorada no carnaval pela sua hipersexualização, continua excluída em tantos outros âmbitos sociais.

Outra provocação observável na fala do seguidor é a que aparece em tom de sarcasmo na sua afirmação de que o perfil “é do Julio”, como um espaço que em sua observação seguiria escolhas, mesmo que arbitrárias, daquele administrador, a despeito da percepção de construção coletiva que chega primeiro na observação do perfil. Esse elemento pode ajudar a pensar a dinâmica de criação do C.P.G e como ele segue um padrão que não se apresenta nem como totalmente individualizado, como outros perfis que acompanhei, nem completamente coletivizado, tendo na construção do seu conteúdo elementos que têm maior ou menor concordância entre os homens que dividem aquele espaço virtual, e que nem todas as

discordâncias são consideradas coerentes com o projeto do perfil a partir da análise do seu administrador.

De fato, a imagem do perfil é coletiva, no sentido de que grande parte do seu conteúdo é construído pela presença desses outros sujeitos, suas fotos e falas, que não são postas ali apenas como uma mera exemplificação, mas abrem espaço também para que tragam suas próprias histórias e questões. A maior autonomia de construção nesse sentido é vista principalmente no decorrer das *lives*, onde acompanhei discursos diversos empreendidos pelos homens convidados, que ficam ali registrados e são fonte de informação para os novos seguidores. Contudo, não se pode ignorar que enquanto articulador e mediador desses processos, as concepções de Julio também são decisivas no direcionamento do perfil, inclusive, nos convites que vão compor esse quadro das *lives*.

Além disso, a seleção dos homens que vão ter suas imagens compartilhadas no perfil, que foi motivadora desse breve conflito, por exemplo, passa por um crivo de heteroidentificação do administrador que também vai traçando essas linhas de quais sujeitos podem ser compreendidos como “pretos gordos” ou não. Ademais, é parte do objetivo do perfil incluir o maior número e diversidade de sujeitos que podem estar nesse espectro do que é entendido por ele como “preto e gordo”, onde a “pretitude” defendida pelo interlocutor abarca também as corporalidades gordas de homens considerados pardos e o limite para essa inclusão se estabelece em homens que são identificados por ele como brancos e magros.

Então assim, quando eu criei e o nome falava “preto gordo”, eu queria que fosse algo que não remetesse a sexualidade, diretamente, mas que marcasse que é referente a pretitude ali, né? E lógico, todos são bem-vindos, aí você vai me perguntar, então você vai querer botar branco também? Eu não, branco não dá. Até porque eles mesmo fazem questão de nos excluir. Então [...] não há interesse nenhum em botar brancos, mas pardos são bem-vindos, você não tenha dúvida disso, que a negritude também corre nas veias deles como corre nas minhas veias e de qualquer brasileiro, mas, né? A estrutura... O racismo estrutural que não permite, né? Não deixa que essa palhaçada acabe. (Julio Cesar, transcrição de áudio enviado via *whatsapp* em 17 de janeiro de 2024)

A fala abaixo revela também como apesar da delimitação explícita do C.P.G, enquanto um espaço exclusivo para homens negros e gordos, já houve a tentativa por parte de um homem branco e magro de enviar também suas fotos para o perfil.

Foi tão engraçado, um dia um cara branco magro veio me dá a foto pra postar [contou rindo]. Aí pra não ser o sarcástico, né? Porque o Julio Cesar quando vê essas coisas é sarcástico demais, mas, amado, pelo amor de Deus, né? “Olha o perfil, lindo, olha o *feed*. Você tá vendo alguém branco aqui? Tá vendo alguém magro aqui?”. Pelo amor de Deus, querido, não dá, né? “Ah, isso é racismo, em?”, e eu falei “É?”, mas isso que você tá ouvindo talvez pela primeira vez em sua vida, esse “não”, né? A gente

ouve todo dia. Imagina você ouvindo isso todo dia. (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

O interlocutor analisa essa tentativa como uma representação de algo estrutural, o anseio da branquitude de protagonizar os espaços, mesmo quando esses se apresentam como espaços auto-organizados e exclusivos de outro grupo racial. A pessoa que tenta ser incluída no perfil parece ignorar a construção que o Canal do Preto Gordo busca deixar explícita, sobre quais são os sujeitos pertencentes àquela comunidade e, inclusive, que a origem dela parte exatamente da necessidade de representatividade e acolhimento que não encontravam em espaços mistos. Além disso, ele aciona uma retórica de que haveria um ato de racismo por parte do próprio administrador na delimitação daquela comunidade, por ser centrada em pessoas negras.

Diante dessa situação, o interlocutor argumenta que é exatamente um processo de exclusão o que ele e outras pessoas negras vivem diariamente diante do racismo, como demonstra o próprio relato sobre a origem do perfil, no qual ele nunca foi ao menos respondido pelas páginas ursinas a respeito da ausência de corpos pretos e gordos, e quando resolveu criar esse espaço, onde pudessem ser incluídos e celebrados, é acusado por esse sujeito de estar promovendo um ato de “racismo” contra pessoas brancas.

Outra movimentação, que pude observar em torno desse processo de debate racial a respeito dos seguidores, ocorreu em uma *live* do perfil que abordou a experiência de modelos *plus size*, no dia 23 de maio de 2021. Nessa ocasião houve um pequeno debate a respeito da percepção de um dos convidados sobre seu lugar de ambiguidade racial e como se sentiu impactado com a afirmação de negritude presente na página e especialmente pela afirmação de identidade racial através da palavra “preto”, que o fez questionar se ele era pertencente aquele grupo.

Luís Paulo Gawlinski, modelo *plus size* de Porto Alegre, acompanha a página desde os momentos iniciais e estava também inserido em um grupo de *telegram*⁶² que a comunidade

⁶² *Telegram* é um aplicativo que funciona como mensageiro, análogo ao que é o *whatsapp* por exemplo, contudo o destaque que o diferencia de outros aplicativos com função próxima é a maior segurança e privacidade prometidas por seus serviços de criptografia, a possibilidade de criação de grupos secretos e mensagem com função de autodestruição. Durante a pesquisa não tentei ter acesso direto a esse grupo, visto que extrapolava meu recorte e principalmente a fim de respeitar a delimitação de ser um espaço restrito para a interação de homens negros gordos. No entanto, pelos depoimentos dos interlocutores, foi possível compreender que esses espaços têm uma ligação direta com o perfil do *instagram*, sendo utilizado por parte dos seguidores para o fortalecimento de outras dinâmicas de trocas, trocas essas que também refletem nos debates trazidos para o perfil no *instagram* e vice-versa. Um dado que nos ajuda a visualizar como o *instagram*, lócus principal desta pesquisa, não está isolado, as relações refletidas ali que se estendem antes e depois dele, seja em outras plataformas ou nas conexões que não são mediadas pelas redes sociais online

possui para conversas mais diretas e cotidianas, sendo outro espaço de socialização que surge graças ao perfil e extrapola a plataforma do *instagram*, como descreve seu administrador.

Queria dar uns recadinhos pra vocês, se vocês têm o *telegram*, seguir o Canal também no *telegram*, o endereço tá aí na descrição, se não conseguir entrar no *telegram*, manda mensagem pra mim aqui *inbox* que eu coloco vocês lá. Lá também no *telegram* agora tô dando um monte de dicas, conteúdo também no *telegram* do Canal do Preto Gordo, tá gente? Comecei inclusive com dicas de filmes, dei a dica pra esse final de semana, final de semana que vem tem outro, que eu vou assistir quando acabar aqui a *live* [...] sempre filmes abordando gordofobia, abordando racismo e lógico, homofobia também. (Julio Cesar em *live* em 24 de outubro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Foi nessa outra plataforma de comunicação que o acontecimento relatado na *live* ocorreu. Em determinado momento Luis e Julio relembram o episódio em que o seguidor se retirou do grupo do *telegram* sem muitas explicações, o que gerou estranheza no administrador que o buscou para saber o motivo. Assim o modelo relatou que não sentia ser tão legítimo seu pertencimento àquele espaço de debate, pois achava que estava invadindo um espaço que não era necessariamente dele, por ser um homem pouco retinto e estar em um lugar que segundo ele é “privilegiado” por não ser “negro da cor”.

Meu pai é polonês, meu pai é alemão de olho azul e cabelo loiro, minha mãe é negra. [...] Não é à toa que a questão do grupo aquela vez, vocês falando de negros e privilégios e tals, então eu preferi me tirar do grupo por não ser... Ter o poder de fala, ou ser privilegiado, de não ser negro da cor como eles estavam falando... (Luís Paulo Gawlinski em *live* no @canal_do_preto_gordo em 23 de maio de 2021)

Ao passo que o administrador relata que o chamou de volta e afirmou que ele já fazia “parte da família” do Canal do Preto Gordo.

Só um adendo aqui gente [...] Vou só dá um adendo do que aconteceu, que nós temos o nosso grupo do *telegram*. O Canal do Preto gordo no *telegram*, que junta um monte de gente que tá adicionado no perfil, e pra gente bater papo mesmo, trocar informações do dia a dia, coisa que não dá pra fazer num perfil do *instagram*, e aí o Luís Pablo um dia saiu do grupo, aí eu falei “Ué? O que é que houve? Não avisou nada, não falou nada e saiu do grupo”, aí eu falei, “Não, eu vou atrás, eu gosto de Luís Pablo, eu vou atrás”. Perguntei “Lindo, porque que cê saiu do grupo?”, aí ele me respondeu, ah gente, que não tinha nada haver, “O povo fala só coisa de negro e eles devem achar que eu não sou negro...”. Eu falei “Olha só, tu para de palhaçada, tu faz parte da família, não tem como você escapar, como assim você vai sair do grupo? Você pode ser amarelo, vermelho, azul, preto, roxo, vai ficar!”. E aí eu botei ele de volta e ficou. (Julio Cesar em *live* no @canal_do_preto_gordo em 23 de maio de 2021)

Esses debates sobre auto e heteroidentificação racial aparecem em muitos momentos nos conteúdos do perfil. Outro exemplo que pude observar foi a conversa com o seguidor William Barão, que relata sobre seu processo de percepção enquanto homem negro, quando

ele afirma que entendeu que não era “cor de papel” a partir da sua experiência de contato com o racismo em seu ambiente profissional em uma região elitizada do Rio de Janeiro.

Isso é uma descoberta, que principalmente eu que não sou de pele retinta, vou te falar que demora, não vou mentir pra você, não vou falar que sempre me identifiquei desde criança, preto, é mentira. Fui me identificar realmente quando eu saí do meio dos meus, sabe? Do meio familiar, amigos de infância ali. Principalmente na minha profissão, quando eu fui ter contato, a minha área de bar infelizmente ela tá muito zoneada, aqui no Rio de Janeiro, basicamente em dois bairros, e quando eu digo zoneada digo financeiramente dizendo, né? A boa remuneração [...] Então, a partir do momento que eu comecei a atuar, com meus 19, 20 anos, nessa área da zona sul, eu vi que eu não era “cor de papel”. Eu não era “o cor de papel”, eu comecei a ver essa diferença em tudo, sabe? E eu vi, cara, já estava mais do que na hora de eu me olhar no espelho e ver que eu sou um homem preto, ponto. E eu tenho que acordar pra isso o quanto antes, sabe? E foi, graças a Deus, eu acordei isso até bem cedo, sabe? Talvez tenham homens pretos, mulheres pretas, até mais velhos do que eu com a mesma tonalidade de cor, ou por ter o cabelo um pouco mais liso, não crespo, ou por conta do tipo encaracolado, que não se identificam como pretos, pessoas pretas, sabe? (Wiliam Barão, *live* em 30 de abril de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Em outras ocasiões no perfil o administrador também recontou o episódio de conflito com o seguidor que questionou sua seleção de homens considerados pretos, como na *live* com o seguidor Eduardo Filho, que foi convidado a debater sobre sua produção de conteúdo sobre racismo e “pretitudes” no seu perfil de *instagram* e que, segundo a observação do interlocutor, também havia produzido um *post* a respeito desse debate em torno do colorismo. Ele aponta que respondeu a esse seguidor, “Eu simplesmente botei, “Eu acho que você deveria fazer um *upgrade* nas suas definições de preto”, simplesmente eu só consegui falar isso. E ele respondeu rindo “hahaha”, não falei mais nada, o que vai bater no seu *post* sobre colorismo.” (*Live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo).

Um ponto que me deixa muito triste, que um tempo atrás, né? A gente tava com um grande debate sobre pessoas pretas de pele clara, fazendo vídeo exaltando a negritude, e aí tinha pessoas pretas retintas falando “Ahh agora todo mundo quer ser preto, ser o neguin, ser a neguinha ninguém quer”. Mas aí que vem o ponto, as pessoas foram o “neguin” as pessoas foram a “neguinha”, só que elas não tiveram como se defender, porque quando elas iam falar alguma coisa, “Cê⁶³ não é tão preto assim”, “Cê é café com leite”, “Cê é muito clarinha”, como é que defende? A pessoa passou a vida inteira sem saber o quê que era, a pessoa passou a vida inteira sem conseguir defender das coisas que ela sofria. Então assim, é claro que o preto retinto ele vai sofrer muito mais racismo, e isso ninguém discorda, mas invalidar as pessoas e falar como se elas não sofressem, sabe? Sendo que elas passam a vida inteira sofrendo um monte de coisa sem nem ter noção da coisa, sem ter noção de que aquilo é racismo. Pow, eu já vi gente preta falando que era branca. (Eduardo Filho, *live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Assim, é possível compreender desde já que o debate do racismo e da construção de uma noção de negritude ou, como os interlocutores também vão se referir nos diálogos, de

⁶³ “Cê” é uma variação regional de linguagem para a palavra “você”, usada pelo interlocutor.

uma “pretitude” que interligaria esses homens de diferentes cores e fenótipos é recorrente e central no Canal do Preto Gordo. Além disso, é relevante destacar como as definições que delimitam essa identidade não são unânimes entre todos os homens que fazem parte do perfil, havendo diferentes compreensões sobre a identificação de si próprios e dos demais. Ao passo que a perspectiva sustentada pelo administrador guia em certa medida a direção tomada pelo perfil, essas discordâncias, provocações e dúvidas também vão tensionando e contribuindo na construção do conteúdo do Canal do Preto Gordo.

3.3 Breves apontamentos sobre o reconhecimento do protagonismo das mulheres no ativismo gordo e suas contribuições na articulação do Canal do Preto Gordo.

Como contextualizei no capítulo anterior, a articulação de mulheres a partir de um esforço feminista, e nos primórdios principalmente lesbofeminista, foi fundamental no processo de radicalizar o debate público sobre as corporalidades gordas, a partir de reflexões políticas associadas à temáticas como a cobrança estética e controle corporal das mulheres, visto que, como argumenta Jimenez Jimenez (2022), apesar da diversidade de pautas e conceitos que as lutas feministas abarcam na atualidade “[...] resistir à pressão estética aos corpos femininos, a mulher ser responsável e autônoma no que se refere ao próprio corpo tem sido foco da opressão patriarcal desde sempre” (p. 16).

Atualmente ainda é possível afirmar esse protagonismo das mulheres no ativismo e pesquisas antigordofóbicas que tem na sua trajetória histórica uma relação intrínseca com os debates sobre gênero e sexualidade. Quando questionei ao administrador do C.P.G se ele também identificava esse protagonismo feminino no ativismo gordo, ele afirmou que sim e também relatou sua percepção de como além dessa presença majoritária de mulheres, percebe que os homens envolvidos nesse processo são majoritariamente homens gays.

Nossa, tem muito mais mulheres, muito mais mulheres. Primeiro, como eu falei pra você, os homens, principalmente os cis héteros, né? Machismo estrutural, heteronormatividade tóxica. Por incrível que pareça, a grande maioria dos perfis de homens que falam sobre gordofobia, e homens pretos, são de homens gays, tá? Tem perfis de homens héteros? Tem. Falando de moda? Tem, são legais pra caramba, tem. Mas a maioria é de gays, e a maioria dos perfis são de mulheres. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Em nossa entrevista inicial, questionei ao interlocutor o que ele entende que há de compartilhado e o que há de específico entre os debates sobre gordofobia apresentados nos perfis gerenciados por mulheres ou por homens, como o Canal do Preto Gordo, e ele

argumenta que as principais semelhanças se encontram nos debates sobre acessibilidade e saúde.

Cara, olha, os perfis delas tem assuntos que a gente faz uma parametrização e há semelhanças, né? Exemplos, como eu falei, acessibilidade, exemplo quando ela toca na questão da saúde, né? [...] Então, assim, qual é o preparo que o profissional tem pra atender o preto gordo? Quando as mulheres tocam nesse assunto, nessa questão da saúde, há essa semelhança, né? Porque assim, as mulheres também sofrem muito [...] Quando eu fiz a *live* para o pé saudável foi focando no preto gordo, mas dá pra todo mundo. com certeza. [...] Então quando elas tocam em alguns assuntos, eu nem me refuto... Jogo nos *stories*, como já joguei a Malu, né? Como já joguei a Lidiane, eu jogo nos *stories*, porque isso é informação, serve para o preto gordo também. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

A “Malu” citada na fala anterior é a ativista e pesquisadora Maria Luiza Jimenez Jimenez. O interlocutor já afirmou em outras falas que acompanha o conteúdo produzido por ela, e esse e outros conteúdos produzidos por mulheres gordas são compartilhados também no Canal do Preto Gordo através dos *stories* e em algumas reportagens no *feed*.

Em muitos diálogos o interlocutor apresentou sua visão quanto à organização, persistência e união das mulheres na luta antigordofóbica. No relato abaixo ele destaca como essa atuação se apresenta como um exemplo positivo para o Canal do Preto Gordo, um patamar a ser alcançado. Além disso, seus relatos focam em como as trocas de experiência, os diálogos promovidos pelo perfil, são uma ferramenta central para alcançar essa formação de rede necessária para a construção do ativismo gordo.

Ai, já me perguntaram “Mas, por que as mulheres? Cara, as mulheres [...] elas são extremamente mais organizadas, mais unidas, e totalmente pé na porta. Elas querem o espaço delas, elas estão brigando e vão brigar eternamente por isso, ponto. Então, elas têm uma rede, cara, de mulheres trocando experiências e é esse tipo de visão que eu tenho para o Canal do Preto Gordo, ou seja, troca de experiência. Eu sempre falo na chamada “Vamo trocar experiência, vamo conversar”, porque a identificação existe, né? Está ocorrendo? Está, mas não é nesse nível das mulheres, não é. Impressionante, porque todas têm, assim, a semelhança, a empatia, as histórias. Então, totalmente, assim, acho que 80% dos perfis de mulheres, com certeza, né? (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Há no perfil a presença de mulheres que se destacam também nas contribuições para construção de conteúdo do C.P.G, como é o caso da preta gorda Yara Balduino, que além de participar como convidada de *lives* no perfil, também mantém sua presença assistindo e comentando em muitos momentos nas atividades do Canal do Preto Gordo. Ademais, esse reconhecimento explícito nos relatos é também visível em postagens, como as comemorações do “Dia da Mulher”, em 8 de março de 2022 e 2023.

FIGURA 12: Homenagem às mulheres no perfil

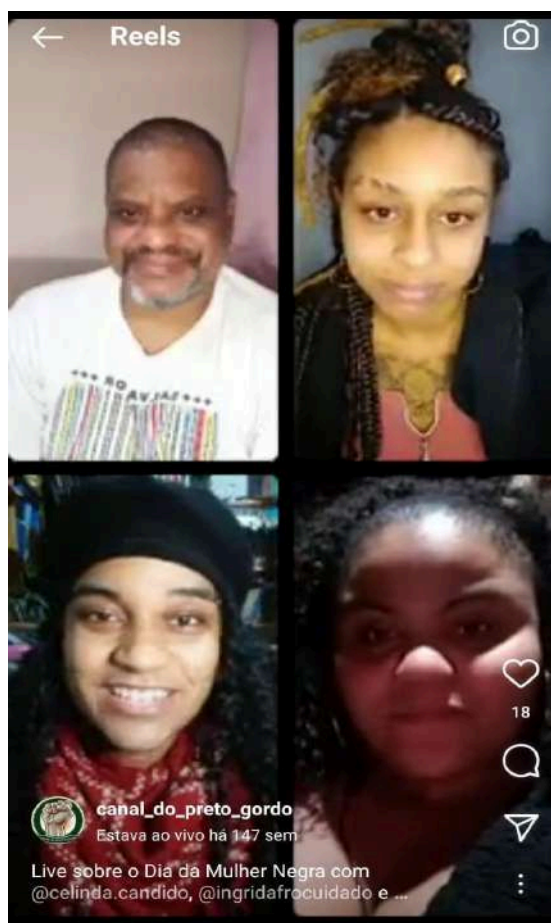


Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo realizadas em 9 de abril de 2024.

Além da divulgação de um carrossel com fotos dessas mulheres negras e em sua maioria gordas, no primeiro *post* apresentado na figura anterior é possível ler uma legenda com a seguinte mensagem: “Parabéns a todas as mulheres pretas! Vocês nos representam! Obrigado por nos ensinar tanto! Empoderadas, inteligentes e fortes! Estão esperando o que para segui-las e aprender, pretos gordos?”, destacando mais uma vez a ideia de aprendizagem a partir da experiência delas. Na outra postagem também se parabeniza essas mulheres e se apresenta uma lista de perfis de mulheres negras que o administrador afirma ter conhecido através do Canal do Preto Gordo.

No perfil há tanto o compartilhamento do conteúdo de mulheres negras gordas, quanto uma abordagem sobre pautas relacionadas a mulheres negras de uma forma mais abrangente, como a *live* realizada em 25 de junho de 2021, apresentada a seguir, na Figura 13.

FIGURA 13: *Live* do Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.



Fonte: Captura de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo realizada em 25 de abril de 2024.

Ademais, além desses *posts* e da presença das convidadas em *lives*, reflexões a respeito das condições de desigualdade enfrentadas por mulheres negras são pautadas pelos pretos gordos convidados mesmo em *lives* que não tem essas temáticas como proposta, como demonstra o diálogo abaixo em uma *live* de retrospectiva do perfil, em 19 de dezembro de 2021.

Julio Cesar - Cada vez mais com as coisas que vocês falam, e de outras *lives*, me vem à cabeça aquele esquema da pirâmide do salário, o homem branco cis, a mulher branca, o homem preto e a mulher preta. Então, na boa cara, eu acho as mulheres pretas, independente de, sabe, de onde elas sejam, ou da classe social que elas estejam, eu acho a mulher preta tão foda. Porque pra você tá em último lugar... Teve uma matéria que saiu no Jornal da Globo [...] ela ganhou em média, a mulher preta, 78% menos que o homem branco, então você imagina.

Ronan Oliveira - É, eu vi isso, 700 e poucos homens brancos detêm o [rendimento] líquido de mais de 4 e tantas mil mulheres.

Julio Cesar - Então imagina, você ganhou 100 reais, a mulher preta ganhou 22 pra fazer a mesma coisa, não existe isso cara, não passa na minha cabeça.

Ronan Oliveira - Não é pra fazer a mesma coisa, né? 'Porque ela tem que fazer provando o tempo todo que consegue fazer, que pode fazer, que é apta a fazer, fugindo dos assédios, do machismo em geral [...] mulher preta, quando é lésbica então, aí acabou.

Julio Cesar - Se é trans então...

O administrador do Canal do Preto Gordo argumenta que o perfil é voltado para os homens, ou como apresenta na fala abaixo para “meninos” independente da sua orientação sexual ou identidade de gênero, e esse é um elemento que vai ser reafirmando em muitas ocasiões no perfil. Mas, além disso, ele faz questão de pontuar que nada impede que as mulheres pretas, especialmente as gordas, façam parte dessa articulação, pelo contrário, como demonstrado nesse tópico sua presença é celebrada e vista como um exemplo de ativismo.

É um canal só pra menino, mas é menino cis, menino trans, menino gay, menino bi, menino hétero. Mas nada que impeça de eu trazer as mulheres gordas pretas pra aqui, muito pelo contrário. Uma vez me perguntaram por que que o seu canal é só pra preto gordo, e as mulheres? E eu falei, cara, por incrível que parece, eu não sei se tô falando besteira, mas as mulheres, elas são muito mais organizadas, muito mais empoderadas, muito mais determinadas e muito mais unidas. Em qualquer canal de negritude, seja qual seja ele, você vai encontrar as mulheres pretas gordas lá também, porque elas conquistaram o espaço dela, e isso não acontece com os homens porque eles estão impregnados com esse machismo hétero idiota, e eles não se mexem. Então vamos criar um canal pra gente e ser tão empoderado quanto as mulheres são, ser tão unidos como elas são, ser tão determinados e organizados como elas são. Esse é o ponto. Portas abertas para qualquer mulher preta, por favor, venham nos dar lição, venham nos ensinar. (Julio Cesar, *live* em 23 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Há um apontamento de como o machismo e a heteronormatividade se apresentam como empecilhos para que os pretos gordos desenvolvam articulações em torno da pauta da antigordofobia, para que possam ser tão “empoderados, determinados e organizados” como o interlocutor entende que pretas gordas são. A questão da orientação sexual dos homens e as tensões entre eles, a partir de expressões de homofobia e conflitos de interesse na constituição e organização do perfil são elementos que estão no cerne das principais problemáticas observadas no cotidiano do C.P.G, questão que abordo nos capítulos seguintes.

Por fim, diante dessa contextualização de motivações e conflitos que constituem a origem do perfil, apresentei os elementos iniciais da história do Canal do Preto Gordo a fim de que possamos seguir nessa navegação. No próximo capítulo busquei analisar elementos do dia a dia do perfil a partir das principais ferramentas e temáticas abordadas no C.P.G, além de destacar as vivências dos seguidores e cocriadores que em conjunto com o administrador mantém essa comunidade de pretos gordos em suas diversidades, tensões e acordos.

4. COTIDIANO DO CANAL DO PRETO GORDO: fotografias e *lives* como ferramentas de comunicação e construção de ativismo.

Após a exposição da origem e das bases sobre as quais o Canal do Preto Gordo se ergue, podemos navegar melhor através do seu conteúdo. Neste capítulo, analiso os conteúdos e as relações desenvolvidas no perfil através de duas das principais ferramentas utilizadas no C.P.G, o compartilhamento de imagens dos pretos gordos e a realização das *lives*.

Nas primeiras incursões ao perfil, observando a dinâmica de interações por meio das postagens ali existentes, tive a percepção inicial de que não havia tanta movimentação e interação entre os seguidores e o C.P.G, visto que os comentários no *feed* eram de maneira geral poucos e sucintos. Uma percepção que logo seria alterada, quando me dediquei a observar mais de perto o conteúdo do Canal do Preto Gordo e pude constatar as trocas relevantes que estavam sendo elaboradas ali. O percurso etnográfico demanda um olhar mais próximo e cuidadoso na observação, o que também fez com que ao longo desse processo tivesse que repensar os parâmetros que havia estabelecido inicialmente para a busca de perfis e reorganizar minhas escolhas metodológicas.

Se nesses primeiros contatos não via uma grande interação acontecendo nos comentários públicos, a minha conversa com o administrador do perfil revelou o quanto existiam negociações, conflitos, elogios e pedidos de ajuda que ocorriam apenas via *DM*, ou seja, no *chat* privado do *instagram*, e em alguns momentos nas Caixinhas abertas nos *stories*, espaços onde a identidade desses seguidores não era visível para todos, apenas para o administrador. As imagens compartilhadas no *feed* e *stories* são fruto de processos de negociação que ocorrem também nesses bastidores, e após o aprofundamento do trabalho etnográfico foi possível compreender como estão atravessadas por interesses e tensões diversas, que apresento no próximo tópico.

Ademais, foi quando me dediquei a assistir as *lives* salvas no Canal do Preto Gordo, que pude observar como muitas delas mobilizaram comentários no *chat* ao vivo e que ali naquele momento semanal de trocas se debatiam conceitos diversos, apareciam embates entre opiniões divergentes, momentos de desabafo e acolhimento entre esses homens, elementos que ajudaram a explicitar a complexidade das relações desenvolvidas no perfil. Além da compreensão de que as *lives* do C.P.G se configuram como um espaço relevante de construção coletiva de conhecimento e articulação, uma operação que associo a própria dinâmica do ativismo gordo, como pontuo no último tópico deste capítulo.

4.1 “PRETO E GRANDE É LINDO”: negociações e significados em torno das fotografias no perfil.

Um símbolo quadrado com um círculo no meio tingido por um degradê colorido, essa é a aparência da logo do aplicativo do *instagram*. Hoje a imagem é uma representação gráfica simplificada de uma câmera fotográfica analógica, apenas linhas e formas geométricas, mas em suas primeiras 3 versões apresentavam ainda mais explicitamente uma imagem que fazia referência direta ao famoso modelo *Polaroid*, câmera de fotografias instantâneas.

A mudança desse símbolo, entre 2010 e 2016, acompanhou as mudanças de gerência, inovação e objetivos que ocorreram com o próprio *instagram*. Se no começo a principal função da plataforma era o compartilhamento de fotos editadas com “efeitos retrô”, agora o *instagram* conta com muitas outras funções, *reels*, *stories*, caixinhas de pergunta, *lives* e diferentes efeitos e filtros. Contudo, as fotos ainda são um elemento importante dessa plataforma e são elas que também são um dos conteúdos principais do Canal do Preto Gordo que, a partir da criação desse banco de imagens compartilhadas, se propõe na missão anunciada pelo seu criador, de visibilizar uma representação positiva desses corpos que possa contribuir para o empoderamento de homens pretos gordos.

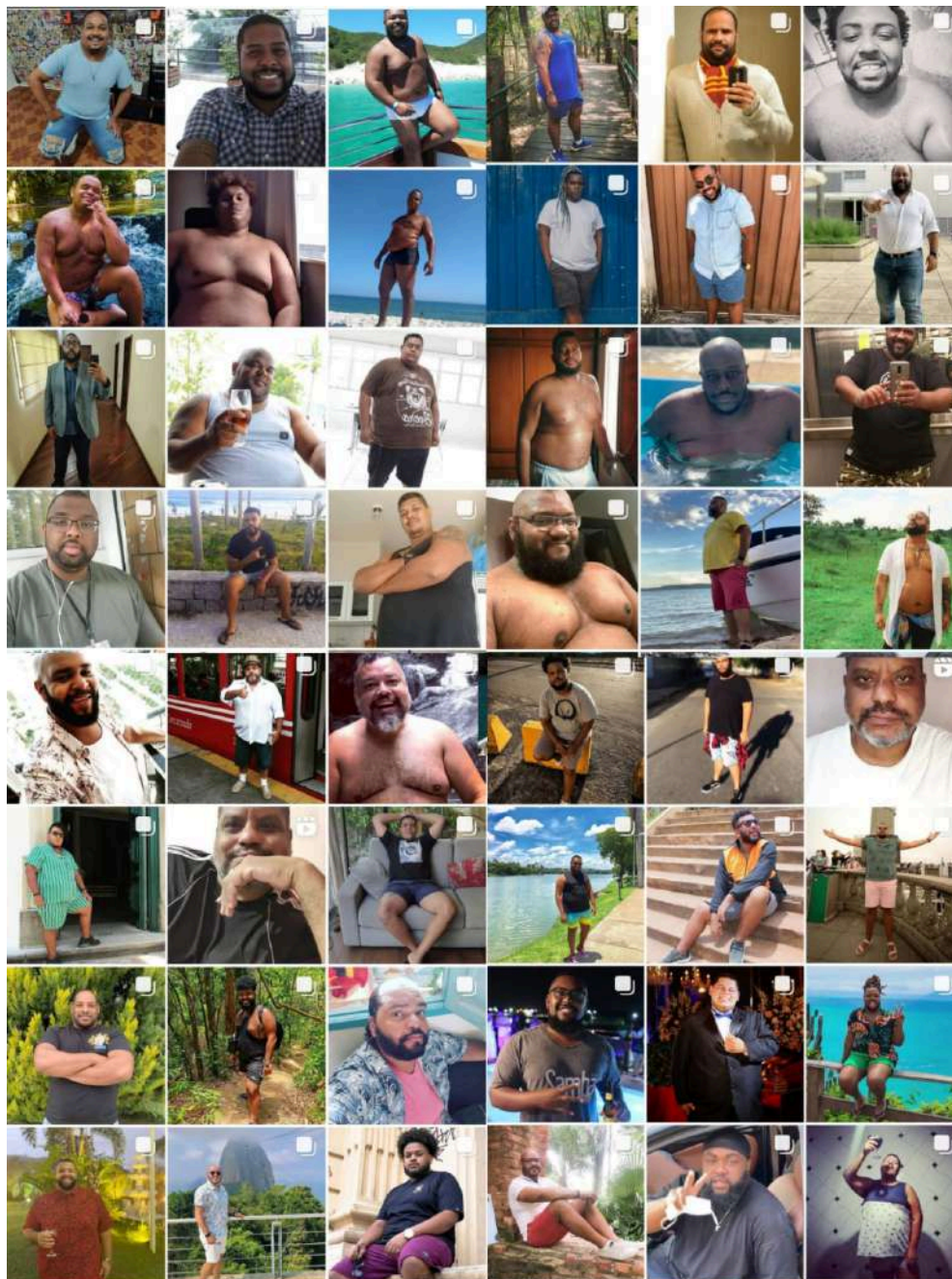
Eu fiquei pensando por um tempo como eu ia... De que maneira eu poderia usar o canal pra quebrar esses preconceitos estabelecidos, esse *establishment* do corpo, apolíneo, físico, do corpo saudável que é o corpo magro, né? O corpo musculoso. É o único que serve, é o único que mostra que você está bem perante a sociedade. Então, como é que eu ia... De que maneira eu ia enfrentar isso, né? Mesmo eu sendo um Dom Quixote enfrentando os moinhos, né? Porque um perfil que tá começando não é do dia pra noite que vai conseguir quebrar essas construções sociais. E aí eu fiquei um bom tempo pensando como que eu ia fazer isso, e aí eu tive um *insight*, vou postar as fotos dos pretos gordos, mas também vou postar as fotos dos pretos gordos sem camisa, pra quebrar visualmente esse padrão de que: “Nossa, não é bonito. Nossa, não tá saudável!” [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Observar perfis, entrar em contato e negociar as postagens dessas imagens é uma das principais atividades cumpridas pelo administrador do Canal do Preto Gordo. Como relatado no capítulo anterior, foi a ausência de fotografias de homens negros e gordos em outras páginas que o instigou nessa missão de criar um perfil que pudesse contribuir na visibilidade das imagens desses sujeitos. Assim, o *feed* do C.P.G é quase exclusivamente preenchido por fotografias de homens negros gordos. Pontuo “quase”⁶⁴ pois nesse espaço do *feed* também

⁶⁴ No final de 2023 e nos primeiros meses de 2024 observei também uma mudança em curso na composição do *feed*, havendo uma presença mais frequente de conteúdos de terceiros, *posts* colaborativos com outras páginas que também visibilizam corpos gordos, especialmente com o @focosoficial1, que é uma página de conteúdo sobre Ursos, e publicações do trabalho de Breno Donadio (@brenodonadio), um dos seguidores bastante

há, além das fotografias, *lives*, vídeos e alguns *prints* que não se restringem a fotos, contudo, até os *reels* postados, em geral, são mais uma forma de apresentar as fotografias enviadas.

FIGURA 14: *Feed* do Canal do Preto Gordo



Fonte: Montagem realizada pela autora com quatro capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 10 de março de 2024.

presente no C.P.G e que é estilista de roupas *plus size*. Constatado que essa mudança está atrelada à disponibilidade do administrador na construção de conteúdo do perfil, tendo em vista que ele sinalizou em alguns diálogos em postagens que estava lidando com mais demandas no seu trabalho, mas buscava não deixar que essa falta de tempo o afastasse do C.P.G, e, portanto, repostar esses conteúdos parece ser a solução encontrada para manter a movimentação no perfil.

Alguns elementos merecem destaque ao navegar pelas fotos do Canal do Preto Gordo, sendo o primeiro deles a diversidade entre os homens ali representados, diferentes tons de pele, tipos de cabelo, idade, vestimentas e cenários. Segundo o administrador do perfil, o único padrão que ele tenta manter nessa seleção de imagens diz respeito a evitar fotos que apresentem uma “qualidade muito ruim”, como relata na *live* de comemoração do primeiro ano do perfil.

[...] quando eu vejo foto eu tenho que ver a qualidade dessa foto, porque assim, eu não posso botar qualquer foto do cara, se a foto tá muito granulada, ou a iluminação tá um pouco ruim, as vezes não foi tirada legal. Eu não posso fazer isso com quem eu tô postando a foto e principalmente para o público-alvo do canal, vai ficar vendo uma foto ruim, lógico que ninguém aqui é fotógrafo profissional e etc., né? Mas assim, procuro pegar umas fotos que fiquem legais no perfil [...] (Julio Cesar, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Contudo, mesmo havendo essa preocupação com limites de qualidade associados à nitidez, luz muito baixa e fotos que cortam partes do corpo, como também relatou em outras *lives*, é possível observar que entre as imagens postadas existem muitas fotografias que não passam necessariamente por um tipo de preparação tão rigorosa. Imagens com diferentes qualidades, sem cenários ou figurinos preparados de forma tão específica também fazem parte do *feed*. Muitas são registros do dia a dia, algumas em forma de *selfies*⁶⁵.

Analisei que essa característica, por mais que gere certa preocupação do administrador que tenta manter o que ele entende como um “padrão de qualidade” nas fotos postadas, também pode ser lida como um fenômeno positivo no sentido de produzir um ambiente de maior acesso aos seguidores, que não precisam ter apenas aquelas “fotos de revista” para se sentirem confortáveis em compartilhar suas imagens com o perfil. É claro, também é relevante pontuar que não ter os mesmos equipamentos e possibilidades de preparação de cenário e figurino, não significa que essas fotografias enviadas não sejam também pensadas e criadas dentro do interesse estético de quem as produz.

Também há uma restrição quanto à modalidade de *selfies* que tendem a focar apenas no rosto e não mostrar o restante do corpo, visto que essa é uma reivindicação retomada o tempo todo pelo administrador nas *lives* e postagens que realiza no C.P.G, havendo o interesse de visibilizar corpos de pretos gordos por inteiro, principalmente através do seu registro sem camisa. Portanto, não há necessariamente um problema que as fotografias enviadas sejam autorretratos e registros considerados “caseiros”, desde que na maioria delas se mostre mais

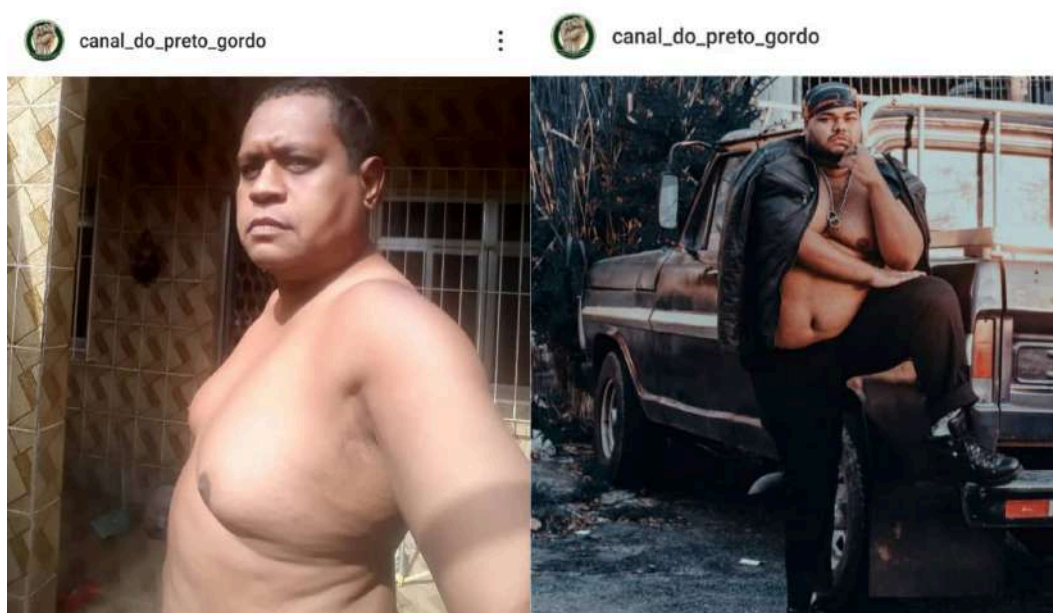
⁶⁵ *Selfie* é um termo usado para identificar autorretratos, essa classificação é associada ao ato de posicionar o aparelho celular ou câmera fotográfica na própria direção e realizar um registro em que você aparece, mas elas não se restringem a fotos sozinhas, existindo também as “*selfies* em grupo”. O termo é especialmente vinculado às fotos compartilhadas em redes sociais online.

do que apenas o rosto. Assim, *selfies* que não mostram muito do ombro pra baixo não são postadas sozinhas, apenas em publicações chamadas de carrossel que permitem que até 10 fotos sejam postadas juntas, onde essas fotografias de rosto são intercaladas por outras fotografias que mostram mais do restante do corpo.

Queria, inclusive, dar um recadinho pra quem tá chegando agora, porque isso já não acontece uma vez, já tá acontecendo algumas vezes, então tenho que pontuar, tá sempre explicando. Você que quer dar fotos para o Canal, para ser postado, você que cede as fotos, preste atenção na linha editorial que está sendo adotada no Canal, porque muitos perfis as vezes só tem *selfie*, ou tem muita *selfie*, e como o objetivo, um dos objetivos do Canal do Preto Gordo, é a valorização do corpo preto gordo masculino, mostrar a beleza desse corpo e que esse corpo também pode, merece ser exibido... Assim, quando você me dá *selfie* não consigo fazer isso, porque não tem foto do seu corpo inteiro, tem foto do rosto, é lógico que *selfies* podem até entrar dentro do que for postado, uma ou duas fotos, com certeza, não tem problema nenhum, é até legal pra pegar a expressão facial da pessoa, porque às vezes ela tá muito longe, e vai mostrar o rosto mesmo, o *shape* da pessoa, mas o objetivo não é somente *selfie*, tá bom? Se você tiver foto de corpo inteiro melhor ainda, porque é esse o objetivo do Canal, é valorizar, aliás, mostrar o valor que seu corpo tem, a beleza que ele tem e o direito dele ser exibido se você assim quiser. Então continue mandando fotos, continue curtindo o Canal, continue compartilhando o conteúdo. Cara, vem porque tá muito legal, vamo aumentar o nosso exército de preto gordo [...] (Julio Cesar, em vídeo postado no *feed* do @canal_do_preto_gordo em 10 de fevereiro de 2022)

Afora essas orientações, que o interlocutor chama de “linha editorial”, dividem o *feed* do C.P.G fotografias com diferentes composições, como demonstram as imagens a seguir.

FIGURA 15: Diferentes produções fotográficas



Fonte: Montagem realizada pela autora com duas capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 25 de fevereiro de 2024.

A primeira é uma *selfie* realizada possivelmente na porta de uma residência, e a segunda uma fotografia tirada por outra pessoa, composta também pela presença do carro, de um figurino específico e possivelmente do tratamento\edição da imagem com relação a cores e iluminação. Enquanto a primeira remete a uma foto feita em um momento cotidiano, a segunda remete a um ensaio fotográfico profissional e que aparenta ser temático, mas ambas cumprem o objetivo de visibilizar os corpos dos pretos gordos.

Além disso, os homens que compartilham suas fotografias não precisam se encaixar em um “padrão fora do padrão”, ou seja, nas exigências estéticas que também recaem sobre corpos gordos que, por exemplo, são cobrados na exibição de peles uniformes, sem manchas, estrias ou celulites, determinadas formas de distribuição de gordura corporal, figurinos extremamente produzidos e em alguns casos à manutenção de uma faixa etária jovem. Portanto, essa é uma característica relevante no sentido de visibilizar imagens mais próximas da realidade cotidiana, sem grandes retoques, que relembram aos seguidores que não é preciso ser “o preto gordo modelo” para também ter sua beleza e existências validadas e apreciadas, e isso é reconhecido pelos homens que compõem essa comunidade.

Foi uma grata surpresa quando eu vi o perfil do Ébanos, que é um perfil diferenciado, porque eu já tinha visto outros perfis que postavam fotos de homens gordos, mas o foco claramente de mercado, claramente de produto, de transformar o homem preto em produto, me incomodava um pouco, e quando eu me deparei com o perfil do Ébanos eu realmente vi uma simplicidade, uma... Diria até uma humildade mesmo, sabe? E que chegou pra mim como alguém que chega quietinho, que chega de boa, sem a pretensão de ser “o melhor”, “o mais badalado”. Não, é um perfil que tá ali pra fazer o dele e isso me deixa muito feliz, sabe? [...] isso é uma premissa muito boa, porque deixa as pessoas muito à vontade até para fazer parte. (Jefferson Rodrigues), *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Essa “simplicidade” relatada pelo interlocutor, como argumentei anteriormente, pode ser a chave para aproximar mais pretos gordos do perfil, homens que não estão necessariamente ligados ao ativismo gordo ou não são modelos etc., mas sentem que são bem-vindos neste espaço, pois observam essa diversidade na representação de homens negros e gordos.

Além de pontuar essa questão, o interlocutor também segue tecendo uma crítica à dinâmica de outros perfis que, segundo seu relato, promovem disputas entre os seguidores, através de jogos de competição fotográfica, onde se vota nas fotos consideradas melhores ou mais bonitas. Ademais, ele destacou como, principalmente nos perfis mistos – isto é, aqueles que não são exclusivos para homens negros – como os perfis ursinos dos quais ele teve

contato, pretos gordos enfrentam desvantagens nessas disputas e esse processo pode interferir diretamente na sua autoestima

Quando você for participar do meu *podcast* a gente vai falar dessas questões, de como os perfis retratam a gente e como a gente se permite algumas brincadeiras ruins nesses perfis também, aquela parada de batalha, de corta um, corta o outro. Cara, o preto sempre tá em desvantagem ali, sabe? [...] ficam comparando aquilo com isso, e botam caras completamente diferentes, estilos diferentes, sabe? E isso é cruel pra gente, sabe? E você precisa tá ali vendendo nossa autoestima a preço barato para estar nesses lugares, né? E não, não é o nosso lugar, e acho que o caminho é esse, sabe? Nessa simplicidade, nesse empoderamento mesmo, sabe? Aqui pode vir a ser, “pow vi um homem gostoso pra caralho, vou flertar, vou ver o que rola”, pode ser também, mas é acima de tudo a afirmação de uma humanidade, de uma simplicidade, de um estar no mundo. Porque eu estou, porque eu tô aqui, porque eu tenho direito de estar como todo mundo, tenho direito de mostrar, de ser quem eu sou e seguir dessa forma. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio 2021 no @canal_do_preto_gordo)

Construir esse espaço de existência possível através de representações consideradas mais plurais e positivas sobre esses corpos, como principal missão a qual o Canal do Preto Gordo se propõe, passa também muitas vezes pela busca de um equilíbrio entre o espaço do flerte, do “biscoito”⁶⁶, da estética e de elementos que falam sobre a autoestima em diferentes níveis, como a autoestima intelectual e profissional.

No perfil, esse equilíbrio é mantido principalmente pelos diálogos que ocorrem nas *lives*, abordados no próximo tópico, mas, exemplos da valorização desses outros aspectos também podem ser vistos nas seleções de imagens que compõem o *feed* do perfil, como no exemplo exposto na figura 16, a seguir.

FIGURA 16: Fotos relacionadas à realização profissional



Fonte: Montagem feita pela autora com três capturas de tela do feed do perfil @canal_do_preto_gordo, realizadas em 21 de março de 2024.

⁶⁶ O termo ‘biscoito’ é usado nas redes sociais online a fim de significar um agrado, “ganhar um biscoito” de maneira mais recorrente significa ganhar elogios, comentários positivos, em uma referência ao ato de dar biscoitos a um animal de estimação que cumpre uma ordem certa, ou seja, um sinônimo para uma recompensa.

Assim, ao observar as imagens compartilhadas no Canal do Preto Gordo, encontraremos tanto as fotos sem camisa, na praia, em festa e outras ocasiões de lazer, com poses e elementos que tendem a dar foco na visibilidade da beleza desses corpos, quanto aquelas que, por exemplo, destacam elementos relacionados à carreira e formação profissional dos seguidores, como a exibição do jaleco, crachá e diploma na figura anterior e também *posts* feitos especificamente em datas de homenagem a profissões ocupadas pelos seguidores.

FIGURA 17: Homenagem ao “Dia do Psicólogo” e “Dia dos Professores”



Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de tela do perfil @canal_do_preto_gordo feitas no dia 11 de março de 2024.

Ademais, retomando o argumento do interlocutor no final da última fala apresentada, a respeito do seu direito de existir, de estar e se mostrar no mundo, abordo uma reflexão que o próprio administrador do C.P.G costuma pontuar em diferentes ocasiões no perfil. Esse direito de existir e ter suas humanidades legitimadas e respeitadas perpassa pelo combate a uma série de opressões, pela luta contra a patologização desse corpo gordo, contra o racismo estrutural que atinge esses corpos negros, contra a homofobia, bifobia ou transfobia em muitas das realidades dos seguidores, e pela busca da construção de uma carreira profissional, da realização de sonhos e projetos de vida que são atravessados por todas essas violências. De maneira geral, as fotografias do *feed* são acompanhadas de legendas que além da frase de chamada para envio das fotografias e de *hashtags* de identificação, contam também com

“frases motivacionais”, referências às suas profissões e elogios a diferentes qualidades dos seguidores.

Este é um movimento também reconhecido como positivo, como pontua o comentário abaixo de um dos seguidores, que considera que essa ação ajudaria a ultrapassar uma noção de que expor aquelas imagens de homens gordos é algo ligado a uma questão fetichista, um tema que aparece com certa frequência nesse processo de negociação do uso dessas fotografias.

[...] dois dias pra cá tu começou a botar frases motivacionais, isso é importantíssimo. Pra as pessoas verem que não é só um corpo gordo, tem conteúdo. Que não é só uma questão de fetiche, de uma pessoa gorda se mostrando, e sim o conteúdo de uma pessoa que tem uma base, que tem uma referência e isso é importante. (Luís Pablo, *live* em 23 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Entretanto, abordar esses outros elementos não significa dizer que a exposição das fotos com intuito da valorização da beleza desses pretos gordos não seja por si só uma movimentação relevante. No capítulo anterior, ao relatar sobre os aspectos mais gerais do perfil, apresentei dois elementos que compõem a descrição do C.P.G na plataforma do *instagram*, o enunciado do objetivo de ser um perfil de empoderamento para homens pretos gordos e a frase que dá título a esse tópico, “PRETO E GRANDE É LINDO”.

A partir dessa frase apontei a argumentação de Berth (2019) sobre como a valorização estética não pode ser considerada o elemento central das práticas de empoderamento, mas, que ela, entretanto, ocupa um lugar de destaque nos movimentos de luta de grupos historicamente oprimidos, tendo em vista que a beleza e feiura são classificações envoltas em disputas de poder e processos de privilégio ou exclusão social.

Discussões apaixonadas se formam em torno da pergunta: estética é empoderamento? Talvez essas discussões pudessem ser reduzidas se entendêssemos os valores que circulam em torno da estética que é inerente à imagem e em que medida a forma com que padrões criados no cerne de uma sociedade plurirracial e patriarcal podem ser fatalmente excludentes e desestimulantes da autoestima de grupos historicamente oprimidos. (BETH, 2019, p. 70)

A busca pela valorização dessas estéticas é um fenômeno presente nos dois movimentos que são base do ativismo construído no Canal do Preto Gordo. Tanto os movimentos negros, quanto movimentos antigordofóbicos, não se resumem a essa pauta, mas são intrinsecamente atravessados por essa disputa de narrativa em torno da valorização da imagem desses sujeitos. Berth (2019) argumenta que o processo colonial gerou um estado de alienação a respeito da autoimagem das populações negras, fazendo com que seu fenótipo —

tonalidade de pele, textura de cabelo, tamanho de lábios, narizes etc. — fossem definidos como exemplos de feiura, feiura esta que é associada a uma série de julgamentos morais negativos. Portanto, fortalecer a autoestima dessas comunidades é imprescindível para que haja forças para o empreendimento de um processo de empoderamento, que não se encerra no âmbito estético, mas é também composto por ele.

Muitas são as críticas sobre os limites e incongruências do potencial da estética no processo de empoderamento. Todas pecam sobremaneira quando subestimam a potência que gera a confiança na própria imagem. Não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro da nossa própria pele. Sem um trabalho contínuo para erradicar do lugar naturalizado na sociedade a crença de que pessoas negras são inadequadas, desprovidas de harmonia e beleza física, fica extremamente difícil para esses sujeitos, atingidos diretamente por essa ideologia do padrão branco como única forma aceitável, criar mecanismo interiores de autoamor e autovalorização. (BERTH, 2019, p. 74)

De maneira análoga, a gordofobia estigmatiza a estética de pessoas gordas através de um processo que também faz com que essa associação do corpo gordo com a feiura caminhe lado a lado com julgamentos morais sobre suas capacidades, personalidades e outros aspectos que não se restringem apenas a estética, mas são constantemente medidos através dela. As pesquisas transdisciplinares sobre corporalidades gordas apontam como essa desvalorização impacta na vivência de pessoas gordas em diferentes âmbitos, gerando exclusões e preterimentos no mercado profissional e nas relações interpessoais, sendo motivadoras até de negligências no acesso à saúde etc. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020; SANTOS, 2021; RANGEL, 2018).

Há ressalvas a respeito do perigo de centrar esse ativismo apenas nesse elemento estético, e passar a desenvolver uma luta que, como apontado no primeiro capítulo, torna-se liberal no sentido de cooptada por dinâmicas capitalistas, nas quais ter um mercado de moda *plus size*, por exemplo, seja entendido como um avanço central a despeito de outras pautas. A acessibilidade na moda é relevante, mas ela não deve mascarar que há uma realidade em que a acessibilidade de pessoas gordas, especialmente das gordas maiores, é prejudicada em muitos outros âmbitos da convivência social, em que a saúde física e emocional dessas pessoas é impactada por aspectos que precisam ser enfrentados por diferentes estratégias de luta, como a disputa das narrativas biomédicas, leis contra discriminação e mudanças nos espaços físicos.

No entanto, mesmo que as pautas do ativismo gordo extrapolem o âmbito da beleza e se tenham críticas a movimentos centrados nela como o *body positive*, desenvolver representações que valorizem a estética gorda não deixa de ser uma das nossas bandeiras de

luta. Assim, analiso esse fenômeno no C.P.G em consonância com as conclusões apresentadas por Berth (2019), de que não podemos esvaziar o sentido político do fortalecimento da estética, que em processos efetivos de empoderamento é também uma ferramenta que se constrói em níveis individuais que estão diretamente interligados ao coletivo.

A figura a seguir apresenta imagens de um *post* de comemoração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro de 2023. A legenda que intitula a postagem “Somos pretos! Somos lindos!” é mais um exemplo de como essa valorização estética é acionada em pautas de combate ao racismo e à gordofobia no C.P.G, nas quais o fortalecimento da autoestima desses seguidores se dá também através da construção de uma autoimagem mais positivada de si mesmos.

FIGURA 18: Carrossel “Somos pretos! Somos lindos!”



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 11 de maio de 2024.

Diante desse contexto, trago à tona mais um elemento que se destaca no Canal do Preto Gordo. O C.P.G é apresentado como um perfil para “todos os pretos gordos”, entretanto, essa missão de valorizar e visibilizar uma diversidade tão grande de características, expressões e experiências, envolve um trabalho delicado de gerir as tensões que ocorrem não apenas entre seguidores e administrador, como relatado no capítulo anterior, a respeito das discordâncias referentes às classificações raciais no perfil, mas também entre os próprios seguidores, que nesse caso são marcadas majoritariamente pela diferença de orientação sexual desses pretos gordos.

Assim, para continuar essa análise dos significados e disputas em torno da composição desse conteúdo de grande relevância na construção do C.P.G, que são as fotografias e a forma como estão organizadas no perfil, foi preciso encarar os conflitos associados a esse processo. Portanto, primeiro busco contextualizar no próximo subtópico as observações sobre a presença majoritária de homens homossexuais no Canal do Preto Gordo, as reações homofóbicas de seguidores cis heterossexuais a respeito da visibilidade desses sujeitos e as estratégias do administrador do perfil para gerir a construção desse espaço diante dessas barreiras impostas pela cisheteronorma na convivência entre esses homens.

E por fim, no último subtópico abordo outro elemento central nesse processo das fotografias dos pretos gordos no perfil, que é o debate a respeito das fotos sem camisa. Essa ação, de estar sem camisa e posar assim para fotografias, é impactada por constrangimentos provenientes da gordofobia, e foi eleita pelo administrador do perfil como elemento importante para a construção da visibilidade dos corpos desses pretos gordos no C.P.G. Entretanto, esse não é um consenso entre os seguidores por diferentes motivos apresentados por eles, o que gera uma barreira no envio das fotografias e tornou-se uma questão conflituosa que também afeta a construção do perfil.

4.1.1 “Vem cá, esse perfil é um perfil gay?”: visibilidade gay, homofobia e tensões na construção do Canal do Preto Gordo.

O Canal do Preto Gordo é um “perfil gay”? Essa é uma pergunta feita ao administrador do C.P.G em mais de uma ocasião. Apesar de essa não ser uma informação vinculada ao nome do perfil, anunciada na descrição da *bio* ou nas falas do interlocutor ao longo do conteúdo que compartilha no *instagram*, essa desconfiança ronda parte dos homens cis heterossexuais que se aproximam do perfil. Diante disso, analiso os elementos que podem gerar essa identificação e a motivação desse receio de integrarem um perfil que para eles aparenta ser voltado para um público homossexual. Neste sentido, refletir a respeito da heteronormatividade é fundamental para compreender o porquê desse “medo gay”.

A heteronormatividade é o nome que têm recebido os arranjos e efeitos da atuação da norma no campo da sexualidade. O termo foi cunhado por Michael Warner (1993) e designa um conjunto de disposições como discursos, valores e práticas por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão. A heteronormatividade refere-se à rede que atravessa o dispositivo da sexualidade, produzindo processos de normalização que constitui a heterossexualidade enquanto hegemônica, conferindo-lhe naturalidade. É uma ordem social, histórica, política e cultural que, juntamente com as relações de gênero, integra o dispositivo da sexualidade, produzindo compulsoriedade e pressuposição de

heterossexualidade, constituindo subjetividades e conduzindo não somente desejos e práticas sexuais, mas também modos de vida e formas de organização social e institucional. Porque é empreendido de maneira continuada e constante pelas mais diversas instâncias sociais, o processo de reiteração de heterossexualidade adquire consistência e invisibilidade, confundindo-se com o fundamento das coisas, como se fizesse parte do funcionamento natural do mundo (Louro, 2009). Assim, no campo da sexualidade, muitas vezes a norma atua de forma sutil e minuciosa, produzindo seu efeito de naturalidade. (PICCHETTI e SEFFNER, 2017, p.722)

Ao longo da pesquisa, além de acionar o conceito de heteronormatividade, também acionei a noção de cisheteronormatividade para dialogar com a realidade apresentada em campo. Visto que, como argumenta Eli Bruno do Prado R. Rosa (2020) para além da sexualidade e afetividade, a heteronormatividade também normatiza o gênero, sendo a cisgenderiedade e heterossexualidade complementares, de maneira que, a a noção de cisheteronormatividade é uma maneira de compreender como esse sistema de normatização de corpos, expressões e afetividades se estabelece.

O termo cisheteronormatividade caracteriza, então, um conjunto de normas que pressupõe pessoas sempre cisgêneras e heterossexuais enquanto desfecho natural da constituição da subjetividade humana (Rosa, 2020). Como um sistema de crenças sociocultural, a cisheteronormatividade coloca o sujeito não-cisgênero e/ou não-heterossexual em uma posição de ininteligibilidade ao tomar por desviantes os processos identificatórios que rompem com o padrão. (SÁ e SZYLIT, 2021, p. 52)

A respeito do questionamento dirigido ao Canal do Preto Gordo, de fato, foi possível observar que há um número maior de seguidores identificados como gays na composição do *feed* do C.P.G, e possivelmente entre o quantitativo de seguidores de forma geral, como apresentarei adiante. Contudo, se fizermos o exercício de inverter esse cenário será possível compreender como esse elemento só se torna argumento para considerar esse perfil um “perfil gay” a partir da própria hegemonia da heterossexualidade e da invisibilidade, no sentido de naturalidade e universalidade, conferida a ela através da cisheteronorma. Visto que, se no Canal do Preto Gordo a composição dos seguidores fosse de uma maioria heterossexual e as fotografias, debates, etc. abordassem mais essas experiências do que outras, raramente veríamos uma movimentação em trono da definição desse perfil como um “perfil hétero” por parte desses homens, já que espaços majoritariamente constituídos dessa forma não são apontados como um espaço específico, como páginas de interesse restrito ou outras definições nesse sentido, e sim apenas como um “perfil normal”.

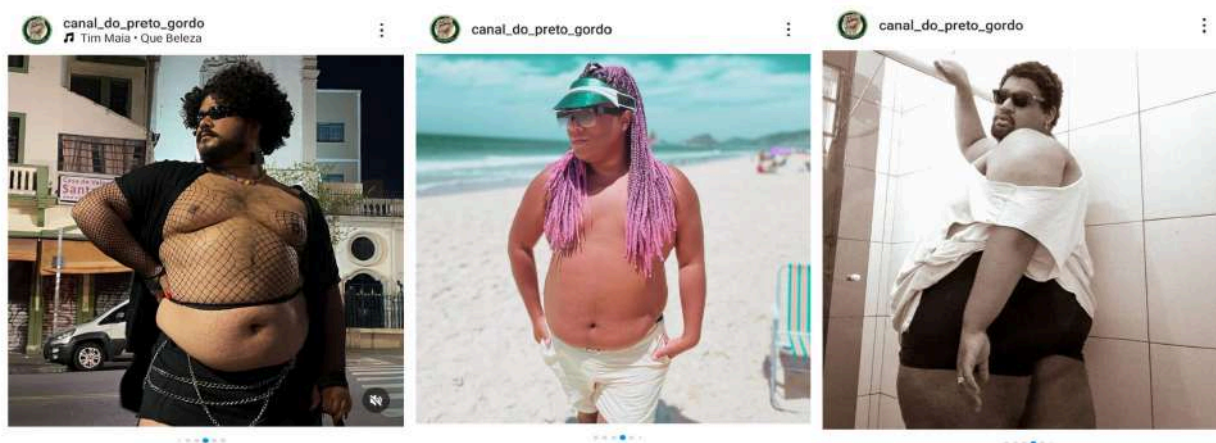
É nítido como a presença desses sujeitos, apresentados no contpeudo do C.P.G sem constrangimentos por parte do administrador, geram um incômodo para esses seguidores cis heterossexuais, mesmo quando o debate abordado, por exemplo, em uma *live* que tem a

presença de um preto gordo gay ou bissexual não tem como pauta a sua orientação sexual ou mesmo o debate da sexualidade como um todo.

Uma vez depois de uma *live* alguém veio *inbox* pra mim e perguntou assim, “Olha só, o cara era gay e você não falou disso na *live*”, porque não era o objetivo, se ele é gay, se ele é hétero, se ele é cis, se ele é trans, tá tudo bem, isso tem que ser tratado de maneira normal, o objetivo da *live* não era esse, o assunto não era esse, ficar assim “Ah, mas você é gay? Mas, você é hétero?”, não tem nada a ver. Meu primeiro entrevistado do canal foi um hétero, o Moises, o humorista, o Moisés Viegas, ele é hétero. Assim, não é isso que tá em pauta. (Julio Cesar, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

Apesar da percepção desses seguidores partir também da observação desses homens em espaços como as *lives* realizadas no perfil, possivelmente a principal fonte dessa leitura parta das imagens vinculadas ao perfil, tendo em vista que se destaca nas fotografias do Canal do Preto Gordo uma diversidade no que se refere às expressões estéticas de masculinidades, presentes em elementos como a postura corporal, vestimenta e acessórios utilizados por esses pretos gordos. No perfil é possível observar desde homens que estão mais próximos de ideais de uma masculinidade cisheteronormativa, de estéticas consideradas másculas, até outros que exibem estéticas que podem ser socialmente lidas como “afeminadas”, termo que se costuma associar aos homens que não performam signos de masculinidade considerados padrão, tendo suas expressões lidas como pouco viris e conseqüentemente feminilizadas.

FIGURA 19: Pretos gordos “afeminados”



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 07 de março de 2024.

Mozzer de M. Ramos e Elder C. Santos (2020) conceituam “afeminado” como um adjetivo imposto a sujeitos que aparentam ou se comportam de maneiras que são associadas à

feminilidade, em um contexto no qual essa afeminação seria associada a uma fuga dos ideais de masculinidade, e sendo a masculinidade construída por uma operação de oposição todo elemento que não reforça o seu padrão hegemônico é tomado como feminino. Assim, na construção desse padrão destacam-se diferenças como “[...] divisão de funções sociais, força/fragilidade, atividade/ passividade, dominação/dominado), fazendo com que todas essas questões estejam inseridas em um sistema heteronormativo de respeito às normas de gênero.” (p. 164).

Ademais, eles também destacam como essa postura afeminada, reconhecida como uma transgressão a normas de gênero, vulnerabiliza esses sujeitos os expondo a exclusões em diversos âmbitos. Violências estas, que não partem apenas dos heterossexuais, visto que há o que os autores chamam de “hierarquias intragrupo”, a partir das quais homens gays e bissexuais também discriminam aqueles considerados afeminados. Essa discriminação intragrupal é associada a um movimento de homofobia internalizada, e os autores localizam as origens dessa “antiafeminação” a partir do estabelecimento de um padrão do “hipermasculino”, do “macho, superviril” como tipo ideal entre homossexuais a partir de uma tentativa de redefinir essa identidade estigmatizada. Assim, “a ideia de produzir um homossexual viável, passava pela negação da afeminação e exaltação do signo de discrição, altamente associado com expressões de masculinidade (Lopes, 2011).” (MOZER e SANTOS, 2020, p.165).

Até o início da década de 1990 – antes da eclosão do advento da AIDS, popularizada como “câncer/peste gay” (Lopes, 2017) –, o “movimento gay” (sic) estava conseguindo manter uma postura de distanciamento da heteronormatividade branca e de seus modelos tradicionais de formatação de vida. Porém, através de uma estratégica inserção na sociedade de consumo midiática, que teve como feitos ampliar o reconhecimento social e diminuir a estigmatização, houve também um processo de filtragem da comunidade através da peneira heteronormativa, incorporando massivamente uma imagem e um modelo para o homossexual. Entretanto, a comunidade gay/bi (pelo menos), desde a década de 1970, principalmente em grandes metrópoles, tem iniciado sua jornada a uma idealização do homem macho e adoção de parâmetros caricatos de masculinidade (Braga, 2015; Lopes, 2011; Lopes, 2017; Parizi, 2006; Pollak, 1984). (MOZER e SANTOS, 2020, p.164).

A contextualização apresentada por eles dialoga diretamente com o percurso que abordei no capítulo anterior a respeito da constituição das comunidades ursinas, visto que elas emergem exatamente nesse processo também através da valorização de uma hipermasculinidade que conflui na possibilidade de se afirmarem como gays que permanecem sendo “homens autênticos”, não emasculados.

Se para esses sujeitos que já são dissidentes da heterossexualidade o peso das normas de gênero se estabelecem de tal forma, no caso dos seguidores cis heterossexuais que buscam manter-se próximos ao padrão de masculinidade hegemônica vigente — em uma operação que, no caso deles pode ser inclusive inferida como estratégia de compensação, visto que enquanto homens negros e gordos já se encontram em desvantagem diante dessa norma — a ojeriza a homossexualidade, especialmente quando associada a padrões considerados afeminados, pode ser ainda mais expressiva e relevante para o processo de afirmação de suas identidades masculinas.

A afeminação é o principal marcador utilizado no Brasil para identificar a homossexualidade, criando uma patrulha implacável (intensificada e legitimada na infância e adolescência por diversas instituições, como a família e a escola) a gestos, tom de voz, aparência, sensibilidade, forma de andar e a diversos outros elementos tidos como expressões de gênero. A família e a escola, por vezes, promovem sessões de emasculação desses jovens, seja através do apontamento de algum gesto ou pela humilhação pública (Bento, 2011; Cornejo, 2015; Junqueira, 2015; Takara, 2017). (MOZER e SANTOS, 2020, p. 166)

Posto tal cenário, é possível analisar como mesmo diante dos diversos discursos compartilhados pelo administrador afirmando que a identidade gênero e sexualidade dos seguidores “não importa”, que essa não é a principal pauta do perfil ou pré-requisito para a adesão ao C.P.G, e mais, que a heterossexualidade deles será respeitada, ainda restam inseguranças e repulsas que fazem com que esses pretos gordos se neguem a construir articulações com o Canal do Preto Gordo.

Ademais, podemos inferir como imagens como a apresentada na Figura 20 ativam ainda mais essa fragilidade da constituição de masculinidades hegemônicas, tendo em vista que não apenas simbolizam um desvio ao que eles consideram como normalidade sexual, mas também tensionam as normas de binaridade de gênero, afinal como afirmam Ramos e Santos (2020), mesmo existindo avanços nos processos de aceitação social da homossexualidade, se aproximar demais do feminino ainda é um estigma.

Nas postagens apresentadas na figura 20, a seguir, pode-se observar, inclusive, a presença da *hashtag* #naobinario, além da *hashtag* #pretosgays. Imagens como essas, não apenas são aceitas como são visibilizadas pelo administrador do perfil sem constrangimentos. Portanto, ante o exposto, é relevante analisar a partir de quais elementos e de que forma o Canal do Preto Gordo se posiciona nessa relação, tendo-se em conta os modos como a cisheteronormatividade opera no comportamento dos seguidores, em uma processo de aversão que demonstra sua fragilidade e constante necessidade de reafirmação, visto que “[...] os homens constantemente necessitam provar que são machos até mesmo para não sofrer

repressão do seu próprio sistema de dominação”(SANTOS, MOREIRA E SILVA, 2022, p. 187).

FIGURA 20: Tensionando normas de gênero



Fonte: Montagem realizada pela autora com duas capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 05 de maio de 2024.

Um dos fatores para o perfil ser um ambiente confortável para esse tipo de expressões está no fato de contar com um número grande de homens homossexuais entre os seguidores. Essa composição pode retomar o debate da associação do C.P.G ao universo ursino, em vista que apesar das críticas empreendidas pelo administrador e outros seguidores que constroem o perfil, não observei nos primeiros anos do C.P.G um movimento em direção a se apartar completamente da identidade dos Ursos, o que compreendo ter ocorrido, mesmo que de forma não tão consciente, foi a construção de outras representações ursinas baseadas em um combate aos elementos que consideravam racistas, gordofóbicos e cisheteronormativos nas páginas que criticavam.

Essa relação aparece em alguns elementos visíveis no perfil, como no uso de *hashtags* que demarcam categorias utilizadas nas comunidades ursinas em muitas das postagens do canal, como: #ursonegro, #chubby, #cub, #blackbear, #pocketbear, #teddybear, #silverbear, #daddybear, #blackdaddy e #daddynegro. Uma das principais funções das *hashtags* é ajudar o público a encontrar conteúdos de interesse a partir de palavras-chaves, então homens interessados nessas classificações foram direcionados ao Canal do Preto Gordo a partir dessa ação da marcação das postagens.

A presença de integrantes ou simpatizantes das comunidades ursinas no C.P.G também podem ser identificadas através dos próprios nomes de usuário na plataforma, por exemplo observando aqueles que contam com termos derivados ou combinações com as palavras “urso” e “bear”, como esses que registrei nas legendas de identificação de fotos no perfil, comentários e identificação dos usuários nas *lives*: @bearblackjr, @ursopretodafavela, @oliveirabear, @marc.1ursinho, @jackson_urso56, @vickydbrownbear, @markbear_79, @bear21rj, @011blackbear, @ursapwr, @renatinho_ted_bear, @guinho_bear, @ursoosantos, @bearsinho, @deivison_bear, @guinho_bear e @bearsousa.

Contudo, há um processo curioso nessa marcação das *hashtags*, que remete ao debate de “ursificação” de homens héteros que contextualizei brevemente no capítulo anterior, visto que *hashtags* como #ursonegro não foram uma marcação exclusiva para os pretos gordos gays no perfil, sendo usadas também em fotografias de homens que se identificam como heterossexuais em outros espaços, como nas *lives* ou no conteúdo dos seus próprios perfis. Assim, o C.P.G acionou essa caracterização do Urso para além do elemento afetivo sexual entre homens e ao que se pode analisar nesse contexto, “urso preto” foi usado como um termo quase sinônimo para “pretos gordos” no perfil.

Quando retornei ao administrador do perfil com essas questões, no processo de organização e escrita do material, ele confirmou essa hipótese do uso do termo “urso” a despeito da orientação sexual dos seguidores e explicou também que buscou diminuir essa identificação com o universo ursino no perfil, sendo possível notar que as *hashtags* com termos mais diretamente ligados aos Ursos realmente deixaram de ser acionadas entre 2023 e 2024. Mudança essa que também provocou reações dos seguidores que acompanhavam a página a partir dessa identificação.

Quanto a questão do Urso, vai mais sim pela questão corporal, né? Eles se enquadram com Ursos independente de ser gay ou não, apesar dos Ursos serem um segmento do meio gay, né? São homens corpulentos, com muitos pelos que sentem atração física, sexual, por outros homens, e dentro da comunidade, que aí eu vou ter que... Que também foi algo que eu comecei a diminuir, pela minha percepção e pelo *feedback* que eu tinha de outros membros, e pela minha vivência também, do fato do meio ursino ser também extremamente racista, né? [...] é algo que eu também comecei a cortar e eu fiz muito bem, porque eu não queria que fosse um perfil identificado com o meio ursino, não era isso, e depois que eu comecei a cortar isso, teve inclusive um seguidor que começou a reclamar e parou de me seguir, graças a Deus! Porque ele falou pra mim que “Eu sei o que você quer”, eu falei “Você sabe o que eu quero? O que é que eu quero? Tô curioso”, ele virou pra mim e falou “Você quer se firmar no meio ursino”, ele logo já inferiu e já julgou, ter essas pessoas pretas com volume corporal, “Você quer”, eu falei “Você está completamente enganado, não é isso que eu quero”. (Julio Cesar, transcrição de áudio enviado à autora via *whatsapp*, em 30 de março de 2024)

Ao relatar sua intenção de afastamento do universo ursino, a partir de mudanças como essa atividade de “cortar” do C.P.G elementos relacionados a ele, o interlocutor apresentou também reflexões sobre como o perfil encontra-se num processo constante de construção. As mudanças fazem parte da trajetória do Canal do Preto Gordo, que ao longo desses 3 anos de existência mudou de nome, experimentou outros formatos de conteúdo e continuou num processo de construção das suas referências, ferramentas e estilo de ativismo. Essas e outras transformações interagem com as percepções e parâmetros do próprio administrador em conjunto com o *feedback* recebido dos seguidores, principalmente daqueles mais ativos na construção do perfil e próximos dele.

Porque também, foi algo Renata, que a gente foi fazendo ao longo desses três anos, né? Coisas que a gente foi podando, perfis que a gente foi dando um novo enfoque, vendo as coisas por outros prismas, né? Falava “Não é isso que eu quero, vou cortar. É isso que eu quero, vou incluir. Não é isso que eu quero, vou cortar” e esses ajustes eles são, como é que eu vou dizer? Frequentes, né? Sem perder a essencial, mas são pequenos ajustes que às vezes precisam ser feitos, entendeu? (Julio Cesar, áudio enviado a autora via *whatsapp* em 30 de março de 2024)

Contudo, a respeito desse movimento anunciado pelo interlocutor, de se afastar do universo ursino, apesar de ser um elemento presente de forma contundente no discurso e posto em prática em algumas ações como o desuso das *hashtags*, pude observar que esse processo ainda não se efetivou a partir de um afastamento completo. Ademais, talvez não se efetive dessa maneira, visto que essa identidade ursina é um elemento relevante na própria trajetória do perfil e do seu criador, bem como da identificação de muitos dos seguidores com o perfil e de debates que circundam vivências compartilhadas ali.

Assim, elementos relacionados aos Ursos continuam presentes na composição do C.P.G, seja pelo compartilhamento de conteúdo de outras páginas, ou pela expressão de alguns dos próprios seguidores que alimentam o perfil com suas fotografias e dividem suas experiências a respeito dessa identidade. A exemplos da divulgação e debate em torno do “Diga Xis para o Urso” e o “Foco no Urso”, projetos de fotografia de dois seguidores bastante ativos no C.P.G. Esses processos não significam que o Canal do Preto Gordo seja um perfil ursino, sua proposta e composição aponta para outro caminho, mas a presença dos Ursos continua sendo parte deste espaço, mesmo que abordada por alguns seguidores e pelo próprio administrador de forma crítica, como é o caso do Urso Preto da Favela que reivindica essa identidade ao mesmo tempo em que a tensiona e critica suas contradições.

Além disso, compreendi que não era a ligação com as *hashtags* associadas à comunidade ursina que poderia ser tomada como dado para identificação da sexualidade dos

seguidores, mas localizei que havia para os homens gays no perfil uma identificação mais explícita, que foi o uso das *hashtags* #gaysnegros e #gaynegro. Nessa observação me chamou atenção o uso dessa ferramenta das *hashtags* e como elas poderiam me ajudar a mapear um dado quantitativo sobre a sexualidade dos integrantes do perfil, assim observei *post* por *post*, desde a primeira postagem na página, a fim de identificar como e quantas vezes menções a essas *hashtags* poderiam ser observadas no Canal do Preto Gordo.

No primeiro ano, por exemplo, ao chegar na marca de 100 postagens inéditas⁶⁷ de fotografias de pretos gordos no *feed*, marco que foi comemorado na legenda da postagem, havia entre essas fotografias já compartilhadas 68 marcadas com as *hashtags* #gaysnegros e #gaynegro e 37 com outras marcações como #ursonegro, ou seja, houve desde o princípio do perfil o dobro da presença de homens gays. Essa presença majoritária pode ser compreendida a partir de alguns elementos, como a ligação já comentada com as comunidade ursina, o próprio ciclo de relações do seu administrador e as barreiras de aproximação de homens heterossexuais⁶⁸, sendo esse último elemento impactado principalmente pelo medo de serem associados a esse suposto “perfil gay”.

Aqui, destaco também que entre essas 37 postagens que não tinham a delimitação de orientação sexual poderia haver também fotos de seguidores gays, visto que observei isso acontecendo no *feed* quando havia mais de uma postagem com o mesmo seguidor e em um *post* havia a marcação como #gaynegro e em outros tinha apenas outros marcadores como #ursonegro, #pretogordo, #preto, ou seja, pode ser que o quantitativo de homens gays seja ainda maior do que o que pude registrar com a marcação das *hashtags*. Contudo, como não há maneira de comprovar esse dado em todos os *posts*, visto que só pude confirmar essa informação sobre a orientação sexual dos seguidores quando tive acesso a mais elementos das suas narrativas, como quando eles participavam das *lives*, tomei como marca de controle apenas esse registro mais explícito das *hashtags* #gaynegro e #gaysnegros.

Por fim, identifiquei no total 178 postagens de fotografias com as *hashtags* #gaynegro e #gaysnegros e 28 *reels*, além de algumas postagens com a *hashtags* que demarcavam também identidades de gênero como 2 marcadas com #naobinario e 3 com #visibilidadetrans. Com a *hashtag* #ursopreto havia 108 *posts* de fotografias e 11 *reels* e com #pretogordo, #preto

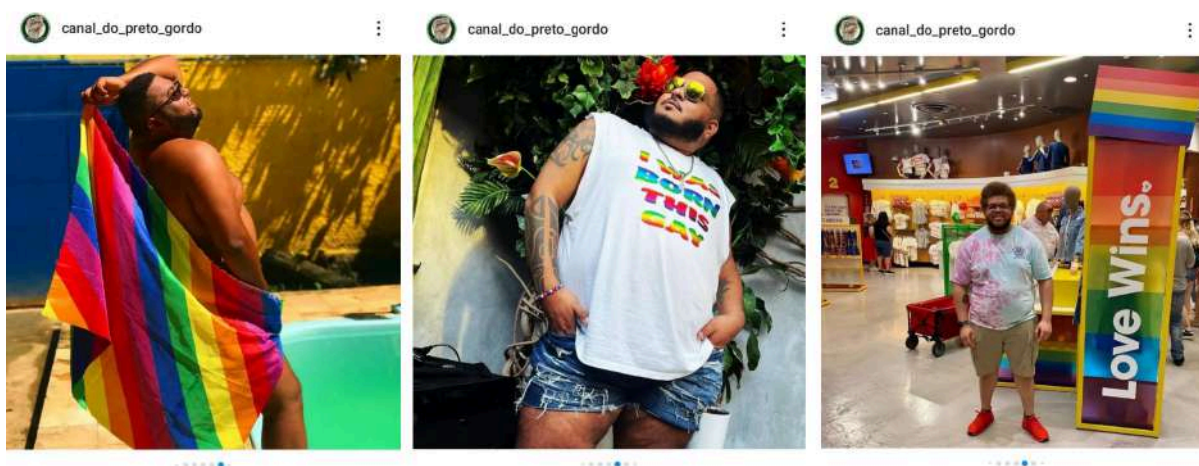
⁶⁷ Essa demarcação de inéditas ocorre porque há seguidores que aparecem em mais de uma postagem, as vezes enviam novas mídias, são postados em *reels* ou carrosséis juntos com outros seguidores e por isso o administrador comemora o número de postagens inéditas, que nessa primeira contagem significou que 100 homens diferentes já haviam enviados suas fotos para o perfil. É por conta desse detalhe que minha contabilização de *hashtags* nesse parágrafo é de 105, ultrapassando a marca dos 100 seguidores postados.

⁶⁸ Esse é um dos elementos que compõe a dificuldade de engajamento dos homens ao ativismo gordo, no capítulo seguinte, argumento de forma mais articulada como essa e outras características ligadas a padrões hegemônicos de masculinidade são observadas nessa pesquisa e confluem para a confirmação da minha hipótese.

e outras derivações que faziam referência apenas a elementos raciais como #negro, #empoderamentonegro, 119 postagens de fotos e 64 *reels*. Totalizando⁶⁹ assim 206 postagens que classificavam explicitamente os pretos gordos postados como homens gays, 183 marcadas com “pretogordo” e 119 como “ursopreto”, sendo as duas últimas categorias também não excludentes da presença de homens homossexuais⁷⁰.

Além desses elementos, também é relevante destacar como no perfil, debates sobre homofobia, transfobia e heteronormatividade estão presentes em muitos dos conteúdos e há por parte do seu administrados um posicionamento público que demarca que aquele espaço não tolera preconceitos e discriminações nesse sentido. Essa posição contribui diretamente na construção de um perfil que permite que os seguidores dissidentes de normativas de gênero e sexualidade se expressem com segurança, inclusive, diante do fato de não serem uma minoria nem quantitativa, nem simbólica no Canal do Preto Gordo.

FIGURA 21: Signos de orgulho e visibilidade homoafetiva



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 07 de março de 2024.

Os registros apresentados na figura anterior demonstram que essa presença também é visibilizada de forma explícita nas fotografias que destacam elementos facilmente reconhecíveis dessa presença, como as cores da bandeira LGBTQIA+. Como apresento na abertura desse subtópico, é exatamente essa visibilidade que alimenta o pânico por parte de

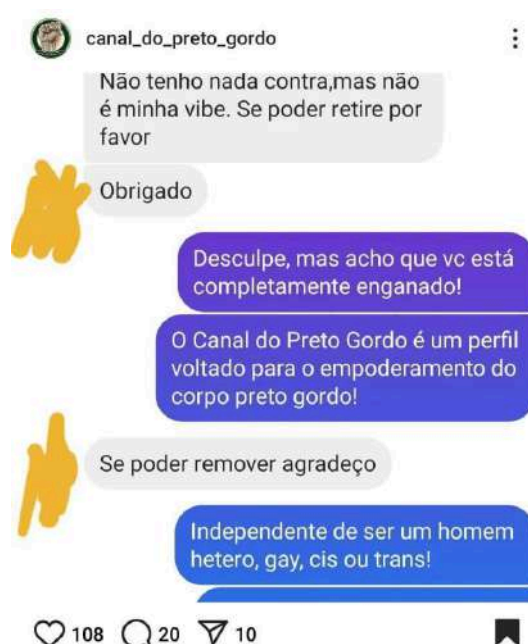
⁶⁹ Havia também algumas postagens que não contavam com nenhuma dessas três categorias, e sim outras como #plussize, #modeloplussize, por exemplo, mas essas apresentavam números significativamente menores e aparentemente sem função de identificação do seguidor em si, sendo usadas mais como ferramenta de divulgação dos posts para um público-alvo interessado em conteúdos sobre ativismo gordo e antirracismo.

⁷⁰ Não há nenhuma menção direta à bissexualidade ou pansexualidade, levando a entender que esses sujeitos acabaram sendo incluídos no quantitativo maior de homens gays, havendo apenas essa marcação mais dicotômica para dividir homens que não se relacionam sexualmente com outros homens e aqueles que se relacionam.

alguns homens cis heterossexuais e sua recusa ao Canal do Preto Gordo. Ao classificarem o C.P.G como um “perfil gay” o receio de terem suas imagens associadas a ele se vincula a noção de que esse contato poderia comprometer sua leitura social enquanto homens héteros. Um movimento que pode ser lido como parte da expressão de homofobia, e da própria cisheteronormatividade, no sentido de a heterossexualidade ser vista como a norma, e que, portanto, é aceitável que homens gays, bissexuais, pansexuais se adequem a ambientes que poderiam ser classificados como explicitamente heterossexuais, mas o contrário é visto como algo difícil de conceber e em grande medida ofensivo a esses homens.

O movimento de afastamento deles se apresenta em diferentes níveis, alguns desses optam por não estabelecer nenhum contato, não seguir nem acompanhar o conteúdo do perfil, outros mesmo seguindo estabelecem limites para não serem identificados ou participarem mais ativamente, por exemplo, negando o envio das suas fotos para o C.P.G , e em alguns casos essa negociação de envio até acontece, mas a partir do momento que ocorre algum interação mais direta com esses pretos gordos não heterossexuais, a recusa acontece . Isto é demonstrado no episódio exposto a seguir.

FIGURA 22: Exposição do conflito



Fonte: Captura de tela realizada pela autora no dia 25 de fevereiro de 2024 no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo.

Esse episódio chegou a mobilizar o administrador do perfil a expor em postagem no *feed* o ocorrido a fim de tomar essa situação como caso exemplar desse fenômeno. Além de se lamentar e condenar essa situação, o interlocutor a descreve como um exemplo de que entre

os homens pretos, com os quais ele deseja construir coletivamente, infelizmente existe a reprodução de uma série de opressões;

"Não tenho nada contra, mas não é a minha vibe!" Quantas vezes você, que é preto, gordo e gay, já ouviu essa frase homofóbica disfarçada? Já falei em algumas lives e repito: pretos machistas, misóginos, homofóbicos, gordofóbicos e racistas EXISTEM! E, sim! Vc tem que conviver com isso! Mas posso dizer que não me representam! Seguindo o exemplo do vídeo que postei anteriormente, no dia 08/02, é imprescindível informar que o @canal_do_preto_gordo é um perfil voltado para o empoderamento do corpo preto gordo masculino, independente DE ORIENTAÇÃO SEXUAL, RELIGIÃO, ESCOLHA PARTIDÁRIA OU IDENTIDADE DE GÊNERO! Foi criado para aqueles que sempre foram, desde a tenra infância, motivo de chacota, de bullying (quando essa palavra nem existia), de descaso e claro, solidão e exclusão da maneira mais cruel, por serem pretos e principalmente GORDOS! Que o perfil tb tem que enfrentar o machismo presente na sociedade? Já sabia! Que o perfil tem que enfrentar a heteronormatividade tóxica vigente hoje? Tb já sabia! Mas eu acredito que um dia ainda vamos "virar" esse jogo! Aproveito para agradecer a TODOS os pretos gordos que entenderam o objetivo do Canal e contribuíram (e ainda contribuem) de alguma forma! Seja compartilhando ou curtindo o conteúdo, cedendo suas fotos ou participando das lives! Aproveito para lembrar alguns pretos gordos (modelos plus size, atores, advogados, puxadores de samba, empresários e ambientalistas) que são HÉTÉROS, contribuíram para o perfil, e em momento algum se preocuparam em saber se era um perfil "gay" ou não! Obrigado a todos! (Legenda transcrita de forma integral de post em 25 de fevereiro de 2024 no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo)

No *post* além da captura de tela de uma conversa entre o administrador do C.P.G e o seguidor que cedeu suas fotos para o perfil, mas se arrependeu e pediu que fossem retiradas, o interlocutor escreveu uma legenda em que apontava a justificativa desse preto gordo como uma “frase homofóbica disfarçada”. Além de destacar seu descontentamento e reafirmar o objetivo do perfil, ele também destaca como existem seguidores héteros que contribuem com o Canal do Preto Gordo e agradece por estes não se preocuparem com a possível identificação dele enquanto um “perfil gay”. Em nosso diálogo em entrevista, ele me relatou a história por trás do *post*.

Teve um hétero que eu vi as fotos, permitiu, também botei no *feed*. Publiquei e aí passou uma hora ele mandou mensagem DM, “Vem cá, esse perfil é um perfil gay?”. E eu falei não, é um perfil do preto gordo, se ele é gay, se ele é cis, se ele é hétero, se ele é trans, eu não tô preocupado com isso, isso é o perfil do preto gordo. “Ah, porque tem um monte de garoto, de gente aqui me mandando mensagem, me cantando”. Ai eu falei: “Tá, mas e porquê que você não bloqueia essa gente?”, “Eu já respondi que eu não gosto dessas coisas”, “Então você diz, responde e se insistir você vai lá e bloqueia, qual é o problema?”, “Não, mas eu queria que você tirasse minha foto, você apagasse minha foto”, ai eu falei “Olha, é uma pena que você pense assim e também uma pena que você tenha uma heteronormatividade tão frágil. Porque se você não consegue aceitar e entender o elogio de uma pessoa do mesmo sexo que você, só que com uma orientação sexual diferente da sua, e isso tá te incomodando, não tem problema nenhum...”. Ai fui lá e botei, porque assim, não vou expor a pessoa, porque ela veio falar comigo por DM, não me ofendeu nem nada, mas eu coloquei lá e expliquei a situação porque é surreal, se você for pensar, né? (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023).

Diante desses conflitos, e através da defesa do argumento de que o C.P.G é um perfil para “todos os pretos gordos” e que não tem como pauta central a sexualidade, algumas atitudes começaram a ser tomadas, como o desuso das *hashtags* que demarcavam a orientação sexual dos seguidores gays e a necessidade de reforçar cada vez mais a ideia de que o perfil não articula esses homens a partir da sua orientação sexual, ou identidade de gênero no caso dos pretos gordos cis e trans, e sim por uma identidade unificada na ideia de “ser preto” e “ser gordo”.

É no início sim, eu usava bastante as *hashtags* #pretosgays, #negrosgay, né? Mas aí eu tive que fazer uma análise porque não é isso que está em voga, não é o fato do preto gordo ser gay ou não. E aí ficava parecendo uma coisa assim de identificar quem é gay, eu não tava querendo isso, não é essa questão. A orientação sexual da pessoa ou a identidade de gênero dela, nesse caso, ela é em segundo plano, não diria irrelevante, mas é segundo plano porque o que tá em voga ali é o preto gordo. Inclusive, coisa de três semanas atrás eu recebi uma DM de um seguidor, aqui do canal, ele perguntando “Você poderia também identificar quem é ativo e quem é passivo?”, eu falei “Cara, não é isso que tá em voga, não é isso que tá em questão no Canal do Preto Gordo, o foco é o preto gordo independente da identidade de gênero e da orientação sexual e você ainda quer que eu bote postura sexual? Cara, não é assim, um perfil de pegação, me desculpa, mas você tá completamente equivocado”, né? Por isso que eu passei a suprimir essas *hashtags*, não é isso que está em primeiro plano no Canal do Preto Gordo, por isso que eu comecei e depois eu tirei. E você sabe que isso passava até a ser argumento pros héteros, né? Que falava “Aí, isso é perfil de viado. Aí isso aí é coisa de viado!” porque eles justificavam “Ah você botou um gay” e sim às vezes, a maioria, por incrível que pareça. São gays, porque os héteros, eles têm toda essa normatividade tóxica, todo aquele machismo estrutural, né? Já dentro deles, né? Então eles começam a ver com outros olhos e uma das desculpas que eles utilizam, às vezes até pra não dar foto [...] (Julio Cesar, áudio enviado à autora via *whatsapp* em 30 de março de 2024)

É possível notar nesse relato que há uma série de interesses e percepções em contraste no Canal do Preto Gordo. A mudança de postura do administrador também é relacionada com a pressão exercida pelos seguidores cis heterossexuais que se negam a ser associados ao perfil por medo de serem identificados como gays. Contudo ele não se furta de criticá-los e aponta essas atitudes como fruto da heteronormatividade. Destaco, inclusive, como essa é uma negociação arriscada, pois pode tornar-se refém desse dispositivo homofóbico que tenta limitar a composição dos membros do perfil e a visibilidade das pautas do C.P.G.

[...] O Canal do Preto Gordo é um canal do preto gordo, não interessa a identidade de gênero e tão pouco a orientação sexual desse preto gordo [...] Então, não fiquem preocupados se vocês quiserem dar as fotos de vocês, ter a foto de vocês para publicação no canal, e porventura ficar preocupado com rotulagem ou com ser identificado como algo que não é, porque aqui no canal do Preto Gordo sua orientação sexual, sua identidade de gênero, será totalmente respeitada, tá bom? Então, qualquer problema eu tô aqui, pode mandar mensagem *inbox*, a gente bate papo, a gente conversa e aí eu esclareço pra você se você tiver alguma dúvida, tá

bom? [...] (Julio Cesar, em vídeo postado no feed do @canal_do_preto_gordo em 8 de fevereiro de 2022)

Por mais que o administrador do perfil faça uma série de movimentações para incluir esses pretos gordos heterossexuais, podemos inferir que esses homens em específico, que destilam tais discursos de ódio e apontam o Canal do Preto Gordo como “coisa de viado”, não aparentam estar dispostos a repensarem seus padrões de masculinidade e sim cercear o avanço desses debates. Não toleram compartilhar essa articulação em torno do que é ser preto e gordo com pretos gordos que não sejam heterossexuais, ou exigem que eles sejam mais “discretos”. Por mais que “ser preto gordo” seja apontada pelo interlocutor como uma identidade que poderia unir essas vivências, essas experiências demonstram como eles não estão “todos no mesmo barco” ou ainda, que alguns deles preferem não dividir esse barco com os outros.

E claro, muito importante, uma coisa que esqueci de falar com vocês, é um espaço do preto gordo, é um espaço do preto gordo hétero, do preto gordo bissexual, do preto gordo gay, entendeu? [...] Então é isso gente, a gente tá procurando seja o preto gordo cis, seja o preto gordo trans... Cadê os preto gordos trans desse país? A gente também tá querendo, é postar o preto gordo aqui, independente de orientação sexual, independente de identidade de gênero [...] A gente não tá se prendendo... O nicho que a gente se prende, o nosso objetivo aqui nesse perfil é o preto gordo [...] porque acho que é assim, tá todo mundo no mesmo barco quando se fala em preto gordo. Gostam muito de falar “ah, porque é gay tá no mesmo barco”, já não vejo assim na prática. Vejo que tá todo mundo no mesmo oceano, mas em barcos diferentes [...] O objetivo é esse, é o preto gordo que sempre fica por último, que não é lembrado, que a gente tá querendo trabalhar aqui nesse perfil, entendeu? (Julio Cesar, *live* em 13 de fevereiro 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Entretanto, a partir do acesso que tive à trajetória de origem do Canal do Preto Gordo também destaco que há outro elemento relevante nesses processos de mudança e de afirmação do C.P.G a partir da negação da sexualidade como pauta central da sua articulação, um elemento que precede essa pressão exercida pelos homens cis heterossexuais com relação a composição do perfil. Quando o interlocutor deseja que os pretos gordos se sintam no “mesmo barco”, ele também relata que vem de um contexto em que deixou de acreditar nisso com relação a articulação das comunidades gays, ou seja, compreendeu que essas experiências não são homogêneas e que, assim como aponta Ramos e Santos (2020) sobre experiências da não heterossexualidade masculina, “[...] há divisões de poder importantes no intragrupo. Corpo, etnia, classe e expressão de gênero são alguns dos marcadores que implicariam em diferenças intragrupais que podem ser compreendidas como dispositivos de poder. (p.163).

O fato de o Canal do Preto Gordo ter surgido de um processo de indignação com o racismo vigente nas comunidades ursinas, que já haviam sido buscadas como um refúgio para a gordofobia vigente nas interações homossexuais de maneira mais geral, merece destaque nesse processo. Assim, o C.P.G, como anunciado pelo interlocutor, não quer ser “mais uma página ursina”, e sim se estabelecer como um espaço para a articulação de um ativismo antirracista e antigordofóbico, ser um “perfil de empoderamento do homem preto gordo” que, claro, não ignora os debates de gênero e sexualidade, mas não quer ser também um perfil restrito a isso.

Quando na primeira fala o interlocutor aponta que não aprova também a demanda de alguns seguidores que querem que ele demarque a “postura sexual” dos pretos gordos a partir de *hashtags* que indiquem se eles são “passivos ou ativos”, ele explicita um receio de que o C.P.G se torne apenas um “perfil de pegação”. Exatamente porque, essa é a função de alguns perfis ursinos, que como apontado no capítulo anterior, se concentram em trocas homoafetivas e sexuais, mas não problematizam as hierarquias envolvidas nesse processo, não estão abertos a debaterem sobre o racismo que atinge os homens negros ali presentes e atuam sob uma lógica de hipersexualização desses corpos, movimento ao qual o interlocutor tece uma série de críticas.

Os atravessamentos das experiências pessoais do administrador do C.P.G, que parte de um contexto de discriminações dentro de comunidades gays, e que é ecoado por vozes de outros pretos gordos não heterossexuais do perfil, é central também na construção dessa narrativa na qual apostar no elemento da raça e da corporalidade gorda se apresenta como uma saída considerada mais coerente. Contudo, ao longo desses anos de construção do Canal do Preto Gordo, o interlocutor também foi confrontado com as frustrações provocadas pelas tensões entre esses diferentes pretos gordos que demonstram na prática que essa unidade desejada não é possível sem o enfrentamento dessas diferenças e dos conflitos vinculados a elas.

Ah, como eu te falei, pra mim acho que a maior dificuldade do canal hoje é o próprio preto gordo, é o próprio preto gordo, por todos os motivos que eu já te alavanquei, né? Eu sabia que seria difícil, mas não sabia que seria tanto, né? E vou dá um exemplo, quando eu pedi a foto de um preto gordo na sexta-feira, na semana passada, eu ia colocar nesta semana, e aí quando eu fui ver o perfil, o cara tinha me bloqueado. Eu já tinha pego as fotos, inclusive, e o cara me bloqueou. Então eu não pude nem marcar o cara, nem mandar mensagem para entender o que é que estava acontecendo, já que o cara de boa, “Ah não, pode publicar” e aí me bloqueou. Eu falei, “Gente, não entendi”. Então, assim, as pessoas são diversas, né? Então tudo que envolve pessoas você vai ter uma certa dificuldade [...] no início eu já me irritei bastante e eu já me doutrinei a “Não é assim”, “Relaxa, as pessoas... você tem que entender que as pessoas são diferentes. Você tem que entender que cada pessoa tem um tipo de

reação para a mesma situação e cada pessoa vai ter uma postura diferente da outra, e você tem que estar preparado para todas essas posturas”, mais ou menos essa base. [...] esses dois anos serviram para me doutrinar muito sobre isso. Então, assim, a maior dificuldade mesmo, por incrível que pareça, é o próprio preto gordo, na questão de... De se ver no canal, né, se permitir ver no canal. Mas como eu falei, como isso é um processo íntimo e pessoal, não depende de mim fazer com que ele se enxergue como uma pessoa que não tem problema, que não tem defeito, vai ter que partir dele. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Quando em entrevista questioneei qual a maior dificuldade na administração do perfil, o interlocutor prontamente apontou barreiras nas relações com os pretos gordos, principalmente nesse processo da busca das fotografias. Visto que, a maioria do conteúdo dessas postagens depende do seu processo de negociação, observando perfis e entrando em contato com esses homens a fim de que permitam a postagem das suas fotos, e esse é um processo fortemente atravessado por esses conflitos citados. Ademais, nas explicações dadas pelos seguidores, há muitas especialmente vinculadas à recusa do pedido de que enviem fotografias sem camisa. O foco dado a esse corpo masculino sem camisa demonstrou durante toda a observação do perfil ter centralidade no C.P.G, um movimento que é também permeado por conflitos e negociações que analiso no próximo subtópico.

4.1.2 *A questão da camisa: cultura, signos de masculinidade e gordofobia.*

As culturas humanas representam sua diversidade a partir de muitos elementos, um deles são os diferentes modelos e usos das vestimentas. A moda muda ao longo da história, mas, se tem algo que ela continua cumprindo em diferentes épocas é ser um elemento de diferenciação de marcadores sociais relevantes, como das condições de classes econômicas e expressões de gênero, e andar publicamente sem camisa é um exemplo disto.

Esse é um costume que diverge entre culturas de diferentes países, estados e regiões. Há locais em que é considerado deselegante, obsceno ou pouco lógico estar com o torso exposto enquanto em outros é uma prática cotidiana aceitável e normalizada. No Brasil, por exemplo, populações originárias tiveram, e em muitos contextos ainda têm, uma relação diferente com o uso de vestimentas, em que cobrir os seios, sejam eles de corpos considerados masculinos ou femininos, não tem a mesma relevância que tem para outras populações do país.

Oliveira (2015) argumenta que os “seios femininos” já ocuparam representações diversas, desde símbolos de pureza, fertilidade e vida, quando associados a amamentação, até a representação de incivilidade no contraste de mulheres brancas e negras utilizadas na

colonização francesa, ou mesmo como elemento presente nas reivindicações da revolução sexual dos anos de 1960, onde a “queima de sutiãs” tornaram-se também símbolo da luta.

O desenvolvimento dos seios entendidos como um marcador da leitura de gênero de corpos considerados femininos e sua classificação enquanto partes íntimas e sexualizadas passam a demarcar a proibição da exposição pública dessa parte do corpo para mulheres. No Brasil, embora não exista uma lei específica que proíba o *topless*, a prática é normalmente interpelada por reprovação pública e pode ser interrompida por força policial, inclusive, sendo “[...] enquadrada no artigo 233 do Código Penal Brasileiro, que considera crime praticar ato obsceno em lugar público, aberto ou exposto ao público [...]” (OLIVEIRA, 2015, p. 17).

No caso dos sujeitos lidos socialmente como homens, a presença sem camisa não é normalizada de forma homogênea, depende também da cultura local de cada parte do país, além de certas delimitações dos espaços, visto que em alguns ambientes como restaurantes, supermercados e principalmente os considerados espaços “mais formais” como escolas, hospitais, fóruns de justiça e determinados locais de trabalho⁷¹ tem normas que proíbem a falta dessa vestimenta. Contudo, de maneira geral é comum que em locais como piscinas, rios, praias e certos ambientes de práticas de atividades físicas seja aceita e normalizada a presença de homens sem camisa.

A partir desse dado cultural mais algumas diferenciações devem ser levadas em conta dentro dessa possibilidade masculina, a vergonha na exposição dos corpos gordos é uma delas, e elemento central do debate que proponho aqui. A observação do Canal do Preto Gordo demonstrou que muitos dos seguidores têm resistência a esse ato de retirar a camisa em público e em alguns casos mesmo dentro das suas próprias casas.

Como eu já recebi mensagem: “Julio Cesar, eu não ando sem camisa dentro de casa”. Como cara, que tu não anda sem camisa dentro de casa num dia de calor? Pelo amor de Cristo, tira a camisa! “Ah, num gosto, num me sinto bem”. Entra na praia e na piscina de camisa, né? Eu tava vendo umas fotos de um preto gordo um dia [...] Não tinha foto sem camisa e por fim veio a cereja do bolo, que foi ele com os pais na piscina, né? A mãe de maiô, beleza, ela gorda tava nem aí de maiô e tá certa mesmo, o pai preto gordo de camisa e ele preto gordo de camisa, ou seja, o padrão do pai, ou seja, o exemplo do pai passou pra ele, foi o modelo que ele seguiu. “Meu pai entra na piscina de camisa, então também eu vou entrar, porque meu pai...”. Não sei se ele entendeu que o pai tem vergonha do corpo e aí ele passou a ter também, ou se foi ensinado a ele, se foi informado a ele dessa maneira, né? A esconder o corpo [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

⁷¹ Essa questão dos “locais de trabalho” também apresentam uma variabilidade grande, o que seria considerado inadequado em um escritório de advocacia ou em uma sala de aula, por exemplo, pode ser aceitável para um trabalhador autônomo que vende bebidas na praia, ou um pedreiro em outro contexto, em que a falta da camisa não vai gerar um choque na percepção social das pessoas. Além de ser também atravessada por questões raciais.

Mediante os relatos e exemplos que o interlocutor observa na administração do perfil, ele constata que o fato de esses homens não se sentirem confortáveis sem camisa é resultado de um processo de violência gordofóbica e toma como parte da missão do C.P.G tentar normalizar esse ato, promovendo maior visibilidade para fotos de pretos gordos sem camisa, além de discursar sobre isso em muitas oportunidades no perfil. Assim, “estar sem camisa” é compreendido pelo administrador do C.P.G como um parâmetro da autoestima estética desses homens.

FIGURA 23: Pretos Gordos sem camisa



Fonte: Montagem feita pela autora com quatro capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo realizadas em 25 de fevereiro de 2024.

A partir da centralidade desse argumento, considere relevante analisar, principalmente através das experiências compartilhadas no perfil, quais são os elementos que levam à estigmatização da exposição de homens gordos sem camisa. O relato a seguir, de um seguidor, exemplifica um processo de coerção a respeito da exposição desses corpos por parte dos próprios pares, ou seja, por outros homens, inclusive, amigos próximos. Um ritual de constrangimento que traz à tona alguns elementos que merecem atenção nessa análise.

O que eu ouvia muito, era... Ainda mais no tempo de adolescência assim, é por exemplo, tava calor e eu tava de regata. Aí o cara vinha “Oh, cê tá mostrando a tetinha aí!”, “Oh esses braços cheio de estria aí, feião, tá horrível mano!”, “Aê ponha a blusa, bagulho feião aí, põe uma blusa, cê tem que emagrecer mano.”. Oh, na quebrada, nois preto de quebrada, cê acha que na quebrada os cara é carinhosinho com coisa? Isso o cara se dizia meu amigo... Dizia, “Não isso aí é pra sua saúde mano, esse braço feião, esse bagulho cheio de estria mano”, “E esse short aí, tá apertado mano? Um bundão aí, em mano?”. Aí eu ouvia esses negócios e ficava “Put a merda vei”. Aí você vai começar a fazer os negócios, né? Vai começar a esforçar seu corpo ao máximo, fazendo exercício, correr, ficar sem comer, se cortar, oh! [disse mostrando as cicatrizes do braço]. (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

O primeiro elemento de destaque desse relato diz respeito à identificação que o interlocutor tem de que esse comportamento tem uma relação com o fato de eles serem “pretos de quebrada”, ressaltando que nessa construção de masculinidade enquanto homens negros periféricos não cabe ser “carionhosinhos”, ou seja, que há uma noção de que faz parte da norma que não haja carinho ou cuidado na forma como eles se comunicam entre si. Claudio Patricio (2023) aborda esse processo da violência e dificuldades de demonstração de afeto nas relações de homens negros a partir da análise de como esse estereótipo da agressividade e do silenciamento de suas demais emoções é construído historicamente. O autor dialoga com as reflexões da feminista negra bell hooks, que aponta a repressão dos sentimentos como um aprendizado imposto aos homens negros desde o processo escravocrata e que ainda traz consequências a sua construção emocional e capacidade de desenvolvimento de relacionamentos interpessoais saudáveis.

De tal maneira que, por mais que esse suposto amigo pontue que está “preocupado com sua saúde”, inclusive, acionando esse argumento recorrente em discursos gordofóbicos, a forma como se dirige ao interlocutor é bastante ofensiva, utilizando uma série de questionamentos e comentários violentos, classificando seu corpo como “feião” e “horrível”, destacando características que considera defeitos, como suas estrias e o constrangendo com o destaque de partes específicas do seu corpo como seus braços, seios e nádegas.

Destaco também como seu relato explicita as consequências dessa abordagem, dos danos gerados por esse tipo de constrangimento, principalmente vindo de alguém do seu ciclo de amizade. O interlocutor relata a prática de estratégias de emagrecimento não saudáveis onde passa a realizar esforços além dos seus limites corporais nos exercícios e evitar a alimentação, uma combinação extremamente perigosa, que pode levar ao desenvolvimento de sérios problemas de saúde e até à morte. Além da prática de “ficar sem comer” ser contraproducente para o próprio processo de emagrecimento, visto que não se mantém a longo prazo e pode levar a episódios posteriores de compulsão alimentar e ganho de peso mediante os mecanismos que nossos corpos usam para lidar com os sinais de escassez.

A segunda consequência grave relatada por ele é que essa violência o atingiu de tal maneira que levou ao desenvolvimento da prática de automutilação, na *live* ele exemplifica isso ao falar sobre “se cortar” e mostrar seus pulsos no vídeo. Essa prática da automutilação atinge majoritariamente adolescentes e está associada a quadros de depressão, ansiedade e outros sofrimentos psíquicos (FABBRINI; FORTIM, 2022). A automutilação não é necessariamente acompanhada de um objetivo suicida, mas há riscos de morte, mesmo acidentais, associados à prática. Portanto, a atitude de discriminar corpos gordos que vem

acompanhada da justificativa de “cuidado com a saúde” é na grande maioria das vezes ela própria motivadora de danos à saúde física, psicológica e emocional das vítimas.

E o último elemento do relato que destaco aqui, vai ser também o fio condutor para analisar como se constroem as principais causas da estigmatização da exposição dos corpos de homens gordos. Nas ofensas dirigidas ao Moisés, seu “amigo” fez questão de destacar negativamente três partes do seu corpo, seus braços, seus seios e suas nádegas. As duas últimas, são partes geralmente associadas a contornos corporais que podem ser classificados como feminilizados na leitura social dos corpos de homens gordos. Não à toa seu amigo chama seus seios de “tetinhas” como uma forma de ridicularizar o fato de que muitos homens gordos apresentam seios grandes.

O aumento das mamas em homens é associado também ao quadro clínico da ginecomastia, que gera hipertrofia do tecido mamário a partir de um processo de diminuição dos hormônios androgênicos, sendo mais comum que esse quadro se apresente desde a adolescência. Contudo, há também a chamada pseudoginecomastia que gera também o aumento das mamas, mas, não por uma questão hormonal e sim pelo aumento da gordura corporal localizada nessa área a partir do ganho de peso (HIRSCH, 2023). O administrador do perfil também já relatou em uma das *lives* possuir ginecomastia, mas afirmou não sentir necessidade de modificar essa característica mesmo diante das experiências em que ela é destacada negativamente por terceiros.

Quando eu fui ao médico, fazer um exame de esteira para voltar pra academia [...] Eu tava sem camisa, com os sensores, né? Da esteira, ele fez questão de dizer, “Tem 1,77, tem cento e tantos quilos, tem ginecomastia, né?” Eu fiquei olhando pra cara dele, acho que ele gostou, quase que eu falei “Quer mamar, quer experimentar?”, que ele fez questão de falar “Tem ginecomastia, né?”, eu “Ué gente e aí?”. Quero tirar minha ginecomastia, não, tô ótimo com ela. (Julio Cesar, em *live* 25 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Nesse caso, o interlocutor explicita que não se sente incomodado com essa condição, mas para alguns homens possuir seios destacados dessa forma gera um processo de constrangimento que está diretamente associado à vergonha de tirar a camisa na presença de outras pessoas. Como explícito no relato abaixo, em que um dos seguidores revela como a “vergonha de mostrar a peitola” fazia com que ele se privasse de momentos de lazer.

Eu tenho um exemplo meu mesmo, eu falava que eu não gostava de praia, mas não era que eu não gostava de praia, eu não gostava de ficar sem camiseta na praia. E aí quando eu conheci a Companhia de Teatro a alguns anos atrás, tava no Rio, e aí eu sei que eu tava na praia e minha irmã falou “Cê não sai da praia agora, pow cê não gostava”, eu falei “Não, eu acho que eu não gostava porque eu tinha vergonha de ficar sem camiseta na praia”, e depois que eu não tive mais vergonha eu amo praia,

mas eu fingia que não [...] naquela piscina maravilhosa eu ficava com aquele blusão, de filtro, o sol nem tava forte assim, não era filtro porcaria nenhuma, eu tava com vergonha de mostrar a peitola. (Tom Souza, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Ademais, esse é um processo que mobiliza desconfortos relacionados ao cumprimento de um padrão estético de masculinidade hegemônica, visto que, como apontado no início do subtópico, essa é uma característica associada ao que se convencionou como um corpo feminino. Essa questão das características femininas associadas aos corpos gordos e o seu impacto na construção imagética dos homens está historicamente relacionada a um processo de “feminização da gordura” (SANTOS, 2021).

Denise B. Santanna (2016) contextualiza que durante o período colonial e as primeiras décadas da república no Brasil exibir uma “pança vantajosa” era sinal de prestígio para homens da elite que entendiam que “A vida senhoril exigia ventres amplos e arredondados. Fazia sucesso a barriga masculina majestosa, resultante de um nascimento saudável ou de anos de fartura a mesa.” (p. 85), a gordura era associada ao prestígio e poder que faziam parte da construção de masculinidade bem-sucedida daquele período.

Contudo, os anos de 1920 e 1930 foram marcados pelo processo que a autora descreve como “paradigma hormonal”, no qual as novas descobertas médicas sobre os hormônios e a sua função na definição de características físicas consideradas femininas e masculinas não só circulava entre os pesquisadores do tema como também invadiram a opinião pública. Nesse cenário a associação da gordura a essas características começou a ser usada também em discursos de normatização de gênero e sexualidade, a exemplo da noção de que os níveis de testosteronas serviriam para medir tendências homossexuais e que seu déficit estava associado ao acúmulo de gordura no corpo.

Desde então, um argumento da natureza hormonal veio fortalecer a antiga hipótese de que haveria uma vocação mais feminina do que masculina para engordar e, sobretudo, para adquirir celulite. O que deu margem a suposições do tipo: o organismo feminino seria de fato pouco sólido e carente de consistência; gordura e mulher seriam naturalmente macias e moles, misteriosas e turvas. Antigos estereótipos eram reafirmados em relação ao suposto “sexo frágil”. Viscosa e cada vez menos útil, a gordura transformou-se definitivamente em “coisa” de fêmea e não de macho. (SANTANNA, 2016, p.97)

A persistência dessa associação é visível nos elementos usados nas ofensas gordofóbicas contra homens, visto que buscam enfatizar como as curvas, o arredondamento, a maciez e principalmente o aumento dos seios, quadris e nádegas demarcariam a decadência da sua masculinidade mediante o ganho de gordura corporal. Santanna (2016) afirma também que “o prestígio da barriga masculina demorou certo tempo para ser esquecido [...]” (p.88)

mas, posteriormente as cobranças com relação a rejeição da gordura também se estabeleceram nos corpos masculinos onde era “[...] preciso, sobretudo, transformar a fraqueza em muque, especialmente nos braços” (p.96).

O reconhecimento do corpo musculoso como um corpo masculino ideal povoa o imaginário social e Rego (2014) argumenta que a hipertrofia muscular é usada como um “dispositivo de gênero”⁷² onde a máxima masculina estaria representada pelo corpo com músculos definidos e trabalhados cotidianamente.

[...] o músculo tonificado, aumentado, hipertrofiado, seja qual for o termo que se use, irá agir como uma técnica cotidiana de masculinidade. Mesmo que o músculo seja um tecido presente em animais e humanos, e de ser acessível que qualquer pessoa o tonifique. Ele é, em certa medida, naturalizado enquanto masculino por representar e materializar força e vitalidade [...] (REGO, 2014, p. 6)

O autor também contextualiza como não apenas o resultado, a apresentação do corpo musculoso, se torna um símbolo de masculinidade, mas todo o processo de convívio nas academias. A dedicação à musculação é compreendida como uma atividade em que essa identidade masculina é construída e validada. Noções de esforço pessoal, força, autocontrole, sacrifício e resistência são evocadas a partir desse rito que se estabelece como uma das formas de cultivar essa representação masculina.

Nesta pesquisa, Rego (2014) analisa os usos da musculação e a busca da hipertrofia muscular como uma das técnicas de masculinização utilizadas por homens trans, uma técnica comum na busca pela construção de um “corpo masculino” reconhecido por eles e por terceiros. A experiência de homens transgêneros nessa investigação é defendida pelo autor como um lócus privilegiado na compreensão dessa ideia da “produção de corpo tido como masculino”, visto que esses indivíduos estão se colocando conscientemente nessa produção corporal de um “corpo de homem” que eles entendem que pode ser produzido.

Relevante destacar a presença de homens trans gordos no perfil do C.P.G, no caso deles, é possível que o encontro entre gordofobia e transfobia possa gerar incômodos ainda mais específicos com a manifestação desses contornos identificados como femininos, além do ato de estar sem camisa ganhar outra dimensão quando eles não tiveram acesso a cirurgias de mastectomia, por exemplo. Apesar de estarem presentes nos *posts* do *feed*, não localizei

⁷²A noção de “dispositivo de gênero” utilizada por Rego (2014) é definida, segundo o autor, pelas leituras de Teresa de Lauretis que situa “[...] os produtores de significados relacionados ao gênero como uma tecnologia – assim como o fez Foucault a respeito da sexualidade. Ou seja, as técnicas também produzem discursos, seres ontologicamente entendidos e matérias corpóreas confirmadoras de sentidos diversos. Desse modo, há que se considerar tanto os processos como os seus resultados na produção de significados” (p.4)

nenhuma *live* com um preto gordo trans para aprofundar esse debate a partir das experiências apresentadas por eles.

Ademais, destaco como esse é um objeto de debate ainda menos abordado nesse campo das masculinidades gordas e referencio aqui as reflexões desenvolvidas por Blue Mariro (2020), pessoa transmasculina que conheci no simpósio temático organizado pela Pesquisa Gorda, no V Seminário Internacional Desfazendo Gênero em 2021, no qual apresentou seu trabalho a respeito desse recorte das transmasculinidade e gordofobia. Entre as barreiras para a existência desses corpos transmasculinos gordos ele cita que:

As pessoas trans-gordas durante seu processo de hormonização, cirurgias, ou até um simples acesso a binders⁷³ e cuecas para packer⁷⁴ (com abertura frontal) enfrentam desafios para ter acesso a esses serviços. Como usar uma cueca que as empresas só vendem até o tamanho 48 e você usa 58? E os binders que costumam ter o valor alterado? Que não foram desenvolvidos para comprimir mais do que o tórax. O quanto o binder não foi pensado para o corpo gordo. Como idealizar uma mastectomia se todos os exemplos que chegam até você são de corpos magros ou sarados? [...] O SUS tem relutância em aprovar a mastectomia masculinizadora (ou FTM) já que há medidas de cuidados diferentes para o corpo gordo. [...] Além da reflexão que o discurso da própria comunidade trans deve ser revisto, quando em grupos, meios virtuais, ambientes de discussão, a rejeição ao inchaço ou engorda que o hormônio causa (em alguns corpos) tornasse aquele ambiente um local de gordofobia velada ou escancarada. [...] (MARIRO, 2020, n.p)

Além disso, é possível observar como entre as características de um padrão hegemônico de beleza masculina atual no Brasil a famosa “barriga tanquinho” ocupa um lugar de destaque, sendo os músculos definidos um dos itens de maior cobiça entre os homens que buscam se adequar ao modelo de beleza vigente. Um modelo visibilizado em propagandas, filmes, novelas e nas redes sociais online, que abre mercado não apenas para a expansão das academias e *personal trainers*, mas também para intervenções cirúrgicas e uso de suplementos e anabolizantes.

O aumento do uso de anabolizantes para fins estéticos relacionados ao ganho da massa muscular, por exemplo, foi tão grande que em 2023 que órgãos como a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), a Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (SBMEE) e a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) lançaram uma carta de alerta a respeito da urgência da regulamentação destes usos, diante dos inúmeros casos de complicações médicas relacionadas a essas substâncias (KODAMA, 2023).

⁷³ Binders são faixas compressoras utilizadas normalmente por pessoas transmasculinas que desejam ocultar o volume dos seios.

⁷⁴ Packer é uma prótese usada para simular as funções de um pênis, para atividade sexual, urinar em pé ou apenas conferir volume sob a roupa.

Helen Barbosa dos Santos, pesquisadora de masculinidades da PUC-RS, em entrevista a UOL sobre o uso de anabolizantes, destaca também como há nessa busca um estatuto biológico, em que prevalece a ideia de um modelo de “homem de verdade” através da supervalorização de expressões de força e crescimento dos músculos. “[...] É uma ilusão perigosa de que certos corpos musculosos e fortes estariam associados à saúde de uma suposta natureza que vem com o sujeito, de uma hipermasculinidade natural [...]” (VICENZO, 2024, n.p).

Diante desse cenário é possível compreender a estigmatização do corpo de homens gordos e a insistência do C.P.G em visibilizar esses corpos sem camisa, contudo, ao longo da observação dos conteúdos do perfil e, principalmente, dos relatos cedidos pelo administrador, se tornou evidente que a negociação em torno do envio dessas fotos é complexa e que nem sempre os seguidores estão dispostos a enviá-las. Um fenômeno que é lido por Julio como resultado da vergonha e baixa autoestima desses homens, mas que, analiso aqui ser também proveniente de outras motivações que coexistem nas experiências diversas desses pretos gordos.

Durante nossa entrevista, o interlocutor iniciou esse debate dividindo os diferentes pontos apresentados entre homens heterossexuais e gays, argumentando que percebeu que os seguidores gays acionam mais questões associadas à ciúmes nos relacionamentos, por exemplo, mas que ainda assim eles são a maioria que dão respostas positivas sobre o envio das fotografias. Enquanto a respeito dos homens cis heterossexuais, ele argumenta que o machismo e a heteronormatividade cumprem um papel central nessas recusas.

E aí começou a servir de local de fala, digamos assim, para os pretos gays que tinham vergonha e ainda tem, usando às vezes as desculpas mais... Digamos assim, pra se esconder mesmo, né? “Ai, eu vou falar com meu marido”. Você não precisa da permissão do seu marido pra você postar foto, o que é? São clones? “Ai, eu tô pensando ainda, eu tô amadurecendo a ideia”. Tá amadurecendo até hoje, porque quando solta essa eu sei que não vem, né? Entre outras, né? Mas, a grande maioria já se anima, já manda mensagem, “Ai você nos representa, obrigada! Um espaço...”. Acho que essa é a melhor mensagem que eu possa receber, né? E isso no meio gay. Dos héteros, é muito mais complicado, muito mais complicado. Tem vários héteros, seja cis ou trans, eles estão no Canal do Preto Gordo também, mas, no caso dos hetero cis é uma coisa complicada, porque tem o machismo estrutural muito grande que vai de encontro a proposta do Canal do Preto Gordo, e tem uma heteronormatividade toxica impressionante. Assim, já ouvi das mais diversas alegações. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

O padrão da heteronormatividade é reafirmado por instituições sociais como o casamento, o reconhecimento majoritário de direitos legais a casais cis heterossexuais, estereótipos a respeito do comportamento dos sujeitos, expressões estéticas e outros hábitos

que atingem tanto pessoas heterossexuais quanto pessoas dissidentes da heterossexualidade, na medida que se impõe por meio de instituições e regras culturais. No entanto, para as pessoas cisheterossexuais o cumprimento dessas normas tem um papel de relevância, que também é mantido por elas, no que diz respeito a sua adequação diante da identidade social assumida por suas orientações sexuais e de gênero.

No Canal do Preto Gordo há constantes tensões na convivência desses homens que são balizadas pela atuação da cisheteronorma na conformação das suas identidades e comportamentos, e como abordei no capítulo anterior, as expressões de homofobia se configuram em uma barreira na adesão de alguns pretos gordos ao perfil ou nas dificuldades de cessão das fotos, que no caso das fotografias sem camisa se tornam uma negociação mais delicada ainda.

Ah, tem uma justificativa clássica também, que eles adoram, que os héteros adoram. “Isso é coisa de viado”. Até que um falou pra mim “isso é coisa de viado” e eu falei: “Porque que é coisa de viado? Porque olha só cara, sério que você tá dizendo que o perfil é de viado por que tem homem sem camisa? É essa a sua ligação, é esse seu link? [...] Não é porque você é hetero que você não possa receber um elogio de um outro homem com naturalidade e você simplesmente “Pow cara de boa, valeu, mas não é a minha. Legal, muito obrigada pelo elogio” e cabou, vida que segue para ambos os lados. Se for incomodo, né? O próprio *instagram* dá as ferramentas, vai lá exclui e bloqueia. Pronto, a pessoa não enche mais o teu saco, mas você não consegue, você tem pavor de ser identificado como viado, né? Então tudo que escapa desse machismo estrutural, tudo que escapa dessa heteronormatividade toxica é “coisa de viado”, então você já fica em pânico e você já não quer mais fazer parte disso [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

No caso do contato dos homens cis héteros com o C.P.G, é possível analisar o impacto dessa heteronormatividade citada pelo interlocutor como barreira para este envio, principalmente através da homofobia que atua nessa dinâmica a partir do medo de serem identificados como homossexuais através da leitura do Canal do Preto Gordo como um possível “perfil gay”, como abordei na subtópico anterior. Diante desse processo, as fotos sem camisa se tornam um elemento ainda mais delicado, tendo em vista que há por parte de alguns seguidores a associação dessas fotos com um conteúdo considerado erótico ou pornográfico.

E aí, conversando com alguns seguidores, perguntando se podia ceder foto e etc., alguns não se sentiam à vontade de foto sem camisa, por que o que que acontece? Não tem nada a ver com pornografia, não tem nada a ver com sacanagem, com sexo, com nada, quando você sendo preto gordo, você posta suas fotos sem camisa, seja na praia, seja no jardim, seja no quintal, seja na cama, seja onde for, não tem que tá pelado não gente, pelo amor de Deus, em? Você tá quebrando paradigmas, você tá indo contra o sistema que insiste em te diminuir. Você está lutando, você está mostrando que você existe, esse é o ponto. E aí, eu percebo que muitos tem esse

temor, tem esse receio (Julio Cesar, *live* em 13 de junho de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Para o interlocutor, a ligação entre as fotos sem camisa com um processo de protesto contra os padrões estéticos e fortalecimento da autoestima desses homens é bastante nítida, ele acredita e defende essa estratégia, contudo, essa percepção não é unânime entre os seguidores e não seguidores com os quais ele entra em contato para pedir que cedam suas fotografias. Há vários pretos gordos que também concordam e endossam seu discurso, contribuindo cedendo suas fotografias e argumentando a favor desse processo nas *lives*, por exemplo, no entanto, como enfatiza o interlocutor, a negociação de cessão das fotos não é um processo fácil. Diante disso, cabe perguntarmos: Quais são os motivos que levam a desconfiança desses homens com a exposição de suas fotografias sem camisa e sua associação com um conteúdo sexualizado?

As primeiras observações me fazem retomar o debate sobre a heteronormatividade, ou como também aponto, sobre a cisheteronormatividade, e refletir que, a presença de tantos homens gays no perfil, seus elogios uns com os outros nos comentários e mensagens privadas, e principalmente a possibilidade do flerte, são alguns dos elementos que levam os homens héteros a entenderem que aquele é um espaço erotizado dentro de uma lógica homoafetiva. Como relatado anteriormente, já houveram casos de desistência do compartilhamento das suas imagens diante dos elogios ou tentativas de paquera no perfil.

Nestes casos, a associação do perfil com as comunidades Ursinas também coloca mais questões em jogo nessa leitura, visto que as páginas ursinas fazem postagens que abertamente correspondem a esse objetivo de expor um conteúdo mais erótico no compartilhamento das fotografias de homens identificados com essas comunidades e, como já pontuei, por mais que haja uma intenção anunciada pelo administrador do C.P.G de se afastar desses perfis, na prática essa ligação ainda é visível a partir de elementos como as *hashtags*, os seguidores identificados como Ursos e o repostes de páginas como a do Fofos Oficial. Ademais, algumas fotografias compartilhadas realmente exploram elementos ligados a essa erotização, com poses sensuais e exposição de nudez parcial.

FIGURA 24: “Fotos eróticas”



Fonte: Montagem realizada pela autora com quatro capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 07 de abril de 2024.

A respeito dessas fotos, foi possível compreender que o C.P.G não se engaja num processo de definir ou censurar essas características das fotografias que os pretos gordos se dispõem a compartilhar. Há limites que são respeitados, inclusive porque violariam as próprias políticas da plataforma do *instagram*, como o da exposição da nudez completa, e as indicações de “qualidade” da imagem e de disponibilizarem ao menos uma foto sem camisa. Mas, afora isso, não foi possível identificar discursos que definem essas composições, portanto, casos assim não aparentam ser desencorajados, nem exigidos. O elemento em foco é a visibilidade dos seus corpos, se os pretos gordos que compartilham essas imagens com o perfil escolhem fazer isso com uma fotografia de um dia na piscina, uma *selfie* discreta na praça ou uma foto vestidos de cueca, com nudez velada ou poses provocativas, é algo que diz mais sobre a diversidade dos próprios seguidores.

Entretanto, essa composição gera impactos na relação com os demais homens que fazem parte do Canal do Preto Gordo. Alguns se sentem mais confortáveis e motivados por isso, entendem esse como um espaço de paquera ou simplesmente admiram essas fotografias, enquanto outros se sentem constrangidos, incomodados e optam por não ter suas imagens vinculadas ao perfil. Alguns homens com os quais o administrador entrou em contato apresentaram respostas para o não envio das fotografias justificando este receio de serem associados a uma exposição erótica que poderia, por exemplo, prejudicar suas atividades profissionais ou serem contrárias aos seus preceitos religiosos.

E é muito difícil você ir de encontro a isso, outras desculpas que os héteros usam... A questão profissional, porque eu sou um professor... E cara, você é um professor, você é uma pessoa, como qualquer outra, você não é um sacerdote, né? E mesmo que

fosse, não tem essa, né? Eu sou advogado, eu sou médico... E aí você começa a colocar 300 desculpas para não ter... Mas faz questão de falar: “Eu não tenho problema nenhum, vergonha nenhuma com meu corpo”, mas na prática você não tá demonstrando isso, você tem mais de mil fotos no seu *feed* e não tem nenhuma sem camisa, uma... Ou quando tem uma, é nesses termos que eu falei para você. Ou a questão religiosa também, né? Porque tem um padrão que muitos pretos importam dos Estados Unidos, dos pretos norte-americanos, que é você estar na “beca”, você está todo, né, terno, sapato, saindo do carro importado. Aquela imagem de sucesso que os pretos norte-americanos gostam de passar, os pretos brasileiros importam pra cá, então os pretos gordos usam muito essa imagem, né? Então tem a questão religiosa também, né? “Que eu sou de Jesus, né?”. Isso vem muito das religiões católicas e das protestantes, né? Então assim, quando eu vejo que tá nesse campo eu já nem entro muito, porque eu sei que eu vou dar murro em ponta de faca [...] Então assim, são barreiras que ele coloca pra evitar de se olhar no espelho e ver que não tem nada com ele, porque esse é um processo íntimo, pessoal, às vezes leva anos, às vezes a pessoa nunca vai enxergar isso, né? [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

A análise dessa situação requer olhar para mais perspectivas em jogo, compreendendo que, mesmo que as colocações do administrador sejam balizadas na experiências que observa e na sua leitura desses contatos, que também envolvem esses processos de vergonha de expor o próprio corpo ou de barreiras relacionadas a cisheteronorma, há também que se reconhecer que às justificativas apresentadas por esses homens com relação às suas profissões, religiões ou relacionamentos, são legítimas pois partem de elementos que impactam suas vivências.

Por mais que o administrador não concorde com a ligação que eles possam ter com o cristianismo e as normas associadas a ele, por exemplo, esses elementos têm relevância na realidade daqueles seguidores e a construção da autoestima deles pode ocorrer também dentro desse contexto, acionando outros símbolos como essa ideia e “estar na beca”, sem exhibir seu corpo sem roupas. A respeito das questões profissionais, também é compreensível que haja receios de terem suas imagens profissionais comprometidas pela exposição, visto que se tornou uma prática de muitas empresas o monitoramento das redes sociais dos funcionários e a análise dos seus conteúdos pessoais nessas plataformas como critérios para contratações e demissões (CAVALLINI, 2018; GIARDINO, 2014; NAZAR, 2023).

Assim, mesmo que as fotos que eles escolham encaminhar possam ser consideradas “comportadas”, “elegantes” ou outros adjetivos que façam sentido para a representação que buscam construir de si, o fato de serem compartilhadas no mesmo ambiente em que outras representações que eles consideram negativas para o seu perfil profissional estão expostas pode vir a afetá-los, ainda mais diante das dificuldades com o mercado profissional agravadas pela gordofobia e racismo tão debatidas no perfil. Então, essas são questões que não envolvem uma resposta simples e única, pois há diferentes perspectivas e realidades em jogo.

Esse debate me recordou uma reflexão apresentada por uma das interlocutoras da minha pesquisa monográfica na conclusão do bacharelado em Ciências Sociais, quando dialogamos a respeito dos signos de feminilidade e gordofobia. Em nossa entrevista, ela argumentou que não se sentia confortável com o uso de biquínis ou roupas que expunham muito seu corpo, mas, sinalizou que essa não era uma reação mediada apenas por vergonha ou falta de autoestima com relação a sua estética, e sim por outros elementos do seu próprio posicionamento político com relação ao feminismo e as atitudes que compreendia que influenciavam na sexualização da imagem de mulheres.

Eu acho que muito do debate sobre gordofobia [...] diz sobre... Que os corpos gordos sejam tão sexualizáveis ou fetichizáveis quando os corpos das mulheres magras. E é uma coisa que não me interessa também, tipo assim, “Ah que as mulheres gordas têm que tá na capa da playboy”. Pra mim não vai fazer diferença se tiver uma mulher gorda na capa da playboy ou uma mulher magra, o ideal é que não tivesse playboy e que nenhuma mulher estivesse lá na capa, entendeu? [...] Evidentemente eu quero ser uma pessoa considerada desejável e amável, e todas essas coisas, dentro das minhas relações, né, e não como um fetiche, uma coisa sexy que todo mundo deseja e coisas do tipo. Mas, mais do que isso, eu quero ter a liberdade de existir, sem que meu corpo seja visto como um problema socialmente, como um corpo que tá ocupando um espaço que não deveria, como um corpo que tá existindo e não deveria existir, como um corpo que eu deveria me envergonhar ou que eu deveria... E não acho que a saída é me super feminilizar e me super sexualizar, e estar como alguém que está sexualmente disponível para os homens. Então eu não me identifico com essas bandeiras, digamos assim, né, porque elas não dialogam com o meu projeto político [...] (Ana, 29 anos, branca e lésbica) (SANTOS, 2021, p.95)

Assim como minha interlocutora trouxe outros elementos para o debate, argumentando que a forma dela encarar o ativismo gordo levantava outras bandeiras, diferentes daquelas levantadas por blogueiras e modelos *plus size* que ela observou que apostavam nesse tipo de representação como signo da sua autoestima, entendo também que a compreensão desses fenômenos no C.P.G não pode ser tão dicotômica, posto que a realidade dos pretos gordos do perfil são diversas e essa recusa envolve elementos que são multifatoriais.

Além disso, é relevante demarcar também, visto que abordei esse aspecto anteriormente, que nem toda negação desse tipo de representação pode ser entendida como uma reação homofóbica, ou exclusivamente assim, mesmo que esse elemento também possa estar envolvido. Há entre esses homens diferentes formas de lidar com o mundo e com suas próprias imagens. O incômodo com essa possível erotização pode estar associado às diversas questões citadas, ou até mais de uma delas ao mesmo tempo, como seus preceitos religiosos, o medo de gerar conflitos com seus ou suas parceiras ou simplesmente por não se sentirem confortáveis a respeito desse tipo de conteúdo por vergonha, timidez ou outros elementos da sua personalidade e trajetória pessoal, o que pode ocorrer tanto com os seguidores que são

heterossexuais, quanto com os homossexuais, apesar da observação do administrador do C.P.G indicar haver uma maior incidência desse movimento entre os homens cis héteros.

Primeiro que é difícil achar um perfil de preto gordo cis hétero que tenha foto sem camisa, cara, você ... É agulha no palheiro, é impressionante, é uma coisa que não é normalizada, não tem, não tem... Tem você em todo tipo de atividade, todo tipo de lazer, todo tipo de local e não tem uma foto sua sem camisa, quando tem você tá, por exemplo, alguns subterfúgios que precisa pra fazer a foto... Tá cortada aqui [indicou com as mãos uma linha um pouco abaixo dos ombros] que é o padrão, você tá debaixo d'água aqui, ou você tá "láaa no Acré" e a pessoa tá tirando a foto e você tá pequenininho, que quando você expande a foto você perde o foco, você não enxerga nada, ou você tá rodeado de gente, você não tira foto sozinho. Então, eu acho assim, é uma coisa muito triste [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Posto isso, reafirmo que a compreensão da legitimidade dos argumentos que os seguidores acionam para o não envio das fotos também não exclui o fato de que, para além desses motivos, eles realmente enfrentem processos de vergonha e baixa autoestima relacionadas a sua estética, mesmo que essa autoestima não possa ser medida exclusivamente pela presença ou não das fotos sem camisa. Ademais, a maneira como o administrador lida com essa situação também impacta nos processos de acolhimento deles no perfil. Por fim, mesmo discordando e demonstrando insatisfação com esses discursos em seus relatos, o interlocutor afirma que nesses casos em que percebe que as justificativas fazem parte de elementos muito arraigados para aqueles homens, ele não insiste tanto e entende que é um processo "íntimo e pessoal" e que não é a sua insistência que vai mudar esse quadro, ao menos não de forma imediata.

Em uma *live* com o seguidor Moisés Viegas, em 9 de maio de 2021, ao dialogarem sobre essa dificuldade de encontrar nos perfis fotos sem camisa, Julio ressalta novamente que esse é *insight* muito particular, ao passo que Moisés concorda e completa ainda comparando esse processo com o da construção da sua identificação com a negritude, no qual o reconhecimento de uma identidade positiva diante de atributos físicos que são estigmatizados de forma constante e sistemática é um processo que demanda tempo e que não ocorre da mesma forma para diferentes sujeitos.

É possível que se espere que os seguidores que já estão envolvidos em debates antigordofóbicos consigam lidar de forma mais tranquila com essa "questão da camisa", com a exposição dos seus corpos gordos, mas essa também não é uma relação de causa e efeito que ocorre de forma automática e homogênea. Por exemplo, em outra *live* do perfil acompanhei o diálogo com Wallace, que é um seguidor presente no C.P.G e já participou de mais de uma *live*, fazendo contribuições relevantes nos debates sobre comunidades ursinas,

entretanto, mesmo o interlocutor estando envolvido com debates do ativismo gordo e possuindo acesso a referências positivas sobre esses corpos, sendo ele mesmo fotógrafo, com um projeto chamado “Foco no Urso”, seu relato aponta suas dificuldades com o processo de estar sem camisa.

[...] eu sou um cara que não saio sem camisa na rua, até hoje, eu não saio sem camisa na rua e eu não gosto de tirar foto sem camisa, porque eu não me acho bonito sem camisa [...] ah, você conseguiu duas, né? Você foi no meu perfil procurando, né? [...] mas eu vou te falar, que uma eu tava na cachoeira e eu tava tão vontade naquele dia que eu falei “Vou tirar uma foto sem camisa”, mas era pra representar a força da natureza [...] e a outra um rapaz em São Paulo falou “Só vou deixar você me fotografar se eu fizer uma foto sua sem camisa”, aí eu “Que isso, chantagem?”, tirei a roupa e falei “Vamos fazer a foto aqui”, mas foram duas ocasiões completamente aleatórias, mas eu vejo que os caras negros não se sentem ainda muito a vontade com os próprios corpos e é por isso que eles não procuram um fotógrafo para poder realizar esses ensaios fotográficos [...]. (Wallace Mendonça, *live* em 27 de junho de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Afinal, como afirma Berth (2019) “[...] o fato de um sujeito pertencente a um grupo oprimido ter desenvolvido pensamento crítico acerca de sua realidade não retira a dimensão estrutural que o coloca sob situações degradantes.” (p. 37). Como destaquei no início deste subtópico, a percepção do administrador do C.P.G se baseia em grande medida nas experiências que ele acompanha diariamente no perfil e não faltam relatos que reforçam que os constrangimentos com seus corpos é uma realidade para muitos dos seguidores.

O estigma com relação a estética dos corpos gordos alimenta o constrangimento envolvido nessa ação que parece ser simples para muitos, mas que para esses homens envolve enfrentar traumas e provoca impedimentos de ações cotidianas como a possibilidade de praticarem exercícios físicos, viverem momentos de lazer, entre outras, justamente pelo receio do que pode ocorrer ao tirarem a camisa.

Sim, eu sempre tive vergonha do meu corpo, quando eu comecei na capoeira o pessoal lutava sem camisa e tal, e eu sempre de camisa, eu sempre tive vergonha disso, isso me fazia um mal, entendeu? Me fazia um certo mal que às vezes eu queria desistir das coisas, mas eu falava “Eu não posso desistir, cara, eu não posso desistir dos meus sonhos, eu não posso desistir de forma alguma”, então eu vou lutar pra isso, vou conseguir. Eu me sentia retraído [...] Meu maior desafio foi encarar o público, dançar sem camisa, fazer show em palco, esse era o meu maior desafio [...] (Danilo Vieira, *live* em 29 de abril de 2023 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Mas aí são machucados, ferimentos, que te deixam marcado na alma, isso você leva pra idade adulta [...] Te atrapalha na universidade se for o caso, te atrapalha no ambiente de trabalho, te atrapalha até quando você tá se divertindo, nos momentos de lazer, porque a pessoa se fecha de uma maneira [...] teve um preto gordo que segue o Canal, que ele postou a foto e botou a legenda “Ah, pensei mil vezes mas fui e postei assim mesmo, agora já foi”, era uma foto simples, você vestido normal, bermuda, camiseta, mas você estava com medo de postar aquela foto, que inclusive ainda estava

cortada, cortando você na lateral um pouco. Você não estava querendo postar uma foto sua simples, então você imagina o que esse cara já ouviu, o que ele já internalizou. E aí assim, esse cara nunca vai ter uma foto sem camisa postada, nunca, pelo menos por enquanto. Por isso, mais uma vez, é um processo íntimo e pessoal, pra ele ter esse *insight*, pra ele parar, se olhar no espelho e se gostar, em cada dobra, em cada pedaço e passar por cima disso, desses anos todos, esses traumas, cara é muito difícil. tem gente que precisa de ajuda. (Julio, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Essa “ajuda” que o interlocutor cita na fala acima pode vir de diferentes iniciativas, mas, neste caso, se refere principalmente à possibilidade de buscar ajuda profissional, sobre a necessidade da terapia para o tratamento de traumas relacionados à imagem corporal. Um tema abordado principalmente nas *lives* que foram realizadas com os convidados que são profissionais dessa área da psicologia. Todavia, a representação positiva proposta pelo Canal do Preto Gordo é também compreendida por muitos seguidores e pelo próprio administrador como uma forma de ajuda possível, por fortalecer outros imaginários estéticos e contribuir para a valorização dos corpos dos pretos gordos.

O relato a seguir, por exemplo, apresenta a argumentação de um dos seguidores a respeito da importância de ter referências próximas da sua realidade, seguir homens mais parecidos com eles e como isso impacta na construção da própria autoimagem e melhora na relação com ações cotidianas que envolvem expor seus corpos.

Uma outra coisa é, vamos parar de seguir gente padrão. “Ah, segue lá o Rodrigo Hilbert, é maravilhoso? É lindo? É”. Ahh porque o cara é maravilhoso, é lindo, só que o cara não passa pra mim nada do que eu preciso, ele não é parecido comigo, ele não tem uma vida parecido comigo, ele não tem uma religião que é parecida com a minha, ele não tem uma cara que é parecida com a minha, por que é que eu tenho que seguir esse cara? Então assim, a gente tem que parar e fazer uma limpa no *instagram*, no *twitter*, na porra toda, e tirar essa galera que não tem nada a ver, que a gente só segue porque é o momento, sabe colé? Toda essa gente toda aí, essa homarada toda branca aí, tira, tira. Faz o seguinte, é preto e gordo, vê la numa *hashtag* qualquer, é preto e gordo, ou vem aqui no perfil do Ébanos, vê todo mundo que segue e segue todo mundo, sai seguindo todo mundo, depois obviamente vai ter gente que você não vai querer e depois você faz esse pente fino, mas inicialmente tira essa galera toda de padrão, homens e mulheres, da sua *timeline*, de todas as redes sociais e passa a seguir gente preta e gorda. Eu não dou 3 meses pra você reeducar o seu olhar e começar a se achar lindo, e aí você vai conseguir tirar uma foto sem camisa, você vai conseguir sensualizar, você vai conseguir transar de luz acesa, você vai conseguir coisas que, sabe? Muita gente ainda não consegue, sabe? Muita gente se violenta pra poder conseguir existir, porque pra eles é duro olhar pra eles mesmos e ver que eles são quem são [...] (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Portanto, esse subtópico não tem como objetivo apontar qual das leituras sobre esse processo de envio das fotografias está correta, na verdade, a observação e análise dos dados me auxilia não a indicar um caminho único de interpretação e sim a expor que existem elementos conflitantes e convergentes nessas narrativas. Se por um lado o administrador

apresenta sua leitura diante dos inúmeros casos de relatos de homens que explicitam suas dificuldades com esse processo a partir da compreensão de um impacto da gordofobia e da cisheteronormatividade em suas vivências, por outro lado não podemos ignorar também que outras vozes de pretos gordos ecoam que há elementos que influenciam nas suas escolhas para além desse processo.

Ademais, reconhecer essa diversidade e propor um olhar mais plural sobre a situação não é um impedimento para traçar as análises críticas necessárias a respeito do impacto desse constrangimento, do imaginário social que realmente estigmatiza corpos gordos e que no caso dos homens gordos é atravessado por elementos específicos da constituição de padrões estéticos de masculinidades. Assim, é relevante destacar nesta pesquisa as contribuições do trabalho realizado pelo Canal do Preto Gordo nesse sentido, que são reconhecidas por muitos dos seguidores.

A tua ideia do canal, eu achei tão maravilhoso. Por quê? Primeiro porque o homem pra se mostrar é uma coisa meio complicada [...] O canal do preto gordo, eu acho assim, que ele fomenta com que os homens pretos gordos... Sabe, quando eu falo preto, não precisa ser só o retinto, é o de pele clara também [...] Então, eles começam a ter autoestima, de mostrar o corpo, de tipo assim, não ter vergonha de posar sem camisa, de mostrar que tem peitão, que tem barrigão, que tem coxão, que tem bundão, sabe? Tem que mostrar, e eu acho muito bacana porque você tá quebrando, sabe? O canal quebrou um estereótipo que muita gente, muitos homens tinham vergonha de ir a praia, estar de sunga e sem camisa, então, você deu a oportunidade para que os homens, sabe? Eu quando eu digo sair do armário, não é ser LGBT, e eles se mostrarem de verdade sem ter vergonha do seu corpo, entendeu? (Breno Donadio, *live* em 25 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Assim, é com olhos nesse horizonte que o Canal do Preto Gordo continua se propondo a visibilizar essas imagens. Por mais que a proposta das fotos sem camisa gerem diferentes reações e se apresentem como uma dificuldade no processo de manutenção do *feed* do perfil, há seguidores que se identificam com esse movimento, escolhem enviar suas fotos e reconhecem que essa iniciativa tem impactos positivos em suas vivências.

Quando o administrador do C.P.G afirma que o “[...] objetivo do canal é esse, ser um farol pra que a pessoa se enxergue, enxergue a beleza dela, a beleza do corpo dela, entender que não tem nada de errado com ela. Entender que ela também pode se ela quiser e que não tem que se envergonhar disso [...]” (entrevista online realizada em 06 de maio de 2023), é relevante destacar como essa busca pelo reconhecimento da beleza não deve ser interpretado como uma demanda superficial, de menor valor, visto que esse reconhecimento estético também está ligada aos processo de desmistificar estereótipos que entendem esses corpos

como incapazes, doentes, anormais e fracassados, que associam ao que é considerado “feio”, e uma série de outros elementos negativos com valor moral sobre esse sujeitos.

Ao afirmar que “preto e gordo é lindo” e compartilhar essas imagens, o Canal do Preto Gordo também busca promover a visibilidade de elementos para um outro imaginário social sobre os corpos e existências desses homens; um imaginário que impacta diretamente nos seus processos de carreira profissional, relações afetivo-sexuais, possibilidades de ocuparem espaços públicos, se exercitarem e terem momentos de lazer. Ter uma autoimagem mais positiva de si mesmos, pode começar pela estética, mas não se encerra nela, como afirma Berth (2019) e a iniciativa do perfil busca contribuir para essa valorização de maneira mais ampla a partir também de outras ferramentas, como as *lives* que abordo no subtópico a seguir.

4.2 “AQUI O PRETO GORDO PODE!”: *Lives* como ferramenta de construção de um imaginário de sucesso para os pretos gordos e compartilhamento de conhecimentos.

Como fazer com que o Canal do Preto Gordo não fosse apenas mais um perfil de fotos? Esse foi um dos questionamentos que o administrador do perfil apresentou ao falar sobre sua concepção. É claro que as fotografias ocupam um lugar de importância nesse processo, como debatido no tópico acima, elas são um elemento para a construção de outro horizonte imagético sobre aqueles corpos e que têm impactos em diversos âmbitos da vida dos pretos gordos. Entretanto, o administrador do C.P.G relatou que pretendia que o perfil caminhasse também em outras direções de debate, aprofundando níveis de autoestima que dialogam ainda mais com a valorização dos seguidores em outros aspectos, como sua segurança intelectual, realização profissional, incentivo no engajamento com atividades esportivas, na crença nas suas capacidades de maneira geral. É nesse cenário que as *lives* aparecem também como uma das principais ferramentas de comunicação do perfil.

E aí, eu tive a ideia das *lives*, de pegar pretos gordos que tivessem sucesso no seu campo profissional, né? Sendo famosos ou não, e entrevistar essas pessoas, porque eu sou do seguinte princípio: todo mundo tem uma história boa pra contar. Todo mundo tem uma história boa, né? Uma história interessante, uma história que alguém se identifica, então por que não contar essas histórias, né? Então assim, eu venho fazendo essas *lives* nesses 2 anos, majoritariamente com pretos gordos, porque... Vê se a pessoa acorda, né? Se ela entende que ela é capaz, né? Que a gente cresce sendo negado tudo pra gente, afeto, relacionamento interpessoal, bom emprego, sucesso. Tudo pra gente é: não, não, não, porque você é gordo, e também preto, né? Mas também porque é gordo. Então, tinha que quebrar isso de alguma maneira. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Assim, uma das minhas principais atividades no processo de observação do perfil foi a de analisar as *lives* compiladas ao longo dos 3 anos de existência do Canal do Preto Gordo, ou seja, da primeira *live* de apresentação do canal, em 13 de fevereiro de 2021, à *live* de aniversário de três anos do C.P.G, em 25 de janeiro de 2024. Quando lançadas, as *lives* foram pensadas como atividades semanais e os sábados à noite foram eleitos como momento oficial para esses encontros, mas essa programação nem sempre se manteve, havendo algumas semanas em que não foi possível realizá-las e outras em que houve *lives* extras, em mais dias da semana.

Algumas *lives* são mais curtas com 1 hora e poucos minutos e outras se estendem bastante, passando de 3 horas de duração, às vezes sendo divididas em duas ou mais partes. Há *lives* que assumem um caráter mais formal, como trocas que se restringem a temática abordada e uma postura menos descontraída, mas a maioria delas tem um caráter de descontração, principalmente quando há mais de um convidado e o diálogo é atravessado por mais vozes. Especialmente nessas *lives*, com mais convidados e com uma maior flexibilidade de temas abordados, pude notar encontros que se estendem pela madrugada. Nesses encontros em que há um maior clima de descontração na condução das conversas é possível observar também que, além do papel de debate proposto pelo perfil, há a criação de um espaço de fortalecimento de amizade e a realização de uma atividade que também pode ser entendida através de um viés de lazer que se estabelece nesse ambiente virtual.

Além dos momentos de descontração que acontecem em *lives* principais, há *lives* que são feitas especificamente com esse intuito, identificadas pelo administrador do C.P.G como “bate papos descontraídos”, elas são realizadas a fim de proporcionar mais interação entre os seguidores. Como medida para deixá-los mais desinibidos há um acordo de não manter essas *lives* salvas no perfil para acesso posterior, de maneira que, apenas quem participa delas ao vivo presencia as conversas ali trocadas.

[...] Assim que possível eu aviso, se nós tivermos novas *lives*, aliás, nós teremos uma *live* sexta feira, que é o nosso bate papo descontraído, sem nenhum tipo de compromisso e que inclusive não fica salvo no final, ele é deletado pra gente poder falar realmente... Pra vocês falarem o que vocês quiserem, não esqueçam, nessa sexta feira, 10 da noite, tem aqui o nosso bate papo [...] vamo tá aqui com mais um convidado, de hora, de surpresa pra fechar o quarteto que vai bater papo e vai ter, claro, a presença de vocês mandando perguntas e também respondendo às várias dúvidas que possamos ter. Gente, vem por que vai ser muito legal, e assim, vai ser o primeiro bate papo descontraído do Canal do Preto Gordo no ano de 2022, tá bom? Conto com vocês, espero vocês lá, e continuem divulgando o Canal do Preto Gordo, né? Vamos fazer o nosso exército de pretos gordos assim crescer de uma maneira estupenda, tchau, tchau. (Julio Cesar, em vídeo postado no *feed* do @canal_do_preto_gordo em 8 de fevereiro de 2022)

Do total de lives postadas no perfil, organizei 53 *lives*⁷⁵, em 4 categorias sendo: 7 *lives* comemorativas do perfil, 32 *lives* dos pretos gordos, 7 *lives* temáticas e 7 *lives* de demais datas comemorativas e de luta. Destacando que esse número não é o total de *lives* existentes no canal, apenas aquelas que foram eleitas como relevantes para a compreensão da pesquisa dentro dessas categorias definidas.

O que chamo aqui de “*lives* comemorativas do perfil” são aquelas realizadas em datas que são marcos significativos da própria construção do Canal do Preto Gordo na plataforma do *instagram*. Nessa categoria localizei a *live* inaugural onde foi apresentada a proposta e objetivo da construção do C.P.G, além de respondidas algumas dúvidas a respeito do perfil que naquele momento, em 2021, ainda se chamava “Ébanos em Fatura”. Nesta *live*, o administrador explicitou a indignação que o mobilizou para a criação do perfil, demarcando principalmente a relação com as comunidades ursinas e as desigualdades que o fizeram querer construir o próprio espaço. Como demonstra na fala abaixo, após ser questionado em um comentário durante a *live* a respeito da necessidade de especificidade do público do perfil.

O ideal é que não tivesse um perfil assim específico, que fosse um perfil pra todo mundo, mas não tem como gente, o preto gordo é o primeiro a ser excluído, é o último a ser lembrado. Então assim, é de certa maneira até radical [...] mas se a gente não cria espaço onde é que o cara vai se sentir representado? Onde é que o cara vai ter uma referência pra postar foto? Porque ele vai abrir os perfis, não vai ter o tipo físico dele ali, sempre branco, padrão, o cara não vai ter a mínima coragem de postar uma foto, porque ele sabe que o adm⁷⁶ não vai querer, que ele não vai ter o tipo físico, então infelizmente a gente tem que abrir espaços e é o que a gente tá fazendo [...] A gente quer ser bem representado, a gente quer ter um espaço pra gente também, entendeu? (Julio Cesar, *live* em 13 de fevereiro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Além desta, temos as *lives* de retrospectiva, onde são debatidos os acontecimentos do ano e planos para o ano seguinte. A primeira *live* de retrospectiva foi realizada em 19 de dezembro de 2021 e contou com 4 convidados, dois pretos gordos que forma os primeiros a participarem da série de “*lives* dos pretos gordos” que abordarei adiante, e um casal formado por um preto gordo do perfil e sua companheira, mulher negra magra, que administram um perfil em conjunto. Em 2022 não houve *live* de retrospectiva, mas foi postado um *reels* com recortes de momentos marcantes do ano e em 2023 o administrador apareceu sozinho, em uma *live* curta, apenas para fazer votos positivos para o ano de 2024.

⁷⁵ Foram deixadas de fora desta contagem algumas *lives* muito curtas, de 2 a 5 minutos, que usam a mesma ferramenta e estão salvas no perfil, mas foram realizadas apenas para dar informes e convidar para outras atividades no canal, como as próprias *lives* de debates principais, entre outras questões mais pontuais. Assim como nem todas as lives mapeadas, mesmo maiores, entraram nas categorias de análise que apresento adiante.

⁷⁶ “Adm” é uma abreviação para administrador ou administradora dos perfis.

Um elemento que apareceu nesta *live*, e de forma recorrente em outras *lives* dos dois primeiros anos do C.P.G, foram as reflexões sobre a pandemia da Covid 19, visto que o perfil foi criado no auge desse processo e os impactos dele são relatados pelos pretos gordos em diferentes momentos. O administrador do perfil também fez questão de comentar a respeito e incentivar que os seguidores se cuidassem e tomassem as vacinas. Junto a isso, em diferentes momentos, o interlocutor afirmou seu posicionamento político com relação ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, desejando o fim deste mandato, destacando as violências cometidas durante o governo e desejando que esse quadro se alterasse, uma opinião que também foi compartilhada pelos seguidores que se manifestaram sobre o assunto nesta e em outras *lives* do Canal do Preto Gordo.

Além disso, no dia 1 de outubro de 2022, foi postado um vídeo no *feed* do C.P.G a respeito das eleições, incentivando que os seguidores buscassem candidatos pretos e com propostas antirracistas e antigordofóbicas, focando nos cargos legislativos e trazendo dados sobre a composição do Senado brasileiro, destacando a baixa porcentagem de políticos negros e negras, indicando, inclusive, nomes de candidaturas no Rio de Janeiro que considerava alinhadas com essas questões de interesse do Canal do Preto Gordo. Ainda nessa categoria, houve também três *lives* de comemoração de aniversário do perfil, em janeiro de 2022, 2023 e 2024.

FIGURA 25: Aniversários do Canal do Preto Gordo



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela das *lives* de aniversário salvas no *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo, feitas em 10 de março de 2024.

Nas *lives* de retrospectiva e principalmente nas *lives* de aniversário, o administrador convida para participarem desse espaço comemorativo homens e mulheres que estão colaborando com o Canal do Preto Gordo, enviando fotos para postagem, participando de outras *lives* e/ou contribuindo em outros elementos de construção do perfil. Além de ser um espaço para reflexões sobre a trajetória do C.P.G, as *lives* de aniversário são também tradicionalmente marcadas por um bolo e diálogos descontraídos.

Em 2022, além da *live* tradicional de aniversário, foi realizada também outra *live* em comemoração ao primeiro ano do canal, em 30 de janeiro de 2022. Essa *live* teve uma proposta diferente, na qual o administrador do perfil saiu da sua posição de entrevistador e foi nessa ocasião também entrevistado por outros 3 pretos gordos que compõe o C.P.G e que, segundo ele, eram “baluartes do Canal do Preto Gordo”, ou seja, figuras relevantes que estavam na base da construção do perfil.

A segunda categoria de *lives* que apresento aqui é central no diálogo com o objetivo do Canal do Preto Gordo. Reafirmado tanto na entrevista cedida a mim, quanto em suas declarações nos *posts* do perfil, o administrador pontua sempre que possível que a principal missão do C.P.G é lembrar àqueles homens que eles podem ocupar os lugares que desejarem. Essas *lives* que nomeie como “*lives* dos pretos gordos”⁷⁷ contribuem na missão afirmativa de que, apesar do enfrentamento do racismo e gordofobia, e em muitos casos outras opressões, como a homofobia, eles têm capacidade de estarem inseridos em diferentes profissões, *hobbies*, projetos⁷⁸ e experiências de vida positivas. Portanto, a principal forma de demonstrar isto foi promovendo *lives* com pretos gordos em diferentes locais de sucesso, criando a própria representação positiva que eles não encontravam em outros espaços, criando a “própria mesa”, como afirmado em falas do interlocutor.

Assim se iniciou uma série de *lives* com convidados pretos gordos instigados pela mediação do administrador do perfil a relatarem suas experiências, situações de discriminação, estratégias de enfrentamento e resistência, trajetória de suas carreiras profissionais e projetos, dicas para outros homens que desejassem ingressar nos mesmos mercados, entre outras trocas. Além disso, foi possível notar a predileção para os convidados

⁷⁷ Em 3 das *lives* mapeadas nessa categoria houve também a presença de mulheres convidadas, todas também mulheres negras gordas, duas com a mesma profissão dos convidados pretos gordos e uma, esposa do preto gordo convidado, com a qual ele desenvolveu um projeto conjunto de criação de conteúdo.

⁷⁸ O que chamo de “projetos” são as iniciativas dos interlocutores como a criação de *podcasts*, realização de aulas solidárias, projetos de fotografia, entre outros, que nem sempre são a profissão desses pretos gordos, ou a profissão principal, e são vinculados a seus interesses e ideologias. O perfil também contribui na divulgação de muitos desses projetos para além dos espaços das *lives*, compartilhando seus conteúdos no *feed* e *stories*.

que o interlocutor definia como “multitarefa”, isto é, aqueles homens envolvidos em mais de uma profissão, *hobbie* ou projeto e que pudessem demonstrar com suas vivências que homens negros gordos têm competência para ocuparem os mais diversos lugares e obterem sucesso.

É o que eu venho falando aqui no canal, e em todas as *lives*, uma frase que virou o bordão do canal “Aqui o preto gordo pode”, e eu sempre tô fazendo essas *lives* mostrando esses pretos gordos que têm sucesso na vida profissional justamente pra mostrar que você pode, que é possível pra você. Você quer cursar uma universidade? Vai cursar, vai se preparar, faz a prova, se inscreve, paga matrícula, faz vestibular, vai fazer sua universidade, vai realizar seus sonhos. (Julio Cesar em *live* em 13 de junho 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

No quadro a seguir, compilei as 32 *lives* que analisei como partes dessa categoria, nele, além da identificação da data de realização das *lives*, sinalizo quem foram os convidados e quais suas principais ocupações e projetos e/ou temas abordados. Relevante destacar como apesar da experiência profissional ser o principal mote dos diálogos e elemento que destaco na apresentação do quadro abaixo, as experiências não ficaram circunscritas a isso, trazendo à tona uma diversidade de temáticas que atravessam as vivências desses pretos gordos.

Quadro 1 — *Lives* dos pretos gordos

LIVE	CONVIDADO
9 de maio de 2021	Moisés Viegas. Comediante profissional, <i>stand up</i> e roteirista de humor. É <i>youtuber</i> e gerência um <i>podcast</i> chamado “Viegas Convida”.
16 de maio de 2021 e 20 de março de 2022,	Jefferson Rodrigues, geógrafo, criador de conteúdo no <i>instagram</i> , <i>youtube</i> , <i>twitter</i> e <i>podcast</i> no <i>Spotify</i> . Debate sobre a identidade de “Urso Preto da Favela” e sobre questões religiosas de matriz africanas e indígenas no Canal Didê. Participou de uma segunda <i>live</i> individual em 20 de março de 2022, para divulgação do seu projeto fotográfico “Diga Xis pro Urso”.
23 de maio de 2021	Luís Pablo Gawlinski, técnico de segurança do trabalho e modelos <i>plus size</i> . Desenvolveu um projeto fotográfico chamado “Grandes Gostosxs” para realizar ensaios sobre os corpos gordos. Dividiu a <i>live</i> com Yara Balduino, modelo e dona de loja <i>plus size</i> .
06 de junho de 2021	Leo de Paulo, ator. Formado em ciências da computação, já foi analista de sistemas, mas começou a produzir shows na sua cidade natal, já fez cover de Tim Maia, teve um grupo musical chamado “Tropical Jam” e depois investiu na formação de ator, alcançando uma carreira internacional. Dá consultorias sobre diversidade e inclusão também na área de publicidade e propaganda.
20 de junho de 2021	Luiz Otavio “Momo”, maquiador, produtor, modelo <i>plus size</i> e costureiro, já desfilou como passista e foi candidato a Rei Momo. Tem uma linha de roupas chamada “Os Africanos” e

	anunciou também nesta <i>live</i> o lançamento de uma marca mais voltada para o homem preto gordo, para os “ursos”, a “Black Bear”.
04 de julho de 2021	Ronan Oliveira, ex-participante do <i>reality show</i> “Big Brother Brasil” de 2016. Estudou Filosofia. Falou dos seus interesses em montar um projeto social de educação e do seu envolvimento com a CUFA - Central Única das Favelas. Além de experiências com trabalhos informais, “bicos”. No momento da <i>live</i> estava trabalhando na produção do programa do apresentador Netinho de Paula.
09 de julho de 2021	Gesiel Júnior, formado em gastronomia, já trabalhou em cruzeiros internacionais e nessa <i>live</i> dividiu a experiência de estar morando em Portugal. Burocracias e ações necessárias para atuação profissional no exterior e impactos da pandemia do covid-19.
11 de julho de 2021	Flávio Franklin, cantor, <i>backing vocal</i> (vocal de apoio), preparador vocal e musicoterapeuta holístico, dividiu sua experiência com música e terapia e seu projeto “ECV - Expandindo a consciência vocal”.
16 de julho de 2021	Jordan “Brigadeirão”, modelo <i>plus size</i> e ator com participação em uma série de projetos televisivos, principalmente propagandas. Praticante de <i>muay thai</i> e dividiu também sua experiência positiva com outras atividades físicas e práticas esportivas.
18 de julho de 2021	Daniel Lima. <i>Strongman</i> (atleta de força). Formado em <i>game desing</i> , foi para a área de <i>motion desing</i> e se tornou animador gráfico. Dividiu suas experiências nessas duas áreas, do esporte e da animação.
01 de agosto de 2021	André Child, “DJ Child”, <i>disk jockey</i> , artista profissional que trabalha com seleção, criação e\ou reprodução de música. Apresentou seu projeto musical “90 novamente”. Nessa <i>live</i> , uma DJ convidada participou em conjunto com ele, Aline Vargas, identificada como educadora social, militante feminista, LGBTQIAP+ e das relações étnico raciais. Também preta gorda.
15 de agosto de 2021 e 7 de setembro de 2021	Marcello, “Marcellão Jogos e Algo mais”. Professor de química, entusiasta de Jogos de Tabuleiro (<i>board games</i>) e criador de conteúdo no <i>instagram</i> e <i>youtube</i> . Participou de uma segunda <i>live</i> no C.P.G, no dia 7 de setembro de 2021, para falar sobre “Afro Games”, jogos com temática negra, contudo não consegui reproduzir essa <i>live</i> , aparentemente o vídeo teve algum problema ao ser salvo na plataforma.
22 de agosto de 2021	Sergio Ras, cantor e compositor. Debate sobre a composição da sua carreira solo e projetos coletivos como o “Fogo no Fubá”.
29 de agosto de 2021	Pedro Magalhães, preto gordo violinista. Não foi possível acessar as informações desta <i>live</i> porque não consegui reproduzir o vídeo na plataforma, provavelmente ocorreu algum erro ao ser salva no perfil.
5 de setembro de 2021	Renato Lima, <i>cosplayer</i> , formado em psicologia, trabalha com teatro e é um dos administradores da perfil de <i>instagram</i> sobre cosplayers gordos “CosGordos BR”..
19 de setembro de 2021	Vinicius Ribeiro em conjunto com sua esposa Carol, criadores de conteúdo no <i>instagram</i> , <i>tik tok</i> e <i>youtuber</i> , administram o projeto de humor “O Tal Casal”. Ambos negros e gordos.
5 de dezembro de 2021	Caio César, praticante de dança de salão, modelo <i>plus size</i> , jogador de futebol americano e basquete.

15 de janeiro de 2022	Leandro Cristiano dos Santos, “Urso Santos”. Ator, músico, agente ambiental, trabalha com educação ambiental nas favelas. É também presidente da associação de moradores da sua comunidade e compartilhou sua participação em diversos projetos sociais.
13 e 18 de fevereiro de 2022	Breno Donadio, estilista e produtor de moda <i>plus size</i> . Se identifica como um “afroempreendedor”. <i>Live</i> precisou ser postada dividida em duas datas diferentes.
20 de fevereiro de 2022	Jadson França, conhecido artisticamente como “Jau”. Cantor e <i>backing vocal</i> . Já deu aula de dança, swing baiano. Compartilhou os impactos da pandemia no mercado artístico e seus projetos de samba e pagode em barzinhos.
6 de março de 2022	Sandro Lopes, jogador e entusiasta de vôlei, administrador do <i>podcast</i> “Vem Comigo”.
2 de abril de 2022	Leandro Arara. Motorista de ônibus e criador de conteúdo no <i>tik tok</i> e <i>instagram</i> de forma não profissional. Compartilhou sobre a situação de um vídeo seu que viralizou ao abordar o fato de ter passado por uma situação de homofobia por ser um motorista gay, debatendo sobre áreas profissionais e estereótipos.
30 de abril de 2022	William Barão, mixologista, bartender e consultor de bares.
28 de maio de 2022	Ricardo Jaheem, professor e escritor. Mestre em educação na linha de políticas públicas e pesquisadora de alfabetização. Trabalha em uma gerência de relações étnicos raciais. Criador da metodologia de ensino “Pedagogia das favelas”.
16 de setembro de 2022	Lucas Moraes, psicólogo clínico e esportivo, paratleta de <i>taekwondo</i> e <i>jiu jitsu</i> .
19 de janeiro de 2023	Alessandro Flores, quadrinista e ilustrador. Trabalha com políticas culturais e faz bacharelado em artes visuais. Desenvolve especificamente histórias em quadrinhos com temática do antirracismo, ancestralidade e representação negra e LGBTQIAP+.
28 de janeiro de 2023	Pedro, “Pedrinho Pércles”. Locutor, MC, produtor artístico \ cultural e lutador de sumô.
8 de abril de 2023	Felipe Oliver. Pós-graduado em libras, professor, tradutor de libras e especialista em leitura labial. A <i>live</i> contou com a presença de uma convidada que fez a tradução do diálogo deles para linguagem de sinais durante a <i>live</i> .
29 de abril de 2023	Danilo Vieira, conhecido como “Gordinho Sambista”, passista da Salgueiro e vice Rei Momo, trabalha também como livreiro.
07 de setembro de 2023	Joálisson Cunha, ator, roteirista, preparador de elenco e diretor de arte. No momento da <i>live</i> com destaque em atuação na série brasileira “Cangaço Novo”.

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora a partir dos dados sistematizados durante a observação das *lives* do perfil @canal_do_preto_gordo.

Promover esses debates caminha no sentido de fazer do perfil um espaço de representação positiva, e nesse sentido as *lives* cumprem um papel de ampliar o imaginário de

horizontes possíveis para esses homens pretos gordos, confrontando tanto questionamentos do racismo com relação, por exemplo, a suas capacidades intelectuais, ao demonstrar convidados seguindo carreiras acadêmicas, na área de tecnologias ou outras profissões como de escritores, quanto enfrentando estereótipos gordofóbicos ao apresentar, por exemplo, uma variedade de pretos gordos esportistas ou envolvidos em outras atividades que se supõe não serem possíveis para seus corpos.

Há de maneira geral no perfil muitos conteúdos que buscam desnaturalizar os estereótipos gordofóbicos a respeito da incapacidade de corpos gordos nas atividades físicas como esportes e danças. No quadro de *lives* houve cinco encontros que focaram de forma mais específica na experiência de convidados que tiveram sucesso na sua relação com atividade física e que em alguns casos se tornaram, inclusive, suas atividades profissionais. Foram as *lives* com os seguintes seguidores: Daniel Lima que é atleta de força (*strongman*), Lucas Moraes que é paratleta de *taekwondo* e *jiu jitsu*, Pedrinho Péricles que é lutador de sumô, Danilo Vieira que é passista de samba e Caio César, que além de praticante de dança de salão, é também jogador de futebol americano e basquete.

As reflexões sobre sedentarismo, atividades físicas e corporalidades gordas estão ligadas a um debate que é um muito caro ao ativismo antigordofóbico, que é o debate sobre acesso à saúde através de uma perspectiva crítica a patologização dos corpos gordos. Tendo em vista que essa patologização promovida pelo discurso biomédico é um dos principais agentes de perpetuação da gordofobia. Essas noções são usadas para justificar intervenções alheias e violentas contra pessoas gordas, resguardadas pelo argumento de “preocupação com a saúde”. Nesse processo, de acordo com Poulain (2017), o foco do combate acaba sendo as próprias pessoas gordas, que são lidas socialmente como uma personificação da obesidade enquanto doença.

A noção de que todo corpo gordo é ou será doente - que é sustentada tanto pela população em geral, quanto por profissionais de saúde - provoca atitudes gordofóbicas que podem ser vista desde a perpetuação de discursos violentos contra pessoas gordas, reduzindo a sua existência a uma condição patológica, onde “a pessoa gorda” passa a ser apenas o ou a “obesa”, até casos de negligências médicas que envolvem falta de acolhimento em consultas e atendimentos, diagnósticos precoces e incorretos, não investigação de sintomas e outras possibilidades de enfermidades não relacionadas ao peso e até indicação de dietas e procedimentos cirúrgicos de forma compulsória (JIMENEZ JIMENEZ, 2020; SANTOS, 2021).

Enquanto isso, as experiências desses homens gordos que constroem o C.P.G mostram em muitas narrativas como o efeito dessa patologização é contraproducente, gerando maiores inseguranças com relação à saúde do que inclusão dessa população em rotinas de cuidado. No relato abaixo o administrador enumera alguns desses fatores de exclusão como a falta de preparo e negligência dos profissionais de educação física e medicina, além de também pontuar como a questão econômica é uma barreira ao acesso a ambientes como a academia, o que nos traz novamente aos atravessamentos interseccionais da gordofobia e como outras questões estruturais aprofundam essas violências.

“Ah, entra numa academia e vai emagrecer”. Porra, como? Primeiro que... Dinheiro, né? Hoje uma academia não tá menos de 100 reais, é dinheiro. Segundo você vai dá de cara - se você tem condições de ir, de frequentar uma academia, de pagar uma academia - você já dá de cara, de cara com um profissional pessimamente preparado que é o professor de educação física, né? E aí eu faço coro com a Ellen do Atleta de Peso⁷⁹, né? Ela é maravilhosa... E são mal preparados, eles não estão preparados para acolher o corpo gordo. Tem profissional de educação física que fala “É gordo? Vai ficar na esteira até emagrecer, aí a gente começa o treinamento”. Como é que você vai pegar uma pessoa que tá procurando inclusão, saúde, bem-estar mental também, tá procurando ter qualidade de vida, né? E você vai pegar essa pessoa e vai botar na esteira, fica lá, fica lá na esteira. Não existe isso, né? E isso é uma falha de formação, as universidades não preparam o profissional de educação física para atender o corpo gordo, que é um tratamento diferenciado, né? Então assim, como é que a pessoa emagrece com toda essa gama de problemas? “Ah, vai no médico e vai se consultar e vai se tratar”. O médico também é mal preparado, ele também não tem o mínimo preparo para atender o corpo gordo, a maioria... O que faz hoje a maioria é: “Tô com dor no meu fio de cabelo”, “Você tem que perder 30 quilos”, “Tô com dor no meu dedo mindinho”, “Você tem que perder 50 quilos”, e a pessoa já sai de lá com um pedido para bariátrica. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Narrativas sobre as violências gordofóbicas enfrentadas em espaços de atividade física e cuidados médicos aparecem em muitas *lives* do C.P.G, como no relato abaixo em que um dos seguidores exemplifica exatamente o final da fala do administrador, ao compartilhar uma experiência de quando foi encaminhado sem o seu consentimento, ou ao menos conhecimento, para um acompanhamento de cirurgia bariátrica após ir a uma simples consulta oftalmológica.

Passei pelo médico, aqui do posto [...] para ser consultado em Vitória, na capital, oftalmo, beleza. Fui parar lá na capital, ok, tal, o médico chegou, fez aquela parafernália toda e tal, aí “Você aguarda agora na outra sala?”, aí eu falei “Que sala?”, ele “aquela ali Cristiano, por favor”. Já me vem uma senhora, “Já vou fazer o encaminhamento pra você, já vai da tudo certo, não se preocupe”, aí eu olhei e falei

⁷⁹ Atleta de Peso é o nome do perfil de *instagram* criado pela ativista antigordofobia Ellen Valias, mulher preta gorda educadora física e praticante de esportes, que tem pautado o direito das pessoas gordas a atividade física sem constrangimentos ou exclusões, argumentando sobre a democratização de hábitos de saúde e bem-estar para além do interesse estético e foco no emagrecimento.

“A senhora é quem?”, aí ela falou “Eu sou médica endócrina”, eu falei “Mas eu não vim consultar com endócrino, eu vim consultar com oftalmo e já estou indo embora”, “Não, mas você está muito gordo”, eu falei “Eu sei que eu tô gordo, mas eu não vim consultar com endócrino”, “Não, mas você tem que fazer a cirurgia bariátrica”, eu falei “Eu faço se eu quiser, quem é a senhora?”, aí ela falou “Eu sou médica endócrina, eu estou aqui pra te ajudar”, aí eu falei “Mas não é assim, não é assim que se procede”. [...] Minha gente, quem é essa doida? A mulher toda de branco, ela “Vai dá tudo certo” [...] no resumo eu saí da sala, cheguei em casa e contei essa história pra minha mãe, ela falou “Você saiu daqui com encaminhamento pra o oftalmo, você ia passar por endócrino?”, falei “Não ele que me encaminhou diretamente lá, pro endócrino lá, sem eu pedir”. (Cristiano Cerrutti, *live* em 31 julho de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Um exemplo de uma abordagem nada cuidadosa, que pode ser considerada, inclusive, antiprofissional. A cirurgia bariátrica é um procedimento invasivo e de risco, que pode acarretar consequências como a necessidade do uso crônico de suplementos vitamínicos, síndrome de Dumping⁸⁰ e questões psicológicas relacionadas à rápida mudança física. Sua indicação requer a análise dos possíveis riscos e benefícios e o acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, independente ou não do mérito da necessidade da cirurgia para o caso do seguidor, esse encaminhamento foi feito sem nenhum tipo de conversa prévia com o paciente e por um médico que nem ao menos trabalhava com essa especialidade, demonstrando como a leitura desse corpo gordo como um corpo enfermo aciona atitudes que vão de encontro até com os próprios protocolos da medicina com relação ao diagnóstico e encaminhamento para procedimentos como esses.

Essa experiência de perder a autonomia sobre o próprio corpo, que é encarado como um problema de saúde pública e portanto um corpo também público, atravessa as vivências de muitas pessoas gordas, esse caso me recordou também outro relato absurdo que tive contato em minha pesquisa de conclusão de curso do bacharelado (SANTOS, 2021), onde uma das interlocutora narrou um episódio onde foi levada por sua mãe para uma consulta prévia de cirurgia estética sem o menor conhecimento do que se tratava, descobrindo no consultório que estava sendo avaliada para um procedimento cirúrgico.

Além das questões médicas há relatos que exemplificam como a gordofobia atua também impedindo e desencorajando o engajamento desses homens em atividades físicas que os interessam, como é possível ver na trajetória de dois pretos gordos que têm sucesso hoje

⁸⁰A síndrome de Dumping é um das intercorrências negativas associadas a muitos casos de cirurgias bariátricas, nela a mudança anatômica do estômago gera uma passagem de conteúdo gástrico muito rápida que pode ocasionar sintomas como “[...] necessidade de deitar, palpitação, hipotensão arterial, taquicardia, fadiga, tontura, sudorese, dor de cabeça, rubor, calor, sensação de saciedade, dor e plenitude epigástrica, diarreia, náusea, vômito, cólica, inchaço, e borborismo) em menos de 30 min, e dentro de 90 min a 3 h, aos sintomas tardios (transpiração, tremor, dificuldade em concentrar-se, perda de consciência e fome) devido à alta secreção de insulina provocando a hipoglicemia” (CHAVES; DESTEFANI, 2016).

em suas profissões que envolvem dança e esportes, mas, que passaram por processos em que tiveram vagas negadas, a despeito do reconhecimento do seu potencial, apenas pela leitura discriminatória dos seus corpos.

O primeiro relato é de Danilo Vieira, eleito vice-rei Momo do carnaval carioca e Passista *Plus* em 2022, o interlocutor é passista de uma escola de sucesso, a Acadêmicos do Sanguêiro, e relata em sua *live* no perfil que passou por violências gordofóbicas que quase o fizeram desistir de realizar seu sonho profissional.

Eu fui fazer um teste, sambei tudo direitinho e tal, no final do teste ele me reprovou dizendo que não aceitava passista gordo na ala. Ai, o que acontece? Aquilo foi decepcionante pra mim, cheguei em casa chorando, conversando com minha mãe, com meu pai, a minha mãe me incentivando, falando que não era dessa forma, que era pra mim tentar outras vezes e tal. Aí eu desisti, falei, “É, não quero mais”, desisti mesmo, larguei de ir pra samba, larguei de visitar as escolas e fiquei em casa, só acompanhando por rede social, chorava e tal. Ai, coube de 2016, esse meu amigo que já era passista de lá virar diretor, [...] aí ele foi e me fez um convite pra poder ir lá fazer o teste [...] ele sabia já que eu sabia sambar, eu fui lá fazer esse teste. Chegando lá eu fiz o teste, no final os passistas que fazem teste sempre conversam com o presidente, Renatinho [...] Renatin ficou encantado, encantado comigo sambando e eu fui e contei a história pra ele, como é que aconteceu, o porquê, ele me perguntou porque eu não tinha ficado no ano de 2015, eu falei pra ele, ele “Nossa, nem eu sabia disso cara, me conta essa história direito”, contei toda essa história pra ele e ele “Não, hoje você definitivamente é o novo passista da São Clemente” [...] . (Danilo Vieira, *live* em 29 de abril de 2023 no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo)

O segundo é o relato de Caio César, referido pelo administrador como um “preto gordo multitarefas”, visto que atua como jogador de futebol americano e basquete, pratica várias modalidades de dança de salão e é modelo *plus size*. Caio também teve experiências em outros esportes, como o Tênis durante sua infância, período em que ocorreu o caso relatado abaixo, no qual também teve oportunidades negadas pela suposição de que seu corpo gordo seria em algum momento enfermo e, portanto, não apto para se engajar naquele esporte, mesmo diante do reconhecimento do seu bom desempenho.

[...] o cara chamou eu e meu pai, eu não esqueço “Oh, seu filho joga muito bem, só que ele não passa daquela sala ali”, que é a sala do departamento médico, porque eu tava acima do peso, aí cara, só que eu tava tão maravilhado com o lugar que depois que a ficha caiu [...] ele falou “Emagrece e aí volta”, aí eu dei um meio sorriso assim, meu pai já ficou bem chateado [...] quando eu fui embora pra casa é que eu fui digerindo essas palavras todas e fiquei muito chateado, falei “Pow pai, não deu”, foi muito triste, muito triste. [...] (Danilo Vieira, *live* em 5 de dezembro de 2021, no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo)

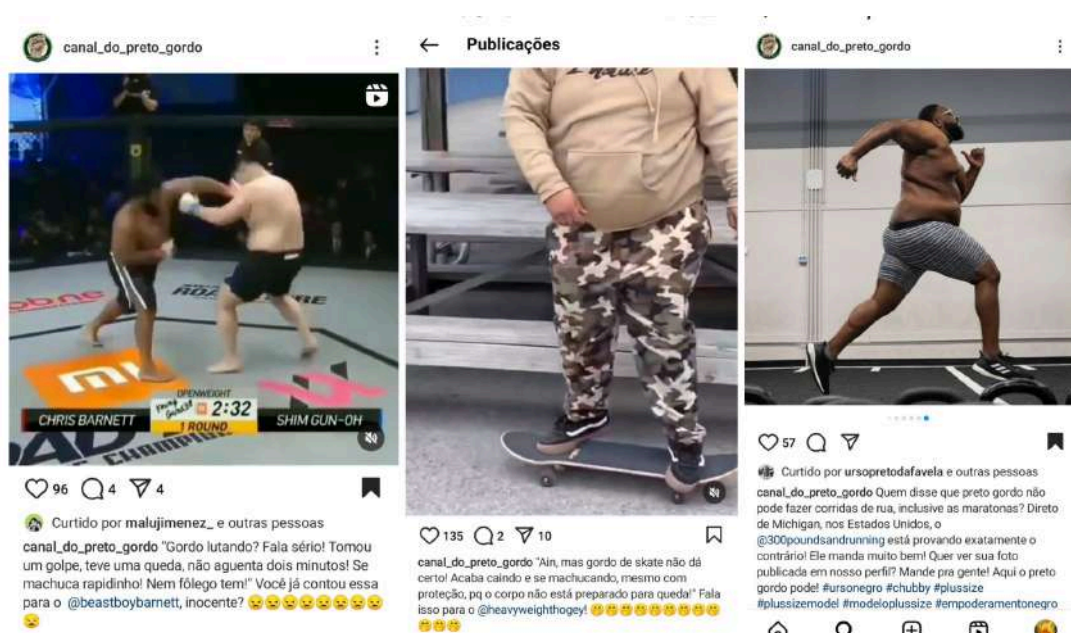
É relevante destacar como essas experiências marcam emocionalmente esses homens, gerando frustração, tristeza, dúvidas sobre sua própria capacidade e que, inclusive, poderiam ter feito com que eles se afastassem dessas áreas de interesse e impactado toda sua trajetória.

Por isso a importância dada no Canal do Preto Gordo para que essas experiências sejam visibilizadas, para que outros pretos gordos possam ter uma referência de sucesso em meio a tantas negativas. Um debate que fala do impacto dessa gordofobia em duas direções, tanto na vida profissional quanto nas possibilidades cotidianas de praticarem atividades físicas e cultivarem hábitos de saúde e bem-estar a partir de nichos do seu interesse.

Eu acompanho muito na questão da gordofobia, uma autora Uruguaia, que chama Madga Piñeyro, e essa semana ela tava justamente comentando numa *live* a questão de como é que a escola, ela faz com que a gente crie aversão ao exercício, por quê? Porque quando a gente é criança, quando a gente é gordo, a gente vai pra aula de educação física e o professor de educação física “Bora! Vamo! É assim, não, tá errado, tá errado!”, transforma o exercício numa chacota, num castigo. Por isso que muitas das vezes a gente encontra aquela pessoa que ela é avessa ao exercício físico. (Erik Rivero, *live* em 25 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Diante desse cenário, o Canal do Preto Gordo atua no combate a essas violências a partir de duas estratégias: a da denúncia e problematização desses processos e da apresentação de representações positivas, trajetórias de sucesso, exemplos práticos e palavras de incentivo. No que se refere aos esportes e outras atividades físicas, além dos relatos em *lives*, há também postagens no *feed* que incluem pequenos vídeos em que o administrador do C.P.G também compartilha sua própria rotina com exercícios e vídeos de outros homens gordos praticando diferentes atividades como dança, basquete, boxe, skate, corrida, etc.

FIGURA 26: Exemplo de homens gordos no esporte



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela do *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo feitas em 07 de março de 2024.

Esses exemplos práticos em geral são acompanhados de legendas provocativas que questionam a noção de que pessoas gordas não podem se engajar nessas atividades, que não tem resistência física ou força de vontade. Como as transcritas abaixo que correspondem aos *posts* expostos da Figura 26.

“Gordo lutando? Fala sério! Tomou um golpe, teve uma queda, não aguenta dois minutos! Se machuca rapidinho! Nem fôlego tem!” Você já contou isso para o @beastboybarnett, inocente?

“Ain, mas gordo de skate não dá certo. Acaba se machucando mesmo com proteção, pq o corpo não está preparado para queda”. Fala isso para o @heavyweightogey!

Quem disse que preto gordo não pode fazer corrida de rua, inclusive maratonas? Direto do Michigan, nos Estados Unidos o @300poundsandrunning está provando exatamente o contrário! Ele manda muito bem! [...]

Além dessa temática que envolve o combate à patologização dos corpos gordos, o debate sobre possibilidades de carreira profissional é colocado como um objetivo central dessa segunda categoria de *lives*. Acesso, permanência e sucesso no mercado de trabalho são elementos intimamente impactados pelas opressões que atravessam a vida desses homens pretos gordos e por isso o C.P.G dá uma atenção especial a esse tópico.

O que é que você está esperando para realizar seus sonhos profissionais? O que você está esperando para ir à luta? Ninguém vai fazer por você, se mexa, levanta o rabo da cadeira e vá a luta, porque você pode. Como eu sempre falo que é o bordão daqui do canal, aqui o preto gordo pode, então você pode em qualquer lugar, não é só no Canal do Preto Gordo, é um direito seu. (Julio Cesar, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

Entre essas *lives* em que os seguidores são convidados para dividir suas experiências existem relatos sobre esses impactos da intersecção da gordofobia e racismo em diferentes campos profissionais, como o preto gordo Wiliam Barão explicita na sua fala, ao relatar como a discriminação motivada pelo estigmatização da sua corporalidade em detrimento de outros candidatos alinhados a estética padrão já prejudicaram sua carreira profissional.

Nossa, eu já perdi muita vaga pra “príncipezinho da Disney” que não tinha um terço do currículo que eu tenho, sabe? Cada vez vai ficando mais difícil, sabe? A competição não é uma questão de conhecimento ou saber que você é capacitado, é se você tem um olhinho azul ou cabelinho loirinho, sabe? Se tem o abdomenzinho trincado, bonitinho. E eu já tive oportunidades assim, por exemplo, tentaram uma vez com o “príncipezinho da Disney”⁸¹, outra vez com o “príncipezinho da Pixar”, aí

⁸¹ O interlocutor chama esses homens que estão alinhados a um padrão estético demarcado por ele através de características como serem brancos, malhados, com olhos e cabelos claros, de príncipes da Disney ou Pixar, que

não aguentou e chamou o negão, entendeu? Aí o negão vai lá e arruma tudo, já aconteceu mais de uma vez, duas vezes, três vezes, sabe? E vai acontecer outras vezes, eu tenho certeza, entendeu? Infelizmente, não só comigo. (William Barão, *live* em 30 de abril de 2022 no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo)

Quando questionado pelo administrador se ele sentia que já sofreu mais racismo ou gordofobia nessa área profissional, o interlocutor afirma que os dois juntos e relata mais detalhes que explicitam como os estereótipos gordofóbicos impactam na leitura social das suas capacidades. Argumentando como homens que estão dentro da estética considerada padrão, sendo loiros, malhados, com olhos claros, são escolhidos mesmo sem demonstrarem capacidade para os cargos, enquanto ele tem que mostrar na prática suas habilidades para convencer os empregadores de que seu corpo é capaz de realizar bem as ações solicitadas, de que ele também pode ser ágil e competente para ocupar aquela função profissional.

Os dois, os dois, porque assim, por exemplo, um *bartender*, como eu falei com você, [...] o *bartender* uma das habilidades que ele tem que ter é velocidade e agilidade, as duas, né não? [...] você chega num bar, numa balada, num restaurante, você não quer esperar, você pode esperar até 1 hora teu prato, mas a bebida você não quer esperar mais de 5 minutos, sabe? E tem que ser rápido, então por eu ser um cara pequenininho [disse rindo], por eu ser um cara gordo as pessoas julgam, “Ah, o cara não é rápido”, uma das coisas que eu mais me orgulho no meu “ser *bartender*” é uma dessas habilidades, eu me acho... Me acho não, eu sou extremamente rápido na preparação de *drinks*, rápido e ágil, sabe? Isso você aprende com o decorrer dos anos, entendeu? Então assim, as pessoas julgam muito, sempre julgaram muito, “Ah, não vai ser rápido”, até eu ter que demonstrar na prática, coisa que eu não precisava fazer, sabe? Enfim, eu fui ver uma vaga de trabalho a anos atras, e foi feito um teste prático e um rapaz, até um cara conhecido no meio, que é um perfilzinho desse jeito, “príncipezinho da Disney”, da Pixar, coisa e tal, e tinha que fazer, sei lá, 5 *drinks* em 3 min e 50 que era o padrão deles, não eram *drinks* muito elaborados [...] eu sei que eu fiz em 2 minutos e 55, uma coisa assim, e o rapaz bateu 6 min, tava lá fazendo ainda, coisa e tal, entendeu? [...] (William Barão, *live* em 30 de abril de 2022 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

Além do preterimento em determinadas áreas, há outros processos em que o imaginário social permeado por estereótipos racistas e gordofóbicos atua criando discriminações específicas que podem também condicionar esses homens apenas a determinadas funções, como é possível observar no diálogo que ocorreu em uma das *lives* temáticas, a respeito da “Solidão do homem preto”, em que um dos convidados relata que estava buscando emprego em um estabelecimento e que, apesar de haverem outras opções, o contratante insistiu que ele deveria atuar como segurança.

são duas empresas de animação, para se referir a representação de “príncipes encantados” comuns nos desenhos que produzidos principalmente pela Disney.

Nesse processo o direcionamento desses corpos para funções específicas é também uma violência que cerceia suas possibilidades de atuação e reconhecimento social em outros locais de interesse. O administrador provoca o debate com a seguinte colocação: “Mas, você sabe por que ela queria te colocar como segurança, né? Mais uma vez construção social. Grande, corpulento, né? Tá ótimo, botou um terno, ninguém vai se meter a besta.” (Julio Cesar, em *live* no dia 31 julho de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo). O seguidor concorda e relata, inclusive, como começou a desenvolver estratégias para ironizar e lidar com a repetição dessas situações

E não foi nem uma nem duas vezes que eu fui confundido não com segurança, tá? [...] Estou eu indo com os amigos pra um local que tinha aqui no centro da cidade, e ia tocar uma banda que eu amo [...] eu vim do trabalho, vim em casa, tomei um banho e coloquei uma roupa rapidamente, quando eu percebi, que eu já estava a caminho lá do show, dessa casa noturna, eu tava todo de preto. Aí chegamos, eu e meus amigos, uma fila quilométrica. Julio, Donovan, me veio um rapaz lá de dentro e pulou na minha frente, “O senhor tava onde? Tá todo mundo procurando o senhor”, eu falei “Cheguei agora, o que é que houve?”, ele “Não, estão procurando o senhor lá dentro”, eu falei “Calma, já estou indo” e entrei pela escada [...] falei “O que é que tá acontecendo?”, me veio dois seguranças “Não, é porque o pessoal que é comanda não estão sabendo por que lado que eles entram”, eu falei “Vamo organizar essa fila, calma” [...] feito isso eu continuei ali na portaria, abri a corrente [...] e coloquei todos os meus amigos pra dentro [...] ou seja, 1,91 de altura, 2,30 de largura, altão, negão, pá, cheiroso, modéstia à parte, o cara achou que por eu estar todo de preto eu era o chefe da segurança. Cê acha que perdi tempo? Botei meus amigos tudo pra dentro [...] “Oh lá o negão! O negão vai todo de preto, é segurança”. Eu já fui abordado, eu já fui abordado dentro de shopping meu amigo, o cara vai lá “Segurança, por favor onde fica a loja tal”, e eu ensinava errado mesmo “Fica pra aquele lado lá”. (Cristiano Cerutti, *live* em 31 julho de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Durante as *lives* em que acompanhei esse interlocutor, pude perceber que sua postura diante dessas violências é de enfrentamento, ele chega a dizer que é preciso ter “atitude” e “não permitir que as pessoas façam esse tipo de coisa”. Contudo, sustentar essa “atitude” nem sempre é fácil, demanda também uma série de desgastes emocionais, e há outros homens que relatam suas dificuldades em lidar com o incômodo gerado por essas situações, como é o caso da experiência de outro seguidor, que em uma entrevista anterior⁸² quando questionado a respeito dos impactos da gordofobia em processos de contratação e cotidiano de trabalho relatou o seguinte episódio:

Eu acho que sim porque existem esses lugares que são destinados. Eu fui esse final de semana para praia com uns amigos e aí tinha um rapaz que ele vende queijo coalho na praia, e assim, a partir do momento que ele me viu ele só me chamou de segurança e falou com meu amigo “Você trouxe o segurança hoje?” e assim, todo momento ele me chamava de segurança e assim, isso ficou desconfortável pra mim que eu, em

⁸² Rick foi um dos *influencers* da primeira seleção de perfis que realizei antes de alterar o recorte da pesquisa. Esse relato vem da entrevista online que realizamos, mas ele também é um interlocutor ligado ao Canal do Preto Gordo, sendo também seguidor e contribuindo com o envio de fotos e participação em *lives* no perfil.

respeito às pessoas lá que eram conhecidas, eu não repreendi ele mas, também não dei trela, não dei conversa. Então assim, eu acho que existem locais que são direcionados para pessoas pretas e para pessoas gordas, quando essas vagas existem, quando essas possibilidades existem [...] Ainda que eu acredito que já tenha recebido “nãos” por ser preto e por ser gordo, acredito que recebi alguns “sims” direcionados por ser preto e por ser gordo, então assim, segurança, sabe? (Rick Trindade, entrevista online em 21 de abril de 2023)

Quando questionei quais seriam as motivações dessa comparação, ele apresentou alguns estereótipos – conforme relato transcrito abaixo – que entendia como motivadores dessas situações. Aqui é relevante destacar também que existem diferentes corporalidades gordas, então homens gordos altos são lidos de formas distintas de homens gordos baixos, principalmente a depender da distribuição de gordura corporal, como aqueles que têm maior concentração de gordura na barriga ou nos quadris, por exemplo. Além, é claro, do fator racial que, como o interlocutor explicita, cumpre um papel central na associação e imposição de corpos como o dele a profissões consideradas violentas.

[...] Eu tenho 1,90, eu sou um homem preto, eu sou um homem gordo, então assim, se eu tivesse 1,70 e pesasse, sei lá, 70 quilos, eu tenho certeza que as pessoas não iam associar, então assim, tem esse lugar imagético do alto, preto, sabe? Forte, porque apesar de ser gordo o meu peso, ele é muito distribuído pelo meu corpo, então eu acabo tendo um corpo forte mesmo, e tem o imaginário do homem preto nessa sociedade, né? Tá sempre ligado a violência, segurança é violento, não é aquela pessoa carinhosa, é quem tá ali pra proteger... Como já falaram “Ah, você vai ser um ótimo policial porque o bandido quando ele te vê a primeira coisa que ele vai fazer é correr”, sabe? Então assim, tá sempre, a minha imagem tá sempre ligada a isso, a medo, a violência, a agressividade. (Rick Trindade, entrevista online em 21 de abril de 2023)

Essa associação do corpo de homens negros a uma representação encarnada de força e agressividade é analisada por Patricio (2023), que argumenta como a desumanização promovida pelo racismo empurra esses homens para uma posição em que só são reconhecidos e caracterizados através dos seus atributos físicos, que tanto operam na sua objetificação através da hipersexualização, quanto no temor direcionado a eles através da leitura social de que eles são uma ameaça. No caso dos homens negros gordos, esses estigmas ganham ainda outros contornos, como aponta outro seguidor do C.P.G durante a *live* sobre “Solidão do homem preto”, ao argumentar que essa solidão não se apresenta apenas nos relacionamentos afetivos e sexuais e relatar sua experiência a respeito de como racismo e a gordofobia se inter cruzam na forma como ele é visto e tratado socialmente em momentos cotidianos, como no uso do transporte público. .

[...] além de relacionamento... Quem aqui pega por exemplo transporte público? No Rio de Janeiro pode ser um pouco diferente, mas São Paulo, Curitiba, todos os outros lugares que eu já fui, o ônibus tá lotado, o único lugar é do meu lado, todas as pessoas

ficam em pé, sabe? Eu não tô fedendo, eu tô bem arrumado, mas as pessoas pegam, olham assim “iii, esse negão gigante”, prefere ficar em pé. Isso faz parte da coisa da solidão. (Ronan Oliveira, *live* 31 de julho de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

É possível analisar nesses relatos como há um agravamento através da dimensão corporal deles de estereótipos racistas que já recaem sobre esses homens. Serem “homens grandes” sendo negros aciona uma outra dimensão de exclusão que reforça estereótipos ligados ao medo desses corpos, uma associação ao imaginário de violência que historicamente os marginaliza. Rolf M. de Souza (2013) associa a propagação de narrativas de temor associadas aos homens negros também como parte da disputa entre masculinidades hegemônicas e subalternas, que ele denomina de *falomaquia*⁸³, afirmando que sendo a masculinidade hegemônica no Brasil representada por homens brancos, o investimento na representação negativa de homens negros é parte do processo de subordinação daquelas masculinidades que ocupam o lugar de “outras”, sob o prejuízo das quais se mantém a hegemonia.

Assim, foram criadas as várias representações sobre a masculinidade negra para que estas coisas fiquem no lugar, que a ordem não seja ameaçada. Para que os homens negros sejam o bicho-papão que assuste, não só assuste as crianças, mas que mantenham as mulheres afastadas deles, assim como eles também se mantenham afastados da disputa pelo poder [...] (SOUZA, 2013, p. 50)

Ainda refletindo sobre o mercado de trabalho, o Canal do Preto Gordo, além de denunciar casos de discriminação e apontar exemplos de sucesso, também cumpre em muitos momentos a função de ser um lugar de divulgação e trocas profissionais que podem se concretizam para além daquele contato online no perfil, apresentando seguidores que têm interesses em comum e em alguns casos concretizando parcerias em projetos conjuntos. Como o administrador relata:

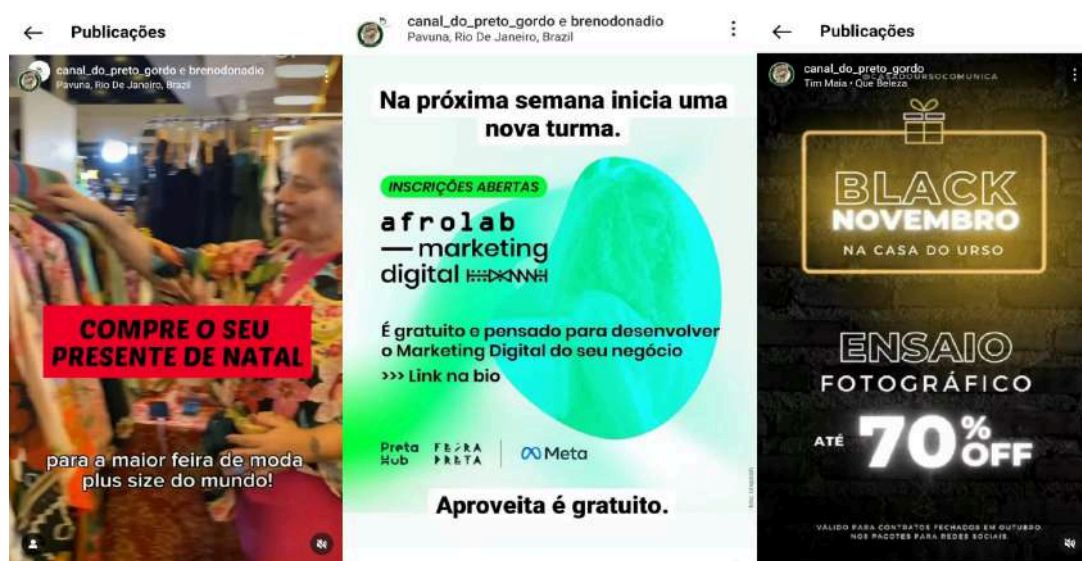
[...] eu por exemplo, eu fiz uma *live* com o Berno Donadio, que é o ... Que faz umas roupas maravilhosas pra preto gordo, né? Lá dá... Daqui da Pavuna, que tem a loja dele lá em Ipanema e em Búzios e na *live* dele entrou o Jefferson, que é o Urso Preto da Favela, que fala de espiritualidade, de religião de matriz africana, né? Fala de pretitude, fala sobre o campo do homem preto [...] E aí, do nada o Jefferson tava lá, mandando mensagem e o Breno “Aí Jefferson, vi seu perfil, quero falar com você depois em *inbox* porque eu quero te fazer uma proposta.”. E a proposta era o Jefferson fazer um ensaio com as saias agêneras do Breno, né? E ficou um ensaio belíssimo. Então assim, tem essas trocas de informações... A *live* que eu fiz no início de abril com as podólogas, com a Cintia, com a Silvia, sobre tratamento dos pés, né?

⁸³ “As representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade. [...] Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de falomaquia [...]” (SOUZA, 2013, 40).

Nossa, maravilhoso! Teve um monte de gente que já começou a seguir a Cintia, adicionou a Cintia, já tá sendo atendido pela Cintia... Cara, é uma coisa, assim, incrível, né? Porque esse que é o verdadeiro sentido da palavra aquilombar, né? A gente se juntar e começar a trocar informação, e começar a trocar experiência, e vai um seguindo o outro, vai um apoiando o outro. É nessa base, o canal segue isso [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Além de esse debate ocorrer nas *lives*, no *feed* do perfil também localizei algumas postagens que cumprem o papel de propagandear serviços e produtos oferecidos pelos seguidores, como é possível ver na Figura 27, *posts* divulgando as roupas produzidas por Breno Donadio e os ensaios fotográficos de Jefferson Rodrigues, ambos seguidores muito presentes na construção do canal. Além disso, na imagem do meio, postada também em conjunto com Breno, há a divulgação de um curso gratuito de *marketing* para auxiliar na formação profissional dos seguidores.

FIGURA 27: Divulgação profissional



Fonte: Montagem realizada pela autora com três capturas de tela feitas em 13 de março de 2024 no *feed* do perfil @canal_do_preto_gordo.

Outro seguidor do perfil fez questão de destacar a potencialidade do Canal do Preto Gordo de ser um local que fomenta diferentes trocas, o que pode envolver o lugar do paquera, mas, pode principalmente gerar conexões que levem à descoberta de uma profissão, um interesse, a criação de algum projeto pessoal a partir dessa rede estabelecida pelos pretos gordos do perfil que estão dividindo suas experiências e *expertises* através das *lives*.

Pergunta, conversa com essas pessoas. Às vezes a gente só quer um contato pra trocar uma nude, a gente só quer um afeto. Se rolar um afeto, beleza, mas façam essas

conexões, essas conexões são importantes, sabe? A gente vai entrar nessa rede de apoio, conversa com o Julio, conversa com o fulano, fala “Poxa, cê faz o que? Como é que você chegou aí? Pow, eu queria saber como é que eu começo? Como é que eu faço, sabe?” Usem esses espaços pra você também poder criar essa sede de vocês também, é muito importante. (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

Na mediação dessas *lives*, o administrador do C.P.G sempre utiliza palavras de incentivo para o desenvolvimento do campo profissional dos seguidores e da busca pela realização dos seus sonhos de uma maneira geral, uma das estratégias também utilizadas para reafirmar isso é pedir aos convidados no final das *lives* que eles deixem uma mensagem para outros pretos gordos que tem desejo de começar uma nova profissão, construir algum projeto, começar praticar algum esporte ou outros desejos de investimento pessoal e que são podados pelo medo, pela falta de incentivo, por comentários gordofóbicos e racistas. A estrutura desse pedido final feito aos convidados segue esse objetivo, mas, a depender da temática trabalhada em cada *live*, o interlocutor adiciona a ela algumas especificidades.

O que que você tem pra dizer pra aquele preto gordo que tem o sonho profissional dele e tem medo de ir em frente e realizar, sempre tem um espírito de porco pra dizer “É muito caro, não é para o seu perfil, procure alguma coisa que se adeque mais a você”, “Você não vai conseguir, é muito difícil”. Enfim, mas, aí o que é que você tem pra dizer pra esse preto gordo, por exemplo, que tem vontade de trabalhar com *web design*, às vezes a gente tá perdendo um talento [...] ou sim, tem vontade de ser uma atleta de força, um atleta de *strongman*, mas também não se sente seguro pra seguir em frente, o que você tem pra dizer para essas pessoas? (Julio Cesar, *live* em 18 de julho de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

O que você diria para aquele preto gordo que às vezes tem vontade de aprender a dançar, mas acha que porque é gordo não vai conseguir e tá com vergonha. “Acho que não é minha cara”, ou caramba, quer fazer outra coisa, quer ser um jogador de futebol americano, mas não vai ter fôlego. O que é que você fala para aquele preto gordo que tem planos, mas sempre fica ouvindo aquele povo que fala “Não vai não, não é o seu perfil” e fica postergando realizar os sonhos dele. O que você tem pra dizer pra esse cara? (Julio Cesar, *live* em 15 de dezembro de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

O que você diria, pra aquele preto gordo que também tem uma ideia de fazer alguma coisa semelhante, em algum canal, no *instagram*, no *youtube*, um canal ligado a pretitude, a assuntos de gordofobia, mas aí sempre tem aquele espírito de porco que fica assim “Ah, não faz seu perfil não, procura outra coisa pra falar, mais interessante”, “Tem um monte de gente falando isso, cê vai falar também?”. O que você tem pra dizer pra esse preto gordo que tem projetos, mas não concretiza, por que tá dando ouvidos pra quem não tem que dar ouvidos? (Julio Cesar, *live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

Dessa maneira as “*lives* com os Pretos Gordos” seguem um roteiro onde os convidados apresentam suas trajetórias, falam da sua autopercepção enquanto homens pretos e enquanto homens gordos, apresentam suas profissões, projetos e *hobbies*, compartilham experiências negativas e formas de resistência e superação delas, e principalmente suas

experiências de sucesso, dando dicas para outros pretos gordos que se interessem pelas áreas que estão inseridos. Existem também alguns elementos que se tornaram padrão na condução das conversas que são, além dessa pergunta final com uma mensagem de incentivo para outros seguidores, um bate-bola, ou seja um jogo de perguntas e respostas sobre interesses desses homens, e por fim uma pergunta sobre sua opinião a respeito do Canal do Preto Gordo, o que o administrador chama em muitas *lives* de “hora do biscoito”, por ser o momento em que ele também é elogiado pelo trabalho que realiza na articulação do perfil.

Outra questão relevante das *lives*, de maneira geral, é a diversidade de experiências dos convidados, não apenas no que diz respeito às suas profissões, mas também aos diferentes contatos com o ativismo, seja ele de cunho racial, antigordofóbico, de gênero, sexualidade ou outros. Há homens que são visivelmente envolvidos com o ativismo, o que transparece em seus discursos, não apenas pelas temáticas de maior interesse, mas, também através da escolha dos termos, da linguagem empregada, elementos que se desenvolvem na sua experiência com coletivos políticos, movimentos sociais ou outras organizações e projetos. Assim como há seguidores que não partem dessa mesma construção, que por vezes tiveram os primeiros contatos com termos como “gordofobia” de maneira mais recente, mas, trazem em contrapartida as suas experiências de vida pessoal que são enriquecedoras e passam a ser também analisadas a partir de óticas que dialogam com o C.P.G, principalmente através da condução dos diálogos a partir das pautas organizadas pelo administrador, que busca provocar com perguntas e comentários o desenvolvimento de debates críticos sobre racismo, gordofobia e outras violências presentes nessas narrativas.

Olha, a gente tava falando, a gente tava abordando muitos temas aqui, mas eu acho que você faz um papel muito importante aqui no *instagram*, principalmente, que é uma terra onde todos os corpos são bonitos, onde todas as vidas são perfeitas, ninguém tem cicatriz, ninguém é triste. E foi legal ver que tem um cara que nunca participou de uma *live*, eu nunca tinha participado de uma conversa como essa. Eu me senti muito rejeitado em muitos momentos da vida, muitos, muitos, muitos, e sempre que eu posso praticar a inclusão eu tento praticar e eu acho lindo quem faz esse papel também porque me representa. [...] eu acho que você é esse cara que tá transformando os nossos pensamentos. Com certeza eu vou sair dessa *live* com o pensamento diferente, sobre mim e sobre as questões sociais. (Wallace Mendonça, *live* em 27 de junho de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Quero agradecer a oportunidade, foi minha primeira *live*, fluiu de uma forma completamente natural, parece que a gente tá conversando aqui um do lado do outro, né? [...] Continua com seu projeto, acredita, pode continuar acreditando porque tá dando certo, você tá conseguindo entrar na casa de pessoas que precisam desse acolhimento. Então, vai por mim, do mesmo jeito que você falou coisas boas pra mim e eu tenho certeza que foi de coração, tô falando pra você também, de coração, continua [...] Tu tá no caminho certo ! (Lucas Moraes, *live* em 16 de setembro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

A coexistência dessas diferentes experiências também acaba gerando momentos de questionamentos e discordâncias. Contudo, ao que foi possível observar ao longo dessas *lives*, essas interações, de maneira geral, se encaminham de forma amistosa, sem desentendimentos entre os seguidores, sendo, portanto, mais uma etapa na construção coletiva de conhecimento que ocorre no Canal do Preto Gordo. Um exemplo disso foi o que ocorreu na *live* intitulada “Pretitudes”, que teve como convidado um seguidor que também produz conteúdo sobre debates raciais no *instagram*. Em um momento da *live* ambos criticavam situações em que pessoas negras afirmavam que nunca sofreram racismo, debatendo sobre esse processo de percepção e como algumas pessoas usam sua experiência pessoal como forma de afirmar a não existência de determinadas violências. Nesse momento, um seguidor se pronunciou nos comentários do *chat* ao vivo afirmando que nunca passou por situações de racismo e homofobia, mesmo sendo um preto gordo gay, afirmando ainda que essa seria uma questão de “não se permitir” passar por essas violências.

A partir dessa intervenção, Eduardo e Julio buscaram apresentar outra perspectiva. O seguidor então respondeu da seguinte forma: “Eu tenho um pensamento, acho que não vai ser legal, mas se algum dia quiserem conversar sobre meu raciocínio...”. Diante dessa colocação, ambos buscaram explicitar na *live* que esse diálogo seria mais do que bem-vindo e se dispuseram a aprofundar o assunto em outro momento de conversa com o seguidor.

E vai ser um prazer [...] que a gente vai ter... Eu, Eduardo, com quem você quiser conversar a gente vai te mostrar que assim, tá dentro do discurso, tá dentro das atitudes, entendeu? O racismo, a homofobia, a pessoa vai achar que por ser afeminado, por ser gay, você não tem condições. Isso não tem nada a ver com suas condições de trabalho, com sua expertise. A mesma coisa de ser preto cara, entendeu? É difícil. (Julio Cesar, *live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

A terceira categoria, que classifiquei como “*lives* temáticas”, também surge desse processo de embates com relação às perspectivas de interpretação das experiências de racismo, gordofobia, homofobia e outras opressões compartilhadas no perfil em maior ou menor caso, como a xenofobia, por exemplo. Além da abordagem em torno de temas recorrentes no debate das masculinidades negras proposto no perfil, que perpassa questões como paternidade, hipersexualização, solidão, saúde mental, entre outras. Analisei, então, essas *lives* como espaços que apresentam terem surgido principalmente da necessidade de alinhamento de algumas temáticas caras ao objetivo do Canal do Preto Gordo. Portanto, se na categoria anterior o foco maior é dado às experiências de cada convidado, nessa categoria há

também uma atenção voltada ao debate de conceitos, evocando mais referências teóricas e profissionais das áreas abordadas, que nem sempre são exclusivamente homens pretos gordos.

Essas *lives* também cumpriram um papel relevante no meu processo de investigação do perfil nas primeiras fases de observação, visto que, enquanto muitas *lives* que estão na categoria anterior não tinham registrado em suas descrições na legenda qual o principal conteúdo abordado, essas outras *lives* foram denominadas por mim de “temáticas” também por apresentarem títulos que indicavam de forma mais explícita qual seriam os assuntos ali abordados. Essa característica facilitou meu processo de entendimento de quais temas se apresentavam nos diálogos do perfil, antes que pudesse assistir o conteúdo das *lives* de forma integral, ajudando em um mapeamento inicial e, inclusive, na escolha de focar meu recorte de pesquisa na observação do Canal do Preto Gordo. Mapeamento este, que auxiliou também na escolha de quais conteúdos assistir primeiro, visto que diante da quantidade de *lives* tive que criar critérios de relevância e traçar estratégias que me ajudassem no plano de análise e escrita dos capítulos.

Essa seleção, no entanto, não é completamente hermética, visto que algumas *lives* são percebidas por mim como habitando uma fronteira entre essa categoria e a anterior, ou seja, poderiam ser enquadradas como “*lives dos pretos gordos*”, pela composição dos convidados, e pelo desenvolvimento do diálogo que também privilegiam o compartilhamento de suas trajetórias pessoais. Contudo, na tabela abaixo as *lives* selecionadas demonstraram na sua divulgação, apresentação e/ou legenda de identificação, a presença de temáticas bem definida, além de uma condução que inverte a lógica da categoria anterior e toma essas trajetórias pessoais como um plano de fundo para o desenvolvimento de debates mais conceituais.

Quadro 2 - *Lives* temáticas

LIVE	TEMA
24 de abril de 2021	O corpo gordo e as relações amorosas
30 de maio de 2021	Masculinidade Negra
13 de junho de 2021	Aceitação do Corpo Preto Gordo
03 de outubro de 2021	Afroempreendedorismo
10 de outubro de 2021	Intolerância às religiões de matriz africana
17 de outubro de 2021	Racismo Estrutural

14 de novembro de 2021	Envelhecimento do homem preto, desigualdade social e qualidade de vida
12 de dezembro de 2021	Pretitudes
9 de abril de 2022	Corpos pretos não padrão
31 de julho de 2022	Solidão do homem preto
6 de agosto de 2022	Pais Pretos
14 de agosto de 2022	Educação Financeira
7 de outubro de 2022	Xenofobia contra nordestinos
15 de novembro de 2022	São Paulo Fashion Week (SPFW) e moda <i>plus size</i>
15 de abril de 2023	Saúde dos pés para homens gordos

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora a partir dos dados sistematizados durante a observação das *lives* do perfil estudado, @canal_do_preto_gordo.

A respeito da composição dos convidados, afirmo não serem exclusivamente pretos gordos por ser possível localizar também a presença de homens magros e de mulheres, mas se mantém como característica compartilhada o fato de todos serem identificados como pessoas negras. Essa seleção de convidados ocorre pela percepção de que há profissionais de determinadas áreas ou especialistas nas temáticas propostas para essas *lives* que poderiam contribuir nessa abordagem. Destaco então as *lives* que não foram compostas apenas por pretos gordos como: a *live* sobre “Aceitação do Corpo Preto Gordo” que foi realizada com uma psicóloga, a *live* sobre “Racismo Estrutural” que teve como convidado um cientista político que aborda essa temática na sua produção de conteúdo também nas redes, a *live* sobre “Xenofobia contra nordestinos” que teve também uma convidada, produtora de conteúdo e ativista de Salvador, Bahia, e *live* sobre “Saúde dos pés para homens gordos” que teve duas podólogas como convidadas.

Nessa categoria de *lives* podemos observar a predominância de temáticas que tem o antirracismo como perspectiva central, com temas como intolerância religiosa e afroempreendedorismo, e um enfoque em específico em debates ligados a construção de masculinidades negras, como as reflexões sobre paternidade, solidão, aceitação corporal e envelhecimento de homens negros. Além disso, destaco as temáticas que tratam da gordofobia de uma forma mais geral que são as abordadas nas *lives* sobre moda *plus size* e saúde dos pés e a sobre o corpo gordo e as relações amorosas

Por fim, a última categoria, que defini como “*lives* de datas comemorativas e de lutas”, também não é uma categoria composta apenas pelos pretos gordos do perfil. Há *lives* que poderiam se encaixar na ideia das ‘*lives* temáticas’, mas compreendi que estas selecionadas aqui cumprem um objetivo específico de demarcar datas reconhecidas historicamente, sejam elas em comemoração de algumas identidades e conquistas, como a exemplo do “Dia da Mulher Negra” ou “Dia do Professor”, ou aquelas em prol do combate a determinados processos como no caso do Setembro Amarelo, em combate à depressão e suicídio ou em torno de lutas de grupos socialmente vulnerabilizados, como a *live* sobre “Consciência sobre o autismo”.

Quadro 3 - *Lives* de datas comemorativas e de lutas

DATAS	LIVES
27 de junho de 2021	Dia internacional do Mês do Orgulho LGBTQIA+
25 de julho de 2021	Dia da Mulher Negra
21 de novembro de 2021	Dia internacional da Consciência Negra
12 de setembro de 2021	Setembro Amarelo - Depressão e Suicídio do Homem Preto
24 de outubro de 2021	Dia dos Professores
10 de setembro de 2022	Dia do Combate a Gordofobia
21 de abril de 2023	Mês da consciência do autismo

Fonte: Quadro elaborado pela própria autora a partir dos dados sistematizados durante a observação das *lives* do perfil estudado, @canal_do_preto_gordo.

Para finalizar, trago à tona um processo relevante a respeito do desenvolvimento das *lives* no Canal do Preto Gordo, que é a análise de como há uma trajetória cumulativa dos temas e conceitos abordados nelas, um fio narrativo que vai se interligando e completando a cada novo encontro realizado no perfil. É comum que o administrador e alguns convidados referenciem *lives* anteriores e, por vezes, que debates que surjam em uma *live* se desdobrem em outras, ou até mesmo demandem que outras aconteçam para maior aprofundamento das questões que surgiram. Um exemplo disso foi a *live* sobre Racismo Estrutural, que ocorreu exatamente porque esse conceito foi evocado em muitas discussões que aconteceram no perfil, demandando que se realizasse uma *live* específica para aprofundar o assunto. Como chegou a afirmar o administrador do perfil, “[...] olha só, a gente tá falando aqui de diversos

aspectos da vida do homem preto e a gente tá dando uma volta e batendo sempre no mesmo ponto, racismo estrutural, racismo estrutural, racismo estrutural [...] (Julio César, *live* em 17 de outubro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo).

Um elemento que torna essa percepção mais nítida é que muitos dos convidados se referem às *lives* anteriores, demonstrando que realmente assistem semanalmente os encontros e são tocados por eles, a ponto de relembrares quais foram as reflexões construídas e fazerem conexões dentro dos novos espaços que vão ocorrendo. É o caso do relato abaixo, na *live* de retrospectiva de 2021, onde durante um debate sobre machismo, misoginia e cobranças de masculinidade, um dos convidados evoca o aprendizado que obteve em outra *live*, a *live* sobre Racismo Estrutural com o cientista político Gabriel Conrado, conhecido no *instagram* como Égua Preto. Esse aprendizado fez com que o interlocutor corrigisse na própria fala o uso da noção de “desconstrução”, que foi debatida anteriormente pelo cientista político..

E esse é o exemplo perfeito do porquê, mesmo que nós, os homens, né? Julio, eu, nós três homens aqui, mesmo que **desconstruir... O Égua Preto falaria se tivesse aqui “não, não é desconstruir”, né? É uma reconstrução**, mesmo que tudo isso, ainda somos machistas, mas, não significa que nós somos misóginos, né? Nós somos machistas, mas, isso não significa que nós odiamos as mulheres, infelizmente nós vivemos com privilégios. [...] (Ronan Oliveira, *live* em 19 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Enquanto articulador desse espaço, e pessoa que está presente em todas as *lives* do C.P.G, Julio faz muito esse movimento de rememorar outros debates já ocorridos no perfil e fazer pontes entre as narrativas de diferentes pretos gordos. Na *live* sobre masculinidades negras, por exemplo, ele pergunta se o convidado assistiu a *live* com o Urso Preto da Favela, Jefferson Rodrigues, visto que identificou que eles estavam falando da mesma temática, levantando críticas às contradições das comunidades ursinas brasileiras, além de citar a *live* sobre a experiência de modelos *plus size* também realizada anteriormente no perfil.

[...] Então assim, você vê, corpos brancos são muito mais aceitos, quando você vê páginas de Ursos e tudo mais, são corpos brancos, você vê muitos. E isso a gente fala do Brasil todo, se a gente tá na Suíça, na Alemanha, pra mim faz muito sentido ter muita gente branca na sua página, mas num país onde a gente tem uma porcentagem muito grande de pessoas não brancas, eu acho um tanto quanto estranho, sabe? E também quando é o Urso, ele não é aquela pessoa que é flácida, que tem a barriga... Não, é aquela pessoa que é parruda, ele tem o peito forte, ele malha, a barriga dele não é flácida, é uma barriga durinha. Então assim, “Aí esse urso, nossa, casaria, amo, não sei o que”, “Aí tipo, gosto de homem barrigudo”, homem barrigudo tipo o Murilo Benício, que tava esses dias com uma barriguinha de chope, como assim? Porra, não era isso, sabe? (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

Inclusive, conversando com o Urso Preto da Favela, há duas semanas atrás, ele tocou nesse assunto, não sei se você viu, é que ele falou da elitização do

movimento dos Ursos aqui no Brasil, e é verdade. Como é que nós temos 54% da população negra no Brasil, realmente negra, definitivamente negra, e quando você tem que falar do Urso, você tem que falar do Urso Negro, por que Urso Negro? Uma questão que foi superlegal. Porque Urso Negro, é Urso, né? Independente de ser negro, [...] E tá ali havendo a elitização desse movimento, ou seja, a padronagem querendo entrar, agora o urso não quer mais se considerar o peludo gordo, agora urso é o parrudo, é o malhado e peludo. E **também na semana passado conversando com a Yara e o Luís Pablo, também já no movimento *plus size* querendo fazer essa padronização,** ou seja, *plus size* até tamanho 58, até tamanho 60, tamanho 72 já não é, já criaram denominações para modelos *plus size* menos e mais gordos [...] (Julio Cesar, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

Esse processo coletivo vai dando corpo a uma agenda de debates que se interligam e certos consensos que podem ser construídos entre esses homens. Relevante destacar que esse processo não é homogêneo ou unânime, e que diante dos mais de 3 mil seguidores do perfil, minha observação pode alcançar com maior entrada um grupo menor de homens, que foram aqueles que apareceram com mais frequência nessas construções, que participaram mais ativamente das *lives*, que propuseram conteúdos para o C.P.G, e que, por vezes, são aqueles que acabam estabelecendo relações mais próximas com o administrador.

Portanto, não busco afirmar sobre todo o quantitativo de seguidores, mas analisar as experiências que puderam ser captadas pelo meu processo de observação, e apontar como, em maior ou menor grau, os seguidores que seguem o C.P.G e consomem esses conteúdos em que os debates acontecem, acabam entrando, em contato com esse arcabouço coletivo de temáticas e reflexões relevantes ao Canal do Preto Gordo.

Ademais, demarco neste tópico como o processo de produção e realização das *lives* retoma o debate que abordei no primeiro capítulo, a respeito de como o exercício da pesquisa, produção e compartilhamento de conhecimento estão presentes em muitos cenários no ativismo antigordofóbico. Anteriormente destaquei como na trajetória precursora do *NAAFA* e do *Fat Underground* reunir informações sobre saúde, negligência médica, riscos de programas abusivos de emagrecimento, experiências de pessoas gordas, entre outras temáticas que ajudaram a consolidar os argumentos da corrente do *fat liberation* foi uma parte essencial para a construção desse ativismo.

A emergência da produção de pesquisas acadêmicas a respeito das corporalidades gordas sob uma perspectiva antigordofóbica é mais um capítulo de consolidação dessas trajetórias, mas não o único. O ativismo gordo desenvolvido nas redes sociais online também apresenta processos relevantes de sistematização de conhecimento em torno dessa luta, alguns ligados mais diretamente a produções acadêmicas e outros não, mas, ambos partindo de um processo de disputa de narrativas sobre as realidades de pessoas gordas. Nos relatos sobre o

esforço prévio necessário para preparação das *lives*, compartilhados pelo administrador, identifico esse comprometimento.

[...] tem gente que fala “Adoro as *lives*, muito legal”. Dá um trabalho do caramba, porque assim, quando eu me predisponho a falar, conversar com uma pessoa, primeiro que eu não posso dá informação errada, já começou aí. Segundo que eu não posso fazer perguntas que sejam tão fora da casinha, né? Eu tenho que tá dentro do contexto, contextualizar a pessoa dentro da vivência do preto gordo. Ajudou o fato de ser formado em jornalismo? Ajudou, pra caramba, eu exercito isso, né? Mas a parte de pesquisa é complicada, é complicada porque tem pesquisas muito pesadas. No caso das meninas da podologia, só de pesquisa eu tive quinze páginas, e eu tive que condensar quinze páginas em duas horas e vinte de *live*, que não deu pra sentir [...] (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023).

Portanto, compreendo as *lives* como uma das ferramentas centrais da comunicação do Canal do Preto Gordo. Se as imagens do *feed* chegam primeiro para quem adentra o perfil, as *lives* são o espaço de troca mais ativo para quem permanece nele, espaço esse no qual os seguidores também se consolidam como cocriadores do canal, contribuindo nos debates desenvolvidos nessa comunidade a partir das suas experiências diversas. É também nelas que ficam registradas de forma pública uma série de trocas afetivas, oportunidades de parcerias profissionais, discordâncias, acolhimentos e os exemplos do próprio mecanismo de produção coletiva de conhecimento que se desenvolve no C.P.G a partir da escolha das próximas temáticas a serem debatidas e costura das informações que ocorrem nesses diferentes encontros.

5. “ISSO É COISA DE VIADINHO”: RELAÇÕES ENTRE O ENFRENTAMENTO DA CISHETERONORMATIVIDADE, REFLEXÕES SOBRE MASCULINIDADES NEGRAS E O ENGAJAMENTO NO ATIVISMO ANTIGORDOFÓBICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO CANAL DO PRETO GORDO.

Iniciei esta pesquisa guiada pela hipótese de que padrões hegemônicos de masculinidade podem ser associados às barreiras que dificultam ou impedem o processo de contato e engajamento de homens com o ativismo gordo. De tal maneira que, aqueles mais próximos da construção de espaços de luta antigordofóbica, em geral, são homens cujas masculinidades são socialmente compreendidas como subalternas, através de um processo de hierarquização masculina que tem raça e sexualidade como principais elementos de diferenciação.

O administrador do Canal do Preto Gordo relata, inclusive, como a experiência de homens gordos que são interseccionados pelo racismo e homofobia podem criar um tipo de disposição diferente para o engajamento com o ativismo gordo. O interlocutor exemplifica essa percepção a partir da própria vivência, na qual ressignifica a estigmatização enfrentada por ser um preto gordo gay como motivação para o engajamento nessa luta, [...] a gente é mais um pouco, “dane-se, vambora!”. É porque assim, a gente passa por tanta, como é que eu vou dizer? Por tanta privação, de sexualidade, de cor da pele, que a gente acaba dando um “foda-se” e “Não, o corpo é meu, vá a merda. Quero mostrar e cabou”, sabe? (Julio Cesar, entrevista online em 06 de maio de 2023).

Ao mesmo tempo, ele também reflete sobre como o racismo impacta esses homens negros nos seus processos de partilha, de elaborar a respeito dos próprios sentimentos, e pontua como é preciso que os pretos gordos aprendam a falar sobre essas questões por mais que isso ainda cause certo estranhamento. De maneira que, criar espaços para que essas trocas aconteçam é parte do objetivo do Canal do Preto Gordo.

E assim, a gente que é gay, e o Tom pode até endossar embaixo, tem uma hora que a gente é meio despuadorado mesmo, a gente é meio cara de pau, né? Chega uma hora que se a pessoa vai gostar ou não vai gostar do que vai ver a gente não tá nem aí, se gosta, se vai gostar do que a gente vai dizer, a gente não tá nem aí, a gente fala., verbaliza, né? Acho que é isso que tá faltando pra o preto gordo hoje, independente dele ser gay, dele ser hétero, dele ser trans, dele ser cis, é verbalizar isso, verbalizar o que ele sente. Eu acho que, como o Ricardo tava falando, acho que é até um problema do preto em si, de não conseguir verbalizar, porque isso por muito tempo não nos foi permitido, e a gente agora tá até estranhando a gente ter os canais pra poder verbalizar o que a gente pensa, o que a gente acha, o que a gente sente. (Julio, *live* em 30 de janeiro de 2022, no perfil @canal_do_preto_gordo)

Essa reflexão empreendida pelo administrador dialoga com o debate apontado por Patricio (2023) a respeito das origens históricas da dificuldade de expressão imposta aos homens negros, elementos que se apresentam nos debates sobre masculinidades negras que no C.P.G são fundamentais para a construção de um ativismo gordo alinhado com suas realidades. Uma das *lives* realizadas no perfil, que tem uma relação direta com temáticas que são centrais aos debates das masculinidades negras, foi a *live* sobre “Pais Pretos” com o criador do projeto Parentalidade Preta. De acordo com o administrador, essa *live* foi de certa maneira uma continuação das reflexões que eles começaram a compartilhar na *live* sobre “Solidão do Homem Preto”. Nela, um relato do convidado chamou minha atenção com relação à inseparabilidade do debate das masculinidades e da cisheteronormatividade.

Eu sempre questionei muito a masculinidade, porque sempre foi algo que me atravessou, então, desde muito jovem, né? De ter ouvido do colega assim, “Ah, você é até um cara legal, pena que cê é gordo”, então tipo assim, porra, calma aí, como é que é essa parada, sabe? E quando eu falo com você assim Julio, questionamentos da masculinidade, de todos os locais, de começar a entrar na adolescência e ter medo de ser gay, por exemplo. Porque meus pais nas festas “Eu não aceito filho viado, que não sei o que...” e eu descobri bem novo crise de ansiedade, porque eu não queria ser gay, eu tinha medo [...] Todos os homens gays que tinha ao redor, que eram parte da família, eram motivo de escárnio, de brincadeiras de mau gosto, então assim, quem vai querer ser? Eu não queria [...] e assim, eu não era, não que ser pra mim seja um problema, muito pelo contrário, mas assim, eu não era, mas isso gerou um estraçalhamento. [...] Então assim, meu questionamento da masculinidade sempre foi a partir do ponto de quem foi atravessado pela masculinidade, principalmente a masculinidade preta, né? [...] (Diego Silva, *live* em 6 de agosto de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Nesse contexto, apesar da tentativa de centrar os debates do Canal do Preto Gordo na confluência das experiências dos seguidores a partir da sua raça e corporalidade gorda, a sexualidade se impõe de forma intrínseca a esses debates e, inclusive, à própria origem e construção do perfil. O afastamento de homens cis heterossexuais do C.P.G, principalmente diante da sua leitura de que o Canal do Preto Gordo é um “perfil gay”, fortalece a compreensão do administrador e de parte dos seguidores de que a heteronormatividade, homofobia, transfobia e o machismo são barreiras para a construção de uma articulação de pretos gordos.

Rangel (2018), em sua pesquisa a respeito da política, identidade e construção de significados do ativismo gordo, também aponta a construção de masculinidade de homens cis heterossexuais como um dos aspectos que dificulta sua identificação com os movimentos antigordofóbicos, especialmente diante da relação histórica desses movimentos com debates em torno de questões de gênero e sexualidade.

Tendo a clareza de que os feminismos e a luta pelo direito ao corpo desse movimento faz parte dessa construção bem como a luta pelo direito de ser quem se é por parte dos movimentos LGBTQ+, os aspectos que impedem maior participação dos homens heterossexuais como a construção das masculinidades em uma sociedade de dominação masculina (BOURDIEU, 2005) em que a sensibilidade é majoritariamente negada aos homens enquanto construção do ideal de macho alfa, parece ser um caminho para compreender melhor essa relação entre participação política no ativismo gordo e questões de gênero e sexualidade. (p. 141)

Outro relato compartilhado por um dos seguidores do C.P.G também explicita como esse padrão de masculinidade cisheteronormativo afasta esses homens do ativismo, diante da noção de que falar sobre determinadas violências é considerado “coisa de viadinho”. Em seu ambiente de trabalho, majoritariamente ocupado por homens cis heterossexuais, o interlocutor relatou ser constantemente confrontado pela argumentação deles de que a gordofobia não existe, de que ela seria um “mi mi mi”, termo associado à onomatopeia de um choro\lamento, usado de forma pejorativa para acusar debates de serem vitimistas e exagerados.

[...] eu trabalho só com homens, né? Então pra eles tudo é “mi mi mi”, é “viadinho”, é isso e aquilo. Porque como eu trabalho com segurança do trabalho eu sou muito mais sério no trabalho, raramente eu dou risada, por ter que ser assim mesmo, então eu corto muito, mas tu escuta piadinha o tempo todo. Ai porque é “mi mi mi”, “gordofobia não existe”, “isso aí é piada”. (Luís Pablo, *live* em 23 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

A noção de “masculinidade tóxica” é acionada no C.P.G em momentos de crítica e reflexão sobre esse tipo de padrão de comportamento. De acordo com Breno Rosostolato (2019), essa conceituação ganha destaque com a popularização de debates sobre masculinidade para além dos ciclos acadêmicos e fez com que em 2018 esse termo fosse um dos mais procurados em mecanismos de busca na internet. O autor apresenta a seguinte definição.

Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão à supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação e encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo. (CONFORT, 2020 apud ROSOSTOLATO, 2019, p. 57)

Destaco dos elementos citados nessa descrição a associação da vulnerabilidade emocional a uma atitude feminina, considerada fraqueza, e consequentemente os processos de

supressão de sentimentos e dificuldade em buscar ajuda como elemento de legitimação dessa masculinidade. Comportamentos estes, que são analisados por mim como barreiras que impactam na adesão desses homens ao ativismo gordo, visto que, o reconhecimento público dos impactos da gordofobia envolve a análise e exposição de sentimentos, o reconhecimento da própria vulnerabilidade e em certa medida a busca por ajuda no enfrentamento dessas questões através da construção coletiva.

Assim, a partir dos dados etnográficos da pesquisa reitero minha hipótese de que há elementos ligados à construção de masculinidades baseada em padrões hegemônicas, na qual a misoginia e homofobia se apresentam como as bases para a negação de aspectos considerados pouco másculos, como o reconhecimento das próprias vulnerabilidades e a capacidade de verbalizar seus sentimentos.

Além disto, considero relevante pontuar que, apesar do impacto da heteronormatividade, e consequentemente da construção de uma masculinidade que tem como horizonte padrões hegemônicos de comportamento, serem associados de maneira mais direta aos homens cis heterossexuais — movimento que ocorre no C.P.G principalmente por esse processo ganhar seus contornos mais explícitos na recusa dos pretos gordos cis heterossexuais de integrarem o perfil — não podemos ignorar seus impactos também na construção de identidade dos pretos gordos que não são cis heterossexuais. Como afirma Costa. et al (2023), padrões de normatividade de gênero e sexualidade também atingem a população LGBTQIAP+.

Essa constatação demanda que o esforço de repensar a construção de suas masculinidades seja compartilhado por todos eles, tendo em vista o caráter estrutural da cisheteronormatividade e seu impacto na construção de identidades e relações de gênero e sexualidade em nossa sociedade. Juliana S. Gonçalves (2022) apresenta uma perspectiva instigante em sua tese, na qual analisa emergência de reflexões sobre “novas masculinidades” e questiona até que ponto esses discursos e representações, que ela observou que apresentam “novas estéticas”, também tem confrontado e contribuído para a alteração das relações estruturais de gênero.

Por isso, quando centramos o foco das discussões de gênero na crítica e no combate aos modelos dos machos tradicionais, incorremos no risco de simplificar nosso desafio, tanto em âmbito estrutural quanto nas vivências cotidianas, assumindo como soluções desejáveis a constituição de masculinidades mais afetivas e esteticamente palatáveis. O nó que buscamos desatar se mostra mais apertado do que parece em um primeiro olhar. [...] trabalhar as questões do sexismo e do machismo, nas configurações sociais contemporâneas, demanda ir além dos arquétipos masculinos

facilmente identificáveis como negativos, para tentar apanhar também tais relações no que tem sido partilhado como masculinidades desejáveis. (p. 194-195)

Em sua investigação, a autora se debruça mais exclusivamente em casos de homens cis heterossexuais, mas seus apontamentos são uteis para pensar as construções de masculinidades que interpelam outros sujeitos identificados como homens de uma maneira mais abrangente, trazendo à tona a necessidade de refletir e protagonizar o enfrentamento dessas opressões em meio às articulações de homens que se propõe a pensar formas consideradas mais saudáveis de vivenciar suas masculinidades, para si mesmos e para as e os demais.

Arremato esse debate trazendo à tona outra característica do Canal do Preto Gordo, apresentada no segundo capítulo, que é o reconhecimento do protagonismo das mulheres, especialmente das mulheres negras, na construção do ativismo gordo. A articulação delas é apresentada pelo administrador do C.P.G como exemplo a ser seguido por eles, entretanto, pude analisar que há uma interpretação que privilegia a ideia de que as diferenças internas, de sexualidade e identidade de gênero, não impactam nos processos de articulação das pretas gordas, como expresso na fala a seguir.

[...] Por que que eu tô fazendo esse canal para o preto gordo? Porque as pretas gordas elas não querem saber disso, elas são extremamente mais empoderadas, mais organizadas, mais unidas e aí não querem saber se é preta gorda hetera, se ela é trans, se ela é cis, se ela é bi, se ela é lésbica, é todo mundo junto no mesmo barco. Elas metem o pé na porta, metem os pés no peito, elas querem os espaços delas e elas estão corretíssimas de fazer isso, porque é assim que se faz. (Julio Cesar *live* em 30 de janeiro de 2022, no perfil @canal_do_preto_gordo)

Por mais que compreenda a aplicação da noção de que essas pretas gordas “não querem saber” sobre a sexualidade e a identidade de gênero umas das outras como uma forma de destacar que esse elemento não impede a sua articulação, considero relevante refletir a respeito dessa perspectiva considerando que ela pode, mesmo que não de forma consciente, contribuir para a invisibilidade de questões importantes à própria trajetória do que se convencionou chamar de feminismos negros. Questões que podem contribuir para aprendizados e ferramentas relevantes para lidar com esses conflitos presentes no Canal do Preto Gordo.

Se observarmos a trajetória histórica de articulações e pautas vinculadas às mulheres negras nas Américas, se destaca como nesses processos de luta o reconhecimento das diferenças se tornou um ponto chave, principalmente diante do esforço de combater noções de universalidade que invisibilizavam essas mulheres negras, que nem eram plenamente

reconhecidas dentro dessa categoria “mulher”, como demarca Sojourner Truth em seu discurso memorável ao questionar: “E eu não sou uma mulher?”⁸⁴.

Davis (2016), ao analisar as vivências de mulheres negras no período escravocrata e no pós-abolição nos Estados Unidos, afirmou que: “A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.” (p.21). A autora apresenta uma série de dados que destacam como as mulheres negras não correspondiam aos ideais de feminilidade hegemônica que eram baseadas em mulheres brancas, sendo tão exploradas a nível de força física, por exemplo, quando eram os homens. E mesmo no século seguinte, as reivindicações pela saída do ambiente doméstico e acesso ao trabalho, que foram elementos centrais das primeiras correntes feministas brancas, ainda não faziam sentido na realidade de mulheres negras que não ocuparam esses lugares.

Assim, há no cerne das reivindicações da articulação de diversas mulheres negras um combate a concepção da universalidade das mulheres, que figurou por muito tempo na produção de movimentos e teorias identificadas como precursoras feministas, onde a “mulher universal” era um tipo bem específico de mulher branca. Contudo, mesmo que as mulheres negras compartilhem um lugar social de estigmatização pelos atravessamentos do racismo e machismo, quando se articulam em torno dessas lutas elas não se tornam sujeitas homogêneas. As intersecções de sexualidade, por exemplo, são relevantes nesse processo, como argumenta Audre Lorde ao apontar que assim como tem que lidar com o fato de que dentro das comunidades lésbicas ela é negra, dentro das comunidades negras ela também é lésbica e essas são “diferenças que fazem a diferença”, como afirma Crenshaw (2002).

Como uma Negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças incluindo um garoto e membra de um casal interracial, eu usualmente acho a mim mesma parte de algum grupo no qual a maioria define-me como desviante, difícil, inferior ou apenas sendo ‘errada’. Pela minha pertença em todos esses grupos eu aprendi que opressão e intolerância da diferença vem em todas formas e tamanhos e cores e sexualidades [...] “Oh - diz uma voz da comunidade Negra: - mas ser negra é

⁸⁴Sojourner Truth foi uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, que viveu em situação de escravidão até os 30 anos. O discurso referido, ocorreu na “Convenção dos Direitos das mulheres” em 1851, apresento a seguir um trecho em que questiona diretamente a definição vigente do que era “ser uma mulher” em contraste com suas vivências enquanto uma mulher negra. “Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?” (MOURA, 2019, n.p).

NORMAL!” Bem, eu e muitas pessoas Negras da minha idade podem lembrar amargamente dos dias quando não costumava ser! Eu simplesmente não acredito que um aspecto de mim pode possivelmente lucrar da opressão de qualquer outra parte de minha identidade. (LORDE, 2009, n.p.)

Lorde explicita como recorrer a qualquer tipo de normatividade é incorrer nas bases do pensamento colonial que cria e mantém a estrutura racista. No decorrer do seu texto ela aponta que “as forças de discriminação” que tentam destruir populações homossexuais não estão apartadas das que querem a destruição de populações negras.

Não é acidental que o Ato de Proteção à Família¹, que é virulentamente anti-mulher e anti-Negro, é também anti-Gay. Como pessoa Negra, eu sei quem meus inimigos são, e quando o Ku Klux Klan vai à corte em Detroit e tenta e força o Conselho de Educação de remover livros que o Klan acredita “induzir a homossexualidade,” é quando eu sei que eu não posso me dar o luxo de lutar por apenas uma forma de opressão somente. Eu não tenho como acreditar que liberdade de intolerância é direito de apenas um grupo particular. E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam pra me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois eles apareçam pra destruir você. (LORDE, 209, n.p)

Ao refletir sobre processos de empoderamento de grupos historicamente oprimidos, Berth (2019) também dialoga com essas reflexões de Lorde, e aponta como há nesses processos dificuldades ocasionadas pela postura de sujeitos que tendem a encarar essas lutas de forma reducionistas, dando foco e visibilidade apenas aos problemas que os atingem diretamente e não se engajando num combate às políticas de dominação de uma forma mais abrangente. Assim, muitas e muitos são motivados não por um anseio de transformação coletiva da sociedade diante dessas opressões, mas pelo fim do que fere diretamente suas vivências, em uma luta que se torna desarticulada.

O administrador do C.P.G, inclusive, aponta exemplos de como mesmo sujeitos atravessados por outras opressões também podem oprimir e expressar opiniões preconceituosas contra outros grupos. Como os exemplos que cita de homens negros heterossexuais sendo homofóbicos com outros homens negros gays, ou mesmo de casos em que homens negros gays foram transfóbicos.

[...] eu tenho o preto gordo hétero que é homofóbico com preto gordo gay que é transfóbico com o preto gordo trans. Que eu poste aqui no canal, os 5 pretos gordos trans no Dia Nacional da Visibilidade Trans, é isso que acontece. Eu tenho a panelinha do preto gordo hétero que acha que não tem que se misturar com preto gordo porque ele é viado, vou logo no termo, entendeu? “Ele é viado e eu sou melhor do que ele” e o preto gordo viado, entendeu? “Eu sou cis, eu não sou essa imitação, isso não é preto gordo porque isso não tem piru”, fala logo assim do preto gordo trans, e aí? Quando tá todo mundo no mesmo barco, é todo mundo preto gordo, puta merda, difícil. Mas o que que você acha que acontece, Julio Cesar? Porra do machismo, nós estamos numa sociedade patriarcal de merda em que o homem cis

pode tudo e o preto gordo ainda fica fora desse processo, se ele é hétero, entendeu? É difícil, essa heteronormatividade tóxica nojenta que a gente vive, que a gente tem, que não tem que se misturar. Desculpa, mas aqui vai ser um canal do preto gordo, eu não tô nem aí para a orientação sexual dele, eu não tô nem aí pra identidade de gênero dele [...] eu não quero saber, cada um é com seu cada um. É preto gordo? Tá dentro, tô postando, é o que interessa, é o que tem que ser discutido aqui. (Julio Cesar, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Como Vigoya (2018) aponta, estudar as vicissitudes que configuram as vivências de homens que são também atravessados por opressões estruturais envolve reconhecer que, diante das estruturas desiguais de gênero vigentes não podemos deixar de analisar o interesse que esses homens podem manter no compartilhamento de padrões hegemônicos de masculinidades, e como podem apoiá-los mesmo quando outros comportamentos e experiências das suas vivências os distanciam deles.

Ademais, é relevante destacar como mesmo que em seus relatos o administrador do perfil expresse muitas vezes que “não importa” a sexualidade ou a identidade de gênero desses homens, ao observar a produção de conteúdo do Canal do Preto Gordo foi possível compreender que esse não é um elemento de segundo plano, quer queiram ou não, essas diferenças atravessam os seus processos de articulação. Portanto, foi possível compreender como essa fala não simboliza na prática que esses são elementos desimportantes, no sentido de não serem observados e colocados como pauta nos debates sobre opressões que o C.P.G se propõe a combater.

Debates sobre os impactos da homofobia estão presentes em muitos momentos no C.P.G, assim como também reflexões sobre a transfobia. Nas *lives* de temáticas diversas há uma presença marcante de homens que não são heterossexuais, assim como, símbolos vinculados à comunidade LGBTQIAP+ são aparentes nas fotografias do *feed* do Canal do Preto Gordo, como apresentei no capítulo anterior. Além de outros exemplos, como o texto anunciado na legenda da *live* do segundo aniversário do C.P.G com a seguinte mensagem: “Quer compartilhar suas experiências sobre gordofobia, racismo, homofobia e transfobia? Quer desabafar? Quer reclamar? Manda seu e-mail para o canaldopretogordo@gmail.com Venha trocar experiências com os pretos gordos do Canal! Aguardo vcs!” (Texto transcrito da legenda de *live* de 25 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo).

Argumento então, que as reflexões propostas por intelectuais negras, principalmente a adoção de uma perspectiva interseccional, podem fornecer uma base para construir ferramentas que auxiliem nos objetivos do Canal do Preto Gordo. Objetivos expressos principalmente através do desejo de que, tal qual o exemplo admirado do protagonismo das mulheres e especialmente das pretas gordas, eles consigam construir uma articulação baseada

em empatia, união e coragem no enfrentamento do racismo e da gordofobia. assim como das questões de gênero e sexualidade que não estão apartadas desses sistemas discriminatórios.

O entendimento do pensamento de Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde, Sueli Carneiro e outras, diz que não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se inter-relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos. Nesse aspecto, é preciso levar em conta que se trata de um ponto a se pensar sobre a real conscientização que indivíduos apresentam sobre o sistema como um todo, ainda que não seja conveniente esquecer que há uma tendência de que oprimidos reproduzam comportamentos opressores internalizados. (BERTH, 2019, p. 64)

Mediar a articulação dessas vivências e identidades diferentes ainda é um processo conflitante no Canal do Preto Gordo, tendo em vista a recusa de pretos gordos cis héteros em construir essa comunidade, baseada majoritariamente em argumentos homofóbicos diante da percepção do protagonismo dos pretos gordos gays no perfil, um processo que demanda posicionamentos do seu administrador refletidos nos discursos de qual é o elemento de maior relevância na construção do C.P.G, entre outras tensões observadas ao longo do processo de pesquisa. Uma realidade complexa e que evidencia ainda mais a necessidade do enfrentamento das diversas expressões da cisheteronormatividade.

Diante do exposto, analiso no tópico seguinte exemplos observados no Canal do Preto Gordo que podem ser identificados como pautas diretamente ligadas às reflexões sobre masculinidades negras, reflexões essas que são base para o ativismo desenvolvido no C.P.G, na busca da construção de novas referências de comportamento, relações e construção de identidade, a fim do fortalecimento de outras maneiras de se colocar no mundo enquanto homens negros, ou melhor dizendo, enquanto pretos gordos.

5.1 SER PRETO GORDO: violências, resistências, contradições e disputas de outras masculinidades na construção de luta antigordofóbica.

As críticas apontadas pelo administrador do C.P.C, ao processo de desunião entre os pretos gordos do perfil e a suas consequente falta de engajamento no ativismo gordo, são majoritariamente acompanhadas de apontamentos a respeito da construção de masculinidades desses homens, identificada em muitas falas do interlocutor como uma “masculinidade tóxica”. Esse elemento contrasta no perfil com a disputa da construção de uma masculinidade considerada mais saudável e benéfica, que é mediada pelas reflexões em torno das

especificidades da constituição de identidade desses pretos gordos enquanto homens negros diante do racismo vigente.

Pinho (2013) argumenta que é preciso reconhecer que há muito investimento social e político na criação e reprodução de identidades e posições de masculinidades, e que essa performance de gênero é um importante vetor de diferenciação social, além de destacar como no “Novo Mundo”, e no Brasil de maneira mais específica, os sujeitos masculinos historicamente racializados estão em constante processo de regulação, e os discursos e práticas raciais e de classe “[...] são a máquina de produção de subjetividades e identidades sociais em nossa sociedade, racializada e marcada pela colonialidade do poder.” (p.233).

No Canal do Preto Gordo, há por parte de alguns homens que constroem esse espaço, a perspectiva de que o enfrentamento a gordofobia na vivência desses pretos gordos passa também pela necessidade de tensionar o pensamento colonial, a fim de construir um novo olhar sobre si mesmos a partir de outras lógicas que não as estabelecidas por padrões de branquitude e magreza.

E assim, o descolonizar os nossos pensamentos é além dessa questão do desconstruir, né? Não lembro quem falou a tempo atrás, é reconstruir as coisas, a vivência, a experiência que a gente tem. Porque assim, beleza, “Ai, estou aqui reconstruindo, vendo as coisas de outra forma...”, mas, às vezes a gente ainda tá vendo dentro do viés da branquitude, onde quando a gente descoloniza os nossos pensamentos, a gente começa a ver que há outras formas de beleza, outros corpos que são bonitos, só que eles nunca foram citados, eles nunca foram trazidos à tona, porque na nossa sociedade há um modelo X de corpo, de pessoa, de pele, há um modelo aceito. Então é isso que a gente vê, é isso que é colocado desde pequenininho, e as pessoas “Ai, mas gosto é uma coisa muito pessoal, e não sei que...”. Eu falo, tá bom, você tá vendo TV desde pequenininho, é gente branca e magra nas propagandas, você vê um *outdoor*, é gente magra. Quando você vê filme de romance, filme de qualquer coisa, é essa galera que tá dando amor, é essa galera que tá recebendo amor, tá em vários aspectos, elas são vilões, são mocinhos, são amadas, rejeitadas, mas são só elas. Quando você vê pessoas parecidas com você, ou ela tá sendo empregada, ou é o mordomo, ou é o garçom, como que isso é uma questão de escolha? É simplesmente algo pessoal, se você passou a vida toda vendo isso, sabe? É pessoal até onde? (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram* @canal_do_preto_gordo)

Diante do reconhecimento desses mecanismos sociais que operam na construção do que se entende como um “gosto pessoal”, o Canal do Preto Gordo se propõe a auxiliar na construção de outras referências nas quais, além do questionamento da gordofobia, há o desejo de se criar um espaço auto-organizado para o debate de vivências negras a partir de pautas mais plurais, e no C.P.G, mais especificamente, a partir do debate das masculinidades negras através da experiência dos pretos gordos.

[...] a gente tem criado nossos próprios espaços, isso principalmente. A gente não tá só ocupando, a gente tá também ocupando, mas eu tenho um certo negócio com esse negócio de ocupar que eu particularmente não acho que a gente tem que ocupar todo lugar não, tem lugar que tem que deixar só pra eles, que são tóxicos, que cê fala “Pra que que eu vou ocupar isso aqui?” Mas, a gente tá criando nossos espaços cara, porque não tão dando espaço. Então vou criar um espaço onde eu posso trazer os meus, onde posso trazer essa pluralidade que existe de fato. [...] A galera preta não tá mais sendo subordinada, elas estão criando espaços, elas estão crescendo, elas estão falando sobre diversas coisas [...] Elas não estão só falando de racismo em novembro, entendeu? A gente tá falando sobre tecnologia, a gente tá falando sobre corpos diferentes, a gente tá falando sobre empreendedorismo, a gente tá falando sobre tudo. (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil de *instagram @canal_do_preto_gordo*)

Patricio (2023) argumenta que os debates pautados por homens negros em torno das suas construções de masculinidade são incentivados tanto pelas críticas e contribuições do feminismo negro, quanto por reflexões pessoais que mobilizam esses homens em torno do debate das suas próprias vivências. Ao contextualizar o cenário de desigualdade ao qual homens negros estão inseridos no Brasil, o autor pontua que é “[...] nesse contexto que relega à erudição, a produção de conhecimento e a detenção de todos os outros poderes ao homem branco, que o homem negro tem que se constituir enquanto sujeito e construir a sua própria masculinidade.” (p. 10).

Relevante destacar também que, assim como aponta Vigoya (2018), é preciso reconhecer especificidades étnico raciais dessas construções de masculinidade sendo cuidadosa para não incorrer no risco de uma nova essencialização a respeito do que são “masculinidades negras”, sem tomá-las como algo único e sim como uma pluralidade de experiências interligadas por estruturas raciais e de gênero. Portanto, os assuntos eleitos aqui como elementos que remetem as masculinidades negras dentro desse universo do Canal do preto Gordo dialogam com os debates em destaque no contexto brasileiro, mas não resumem a experiência de homens negros em uma, apenas trazem a tona questões que atravessam essas coletividades de forma mais visível no contexto de realização dessa pesquisa.

As reflexões em torno do que é “ser um homem negro” se estabelecem em muitos diálogos desenvolvidos no C.P.G, seja através da localização das próprias vivências, que quando compartilhadas com os outros pretos gordos apresentam elementos em comum, seja através do acionamento de construções teóricas a respeito dessas experiências e sua constituição a partir de processos históricos.

Porque a nossa vivência como homens negros ela é diferente dos homens brancos... Acho que homens não brancos de uma forma geral, a gente acaba vivenciando isso de uma outra forma, seja pelo aquele cuidado que nossos pais tem quando a gente vai sair, que é o “não veste isso, não faz aquilo”, ou a forma que a gente deve se portar entre os outros, sabe? O homem, principalmente o hétero, acaba sendo sempre mais

turrão, o homem preto que acaba sempre sendo visto como bruto, que acaba sendo visto como violento, sabe? E aquele lugar de não pertencimento também, porque quando a gente pega no ideal do que é ser o homem, a gente não se encaixa naquilo, porque ser homem é você ser branco, hétero, cis, de uma condição econômica boa, rico, né? Pra falar a verdade, provavelmente católico, né? Cristão. Então, assim, a gente não se encaixa nesse padrão do que é ser masculino, do que é essa masculinidade. E a gente precisa falar sobre isso, porque às vezes a gente acha que não tem muitas coisas em comum, mas, olha só, essa vivência aqui, você que é daqui do Rio, que cresceu de uma outra forma, é parecida, porque, sabe? Porque é uma questão muito maior que a gente, é uma coisa muito cultural dos nossos, esse cuidado, essa forma de demonstrar afeto, que é diferente. Quando a gente fala da questão da hipersexualização, não é uma coisa que homens brancos passam [...] (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Ao observar o conteúdo do perfil, principalmente as *lives*, destaquei a presença de uma série de temáticas que podem ser identificadas como reflexões sobre masculinidades negras, portanto a partir desse percurso apresento neste tópico duas análises que considere relevantes na compreensão de como esta conexão entre a gordofobia, o racismo e a construção de masculinidades se apresentam na vivência dos pretos gordos do perfil.

Na primeira delas abordei o debate levantado no Canal do Preto Gordo a respeito de como esses homens estão localizados em uma encruzilhada interseccional, na qual tem que lidar tanto com a hipersexualização promovida por estereótipos racistas em torno dos seus corpos e sexualidades, quanto por um processo de negação da sexualidade e rejeição através da gordofobia que também os coloca em um lugar de preterimento nas relações afetivas e sexuais.

No segundo subtópico desenvolvo uma reflexão sobre o estereótipo do “gordinho engraçado”, que aparece na narrativa desses homens como resultado de um processo de acionamento do humor autodepreciativo como estratégia para lidar com a violência gordofóbica e racista, e como uma “capa de proteção” diante da dificuldade de ter suas vulnerabilidades expostas a partir do condicionamento a um padrão de masculinidade que demanda deles a construção desses disfarces a fim de não demonstrarem sentimentos que são associados a ideia de fraqueza.

Por fim, essas análises caminham para apontamentos a respeito da necessidade de reconhecer e romper com elementos da construção de masculinidades hegemônica, que mantém padrões de heteronormatividade que são barreiras para o engajamento na construção do ativismo gordo, a exemplo, principalmente da necessidade de tensionar o silêncio e construir ferramentas para se comunicarem e refletirem sobre os próprios sentimentos e vulnerabilidades.

5.2.1 Entre o “negão” e o “gordinho”: reflexões sobre hipersexualização e hipossexualização na vivência dos pretos gordos do perfil.

A hipersexualização de homens negros é um fenômeno resultante do impacto da colonização, escravidão e racismo ainda vigente em nossas sociedades, caminha lado a lado com a sua desumanização e construção racista que compreende os homens brancos hegemônicos como o detentores da racionalidade, intelectualidade e outros valores ligados a ideia de civilização, enquanto a população negra é relegada a um lugar de animalidade, como corpos apenas, guiados pelo instinto. No caso dos homens negros, essa animalização se personifica ainda mais no fascínio e terror construído em torno dos seu pênis e do exercício da sua sexualidade como mecanismo de objetificação desses homens (MISKOLCI, 2012; SOUZA, 2017; SOUZA, 2021).

[...] o homem negro não seria um homem, mas um negro, no caso aqui o negão. Segundo o antropólogo Rolf de Souza, a profunda desconfiança e medo da figura do negro pela masculinidade hegemônica teria como base a sexualidade. A produção pelo discurso hegemônico de representações negativas sobre a masculinidade negra tem como aparato fundamental a fixação e repetição incessante do estereótipo que desde o período escravocrata cria e recria o homem negro como: libidinoso, grotesco, hipererótico, violento, degenerado, rebaixando e inferiorizando o negro a uma “anatomia e corporeidade zoomórfica” (Santos, 2014). (SOUZA, 2017, p. 1)

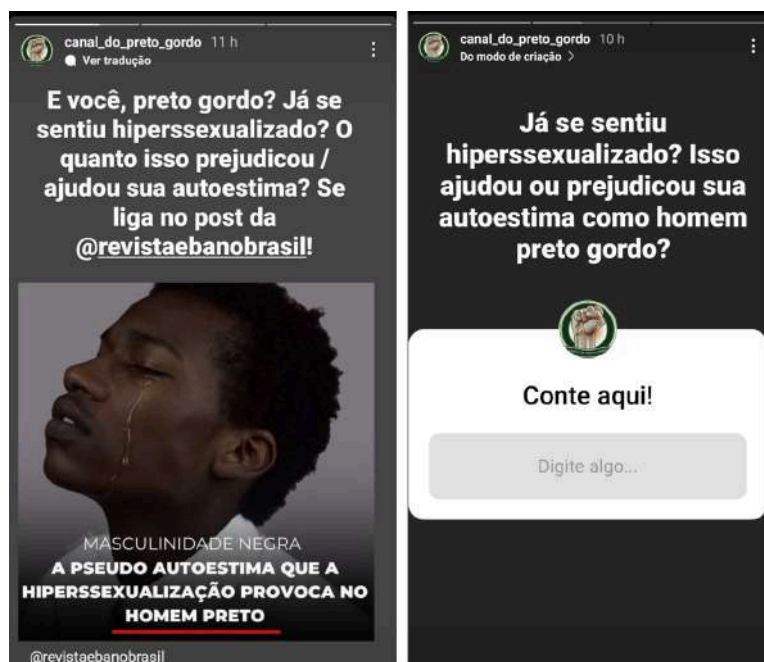
Reflexões sobre a hipersexualização de homens negros são abordadas em diferentes diálogos e conteúdos do perfil, há um entendimento de que essa é uma violência que precisa ser encerrada nas reflexões sobre a constituição de masculinidades negras, que no caso do C.P.G são também constituídas a partir de diferentes experiências atravessadas não só pela gordofobia, como também pela homofobia e transfobia.

[...] É dado para o homem preto um papel que ele não quer, não perguntam se ele quer, ele já impõe, coloca, né? Pra o homem preto aquele papel. Se a gente quer? A gente não quer, e se a gente reclama, se a gente responde, na mesma altura, no mesmo tom, aí é o homem preto raivoso, né? Então assim, fica difícil você conseguir um relacionamento saudável, porque, com tudo isso, com esse racismo, se ele é gordo, ainda tem gordofobia, se ele é gay ainda tem a homofobia ou a transfobia no caso do homem trans. Como é que esse homem mantém essa saúde mental em dia? Pra trabalhar, pra viver ou sobreviver, e pra ter um relacionamento, sabe? Pra construir um relacionamento a longo prazo. É uma coisa tão injusta, sabe? (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Na Figura 28 apresento a captura de tela de uma das Caixinhas que foram compartilhadas no Canal do Preto Gordo. Neste exemplo houve uma chamada no *storie* anterior que introduziu o assunto a partir de uma reportagem a respeito da hipersexualização

de homens negros, acompanhada de uma mensagem que direciona a caixinha para um recorte mais específico das vivências de pretos gordos.

FIGURA 28: Caixinha sobre o debate da hipersexualização



Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de tela dos stories do perfil @canal_do_preto_gordo realizadas em 31 de dezembro de 2022.

Em alguns diálogos o administrador do C.P.G argumenta que, diante do fato da negritude ser o elemento canalizador desse processo de hipersexualização, pretos gordos também são atingidos por ele mesmo não sendo associadas a um “corpo padrão”. Durante a condução da nossa entrevista questionei se não havia diferenças a respeito da maneira como isso se daria diante da intersecção com a gordofobia, ao passo que ele respondeu que:

Não, é da mesma forma, da mesma forma. Isso acontece... Aí sim, pra o homem preto, seja ele magro, musculoso ou gordo, essa hipersexualização existe. Aliás, acho que pra o homem preto gordo é pior, porque tem o volume corporal, né? Então você fantasia mil coisas, né? Porque tem aquele volume... “Nossa, deve ser um arraso, aí quando ele ficar em cima de mim...”, né? É absurdo isso, né? E as pessoas esquecem que dentro daquele corpo preto tem uma pessoa, tem sentimentos, tem desejos, tem sonhos, tem expectativas, como qualquer outra pessoa. Mas não, a partir do momento em que você não leva isso em consideração a crueldade tá aí, o absurdo está aí, né? Digamos, quase uma animalização daquela pessoa que está ali somente pra te dar prazer e nada mais. Ai não importa como seja o prazer, né? Qual a postura sexual. Ela está ali para o seu bel prazer e nada mais, né? Bate naquela história, né? Pra trepar serve, pra andar de mão dadas na rua não, é mais ou menos essa história. Isso mata as pessoas aos poucos, isso mata o homem preto, seja ele gordo ou não [...] Porque, de tanto você ser rejeitado, primeiro você se fecha, você se fecha pra relacionamento e ao mesmo tempo se frustra, né? Entristece, adoece, e volta a achar que tem alguma

coisa errada com você. E aí, como eu falei, você procura se enquadrar pra poder ter alguém, né? Emagrecer, ficar musculoso, como eu conheço vários, né? E ter várias mudanças na sua vida, no seu físico, em alguma coisa pra você se enquadrar, pra você ter alguém, você se violenta, né? Você deixa de ser você pra agradar aos outros, basicamente é isso, é cruel demais isso. (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Apesar de afirmar essa experiência como comum a homens negros, sejam eles gordos, magros ou musculosos, o administrador do C.P.G também destaca no fim da sua fala processos de tentativa de adequação que são direcionados aos homens gordos, com o exemplo do emagrecimento a fim de conseguirem acessar possibilidade de relacionamentos. Essa percepção de que a hipersexualização deles enquanto homens negros ocorre independente deles serem homens gordos ou não também é reiterada por outros seguidores do perfil, como é possível observar no relato abaixo de uma das *lives* do C.P.G que teve como tema “O corpo gordo e as relações amorosas”.

Cara, eu vejo de alguns pontos que às vezes são extremos, né? Tem o ponto onde é super hipersexualizado, onde a galera olha e diz assim... Onde, por exemplo, eu entro nos aplicativos e a primeira coisa que a pessoa quer saber é “Qual é o tamanho?”. E aí não importa se você é gordo, se você é magro, se você é isso ou aquilo, qual sua posição sexual, enfim, não interessa, a pessoa quer saber qual o tamanho... É a hipersexualização do corpo. Ou é também aquela questão da coisa assim, “ah não é meu tipo”. Nunca é “meu tipo”. (Tom Souza, *live* em 24 de abril de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

O interlocutor revela que em sua experiência duas coisas coexistem, tanto a sua objetificação enquanto um homem negro, centrada no seu pênis, que independe em muitos momentos do fato dele ser um homem gordo ou não, quanto o preterimento de “não ser o tipo”, por ser um homem gordo. Julio conduz o debate perguntando diretamente se ele acredita que com o preto gordo essa hipersexualização também acontece, e o seguidor diz que sim, apontando que “Tem gente que tem aquela tara, né? [...] é complicado quando você começa a definir só um tipo de pessoa”, localizando esse tipo de desejo sexual voltado aos homens gordos através do lugar da “tara sexual”, do fetiche.

Contudo, outras experiências também são observadas no perfil, como a dos seguidores que entendem que a gordofobia os localiza em uma posição na qual esses desejos não são direcionados. No relato apresentado a seguir, o interlocutor sinaliza como muitas vezes esses homens pretos, por serem gordos, não seriam hipersexualizados, e sim assexualizados, destituídos da possibilidade do exercício da sua sexualidade a partir da sua exclusão no âmbito dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Durante muito tempo... Na verdade, durante muito tempo não, durante quase a minha vida toda eu sempre fui uma pessoa muito reprimida em todos os aspectos, eu nunca tive uma autoestima muito boa. Então a gente tem aquela questão de que homens pretos são extremamente sexualizados, só que aquela, **homens pretos gordos na verdade eles são assexualizados, né? As pessoas acham que homem preto gordo não faz absolutamente nada, é aquele famoso, que o pessoal chama de “síndrome do Tio Barnabé”, né? Que ninguém imagina o Tio Barnabé sei lá, casado, ninguém imagina o Tio Barnabé com par [...]** Porque é aquela, né? A gente já tem uma autoestima muito baixa, ainda mais com essa questão a autoestima vai mais baixa ainda, então até eu consegui perceber beleza em mim demorou muito tempo. Bastante tempo. (Eduardo Filho, *live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Foi a primeira vez que ouvi esse termo, “síndrome de Tio Barnabé”, mas, compreendi seu sentido numa aplicação análoga à associação de mulheres pretas gordas à figura de outra personagem do autor brasileiro Monteiro Lobato, a Tia Anastácia. Ambos, negros e gordos, são identificados pela sua construção enquanto personagens que não possuem desenvolvimento de narrativa que envolva sua sexualidade, ou mesmo a presença de relações familiares para além da sua devoção ao núcleo familiar branco da história do Sítio do Pica Pau Amarelo. Em pesquisas anteriores (SANTOS, 2021, 2022) realizei análises entre essa representação da Tia Anastácia e as reflexões sobre a “mãe preta” abordada por Gonzalez (1984) e a “*mammy*” conceituada por Collins (2019), para refletir sobre o processo de enquadramento em uma noção de assexualidade e subserviência associadas à figura materna que algumas mulheres negras gordas sofrem.

Ao buscar pela referência apontada pelo interlocutor encontrei uma entrevista realizada com o ator brasileiro Paulo Vieira, também um homem negro e gordo, que ao argumentar sobre os processos de gordofobia que teve que enfrentar em sua carreira trouxe à tona esse estereótipo de assexualidade conferido a corpos de homens gordos. Como é possível observar no relato abaixo, ao exemplificar como a construção de personagens reforça esse discurso.

Quando a pessoa escreve assim: 'Claudio entra e beija a sua esposa', automaticamente o Claudio não é gordo porque ele tem uma esposa. A gente passou por um processo que o gordo é assexualizado imediatamente. O gordo não beija, não tr***, não transa, sobretudo o preto gordo (MULHER, 2021, n.p)

Segundo a reportagem, o ator usou como exemplo o personagem Tio Barnabé pois sua imagem foi associada a noção estereotipada de que ele era “[...] bonzinho, ingênuo, solteirão, dando a entender que ele não tinha necessidades sexuais.” (MULHER, 2021, np). Souza (2009) localiza a figura do Tio Barnabé como uma criação associada a representação

estereotipada do “Neginho”, como um homem submisso, sem vontade própria, infantilizado e representado como assexuado, especialmente em seu contato com mulheres brancas.

Em outros contextos históricos a gordura já esteve fortemente associada à sexualidade, desejo e fertilidade, principalmente na leitura de corpos considerados femininos, visto que “durante muitos anos, mais do que a gordura, a magreza representou uma ameaça a reprodução saudável da espécie.” (SANTANNA, 2015, p.15). Entretanto, com a emergência da patologização da gordura, houve transformações que instauraram uma percepção negativa oposta a isto, que começaram a indicar que esses corpos gordos, principalmente dos gordos maiores, estariam mais próximos da rejeição, impotência e esterilidade.

Vigarello (2012), ao analisar a leitura patológica que se consolida a respeito dos corpos considerados obesos durante o período iluminista na Europa, ressalta como as noções de insensibilidade, letargia, apatia, ausência de reatividade, passividade e falta de potência são evocadas com cada vez mais frequência nesses discursos. Ao retratar de maneira mais específica a representação dos homens, dos quais os estereótipos de gênero exigem que se cumpra um papel ativo e vigoroso em diversos sentidos, a descrição caminha para a negação da sexualidade desses sujeitos causada por essa suposta insensibilidade e falta de potência associadas a gordura considera excessiva.

O autor contextualiza que o medo da perda da sensibilidade é um temor presente na cultura setecentista europeia, assim essas noções não estavam voltadas apenas para a impotência sexual, mas essa também era uma dimensão relevante da crítica. Como é possível observar no relato abaixo, datado do século XVIII.

[...] Nada o comove, nada o excita, nem a visão de uma bela mulher ou o espetáculo da ópera, nem os livros mais adequados [...] nada que exalte ou anime os sentidos. Seu corpo já não seria mais que uma “abóbora cozida na neve”, invólucro desprovido de reações, órgãos sem “apetite”. Quanto ao universo sexual “nenhuma ereção, nem mesmo desejo”. O obeso é um “trapo”, insiste o advogado parisiense, um ser carente e “letárgico”. (VIGARELLO, 2012, p. 168)

Denise B. Santanna (2016) aponta como essas noções também atingiram o contexto brasileiro, mais especificamente nos anos de 1920 e 1930, quando o padrão corporal de combate a gordura começa a se consolidar com mais veemência no país. Segundo a autora “Para os homens, também se insistia na necessidade de exortar para longe do próprio corpo “as banhas”[...] Gordura no corpo masculino sugeria impotência e uma boa dose de velhice.” (p.96). Essa noção da impotência associada ao corpo gordo também pode ser relacionada com o processo que abordo no capítulo anterior, a noção de que os corpos desses homens são

“feminilizados” pela presença de gordura corporal, o que Costa e Bortolozzi (2022) chamam de “castração gorda”.

[...] Esta opressão está relacionada à aversão ao feminino (TOVAR, 2018): “o tratamento cultural aos corpos de homens gordos centra-se fortemente na retórica sexista. Homens gordos geralmente são considerados femininos” (p. 86). A autora ainda complementa que “então acredito que é o profundo ódio cultural do feminino que levam alguns dos casos de gordofobia que os homens vivenciam” (p. 86). O fato da gordura “suprimir” os genitais masculinos e acentuar o volume das mamas também traz a ideia de “castração gorda”, prevalecendo ainda mais a ideia do homem feminino. (p. 64)

Em uma das *lives* temáticas, sobre “Masculinidades Negras”, a abordagem da diferença nesse processo de sexualização também vem à tona. No diálogo abaixo o seguidor utiliza o termo “hipossexualização” em contraponto com a ideia de hipersexualização, sinalizando que por mais que o racismo os caracterize como fora de um padrão estético baseado em ideias de branquitude, ainda assim, haverá homens negros que estão adequados a um padrão estético imposto a eles, um padrão onde os pretos gordos são novamente excluídos.

E é aquilo, né? Quanto mais distante você tá do que é ideal pela branquitude... Porque as pessoas falam assim “Ah ok, as pessoas pretas não são padrões” mas, a gente tem “o corpo” que é mais agradável. Se a gente falar do Michael B. Jordan, todo mundo vai bater palma. Então ele é uma questão estética muito mais agradável pela branquitude. (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

O Igor falou isso no *podcast* de vocês, que falou sobre hipersexualização [...] Ele falou uma coisa muito importante, não é padrão até a página 12, mas ele foi mais além, ele falou sobre a invisibilidade do corpo preto gordo, ele citou o corpo fora dos padrões. E isso é muito grave, porque não é que você não tenha certo... Desculpa a palavra gente, mas eu vou dizer, que você tenha asco, mas assim, ele não é notado, ele não é enxergado, e esse é o objetivo também do Canal do Preto Gordo, é pra isso também, né? E ele foi na ferida mesmo, direto ao ponto, é isso mesmo, nós não somos enxergados como padrão de nada. Quando cê cita o Michael B. Jordan, ele é padrão de preto que a sociedade branca espera, bonito, musculoso, bem tratado. (Julio Cesar, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

É o homem preto ideal, “Nossa que bacana, que homem, que preto. Esse é bacana”. E aí, a gente vai até pra uma questão, que não entendam de forma incorreta, mas quando a gente fala de solidão, é muito importante a gente colocar que pessoas pretas de forma geral, nós estamos solitários na nossa sociedade, eu entendo os recortes e tudo mais, mas falando dentro de uma questão que a gente tá aqui agora. Assim, se você é um homem preto, você é gordo, retinto, você é PCD, quais são as chances? Se você é LGBT, sabe? Quais são as chances de você ser uma pessoa que vai ser escolhida? Sabe? Se você for afeminado então, essas coisas vão reduzindo mais ainda. **Então assim, a gente passa de uma questão da hipersexualização para hipossexualização.** Isso o Gabriel falava, trazendo a questão na primeira temporada, tipo nas escolas, você é sempre o amigo legal, mas você nunca é o amigo que alguém queria namorar. Você nunca é o amiguinho que alguém manda carta, que tá naquelas listinhas de pessoas mais bonitas da sala, sabe? Então você passa de onde ninguém te

enxerga para onde as pessoas só enxergam determinadas coisas que você tem ou que é esperado que você tenha. Você tem que ser o mais...O melhor na cama. (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Um debate que também é trazido à tona na *live* sobre “Corpos pretos não padrão”, no qual o convidado argumentou como não estar encaixado no padrão do homem preto desejável, coloca os pretos gordos em um lugar de preterimento mesmo diante da hipersexualização.

[...] se você não tiver no padrão, no padrão de beleza do imaginário negro, porque também tem isso, imaginário preto, né? Se você não tiver no imaginário preto, tipo Paulo Zulu, uma coisa meio, né? Escravo de reprodução, você já é preterido de cara. O gordo geralmente é o engraçado, é o amigo, né? É o amigo engraçado [...] (Cleber Dias, *live* em 9 de abril de 202 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Patricio (2023) apresenta argumentos, em diálogo com autores como Deivison Faustino Nkosi, que ajudam a compreender como essa lógica racista quando combinada com um ideal de masculinidade dominante limita as expressões de masculinidades dos homens negros a certos estereótipos. Um processo que se relaciona a tantos exemplos que explicitam como esses homens negros ganham visibilidade a partir de lugares específicos, como esportistas, atores, etc. que se enquadram em um padrão corporal musculoso, e que cumprem com essa associação intensa da masculinidade do homem negro a aspectos relacionados à sexualidade e à aparência física.

Essa cobrança de que eles correspondam a expectativas como “[...] ser extremamente viril, ter um corpo musculoso, ter habilidade em esportes e tarefas manuais, possuir uma força física extraordinária e nunca recuar diante de uma ameaça, mesmo que isso coloque em risco sua própria integridade física (NKOSI, 2014, p. 92)” (PATRICIO, 2023, p.6) se apresenta como um dos elementos que contribuem para uma maior exclusão dos pretos gordos nesse cenário, interseccionados por uma violência que se estabelece por diferentes vias de subordinação (CRENSHAW, 2002).

Diante desses estereótipos que, segundo o relato dos seguidores, são presentes em suas experiências de vida, é possível compreender porque na chamada da Caixinha apresentada anteriormente, o administrador do C.P.G também questiona se essa hipersexualização pode ter “ajudado na autoestima” dos pretos gordos do perfil, tendo em vista que viver em um condição de preterimento e negação de acesso a experiência sexuais por conta dos seus corpos gordos pode gerar uma percepção positiva de casos em que o desejo vem da hipersexualização, da idealização de estereótipos sexuais sobre esses corpos negros.

Rolf R. Souza (2009) ao analisar a recepção de homens negros a esse processo de hipersexualização também argumenta a respeito dessa possível visão positivada,

contextualizando que “o grande perigo deste mito é que mesmo ele sendo desumanizante, ele garante algum status perante as mulheres e, principalmente, perante outros homens, sendo talvez o único que esta pessoa acredita ter. Ela é uma gaiola dourada de onde seu prisioneiro tem dificuldades de sair [...]” (p. 105)

Assim como, Bianca T. Souza (2021) destaca como o processo de hipersexualização e ação do racismo no impedimento do acesso ao carinho em vários níveis de convivência, impacta a construção da sexualidade e afetividade de jovens negros e negras, visto que “essa relação ambígua com os corpos negros, ora objeto de desejo, ora alvo de repulsa, afeta toda a estrutura psicossexual do indivíduo.” (p. 100). A autora explicita como os relacionamentos mediados por essa hipersexualização, às vezes explícita, às vezes disfarçada e considerada sutil, fazem com que as pessoas impactadas por esse processo desenvolvam relações conflitantes com os sentimentos gerados por essas violências. Esses sentimentos conflitantes são observados, por exemplo, na fala de um dos seguidores quando questionado sobre como se sente diante dessa hipersexualização.

Eu não tenho muito pudor, não é isso. A questão é que, tipo assim, eu não sou só o objeto. Então tipo, a pessoa nem te dá um “Oi”, e “Tem foto?”. Calma, tem um ser humano aqui falando com você. “Oi, tudo bom?”. Você pode ser muito prático, falar se quer namorar, se você quer só ficar, se quer só sexo. Todo mundo é adulto, então a gente não vai ficar de “não me toque”, mas ao mesmo tempo ter esse equilíbrio, esse fio, de tipo, estou falando com um ser humano, então não dá pra ter só essa fome de “ai quero esse corpo”. É legal se sentir desejado, é legal se sentir alguém que uma pessoa olhou e sentiu “quero essa pessoa”. Mas eu já percebi nos anos que sai do armário assim, que eu só servi pra ficar. Na hora do “vamos ver”, de conversar pra ter uma relação aí já não serviu. Eu vivi uma experiência com um cara que eu conversava [...] até então eu achava que caminhava para uma relação, perguntei e tal, “Ah, não tô interessado, vamos ser só amigos”. Uma semana depois o cara estava namorando outra pessoa, já tava super envolvido e no próximo mês fazendo declarações. E você vai ver a cor da pessoa, branco. [...] Aí perguntei “Quando é que você conhece fulano?”, “Ah foi bem depois que a gente parou de conversar”. (Tom Souza, *live* em 24 de abril de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

O interlocutor se queixa da desumanização que experiência nesse processo, mas também pontua como é “legal se sentir desejado”, ao passo que em sua trajetória entendeu que esse desejo raramente se estende para outros níveis de relação afetiva. Quando pensamos nas experiências relatadas pelos homens do perfil, podemos analisar os efeitos de um processo duplo de desumanização, provocado tanto pelos impactos do racismo, que hipersexualiza seus corpos e configura suas possibilidades de afetividade, quanto pela gordofobia que através do preterimento e da negação do afeto corrobora também para que a objetificação se apresente muitas vezes como a única opção oferecida a eles para o desenvolvimento de relações nesse campo afetivo sexual.

Um fenômeno já abordado por mulheres gordas negras como Tatiana Nascimento — estudiosa da branquitude, tradutora de formação e multiartista — que publicou em seu *instagram* um texto sobre o que ela denomina como “a gratidão afetiva-sexual da gorda”.

[...] adolecer gorda significou não ser desejada sexualmente. não em público, ao menos. y tb me ensinou uma internalização (inconsciente até muitos anos depois) de que eu deveria ser muito grata sempre a qualquer pessoa que fizesse o favor de me desejar [...] isso tem muito a ver com as participações marginalizadas no mercado do sexo-afeto orientado por modelos estéticos magristas/racistas, tanto quanto eu era hetera quanto depois que fui lésbica. eu simplesmente me sentia obrigada a transar com quem quer que quisesse, pq era raro alguém querer. rolava um misto de afeto y gratidão muito torto, pq não tava baseado em desejo, com consequências muitas vezes adoecedoras [...] (Tatiana Nascimento, post no Instagram (@tatiananascimento), em 3 de março de 2021). (SANTOS, 2021, p 101-102)

Portanto, mesmo sendo um processo danoso, que ainda mantém a negação de afeto, a impossibilidade de exposição pública da relação, entre outras violências ligadas a hipersexualização, em alguns contextos ele pode ser lido por esses pretos gordos como uma maneira de se sentirem sexualmente incluídos. Tal busca por inclusão também envolve o entendimento de que é preciso performar sempre um esforço maior que outras pessoas que estão dentro do padrão estético hegemônico, ainda mais quando atravessados por cobranças de virilidade nessas relações sexuais.

Agora vamos ser sincero? Nós, os gordinhos, nos esforçamos mais na cama que qualquer um que chegue no pedaço. Por favor, somos esforçados [...] Mas acho que é porque você falou a verdade, a gente lutou desde criança, e contra a maré [...] sempre tamo remando contra a maré, “Não, você não pode, você não deve, você não... Isso não” [...] (Israel, *live* 30 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Assim, é possível analisar como ambas as realidades podem coexistir, tanto da hipersexualização, como do contraponto trazido por outros seguidores a respeito do preterimento e invisibilidade nessa questão sexual. Inclusive, porque a leitura social desses homens vai variar a partir de como suas corporalidades gordas se constituem, sendo gordos maiores ou menores, a partir de sua altura, da maneira como a gordura está distribuída nos seus corpos e de outros elementos que podem ou não despertar o desejo sexual alheio quando combinados com o estereótipo racial.

E aí tem essa questão, por mais que você seja um corpo preto, quando você é um corpo sarado você consegue acessar alguns lugares de desejo, por mais que esse lugar seja o lugar da hipersexualização, que eu acho que já é uma outra discussão que a gente precisa abrir [...] Por exemplo, eu entendo que por mais que... E aí que eu acho que tem a questão do ser preto também, porque o que eu falei, apesar de ser um homem gordo, o meu peso é muito distribuído [...] tem essa divisão, né? Do gordo

menor e do gordo maior, então acho que também dentro dessa estética gorda, se assim posso dizer, existem os padrões, né? Do que é considerado bonito, do que é considerado exagerado, o que é considerado fetiche, que só existe pra realizar fetiche, o que é considerado alguém que “é gordo, beleza, mas dá pra pegar na mão”, dá pra assumir, dá pra sair. É o que eu posso falar, por exemplo, da Jéssica Balbino, que ela tá no *twitter*, é uma jornalista, é uma gorda maior e ela fala muito disso, do quanto ela é procurada só pra realizar esses desejos, mas que ninguém assume ela, sabe? É diferente, sei lá, de uma outra pessoa gorda menor que já consegue se relacionar, já consegue ser assumida. Então assim, acho que existem interseccionalidades aí mesmo, de cor, de corpo, de muitas questões. (Rick Trindade, entrevista online realizada em 20 de abril de 2023)

Além disso, reflito o quando a orientação sexual opera nesse sentido da hipersexualização, analisando as experiências do administrador do perfil, por exemplo, a partir das suas vivências enquanto um homem gay próximo de comunidades ursinas, onde esse corpo gordo ocupava outro lugar de desejo, e as experiências dos interlocutores que também se relacionam com mulheres - heterossexuais, pansexuais ou bissexuais - como é o caso do seguidor que relatou como sentiu a diferença de preterimento nessas duas experiências.

[...] da minha infância a adolescência eu sempre me interessei mais por meninas, só que assim, a forma cruel com que eu era tratado, isso acaba criando um bloqueio, e acho que hoje essa questão dos homens acaba criando um lugar mais “só sexual”, sabe? E às vezes é sexual não como uma opção, não como um desejo genuíno, mas um lugar de tipo “É o que sobrou, eu só quero me aliviar e você é a opção que sobrou”. (Rick Trindade, entrevista online realizada em 20 de abril de 2023)

Para os seguidores que se relacionam com mulheres, especialmente os heterossexuais, há também uma cobrança de assumir o papel da paquera, de tomar iniciativa, que acaba sendo diretamente impactada por esses traumas da rejeição e gerando outras dificuldades nesse campo do relacionamento afetivo-sexual.

Ademais, reitero como o elemento do fetiche e objetificação não se restringe na experiência desses corpos apenas à hipersexualização associada ao racismo. O desejo direcionado a corpos gordos também pode ser analisado através dessas relações, como apontei no primeiro capítulo ao relatar sobre os *fats admires* e as produções pornográficas sobre pessoas gordas.

[...] a pessoa gorda é colocada como não desejável, mas por outro, verifica-se uma certa procura de homens e mulheres gordas em sites de relacionamento e pornografia (BARROS, 2017; FIGUEIROA, 2014; VIEIRA JUNIOR, 2018; KULICK, 2012). O que se discute, é que o desejo sexual também é direcionado por regras sociais, e o corpo gordo por ser colocado como desviante e fora dos “padrões” é recluso ao ambiente privado, ao “desejo encoberto” e que não pode ser revelado. Sugere-se que a preferência sexual por pessoas gordas é muitas vezes fetichizada, o que provocaria

solidão afetiva e exclusão no “mercado amoroso”. (BORTOLOZZI e COSTA, 2022, P. 84)

O administrador do perfil “Urso Preto da Favela”, relatou em sua experiência na administração da página como esses dois lugares de objetificação se cruzam. Mesmo abordando de forma crítica essas questões no seu perfil, o interlocutor pontuou como ainda era interpelado por diversas mensagens que o objetificavam, afirmando que pessoas iniciavam o contato com ele já mandando mensagens pedindo que mostrasse seu pênis, ligando às 5 horas da manhã, fazendo chamadas de vídeo sem permissão, entre outras abordagens violentas que o hipersexualizavam. Ademais, em sua experiência com grupos ursinos, ele ainda destaca como esse lugar do interesse sexual era mediado pela exigência de cumprir um padrão cisheteronormativo e hipersexual associado a homens negros.

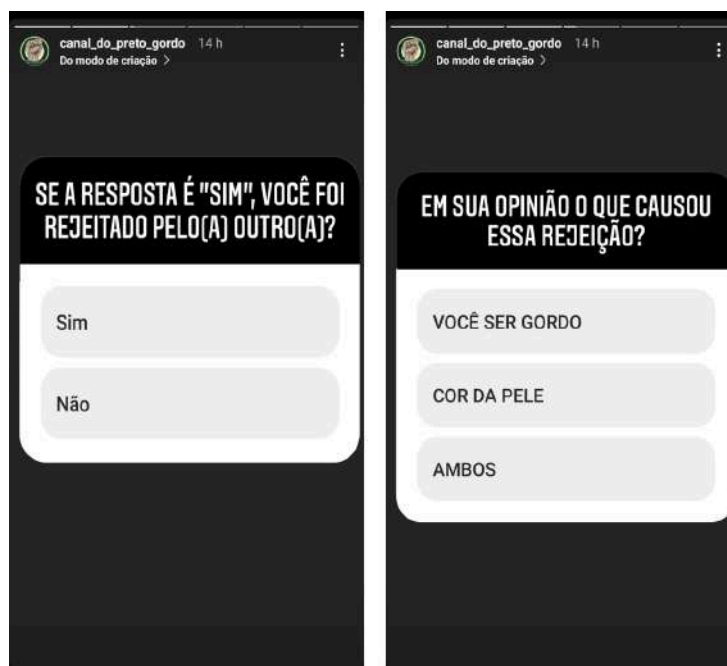
Inicialmente eu me encaixei na norma, qual era a norma? Do preto masculinizado, altamente masculinizado, a norma do meio Urso também, né? Que é outra coisa nociva para caralho também, mas inicialmente eu me encaixei nessa norma. Jovem, né? Eu era jovem, ativo, machão e que fazia a performance do comedor, e isso me fazia ter ali um lugar que já era reservado pra mim, e que eu achava que era um lugar bom. Que era um lugar do destaque, que era um lugar onde as pessoas me amavam. As pessoas não me amavam, elas amavam o orgasmo que eu dava pra elas, elas amavam o pretinho que ia lá e fazia a parada, “pá pá pá pá pá”, e levava elas nas nuvens. Mas afeto eu nunca tive, e eu nunca entendi por que eu servia, porque que eu ia, eu sempre tinha que ir até as pessoas, eu sempre tinha que tá disposto, disponível para elas, pra poder fazer o sexo que elas gostavam, pra poder enfim, ocupar determinados lugares, sempre na surdina. Eu era o corpo que era desejado para ficar no *dark room*⁸⁵, então alguém falava “Vamo ali no *dark room*” e eu achava que aquilo ali era o máximo. Não, não era o máximo, as pessoas não queriam ser vistas comigo, meu corpo só é passível de ser desejado no *dark room*, sabe? E isso é muito grave. (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Nesse e em muitos outros relatos, apesar do desejo inicialmente ser visto como um elemento que pode influenciar positivamente na autoestima desses pretos gordos, os colocando em um lugar de destaque que cria a expectativa da possibilidade de serem amados, não demora muito para que compreendam que esse contato só se efetiva em locais escondidos. Há demonstração de desejo sexual, mas eles não são assumidos publicamente, esse tesão não vem acompanhado da possibilidade de acessar outros níveis de relacionamento afetivo.

⁸⁵ *Dark room* pode ser traduzido de forma literal como “quarto escuro”, é um local presente em boates, locais de festa, clubes de sexo, casas de banho ou saunas, entre outros espaços destinados a adultos em que os participantes podem se envolver em interações sexuais de forma mais discreta, pelo relato dos interlocutores, esse também é um local existente em festas ursinas que foram frequentadas por eles.

A temática da rejeição aparece também nas enquetes postadas no perfil, e na apresentada na Figura 29 há um elemento que merece destaque. A pergunta feita aos seguidores busca entender quais causas da rejeição sentida por eles, e o administrador apresenta um questionamento que também é feito em outros momentos no C.P.G: gordofobia, racismo ou ambos, qual tem maior impacto negativo nessas vivências dos seguidores?

FIGURA 29: Enquetes sobre rejeição



Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de tela de enquetes nos *stories* do perfil @canal_do_preto_gordo realizadas em 31 de dezembro de 2022.

Em muitos relatos é o racismo que prevalece como opressão que atravessa de maneira mais contundente essas vivências, mas há também a presença de respostas que apontam para a compreensão de que não é possível separar essas experiências em todos os casos, principalmente para aqueles que são gordos desde a infância ou adolescência, sinalizando que há a percepção de uma vivência específica criada pela intersecção do racismo e gordofobia.

É uma pergunta difícil, porque às vezes é difícil saber o que é racismo e o que é gordofobia, sabe? E às vezes são os dois entrelaçados. Então assim, eu entendo que por exemplo, a questão afetiva tem a questão da raça, mas tem a questão do corpo também, mas, eu não consigo delimitar isso, a não ser... Talvez eu só consiga delimitar isso se eu emagrecer e deixar de ser um homem gordo, porque aí agora eu vou entender, beleza, se surgem mais oportunidades, se surgem mais pessoas com interesse. Aí a gente vai pra outro embate, se eu emagrecer, por exemplo, eu posso sofrer muito mais a hipersexualização, então são coisas assim... (Rick Trindade, entrevista online realizada em 20 de abril de 2023)

A premissa dos estudos interseccionais aponta exatamente para a compreensão desse lugar, que não é apenas uma coisa ou outra, mas nasce da experiência de ser impactado por diversas vias de opressão e diferentes sistemas de discriminação e subordinação. Nas *lives* identifiquei exemplos das diferentes formas que os interlocutores utilizam para definir essa experiência multifacetada. Termos como “pacote cheio”, “3 em 1”, “combo” e “McLanche Feliz” são usados pelos pretos gordos do C.P.G para localizar como suas vivências são impactadas por essas diferentes vias, do racismo, gordofobia, e em muitos casos homofobia, classicismo e intolerância religiosa.

Porque eu sempre falo, as vezes, as pessoas mandam mensagem e falam “Nossa, você é um exemplo”, aí eu falo, “Olha, eu sou um **pacote cheio**, eu sou um pacote cheio daquilo que a sociedade detesta”, porque eu sou negro, eu sou gordo, eu sou gay e eu sou da periferia, então, eu sou um prato cheio pra esse tipo de coisa, né? Mas, mesmo assim eu não deixo me abater não, eu tô aí firme e forte [...] (Renato Lima, *live* em 5 de setembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Julio, desde criança. Desde criança mestre. Assim como negro, gay e gordo, desde criança, sem meia delongas, desde criança. Nunca tive problemas em falar sobre isso [...] Eu tenho uma amiga Julio, que ela briga comigo, ela fala “Cristiano, você é um caso muito sério”, e eu “Por que?”, “Porque você é **3 em 1**, você é negro, gay e gordo”. (Cristiano Cerutti, *live* em 31 de julho de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Eu costumo dizer que eu tenho **um combo**, né? Gente, eu tenho um combo que era pra desistir, tipo, olha pra você vê, preto, pobre, periférico, gordo, LGBT, de religião de matriz africana. Eu tenho um combo pra levar todas as pedradas do mundo, entendeu? (Breno Donadio, *live* em 30 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Você é preto e gordo, você é sempre o alvo maior. Eu costumava dizer que era tipo “**Mc Lanche Feliz**” tá ligado? Você pede um e vem dois, porque quando acabava as “brincadeiras”, disfarçadas de ofensa, por ser negro, vinha ofensa por ser gordo, quando não vinha as duas juntas. (Moisés Viégas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Dessa forma, no Canal do Preto Gordo há uma construção de debates conjuntos a respeito dessas experiências. As reflexões não estão centradas apenas na experiência de serem homens gordos ou apenas na experiência de serem homens negros, porque sua própria construção enquanto homens é forjada em meio a esse processo que envolve características e violências advindas dessas diferentes vias. Como afirma Akotirene (2018):

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade.

Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (p.27)

Acompanhando o Canal do Preto Gordo foi possível localizar uma série de debates sobre acesso à saúde, relacionamentos afetivos sexuais, mercado profissional, busca por atividades de lazer, etc., em que essas identidades condicionaram experiências específicas, uma inseparabilidade que também é compreendida pelo administrador do perfil.

E aí, Renata, querendo ou não, junto com a questão da gordofobia, tem a questão do racismo sim, não tem como dissociar. E quando é um preto gordo gay, que é o meu caso, tem a questão da homofobia sim, quando é um preto gordo trans, tem a questão da transfobia sim, tá tudo... Impressionante como tá tudo intrinsecamente conectado, né? E você puxa uma coisa e vem outra. (Julio Cesar, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

Ainda abordando os relatos sobre relacionamentos afetivo sexuais, além dos debates estabelecidos nas *lives* e nas caixinhas de mensagem, o *chat* do perfil, também conhecido como *DM* na plataforma do *instagram*, é um espaço no qual os seguidores se sentem seguros para relatar questões como seus processos de rejeição ou conquista, principalmente por ser um local considerado privado. A *DM* pode ser entendida como os bastidores do perfil, local que eu acessei apenas mediante aos relatos do administrador do C.P.G, e no qual pude analisar, por exemplo, o desejo de alguns seguidores de utilizarem o Canal do Preto Gordo como espaço para procura de contatos para relacionamentos afetivo sexuais, demandando, inclusive, do intermediário do administrador do perfil como alguém que poderia ajudar no estabelecimento desse contatos ou dar dicas para facilitar esse processo da aproximação e conquista.

Olha, já aconteceu um pouco de tudo, mas lógico, eu não participei. Vinham primeiro... Já teve situação de vim perguntar pra mim: “Oh, Julio César, aquele cara é gatinho, em?” e eu “Ué, vai lá e fala com ele cacete, vai lá na *DM* e fala com ele. Você vem falar pra mim isso? Você quer que eu seja cupido? Você já tem a *link* do perfil dele, se o perfil dele for bloqueado pede permissão pra segui-lo e vai conversar com ele, ué? Você vem conversar comigo?”, “É merdo, né? Eu vou mandar mensagem”, aí depois “Mande mensagem pra ele e ele respondeu!” e eu falei “E aí?”, “Não, tá legal, tá rolando”, aí eu falei “Então tá, vai se divertir, não quero ser cupido agora não” [contou rindo]. Ou, teve um que já veio falar comigo: “Pow, mandei mensagem pra ele uma vez, ele não me respondeu”, aí eu falei “Estranho, ué, porque ele é uma pessoa muito acessível e etc. Por que também o que é que você perguntou? Foi falar besteira, né? Em vez de se apresentar, na moral e etc. Às vezes o cara não gostou do seu *approche*, né? E aí o cara não deu nem resposta.”. Aí ele, “Eu vou tentar de novo”, é nessa base, né? (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

O interlocutor pontua que ele não se coloca disponível para fazer esse papel de “cupido”, visto que esse não é o objetivo do Canal do Preto Gordo, e inclusive, esbarra nas

delimitações do perfil, como apontei no capítulo anterior. Contudo, nesse relato é possível observar que ele também não desencoraja que essas trocas aconteçam por conta própria e chega a dar até algumas dicas aos seguidores. Esse processo da “paquera” no C.P.G envolve diferentes situações, desde conflitos, como o que relatei no capítulo anterior, a respeito do seguidor heterossexual que foi abordado por outros seguidores e se sentiu ofendido, quanto de casos em que essas trocas são bem recebidas.

Entretanto, aqui analiso com mais atenção outro relato recebido na *DM*, nesse caso em específico um pedido de ajuda que veio de uma mulher que não era seguidora do C.P.G, mas, ao observar o conteúdo do perfil resolveu mandar uma mensagem buscando entender por que suas investidas de paquera com relação a homens negros gordos eram recebidas com desconfiança por eles.

Vou dar um exemplo, ano passado uma menina, que não era seguidora do canal, ela mandou uma “carta” pra mim via *DM*, porque ela queria orientação minha, de saber o que fazer quando ela encontrasse um preto gordo. Porque como eu, ela adora gordo, né? Se for preto, melhor ainda. Ela adora, ela falou “Eu tenho tara Julio Cesar, eu quero casar com um homem preto gordo”. Mas quando ela vai pra balada, vai pro samba, vai pra se divertir e encontra um preto gordo que interessa, vê que tá sozinho, e aí o que é que ela faz? Começa o flerte, né? Começa o jogo da sedução, e geralmente é ela, digamos entre aspas, que ataca, né? Eles nunca chegam, a maioria das vezes nunca chegam, e a gente sabe por quê, né? E aí no meio da conversa, conversa vai, conversa vem, e aí o cara... Ela fala que é sempre assim, o cara para a conversa e fala “Vem cá, você tá... Sério que você tá querendo conversar comigo mesmo?”, e aí ela “Tô, por que?”, “Cê não tá olhando pra mim? Cê tá me vendo?”. Porque assim, passa esse descrédito, o cara não acredita nele, ele não acredita que tem uma mulher, que é bonita, que possa estar interessada nele, né? Passa por essa incredulidade, né? [...] (Julio César, entrevista online realizada em 06 de maio de 2023)

O primeiro elemento desse relato que me chamou atenção foi a ideia da “tara” por pretos gordos relatada por ela. É relevante expor como nesse contexto parece não haver por parte do interlocutor uma identificação de hipersexualização ou fetiche que desumanize esses homens a partir desse elemento. Em outro momento ele também relatou que ela era uma mulher negra, e talvez por isso sua colocação não gerou essa interpretação, somado também à presença de elementos na sua fala que levam a entender que esse desejo não se restringe apenas ao sexo, que há um interesse em assumir uma relação afetiva, inclusive, casar com esses homens, como ela mesma pontua.

Contudo, o destaque maior que estabeleço nesse relato é relativo ao debate sobre os traumas enfrentados por esses homens que os colocam em um local de desconfiança do interesse do outro ou da outra com relação a eles, uma característica que pode ser interpretada como resultado do preterimento no campo afetivo sexual. Ao relatar sobre esse mesmo caso em uma *live* do perfil, o administrador afirma que esse relato é uma prova de como a

gordofobia afeta esses homens, principalmente aqueles que foram gordos desde a infância e enfrentam e lidam com esses traumas na vida adulta.

Não lembro quem falou uma vez, que você recebe tanto “não”, que quando encontra alguém que se interessa você desconfia do afeto, e aí você já antecipa o que vai acontecer lá na frente, a pessoa vai querer te conhecer, vai querer conversar com você, as vezes ter uma brincadeirinha, um relacionamento rápido com você, só sexo e depois vai cada um pra seu lado e quem fica com coração partido achando que tava conseguindo alguma coisa séria é você. Então a pessoa já faz a projeção de que aquilo não vai pra frente [...] e aí os pretos gordos que ela abordava e abria o jogo, falava mesmo que tava afim, de conhecer e etc, os caras deixavam ela falando sozinha, não acreditavam. E aí foi muito legal que ela postou “Por que que uma preta como eu não posso namorar um preto gordo? Tem alguma coisa que proíba? Tem alguma coisa que impeça, não tô entendendo, queria que você me explicasse isso”, e aí eu falei pra ela, comecei a explicar pra ela que o cara sofre, e ele sendo hétero e no meio que ele vive, que é cobrado dele como homem preto, e ele sendo gordo, fora do padrão, todo esse tipo de cobrança que ele sofre. E aí eu falei pra ela, “Cara continua tentando não desista, você vai encontrar um preto gordo que tá vendo que você tá sendo sincera e vai baixar as armas e vai deixar você entrar” (Julio Cesar, *live* em 30 de janeiro de 2022 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Esses relatos demonstram o impacto psicológico e emocional do preterimento, que impedem esses homens de construírem essas relações mesmo quando há um interesse genuíno da outra parte, muitas vezes se auto sabotando no processo por medo de novas rejeições. Esse tipo de impacto abre margem, inclusive, para um outro debate, a respeito da seriedade com a qual são ou não tratadas as violências gordofóbicas diante do argumento de que a gordofobia seria “menos grave” que outras opressões pois há a possibilidade de emagrecimento. Como se a transformação desses corpos em algum momento da vida fosse suficiente para apagar essas experiências negativas, os traumas e padrões de comportamento apreendidos nelas.

Retirar a gordura como processo causal do sofrimento é compreender que o emagrecimento nem sempre trará melhoras na autoestima, mas sim, o questionamento das amarras sociais que nos fazem almejar a perda de peso, com a finalidade de – se amar mais e ser amado. Retomo a citação feita no Epígrafe do trabalho: “Eu via meu corpo como a única moeda de troca que eu tinha para conseguir “amor” [...]” (TOVAR, 2018, p. 65). (BORTOLOZZI e COSTA, 2022)

O argumento de que o emagrecimento é a solução para não sofrer com a gordofobia, além de individualizar um problema que se estabelece em um nível coletivo, também serve para culpabilizar as próprias vítimas. Ademais, os relatos apresentados no perfil demonstram como ter habitado esse corpo gordo, principalmente na infância e adolescência, deixa marcas que podem permanecer mesmo com a mudança externa. Além disso, essa própria mudança estética com o emagrecimento, quando ele é possível, não apaga muitas vezes nem externamente os sinais de que aquele corpo já foi gordo, fazendo com que mesmo quando magros não se enquadrem nos padrões estéticos diante da flacidez da pele e outros sinais

dessa mudança corporal. Assim, mesmo após o emagrecimento chegar mais próximo dos padrões também envolve, por vezes, intervenções cirúrgicas e por isso esta possibilidade está condicionada a realidades econômicas restritas a pequenas partes da população.

Em uma fala anterior, o seguidor Rick Trindade relata que talvez se ele emagrecesse poderia ter uma noção melhor a respeito das causas da sua rejeição no campo afetivo-sexual, se elas vinham do fato de ser um homem preto, um homem gordo ou ambos. Contudo, ele mesmo argumenta em um outro vídeo, que foi inicialmente lançado no seu perfil e repostado no *feed* do C.P.G, como ter vivido boa parte da sua vida com essas características afetou seu contato com uma série de processos considerados “comuns”, e que ele compreende que determinadas experiências ligadas à afetividade, a sexualidade e as possibilidades de romance, não são possíveis de serem compreendidos por ele da mesma maneira que são para pessoas que tiveram a oportunidade de viver plenamente esses processos quando mais jovens, para pessoas que não foram constantemente negadas como ele foi.

Reflexões sobre afeto, solidão, relacionamentos e preterimento são assuntos comumente abordados por esse interlocutor enquanto criador de conteúdo, e a reflexão construída nesse vídeo em específico traz apontamentos muito relevantes para compreender essa argumentação que estou apontando a respeito dos impactos de longo prazo da rejeição causada pela gordofobia e, neste contexto, principalmente pela intersecção da gordofobia e do racismo.

O interlocutor inicia o vídeo afirmando ter 32 anos, morar com a mãe e ser solteiro, e que essa condição gera estranhamento as pessoas que esperam que o padrão de sucesso pessoal seja se formar, trabalhar, casar e ter filhos, e que entende que ele se encontra em um não-lugar que ao mesmo tempo que é sintomático de processos de discriminação, também o permitem ter uma consciência diferente a respeito de como essas relações se estabelecem, observar aqueles que se enquadram e traçar reflexões a partir dali.

“Ah, todo mundo já passou por isso”, mas será mesmo que todo mundo já passou por isso? Na minha vida eu lido com a solidão, com o preterimento, com os momentos de solitude muito frequentemente, desde a infância e adolescência, até hoje na fase adulta. Isso por um lado é meio ruim, mas, por outro lado, eu também usei disso uma oportunidade de observar as pessoas, de observar os comportamentos, de entender... Existe esse lugar de dor e de estranhamento quando você não corresponde algumas expectativas e alguns padrões sociais mas, também existe esse lugar, da possibilidade de observar como as pessoas se comportam, as pessoas que se encaixam e se enquadram nesses padrões. Então eu fiz isso por muito tempo, e até hoje, eu sempre digo que eu tô num não-lugar, e aí a partir desse não-lugar eu observo os comportamentos das pessoas, como elas se comportam em determinadas situações. [...] Enfim, eu entendi também que determinadas possibilidades de vivências eles influenciam também no seu comportamento, com outras pessoas, com vocês mesmo,

na forma como você lida com o seu corpo, com a sua sexualidade, então eu preciso dizer que algumas pessoas esperam de mim determinados comportamentos que eu definitivamente não vou ter, porque eu não tive determinadas vivências assim. Eu sei que é muito fácil acreditar que todo mundo já viveu determinadas coisas, eu sei que é muito fácil acreditar que todo mundo já viveu isso, porque isso é uma coisa que a gente repete com muita frequência, porque tá no nosso imaginário que “Se eu já vivi isso, se algumas pessoas ao meu redor já viveram isso, muito provavelmente todas as pessoas passaram por isso”, então a gente se apega a esse padrão porque é muito mais fácil que pensar fora da caixa e falar “Talvez não, talvez tal pessoa não tenha passado por isso” [...] E eu fico pensando, por exemplo, que um jovem que tá se descobrindo, tá descobrindo seu corpo, a sua sexualidade que entra ali no 15, 16 anos, e ele tem a possibilidade de namorar, de viver um romance, de viver a sua primeira experiência sexual, de descobrir que é alguém desejável, de ir para uma festa, às vezes sem até a intenção de beijar ninguém, mas beijar duas, três bocas, que seja, ou mais, o importante aqui não é a quantidade, mas eu entendo o quanto isso ajuda a modelar o seu comportamento em relação a sexualidade, em relação ao romance, em relação ao afeto, em relação ao amor, e o contrário também é. Quando você não tem essa possibilidade de viver uma experiência sexual ali na adolescência, no início da fase adulta, quando você não tem oportunidade de viver um romance, um amor, também nessa fase, quando você não tem a possibilidade de se enxergar como alguém que pode ser desejado ou desejada numa festa, ou qualquer outro ambiente que você chega e que desperta o interesse de alguém, eu entendo também que isso modela muito a forma com que você se relaciona com você mesmo e com outras pessoas. E eu percebi que as pessoas esperam muito de mim alguns tipos de comportamento em relação a isso, a sexualidade, a afetividade e eu percebi que eu não vou ter, eu não vou ter porque eu não tive essa base, eu não vou ter porque eu não tive essa vivência [...] (Rick Trindade, vídeo postado no *feed* do @canal_do_preto_gordo em 29 de julho de 2023)

Portanto, o que o administrador do C.P.G tenta explicar para aquela mulher, que o procura revoltada com a não aceitação das suas investidas por parte dos pretos gordos, é que existem homens que passaram por vivências diferentes, vivências atravessadas por traumas que os impedem de estarem abertos a essa aproximação. Rick ainda completa o relato explicando sobre o sofrimento envolvido no “não” recebido por eles, e o quanto esse ato de “receber um fora” pode ter impactos diferentes a depender de quem está sendo negado, a quanto tempo a pessoa lida com essas negativas e qual a premissa dessa rejeição, isto é, se ela diz respeito a uma falta de interesse ocasional ou está vinculada a um local de ojeriza sobre seu corpo, sua identidade, sua existência no mundo.

[...] Então não, tem coisas que eu não vou conseguir fazer, tem comportamentos que eu não vou conseguir ter, eu nunca saio, por exemplo, pra uma festa achando que alguém vai se interessar por mim, isso não é uma possibilidade pra mim, então eu vou pra uma festa pra me divertir, pra cantar, pra pular, pra curtir ali com as amigadas. Eu nunca vou com esse intuito de “ah, hoje eu quero beijar na boca”, então se a pessoa se interessou por mim ela tem que ser muito clara, muito direta, justamente porque eu não quero transformar um momento que já é tão raro, porque eu não sou uma pessoa muito de festas, então quando eu vou é porque eu tô com muita vontade de ir, em um momento de “Ai, de frustração”. Porque assim, a questão não é só o “não”, porque o “não” todo mundo recebe, é muito comum, mas eu acho que existe um processo muito de desumanização nesse “não”, sabe? A depender de quem está falando o “não” e a depender de quem está recebendo o “não”. Então é tipo, pra muitas pessoas ter alguém como eu interessado por elas é quase uma ofensa, então o “não”

vem muito nesse lugar de tipo “Quem você pensa que é? Quem você tá pensando que é pra se interessar por mim?” e às vezes na pessoa desperta uma culpa, uma responsabilidade do tipo “Ah, que indícios eu dei pra essa pessoa achar que ela pode ficar comigo?”, então eu evito muito esses desgastes [...] (Rick Trindade, vídeo postado no feed do @canal_do_preto_gordo em 29 de julho de 2023)

Esse processo de medo da rejeição somado à cobrança social de que os homens sejam os que dão “o primeiro passo no jogo da conquista”, aqueles que tomam a iniciativa, especialmente se tratando das relações heterossexuais, pode gerar nesses pretos gordos um descompasso ainda maior em comparação com padrões hegemônicos de masculinidade, aumentando sua sensação de inadequação e afetando a construção da identidade e autoimagem desses homens. O administrador do C.P.G reflete sobre isso ainda debatendo sobre a situação da mulher que o procurou via *DM*, argumentando que o fato de ela tomar iniciativa também pode “assustar esses homens”, por não ser o comportamento esperado nas relações heterossexuais, contextualizando também as diferenças na experiência dele enquanto homem gay, o que retoma a ideia de diferentes percepções sobre a hipersexualização a partir da orientação sexual.

Olha, pelos héteros eu acho que não, até porque aquela história, porque o homem, né? Geralmente é ele que tem que tomar a iniciativa na abordagem, né? [...] Não é o homem que é abordado geralmente, mas, no meio gay sim, no meio gay isso acontece muito, pra trepar... Aí vou logo no português, pra trepar, pra transar, pra ir pra motel aí serve, mas pra andar de mão dadas na rua, pra ir na praia, pra conhecer a família, aí não é não, entendeu? Isso acontece muito no meio gay [...] Mas, porque assim, por ser um hétero a diferença é, essa abordagem tem que partir dele, então assim, ele também já recebe tanto “não”, que ele já fica... E quando ele consegue alguma coisa, ele até desconfia, e aí ele já se sabotava antes de seguir em frente naquela tentativa de relacionamento quando ele recebe uma resposta positiva das mulheres. Isso é curioso, porque você ao mesmo tempo que se sabotava, você reclama que não consegue ninguém, mas porra, você se sabotava cara, eu sei que é ruim, eu sei, eu já passei por isso, o Tom já passou por isso, todo preto gordo já passou por isso, eu sei é horrível você vislumbrar que pode acontecer alguma coisa e aquilo não acontece, isso machuca, isso mata. A pessoa não quer mais ter esse tipo de experiência e se fecha, eu sei como é isso [...] (Julio Cesar, *live* em 30 de janeiro de 2024 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Guimarães (2022) ao debater a respeito das pesquisas sobre masculinidade empreendidas pelo antropólogo brasileiro Rolf Souza, pontua como a construção das identidades masculinas necessitam da interação coletiva e validação dos pares para se estabelecerem e serem reconhecidas como legítimas. Dentro dessas interações o compartilhamento de experiências entendidas como comuns ao “papel dos homens” são relevantes, e a partir disso podemos pensar como um dos impactos dessas rejeições nos processos de conquista é também a falta de narrativas sobre experiências bem-sucedidas no

campo das relações afetivo-sexuais que prejudicam a autoestima e sociabilidade desses homens na troca com seus pares.

Quando eu comecei a dançar forró lá atrás, eu ia para o forró com uns amigos meus, cara tinha vez que eu voltava para casa com uns 20 “nãos” assim, eu chegava para as meninas “Vamos dançar?”, elas olhavam assim [interpreta um olhar de cima a baixo] “Ah não, obrigado”. Aí eu voltava de carona com os meninos e todo mundo conversava “Nossa véi, dancei assim e tal” e eu só ficava calado e os meninos ficavam conversando “Nossa peguei fulana de tal...”, todo mundo falava e eu só calado e aquilo na minha cabeça, né? [...] (Caio César, *live* em 5 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

No relato anterior, o interlocutor destaca como esse processo de compartilhar as conquistas, o “sim” recebido durante a festa, estava presente no convívio com os amigos e ele permanecia calado por não ter as mesmas experiências positivas para compartilhar. Ainda no relato de Rick, ele também evoca a ideia do constrangimento, da vergonha de não ter as mesmas experiências para compartilhar, o que se associa ao debate de como esse lugar do preterimento afeta a construção dessas identidades, que não participam plenamente de experiências tidas como comuns, que não são acessadas com facilidade por esses homens que estão fora do padrão estético hegemônico.

É muito mais fácil achar que as pessoas se enquadram num padrão de experiências e não é assim, às vezes as pessoas sentem vergonha de falar. Já aconteceu muito comigo, de eu tá em grupos de amizade e as pessoas falarem de coisas que eu nunca vivi e eu me senti ali sufocado, me senti constrangido porque eu não tinha o que falar, e as pessoas percebem. [...] Eu gravei um vídeo falando sobre quem pode dizer “não” e um rapaz comentou, me mandou uma *DM* falando que ele refletiu quantas vezes ele disse “sim” querendo dizer “não”, e quanto dizer “não” também não era uma possibilidade pra ele porque ele não podia perder a oportunidade. Eu acho que isso acontece muito, com muita gente, que é tentar performar um tipo de comportamento, um tipo de vivência que não cabe nas nossas experiências, que não cabe na nossa vida, e que no fundo eu entendo que é uma maneira de se sentir inserido, uma maneira de ter o que contar também, não se sentir tão estranho assim no meio das pessoas. Ao mesmo tempo é se colocar também em situações que às vezes você não quer viver e às vezes você não quer se colocar, mas você se coloca justamente por isso. (Rick Trindade, vídeo postado no feed do @canal_do_preto_gordo em 29 de julho de 2023)

Rick destaca também como o esforço em se enquadrar nessas experiências pode levar a passar por cima do próprio desejo, aceitar situações que gostaria de negar por medo de que não tenha outras oportunidades de viver algo parecido, tentar performar o tipo de experiência exigida como normal para ser parte do grupo. Um movimento análogo às reflexões empreendidas por Tatiana Nascimento, que apresentei no início desse tópico, a respeito da “gratidão afetiva sexual” de pessoas gordas. Assim, o outro lado da moeda de não conseguir lidar bem com a investida do outro, de negar esse contato, como nas experiências relatadas

pela mulher que procurou o perfil, seria esse de aceitar toda e qualquer investida, pelo medo de não ser desejado novamente.

Diante dessas reflexões, o interlocutor se dedica a compartilhar as próprias experiências e tranquilizar outros sujeitos que vivem esses processos, afirmando que eles não são “esquisitos” ou “ruins” por não conseguirem cumprir esse roteiro esperado e que devem começar também a acolher suas trajetórias.

E não é um problema não ter o que falar, não é um problema falar sobre outras vivências, falar sobre outras perspectivas. Eu acho que é importante, porque existem pessoas que passam pelo mesmo que você e que elas também se sentem sufocadas, elas também se sentem constrangidas e elas não conseguem falar justamente porque elas acham que elas vão ser julgadas, porque elas acham que elas vão ser olhadas de forma diferente. (Rick Trindade, vídeo postado no feed do @canal_do_preto_gordo em 29 de julho de 2023)

Munido também desse intuito e buscando reafirmar o perfil como local seguro para essas trocas de experiências, para expor e debater coletivamente sobre essas vulnerabilidades, o administrador compartilhou o vídeo desse preto gordo no *feed* do C.P.G com a seguinte legenda “A solidão e o preterimento obrigaram o @ricktrindade a criar métodos para aprender a lidar com os desejos sexuais, afetivos e românticos! E você, preto gordo! Se identifica com ele? Assista a mais um vídeo pra te fazer refletir! Comenta aqui embaixo”.

FIGURA 30: Desabafo via Caixinha



Fonte: Captura de tela dos *stories* do perfil @canal_do_preto_gordo realizada pela autora em 13 de novembro de 2023.

Não havia comentários na publicação, mas os relatos chegam ao C.P.G por outras vias, como nas caixinhas, que assim como o contato via *DM*, tem a vantagem de preservar a identidade desses seguidores, permitindo que se sintam mais confortáveis para compartilhar suas inseguranças. Como é possível visualizar na Figura 30, apresentada anteriormente.

Esse é um movimento relevante dentro da construção de debates antigordofóbicos a partir das vivências de homens gordos, visto que como afirmam Costa e Bortolozzi (2022) o debate sobre os impactos negativos da gordofobia nas experiências afetivas sexuais é também protagonizado pelas mulheres gordas, sendo mais difícil encontrar material a respeito da experiência desses homens gordos, como se encontra sobre mulheres gordas, sejam nas pesquisas acadêmicas ou nos relatos nas redes sociais online.

Patricio (2023), reflete como a arte pode ser uma via para a expressão desses sentimentos e experiências no caso dos homens negros, ao analisar a música “Autoestima” do cantor baiano Diogo Álvaro Ferreira, conhecido publicamente pelo seu nome artístico de Baco Exu do Blues. A letra da música aborda vários aspectos que constituem a experiência do cantor enquanto um homem negro, a negação ou ocultação dos seus sentimentos, suas dores, a busca por próteses de masculinidade (GONÇALVES, 2021) através de objetos de status econômico como carros, joias e tênis caros, assim como o uso de drogas também analisado por Patricio (2023) como um mecanismo de fuga e vazão dos sentimentos. Contudo, Baco não é apenas um homem negro retinto, ele também já foi um homem gordo.

FIGURA 30: Comentários sobre o emagrecimento e sexualização de Baco



Fonte: Montagem feita pela autora com duas capturas de postagens do *Twitter*, realizadas em 21 de maio de 2024.

Na música⁸⁶ Baco diz “Foram vinte e cinco anos pra eu me achar lindo. Sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de gosto. E agora querem que eu entenda seu afeto repentino. Eu só tô tentando achar a autoestima que roubaram de mim [...] De nós, de mim.”, expressando um movimento que dialoga com as reflexões apontadas aqui pelos interlocutores a respeito dessa dificuldade de lidar com essa atenção e desejo, que no caso dos homens negros, são muitas vezes provenientes da hipersexualização.

Contudo, Patricio (2023) afirma que nesse ato de expressar publicamente seus sentimentos, inseguranças e dores, o cantor promove um processo de mudança nas engrenagens sociais ao desafiar os estereótipos impostos historicamente a homens negros, que cerceiam suas capacidades de expressar emoções e os limitam apenas a suas capacidades físicas focadas na expressão da agressividade e do sexo.

Nesse contexto, é essencial compreender que a capacidade de Baco Exu do Blues de expressar suas emoções de forma autêntica e sem censura não apenas desafia os estereótipos prejudiciais impostos aos homens negros, mas também serve como um ato de resistência e empoderamento. Ao fazê-lo, ele não apenas reivindica seu direito de ser humano completo, com sentimentos e fragilidades, mas também abre espaço para outros indivíduos negros compartilharem suas experiências de vida de maneira genuína (PATRICIO, 2023, p. 15-16)

No caso do Canal do Preto Gordo, identifico também esse movimento de expressão tão relevante a partir de debates impulsionados pelo contexto das reflexões sobre masculinidades negras, que avança no sentido de abordar temáticas como a hipersexualização, preterimento e solidão nas relações afetivas e sexuais a partir do impacto do racismo. Mas, também a partir da atuação do próprio ativismo gordo, que também impulsiona esse tipo de compartilhamento e reflexão sobre as próprias vulnerabilidades. Abordar essas temáticas é desafiar o silêncio convencionado aos padrões de masculinidades que definem que “homens fortes” não expõe suas dores, fenômeno que também é central na análise que desenvolvi no próximo subtópico e da compreensão a respeito do engajamento dos homens com a luta antigordofóbica.

5.2.2 O “gordinho engraçado”: pretos gordos e o humor autodepreciativo como estratégia para mascarar processos de vulnerabilidade.

Uma das representações estereotipadas de pessoas gordas mais presentes nas mídias é a da comicidade, a associação da existência gorda a algo cômico, o corpo gordo representado

⁸⁶ Música “Autoestima”, Baco Exu do Blues, <https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE>.

como risível a partir de estigmas que caracterizam pessoas gordas como desajeitadas, gluttonas, bobas e anormais. Muito antes da representação de personagens gordos estereotipados em novelas e filmes, ou dos atuais *memes*⁸⁷ gordofóbicos, como a presença massiva de vídeos de humor em plataformas como *Youtube* e *TikTok* com títulos como “gordo fazendo gordices”, desde o século passado há registros do uso das “figuras de gordos” na imprensa humorística nacional. A exemplo da pesquisa de Santanna (2016), que aponta como parte da construção do riso diante dessas representações se baseava em seu “aspecto fenomenal”, ou seja, na abordagem dessas pessoas, especialmente dos gordos maiores, a partir de um caráter de exotividade.

Na imprensa nacional, vários obesos de ambos os sexos apareciam como fenômenos a ser curiosamente vistos em espetáculos circenses e feiras populares. A tendência é antiga e incorpora-se à tradição de bizarrices anatômicas sujeitas ao entretenimento alheio, distantes do sentimento de compaixão [...] os obesos figuravam, em grande medida, como curiosidades, verdadeiros fenômenos, capazes de surpreender e fazer rir. (SANTANNA, 2019, p.23)

A exposição pública de pessoas consideradas anormais e exóticas é uma violência que atingiu também outros grupos estigmatizados, como pessoas com deficiência, ou, como também pontuo em minha pesquisa monografia anterior, em diversos contextos coloniais, com pessoas negras que eram expostas nas chamadas exposições etnológicas, conhecidas também como “zoológicos humanos” (SANTOS, 2021). Explorar o lugar da diferença como elemento que provoca curiosidade, nojo, desejo, medo e riso tem uma relação histórica com a constituição de discursos de ódio⁸⁸, na atualidade essa exposição ganha outros contornos possíveis através das representações estereotipadas de grupos subalternizados exploradas em produções audiovisuais, principalmente no conteúdo de gênero humorísticos.

[...] as “piadas”, embora materialmente se revistam de todas as características do discurso de ódio, os contornos irreverentes e de humor, dissimulam seu conteúdo e, assim, os componentes que caracterizam o ódio ficam disfarçados, acabam sendo transmitidos de forma velada, implícita, e passam despercebidas, embora estejam subliminarmente se prestando a propósitos semelhantes [...] (FREITAS, 2016, 170)

⁸⁷ *Meme* é o nome dado a conteúdos virais de humor que se compartilham em plataformas virtuais, em geral são compostos por uma imagem com frases escritas, mas também se qualificam como *memes* alguns vídeos, imagens sem inscrições, *prints* de conversas e outros materiais criados com a intenção de passar uma mensagem cômica.

⁸⁸ “[...] em linhas gerais, o discurso de ódio é uma manifestação de linguagem escrita ou oral que visa à incitação de discriminação, hostilidade e violência contra pessoa ou grupo de indivíduos, em virtude de sua orientação sexual, gênero, raça, religião, nacionalidade, condição física ou outra característica” (SARMENTO, 2006 apud FREITAS, 2016, p.170).

Neste subtópico, exploro um elemento complexo da manutenção de opressões através dos discursos humorísticos, que é a sua reprodução por parte dos próprios sujeitos atingidos por eles, mais especificamente o processo relatado pelos pretos gordos do perfil a respeito das suas relações com o estereótipo do “gordinho engraçado”.

Quando me recordo dos poucos homens gordos de destaque na rede aberta de televisão nacional, um dos primeiros nomes que vêm à minha memória é do apresentador Fausto Silva, mais conhecido como Faustão. Me recordo certamente da raiva que comecei a sentir durante a adolescência e início da vida adulta diante daquela presença, constante em todos os domingos na televisão da casa dos meus pais, que destilava comentários preconceituosos ao longo do programa, principalmente no quadro das “Videocassetadas”⁸⁹.

Suas “piadas” eram incômodas pra mim, e com o passar do tempo fui enxergando cada vez mais Faustão como um exemplo de contradição, um homem gordo que ridicularizava outras pessoas gordas em rede nacional com muita frequência⁹⁰, uma figura usada, inclusive, por outras pessoas para legitimar esse tipo de humor, afinal, “Se até ele faz piada com isso, porque tem problema?”.

Com o tempo e aprofundamento nos estudos antigordofóbicos, passo do sentimento de indignação, motivado pela minha experiência pessoal, para uma compreensão de como a gordofobia e o auto ódio internalizados atuam nesse, e em tantos outros casos, em que humoristas gordos usam seus próprios corpos e vivências como pauta para reprodução de estereótipos gordofóbicos considerados cômicos. Ademais, localizo como esse é um papel exercido quase exclusivamente por homens.

Há alguns anos assisti a um show de *stand up*⁹¹, disponível na plataforma da *Netflix*, chamado “Nanette”, escrito e estrelado pela comediantes, escritora, atriz e apresentadora de televisão Hannah Gadsby. Ela inicia a apresentação contando uma série de piadas a respeito

⁸⁹As “Videocassetadas” se tornaram uma marca registrada do apresentador, o acompanhando desde de 1989, quando ele estreou no programa “Domingão da Globo”, o quadro televisivo só foi encerrado em 2023, 33 anos após seu lançamento. Elas consistiam basicamente em “[...] vídeos caseiros que apresentavam pessoas ou animais em situações constrangedoras” (VAQUER, 2023), um produto cultural importado de programas estadunidenses, sendo, inclusive, boa parte do material exibido nas duas primeiras décadas do quadro proveniente de uma produtora dos Estados Unidos.

⁹⁰Alguns exemplos além das “Videocassetadas”, são os casos que viralizaram como as colocações gordofóbicas ao receber a a modelo plus size Janaina Graciele em seu programa (SILVA, 2020), a atriz Mariana Xavier que também participar como convidada do seu quadro “Dança dos Famosos” (Viver/Diário, 2017) e Thiago Abravanel interpretou a cantora Gaby Amaranto no mesmo quadro quando (Da Redação, 2018).

⁹¹ O *stand up comedy* é gênero humorístico importado dos Estados Unidos que foi incorporado no Brasil em casas de espetáculo, shows de comédia, programas televisivos e canais de redes sociais online, segundo Freitas (2016) no [...] formato *stand up* (que em português quer dizer, em pé), uma ou um humorista, fica em pé, seja num palco ou em outro local e, não conta piadas prontas, apenas se apropria de fatos do dia-a-dia, de onde tira as situações de humor, sem se utilizar de recursos como cenários, vestimentas, caracterização de personagens etc., é apenas artista e plateia.” (p. 167).

do seu processo enquanto uma mulher lésbica e desfeminizada, nascida na Austrália em um período em que a homossexualidade era não apenas um grande tabu, mas também criminalizada no país. Na narrativa apresentada no seu *stand up*, após tratar de forma humorística muitos episódios violentos que experienciou na sua trajetória, ela concluiu anunciando que pretende deixar a comédia, refletindo que aquela não era mais a forma com a qual ela gostaria de contar sua própria história, seus próprios traumas.

Assim, identifico como elemento principal dessa produção o debate que Hannah estava propondo sobre como pessoas que se encontram em locais marginalizados por algum elemento dos seus corpos, identidades e vivências, geralmente só podem acessar o espaço do humor através de um processo de autodepreciação. Enquanto pessoas ajustadas a norma vigente — e cabe destacar, em geral homens brancos, cis, heterossexuais, magros e sem deficiências — baseiam sua produção de humor na exposição e ridicularização de pessoas que estão fora desse padrão, acionando elementos misóginos, racistas, capacitistas, LGBTQIAP+fóbicos, xenofóbicos e gordofóbicos para construir suas narrativas sobre o Outro, o diferente que causa riso, esses Outros em geral encontram espaço nessa indústria humorística tendo que se adaptar a esse processo de fazer de si próprios a piada⁹².

Lúcia Freitas (2016) analisa a reprodução de discursos de ódio no gênero humorístico do *stand up*, a partir de exemplos de humoristas brasileiros como Rafinha Bastos, Danilo Gentili e Léo Lins, homens que se encaixam em um padrão hegemônico de masculinidade e tem produzido um conteúdo de humo repleto de discursos de ódio a grupos historicamente oprimidos. A respeito do conteúdo das suas piadas, a autora argumenta que:

[...] a mensagem intrínseca nelas repassada é a de que as pessoas aí satirizadas e depreciadas possuem características biológicas e físicas, portanto naturais, que as tornam diferentes das demais e as mantêm em posição de desigualdade social. Portanto, as piadas ajudam a criar, manter e reforçar tipos sociais estigmatizados e comportamentos estigmatizantes e, em certa medida, bem violentos. (p.172)

Diante desse contexto, meu foco nesse tópico não é analisar a comédia produzida de forma profissional, mas os usos do humor como estratégia acionada no cotidiano de pretos gordos do perfil, buscando compreender como o discurso cômico sobre si próprios é usado como forma de autodefesa diante da estigmatização vinda de terceiros, e de que maneira essa

⁹² Existem sim outras produção de contra narrativa, em que mulheres, pessoas negras e indígenas, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIAP+ e outras que eram apenas pauta das piadas, começam a usar essa ferramenta para exporem a própria norma, mas quando pensamos de uma forma estrutural, o que está vinculado de maneira mais massiva, na televisão aberta, por exemplo, ainda é majoritariamente guiado por esse padrão.

estratégia dialoga com construções de masculinidades hegemônicas através da reafirmação da postura de não expor suas vulnerabilidades.

O gordo na comédia ele sempre foi muito valorizado, sempre foi muito engraçado, mas não pelas coisas legais. Ele nunca tava se impondo, ele sempre tava se rebaixando, então é um pouquinho complicado, mas é um pouquinho mais fácil porque quando um gordo sobe no palco a pessoa já tá fazendo assim: “Esse gordo vai fazer eu rir”, entendeu? Mas, é porque a gente é mais feliz, porque a vida tá massacrando tanto a gente ali, de todos os lados, então a gente tá sempre procurando trazer alegria. (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Entre os interlocutores analisados, um deles, Moisés Viegas, é comediante de forma profissional. No relato anterior, ele apresenta alguns elementos que dizem sobre sua percepção de que a “valorização” do corpo gordo na comédia não ocorre de uma forma positiva e sim pelo exercício de se rebaixar e por um processo que já identifica neles o humor não pela construção das suas piadas, pela sua capacidade de apresentação, mas pela sua existência, como um corpo que já provoca riso de antemão. Contudo, é relevante observar como o interlocutor também afirma que eles são “mais felizes”, porque essa é uma forma de lidar com as violências que precisam ser enfrentadas enquanto homens gordos, e neste caso especificamente enquanto homens gordos e negros.

Você é preto e gordo, você é sempre o alvo maior. Eu costumava dizer que era tipo *McLanche Feliz*, tá ligado? Você pede um e vem dois, porque quando acabava as “brincadeiras”, disfarçadas de ofensa, por ser negro, vinha ofensa por ser gordo, quando não vinha as duas juntas. Uma vez quando eu comecei a desenvolver meu senso cômico, ‘porque... Mano, eu pensei, eu tenho que sair disso daqui. Porque eu sempre fui uma pessoa muito da paz, embora eu fosse um pouco maior que as outras crianças eu não tinha a malícia de bater [...] Eu era maior, mas sofria *bullying* de uns caras três vezes menor que eu, porque eu sempre fui muito tranquilo. Então, tenho que dar um jeito, porque não posso bater, minha mãe disse que não posso bater, então tenho que arrumar um jeito de pensar aí, para eu responder esse *bullying*. (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Essa narrativa do “*bullying* na escola” está presente em quase todos os relatos que identifiquei a respeito desse uso do humor entre os seguidores do perfil, diante disso considero relevante incluir um adendo para pontuar que compreendo que a noção de *bullying*⁹³, que ganhou destaque na última década, mascara questões relevantes na análise dos

⁹³No *site* do Ministério da Educação sua descrição é a seguinte, “Também chamado de intimidação sistemática, é considerado *bullying* “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.”(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, n.p), relevante destacar nessa conceituação a ideia de que essa violência ocorre “sem motivo aparente”, visto que, mesmo afirmando que há “relações de desequilíbrio de poder” em muitos momentos essas relações não são nomeadas.

casos de violência que acometem principalmente os jovens no ambiente escolar. É preciso demarcar que estamos falando nesses casos de violências que tem nome e um histórico de produções a respeito delas, então, destaco como considero mais coerente abordá-las como casos de racismo, gordofobia, capacitismo, misoginia, intolerância religiosa, xenofobia, LGBTQIAP+fobia e outras expressões de violência que são majoritariamente motivadoras desse tipo de perseguição.

Além disto, importar essa narrativa do *bullying* faz com que se analise os casos a partir de uma ótica que espera encontrar sujeitos pré-definidos nesses lugares, como a ideia de que o “cara fortão” é o que pratica o *bullying* contra aqueles considerados mais fracos fisicamente, e nem sempre essa é a questão chave da intimidação, como o próprio Moisés relata. Apesar de ser maior que as outras crianças, usar a violência física como defesa não era uma opção no seu horizonte de ferramentas para lidar com a situação.

Ademais, seguindo essa lógica, há risco desses pretos gordos terem seus pedidos de ajuda com relação a esse tipo de violência negligenciados pela prevalência de certos estereótipos que os localizam como “mais fortes e resistentes”, a partir de uma desumanização que começa ainda na infância desses meninos negros, e no caso dos pretos gordos, ainda é reafirmada diante da característica de serem “grandes demais”. Ao falar sobre estereótipos masculinos em uma *live* do perfil, retomando frases prontas que marcam essas experiências com a ideia de que “homens não choram”, um dos seguidores relatou que uma frase ainda mais específica marca a vivência dele enquanto um preto gordo: “Um negão desse tamanho chorando?”.

Outro interlocutor aponta uma experiência da sua infância, em que passou por um processo de exclusão por parte de uma colega na escola por ser uma criança negra e periférica, e relembra que começou a chorar na sala de aula e a professora não o acolheu de maneira inicial, só deu atenção à situação quando uma outra colega apontou isso e ainda assim se questionavam o porquê do choro, se era algo muito grave.

[...] quando eu ouvi aquilo, eu falei, “Peraí cara, todo mundo chora aqui o tempo todo”. Uma chora porque mijou na calça, a outra chora porque a mãe demorou a vim buscar, o outro chora... Sabe? Todo mundo é criança e chora pra caralho, e eu não posso chorar? Quando eu choro tem que ser um negócio muito grave? [...] Óbvio que isso não se organizou dessa forma na minha cabeça, mas enquanto criança eu comecei a entender isso. Peraí, é muito diferente comigo essa parada, vamo começar a entender que tipo de lugar é esse que estão me colocando. E aí eu fui entendendo que o “homem preto” era esse lugar, sabe? (Jefferson Rodrigues, *live* em 16 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Souza (2009) aponta dados sobre como meninos negros são menos encorajados que meninas negras e brancas, ou meninos brancos, por professoras e professores no ambiente escolar. Além disso, o autor argumenta que há um estereótipo que recai sobre eles, desde muito jovens, de que meninos negros são “um problema”, o que faz com que se estabeleça uma noção de que eles não mereceriam investimentos das e dos docentes, inclusive, investimento afetivo nesse ambiente escolar.

Assim, essas experiências marcadas pela desumanização produzida pelo racismo configuram uma masculinidade em que esses homens negros são ainda mais empurrados para esse lugar da insensibilidade, da impossibilidade de terem seus sentimentos legitimados e acolhidos, e no caso dos pretos gordos, essa desumanização é ainda aprofundada pela gordofobia que também impacta no desenvolvimento de empatia pelo seu sofrimento.

Diante desse contexto, a estratégia do humor, de ser o “gordinho engraçado” começa a ser acionada por esses pretos gordos a partir da percepção de que “rir primeiro” é uma solução, para poder pelo menos “rir junto” e não apenas ser o alvo das piadas, ser apenas a vítima. Mesmo que eles continuem sendo atingidos por essas ofensas em forma de brincadeiras e piadas, assumir esta identidade de ser “o cara engraçado” também fornecia um lugar de agência, que no caso da trajetória do interlocutor se apresenta, inclusive, através da possibilidade de revidar essa violência.

Não vou falar que o *bullying* acabou, não acabou, mas ele diminuiu [...] Depois eu comecei a sacar, que se ele mandasse um apelido, eu concordasse e me zoasse, ele se abria e aí na hora que ele se abria eu dava um enorme pra ele. Tem apelidos que eu dei para as pessoas que ficou até hoje. (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

A fala do interlocutor demonstra que ele entendeu uma lógica que conseguia de certa forma “desarmar” aqueles que o atacavam, ele concordava com a própria ofensa e diante da falta de resistência ou demonstração de sofrimento, se tornava um alvo menos interessante. Além disso, ele argumenta que “zoar junto” com aqueles outros meninos fazia com que eles “se abrissem”, ou seja, se tornassem mais receptivos a ele, e diante dessa brecha, era ele quem conseguia o direito de atacar de volta, de também criar um apelido ofensivo para os outros. Ademais, esse processo de se mostrar como um igual, ao aderir ao rito do grupo, fazia não só com que ele se tornasse uma vítima menos interessante, por “não se importar”, como também começou a fazer com que ele vislumbra-se maneiras de receber a validação desses pares através do domínio do humor.

Antes de eu ter esse *insight* de devolver a gastação, as piadas é que faziam tirar esse foco de mim. Aí eu contava a piada, o cara ria, não mexia. Na minha escola, naquela época, se você contava uma piada suja você era um “bambambã”, né? Então tinha esses momentos assim que eu contava uma piada e me salvava. (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Esta validação é central na construção de identidades masculinas. Souza (2003), ao debater a respeito da masculinidade enquanto experiência coletiva, argumenta que ela é desenvolvida por intermédio de uma série de ritos, testes e provas que são “[...] concebidas para o sujeito responder publicamente se ele é ou não é um homem [...]” (p.69), em uma lógica que “[...] faz com que os homens busquem sistematicamente inserção em práticas coletivas através das quais irá, pelo desempenho, garantir para si visibilidade e status social [...]” (p.69). No caso relatado, contar “piadas sujas” era parte desse rito que podia fazer um menino ser reconhecido como o “bambambã”, ou seja, alguém prestigiado, admirado pelos demais.

Gonçalves (2022) também debate a respeito dessa construção coletiva das masculinidades que demanda tanto da relação com as mulheres, consideradas como opostas numa lógica dicotômica de gênero, quando da aprovação de outros homens enquanto seus pares. Ao dialogar com o conceito de “mandato de masculinidade” ela pontua como a violência e o risco fazem parte de muitos ritos e provas de iniciação masculinas, de maneira que podemos entender que contar piadas consideradas “suja”, ou seja, proibidas por um conteúdo que provavelmente envolve elementos sexuais e/ou discursos de ódio, dialoga com esses dois elementos, da expressão da violência e do enfrentamento do risco de desenvolver essa atividade em um ambiente controlado e mediado por sanções, como é a escola.

Quando o interlocutor afirma também que as piadas tiravam o foco dele, me recordei de um relato do Jô Soares, uma outra figura masculina, que assim como Faustão, faz parte da representação de homens gordos com prestígio na televisão associados a esse lugar humorístico. Acessei um relato dele, em uma das reportagens que noticiaram a sua morte em 2014, em que o jornalista Roberto D'Avila relembrou um fala sua a respeito de como o humor foi usado em sua trajetória como uma forma de lidar com a gordofobia, “O humor foi a minha maneira de ser diferente em vez de ser diferente pelo fato de ser gordo” (SPLASH UOL, 2022).

Compreendo, então, que essa operação também é acionada pelo interlocutor, que passa a ser lembrado naquele momento não apenas como “o gordo” que é motivo de graça, mas sim como “o gordo engraçado”, que também tem agência sobre esse riso, mesmo que esse processo custe a aceitação de ofensas sobre si.

Assim, há casos em que essa característica do “ser engraçado” é abraçada por esses homens como algo positivo e, inclusive, intrínseco das suas personalidades⁹⁴, como demonstra o diálogo da *live* de 16 de setembro de 2022, com outro seguidor, que além de preto gordo é também uma pessoa com deficiência. Em seu relato ele se descreve como “brincalhão”, alguém que “sempre foi assim”, sempre gostou de “zoar”, mesmo diante da provocação do administrador a respeito desse movimento como um processo de autossabotagem.

Lucas Moraes - [...] fora que eu sempre tentei antecipar as brincadeiras, se eu via que alguém ia me zoar por alguma coisa eu sempre tentava antecipar, então antes de você fazer comigo, eu chegava e zoava.

Julio Cesar - Mas você já se sabotava, já usava essa ferramenta?

Lucas Moraes - Já, já. Já zoava, eu sempre fui assim, de querer zoar. Eu sempre fui muito brincalhão, de brincar, de zoar. Então eu sempre antecipei, sempre antecipava isso.

Contudo, no perfil há também outros casos nos quais os seguidores relatam como representar esse papel gerou danos emocionais e reconhecem que esse não é um mecanismo saudável.

Como criança também, criança, nossa, assim, foi terrível a época de escola [...] Então desde a época de escola eu criei uma proteção, só que não é uma proteção positiva, eu pegava, quando as pessoas me zoavam ou queriam fazer chacota de mim, eu mesmo me colocava nesse papel e já me auto zoando pra deixar a pessoa sem graça, entendeu? [...] e eu fui fazendo isso ao longo dos anos na escola, mas eu vi que isso não é saudável pra mim, porque eu me colocava, tipo, a pessoa nem me zoava e eu já me colocava num papel de inferior, pra deixar a pessoa sem graça, mas isso também acabava comigo. (Renato Lima, *live* em 5 de setembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Assim como outro exemplo, de um interlocutor que relata que esse é um lugar desconfortável porque que entende que ser enquadrado nesse estereótipo do “gordinho engraçado” cobrava um preço considerado negativo para ele, o de não ser tratado com seriedade, não ser “levado a sério”. “As pessoas nunca me levaram a sério. Durante a vida toda as pessoas nunca me levavam a sério. Eu sempre tinha que ser o cara engraçado, eu

⁹⁴ Analisar esses casos não significa generalizar que todo contato com o humor é mediado por essa experiência traumática, pessoas gordas podem ser humoristas e comediantes, ou mesmo constituírem uma personalidade que apresenta facilidade com esse tipo de descontração, não quero com isso reforçar outra caracterização limitante. Contudo, os casos apresentados aqui demonstram essa associação do humor como estratégia de defesa, na própria fala do Lucas há o elemento de “se zoar” primeiro, ou seja, o desenvolvimento dessa ação a partir da presença da violência vinda do outro, mesmo que não percebida é anunciada por ele dessa forma.

sempre tinha que ser motivo de piada de todo mundo” (Eduardo Filho, *live* em 12 de dezembro de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo).

Um dos danos desse processo é que a cristalização das suas identidades nesse lugar faz com que as pessoas não esperem outras ações vindas desses homens, não reconheçam suas potencialidades em outros aspectos, associam sempre suas imagens a essa representação do cômico. Como relata o seguidor que é sambista, apontando como fica orgulhoso de poder ir além da expectativa das pessoas quando ele se apresenta.

[...] hoje eu quebro barreiras e eu tenho aquele gostinho de subir no palco e as pessoas assim “Oh o gordinho, ah engraçado, que não sei que lá”, quando eu começo a sambar as pessoas ficam assim “Que isso?”, sabe? Desacreditado daquilo. Ai eu, “É isso aí, isso !”, me dá orgulho, de subir e mostrar que eu posso, entendeu? Então, esse é meu maior orgulho hoje em dia, subir no palco, mostrar que eu posso, que o gordo pode sim, e gordo no topo, né? (Danilo Vieira, *live* em 29 de abril de 2023 no perfil de instagram @canal_do_preto_gordo)

Ainda assim, essa estratégia do humor é acionada, porque mesmo mediante a esses danos, que nem sempre são conscientemente percebidos, assumir esse papel pode em alguns contextos ser uma opção considerada por eles melhor do que lidar com a violência que os atravessa quando não possuem essas ferramentas. Retomando ainda a narrativa inicial, Moisés argumentou na sua última fala que as piadas o “salvaram”, e esse processo pode ser compreendido como ser salvo, inclusive, de danos físicos, mediante a possibilidade de negociar em alguma medida com seus agressores a partir desta estratégias de domínio do humor. Um domínio que, segundo seu relato, pode ser analisado como algo que conferiu alguma legitimidade a sua voz em meio aquele grupo, ainda que através da sua sujeição a outras violências emocionais e psicológicas.

Quando eu cheguei na oitava série eu pensei, eu vou parar com esse *bullying*, eu vou parar com esse *bullying* aqui. Chamei todos os caras que eram os que tinham mais conceito assim na escola e falei “Oh, vamo zuar, vamo zuar, mas vamo fazer um pacto aqui entre nós. Eu não zoo sua mãe, você não zoa a mãe de ninguém, e ninguém pode encostar em ninguém”, e acabou aqui na escola, parou com o *bullying* de machucar fisicamente. Ainda tinham coisas pesadas, mas antes era pior [...] diversas vezes voltei para casa com os braços doloridos de tanto levar soco, minha mãe já foi me buscar na escola porque tinha um repetente que dava pescotapa⁹⁵ [...] eu só senti o peso na minha nuca e apaguei, acordei na sala da diretora [...] (Moisés Viegas, *live* em 9 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

Além do pacto firmado com aqueles meninos acionar um elemento que dialoga com a noção de honra masculina, a partir das mulheres vinculadas diretamente a eles, como a mãe, considerada muitas vezes como uma “figura sagrada” sob a qual as ofensas trocadas se

⁹⁵ Pescotapa é um neologismo criado a partir da junção das palavras “pescoço” e “tapa”, usado para se referir ao ato de bater na região da nuca de alguém.

configuravam como uma violação grave, há também a negociação em torno da violência física. Assim, mesmo ainda precisando lidar com outros danos que, como o interlocutor afirma, eram “coisas pesadas”, essa foi uma saída encontrada por ele para conseguir evitar ao menos as agressões físicas, que chegavam a níveis graves como fazer com que ele desmaiasse na escola.

Apresento também outro diálogo desenvolvido em uma *live* do C.P.G em 9 de abril de 2022, que trouxe à tona um debate sobre a leitura de que homens “lidariam melhor” do que as mulheres com “piadas sobre sua aparência”. Apesar da naturalização dessa ideia em primeiro plano nas falas do convidado, ele também apresenta no desenrolar do diálogo elementos que demonstram que esses homens são impactados sim por esse tipo de ofensa, mesmo desenvolvendo mecanismos diferentes para lidar com essas emoções.

Cleber Dias - Porque assim, o corpo, é mais assim, é mais mulher, homem é mais difícil. Mulher é mais encanada com essa questão de corpo, homem também é, mas homem ainda consegue lidar um pouco, que seja pelo humor, que seja, né? Ele se esconde na casca do humor, mas a mulher é mais... Porque mulher sofre duplamente, né? Porque a mulher tem a questão de ser julgada pela sociedade, né? Não é o corpo padrão, não é o corpo da Thais Araujo, não é o corpo da Iza, né? O cara, assim, a gente... “Ah não é o corpo do Denzel Washington, não é o corpo do Will Smith, vai fazer o que? Não é”. Mas, o homem consegue lidar melhor, né? O homem lida melhor com a questão do corpo, a mulher não.

Julio Cesar questiona - Será mesmo?

Cleber Dias - Não, é porque o homem, ele consegue entrar numa casca de autodefesa muito rápido, por exemplo, você sacanear um homem gordo preto, ele se defende de uma maneira mais ácida, mais sarcástica, nem que depois ele vá pra o banheiro chorar.

Julio Cesar - Ele se sabota para não sabotarem ele. Ele se coloca...

Cleber Dias - Exatamente, ele se sacaneia primeiro pra o cara falar “Pow, não tive nem tempo de sacanear”, e aí perde a graça, mas depois ele vai chorar no banheiro, né? E a mulher não, não sei, parece que o gatilho dela... Não é que é mais lento, mas ela absorve mais, ela toma a porrada e meio que ela desestrutura, sabe? Pois é, cê vira e fala “Cê tá grávida?”, não ela tá gorda, aí já... [...] O cara não, ele fala “É, meu bebê”, não sei que, “parará”, entendeu?

Por mais que o interlocutor afirme duas vezes que esse homem vai chorar escondido depois de passar por essas violências, sua fala ainda carrega elementos que, conscientemente ou não, acabam colocando esse processo de “conseguir responder mais rápido”, ser sarcástico e usar o humor, como elementos positivados, entendendo esse mecanismo como superior ao processo das mulheres que, segundo ele, se “desestruturam” de forma mais imediata diante das críticas.

Ele está neste momento fazendo uma análise da situação e apresenta elementos que demonstram sua consciência de que essa relação é mediada por desigualdades de gênero, que mulheres seriam mais cobradas a partir de suas estéticas e controles sobre seus corpos, mas ainda assim a noção que prevalece nessa fala é que “o homem lida melhor” e essa adjetivação de “melhor” carrega uma valoração que também está arraigada na sua construção de masculinidade. Como se suprimir as emoções e não demonstrar o impacto delas para os demais se configura-se em uma maneira mais eficiente de lidar com a situação, na qual “ser emocional demais” é associado a uma atitude feminina.

Esse é uma chave para pensar na estigmatização que alguns homens parecem temer diante da sua associação com o ativismo gordo, o ato de deixar de fazer a piada e demonstrar seu desconforto, elaborar sobre essas situações a partir de uma lógica interpretativa da gordofobia, pode levá-los a ser entendidos como alguém que “se ofende fácil”, um homem que em vez de controlar seus sentimentos está demonstrando-os, explicitando suas vulnerabilidades publicamente. Um movimento que, além de ser associado a uma atitude feminina, consequentemente também é ligado a homossexualidade, como apontou o relato que apresentei no primeiro tópico deste capítulo, em que o interlocutor afirma que seus colegas de trabalho compreendem que falar sobre gordofobia é “coisa de viadinho”.

Miskolci (2012) nos ajuda a analisar esses elementos através da própria constituição da heteronormatividade brasileira e sua relação intrínseca com nossa situação colonial. O autor apresenta em sua investigação a correlação da construção de identidades masculinas hegemônicas baseadas na heterossexualidade compulsória e na branquitude, que são engajadas por um projeto de nação que em fins do século XIX atendia aos objetivos da elite nacional de construir uma “civilização nos trópicos”, “salvar” o Brasil do que eles compreendiam ser um processo de degeneração associado ao temor da negritude, do elemento racial que poderia impedir o alcance do progresso e civilidade que eles projetavam para o futuro do país.

Nesse contexto, o “elemento homossexual” passa também a ser compreendido como um fator de risco a realização de um projeto embranquecedor que dependia do condicionamento da população a um regime baseado no casamento, na família e na reprodução, e em um diálogo direto com padrões morais constituídos dentro de uma lógica cristã. Diante disso, o autor destaca como o homem branco heterossexual precisava assumir o controle desse regime para que esse projeto biopolítico se concretizasse com sucesso, assim a ideia de controle e autocontrole são centrais na construção dessa masculinidade. Esses homens precisavam controlar outros sujeitos considerados um risco por sua identificação

como seres menos racionais, mais próximos de um lugar instintivo e produtores de tentações que ameaçavam esse “cidadão ideal” na sua missão de realizar esse projeto de nação no país.

Nesse sentido, as mulheres, pessoas negras e homossexuais⁹⁶ são considerados elementos perigosos. Relevante destacar que as mulheres brancas, férteis e consideradas moralmente corretas estavam em uma posição diferente, visto que essas eram um elemento chave nesse projeto, o ventre onde se plantava a semente de um “novo Brasil”. Assim, enquanto essas eram vistas como aquelas que poderiam ser corrompidas pela sua “fraqueza feminina”, os outros dois últimos grupos, onde se incluíam as mulheres negras, eram aqueles que poderiam corromper os “bons elementos nacionais”, gerar desordem a heteronormatividade branca e seus planos de produzir “cidadãos saudáveis”.

Ademais, além do controle desses sujeitos, esse homem modelo precisava também ser educado dentro de um regime de autocontrole, um regime que garantiria sua posição de superioridade diante da uma suposta integridade moral que o impedia de ser corrompido pelo contato com esses “outros degenerados”, assim como a manutenção dos seus corpos dentro de padrões considerados saudáveis e adequados a exigência das normas vigentes, mantendo-se longe de vícios e gerindo suas emoções e desejos.

Portanto, a noção de que o autocontrole das suas emoções é uma característica masculina valorizada aparece na fala do interlocutor, mesmo que todas essas operações não sejam feitas ao nível consciente, essa concepção passa por essa estrutura heteronormativa e branca que constrói uma série de representações, estereótipos e adestramentos de raça, gênero e sexualidade em nossa realidade nacional. Adestramentos esses, que influenciam ainda hoje nos padrões de comportamento masculinos que, mesmo se propondo a repensar esses lugares, especialmente através do debate racial no caso desses interlocutores, ainda sofrem as influências estruturais desse ideal hegemônico de masculinidade. Ideais esses que se apresentam em aprendizados de gênero que ditam, por exemplo, que um “homem de verdade” não se descontrola diante dessas “brincadeiras” gordofóbicas, se ele tiver que chorar, será escondido em seu banheiro, em um lugar íntimo e distante da exposição pública. Na arena pública o que se espera é que ele revide ou demonstre não ser atingido por esses processos.

⁹⁶Segundo Miskolci (2012) há também diferenciações relevantes a partir da racialidade para esses homens homossexuais, visto que os brancos eram também vistos como sujeitos que poderiam até ser “homens de verdade”, coerentes a esse projeto, mas diante da sua falta de controle e fraqueza foram corrompidos. Enquanto os homossexuais negros se associavam uma leitura de que era esperado que fossem degenerados dessa forma, visto que a própria negritude já os localizava em uma leitura mediada pelas lentes da perversão.

Essa característica, inclusive, ganha outras dimensões nas cobranças dirigidas a homens negros, que lidam com o impedimento de êxito na adequação a essa masculinidade hegemônica pelo fato de serem historicamente enquadrados em estereótipos de descontrole e irracionalidade, tendo em vista que essas qualidades foram significadas socialmente como inerentes a masculinidades brancas (MISKOLCI, 2012; SOUZA, 2009; SOUZA, 2021). Ao passo que também lidam com os estereótipos que recaem sobre homens negros associados a sua força, resistência e virilidade, que em muitos casos são também valorizados pelos seus pares, e cobrados deles como prova da sua masculinidade. Em meio a essa tensão homens negros são “[...] frequentemente obrigados a adotar uma masculinidade extremamente rígida em todas as circunstâncias, a fim de ganhar reconhecimento (PATRICIO, 2023, p.6)

A comédia pra mim foi muito com uma couraça que me protegia, porque na escola eu passava por muita coisa e eu respondia com ironia, então como isso deu certo pra mim na escola eu fui levando isso para o resto da minha vida. Aí você junta isso com uma estrutura machista e a pressão que o homem preto sofre nessa estrutura, de ter que se adequar, de ter que ser igual aos outros homens, porque senão eles não te aceitam e tal, você acaba tendo esse comportamento. (Moisés Viegas, *live* de em 19 de dezembro no perfil @canal_do_preto_gordo)

E nem é ser igual aos outros homens, né? O homem negro, a obrigação de ser mais viril é maior, porque “Nossa, um negão desse? Esse negão tem que ser bruto, né?” [...] obrigação de ser mais violento, ser mais rude é maior [...] (Ronan Oliveira, *live* em 19 de dezembro no perfil @canal_do_preto_gordo)

Contudo, retomando ainda o relato de Cleber, há também na argumentação do interlocutor elementos de um debate racial que se apresenta em primeiro plano e faz com que ele compreenda que em uma situação análoga, de constrangimento por piadas racistas, é preciso se posicionar mesmo diante dos custos de exclusão social. Nesse caso, esses mesmos padrões de masculinidade que são acionados no primeiro relato como justificativa para o não enfrentamento do caráter gordofóbico das “piadas sobre o corpo” através de um mecanismo do humor autodepreciativo, não são acionados.

Isso também entra na questão de ser aceito, porque quando você não aceita mais as piadas, por exemplo, eu já escutei muito isso “Ah, mas o Mussum era engraçado porque ele aceitava”. Cara, os Trapalhões eram em 1800 e lá vai bolinha, hoje em dia eu não sou obrigado a aceitar piada escrota [...] E esse é o problema, quando o “*black card*” deixar de ser engraçado, porque aí você vira para os seus amigos e fala “Cara, eu não gosto dessa piada” e eles levam um susto, porque aí eles começam a te enxergar como preto [...] “Ah, peraí, você não gostou dessa piada porque você é preto”. (Cleber Dias, 9 de abril de 2022, no perfil @canal_do_preto_gordo)

Contextualizando o relato acima, o interlocutor se referia ao fato de ser aceito entre pessoas brancas como o “amigo negro”, ou o que ele ironiza chamando de “*black card*”

como um cartão que garante a essas pessoas uma suposta legitimidade de “não serem racistas” por terem pessoas negras em seus ciclos de relações de amizade, processo que também ocorre nas relações familiares e relacionamentos afetivos-sexuais. Contudo, quando o racismo recreativo delas é colocado em exposição, esse “amigo negro” é novamente enquadrado por sua negritude, e possivelmente excluído como “problemático”, com quem “não lida bem” com o que no entendimento da branquitude seria uma “simples piada”. Visto que:

O racismo recreativo segue a lógica tradicional de cordialidade versus hostilidade, que caracteriza as formas de sociabilidade na nossa sociedade: negros podem ter acesso a algum nível de inclusão, desde que não questionem a ordem social baseada no privilégio branco. O racismo recreativo diminui a possibilidade de tensão entre grupos raciais ao afirmar uma cordialidade de caráter assimétrico: ele permite que brancos expressem hostilidade racial, sendo que eles estão certos que tal comportamento não terá consequências legais. Acusações de racismo são vistas por pessoas brancas como uma violação da prerrogativa que elas acreditam ter de poder humilhar pessoas negras. A utilização do humor procura invisibilizar a relevância social da raça, fato responsável pelo surgimento de ordem social racista na qual não há pessoas racistas. (MOREIRA, 2019, p.97-98)

Nesse sentido, o relato do interlocutor, sobre o reconhecimento e enfrentamento do racismo exposto nesses elementos considerados humorísticos, em comparação com a relativização da gordofobia atuando através de mecanismos recreativos análogos, explicita a necessidade de se avançar na visibilidade do debate antigordofóbico, para que compreensões como essas também sejam aprofundadas a respeito das violências contra pessoas gordas, para que assim como os avanços em termos de debate racial fizeram com que posicionamentos de enfrentamento como esses se tornassem cada vez mais possíveis, também possamos contribuir para que as “piadas gordofóbicas” sejam compreendidas como inaceitáveis. Consequentemente fortalecendo esses homens para que a ameaça de não serem mais socialmente incluídos, diante do não cumprimento de estereótipos, como o do “gordinho engraçado”, não sejam suficientes para desencorajar que se posicionem diante dessas situações violentas.

Inclusive, é relevante destacar como a análise da trajetória do ativismo gordo demonstra que as mulheres ao assumirem esse protagonismo também tiveram que lidar com essas sanções. Enquadradas em descrições que nos apontaram como “radicais demais”, como o que ocorreu com as mulheres do *Fat Underground*, e “chatas”, “problemáticas” ou pessoas que “romantizam a obesidade”, como ainda ocorre com pesquisadoras e ativistas gordas no ambiente acadêmico ou nas redes sociais online. Encarar esses ataques, que em sua

constituição refletem estereótipos de gênero que buscam deslegitimar a indignação e denúncia de mulheres sobre situações de violência, fez e faz parte do processo de construção desse ativismo.

De maneira análoga, as pessoas LGBTQIAP+ que também constroem o ativismo gordo, não apenas as identificadas como mulheres, enfrentam ataques que estão interligados com discursos de ódio baseados em estereótipos de gênero e sexualidade, com os quais os homens que se dispõem a se colocar nessa luta também vão se deparar em outras medidas, a partir do acionamento de narrativas como a ideia de que o envolvimento nesse debate é “coisa de viado”.

Esse é um enfrentamento que, segundo o administrador do C.P.G, nem todos estão dispostos a fazer, pois é um processo desconfortável e que impacta diretamente nas construções de masculinidade internalizadas por esses homens, nas identidades que ocupam. Além disto, esses homens esbarram em padrões de masculinidade considerados “tóxicos”, configurados principalmente pela dificuldade de exposição das suas vulnerabilidades e do medo de serem associados àquilo que não se enquadra nessa identidade masculina cisheteronormativa.

Porque isso exige desconstrução e se desconstruir é você sair da zona de conforto e você se redescobrir, como pessoa, como homem, como cidadão, como chef de família... Então, não é todo mundo que tá preparado pra isso, não é todo mundo que quer encarar isso, entendeu? Por mais que Júlio César esteja lá, se ferrando, de mandar mensagem nos *stories*, fazer vídeo, fazer *live* [...] Por mais que o “Tem do meu tamanho” fala de moda pra gordo [...] O cara não quer saber, ele não quer debater, foi ensinado a ele não falar sobre isso, por mais que isso esteja agonizando ele, por mais que isso chateie ele. (Julio Cesar, entrevista online em 06 de maio de 2023)

Nesse sentido, o pesquisador e psicólogo Breno Rosostolato (2019) aciona o conceito psicossomático⁹⁷ da alexitimia, como uma condição na qual o indivíduo apresenta dificuldade em nomear os próprios sentimentos e sensações, que em sua análise seria uma das consequências do processo de se alinhar a um padrão hegemônico de masculinidade. Um dos impactos nocivos da construção do que ele denomina como “cultura do machão”, na qual a identidade masculina se constroi a partir da negação dos sentimentos e de tudo que não é supostamente considerado masculino, ou seja os elementos associados às mulheres e homens que não cumprem esses *scripts* de masculinidade, como homens gays ou mesmo homens heterossexuais considerados “afeminados”.

⁹⁷ A psicossomática é descrita como uma ciência interdisciplinar da qual se originam diversas especialidades da medicina e da psicologia, ela se dedicada ao estudo dos efeitos de fatores sociais e psicológicos nos processos orgânicos do corpo, como esses elementos impactam sobre o bem-estar das pessoas a partir dessa interconexão.

De acordo com o autor, a negação do outro e de si mesmo são as consequências dessa cultura que resultam em marcas profundas na identidade masculina, que acentuam um estado de distanciamento emocional e de afeto fragmentado. Assim, de acordo com as referências com as quais ele dialoga a respeito da premissa da existência de um componente psíquico e social para a alexitimia, o autor destaca a linha de raciocínio desenvolvida pelo cientista social Luis Freire, que argumenta que uma expressão consciente das emoções necessita de um aprendizado social, no qual essas emoções precisam se desenvolver e amadurecer, um aprendizado que é afetado por essas construções de masculinidade.

Esse é o ponto-chave para contextualizarmos a alexitimia e as masculinidades tóxicas. O aprendizado social e afetivo é um aspecto da educação masculina desde a infância e perpetua uma mentalidade alexitímica. Uma educação severa faz com que os homens sejam levados a acreditar que abrir-se e falar de maneira ampla sobre suas dúvidas, anseios e medos os aproximaria de um ser fraco, ou seja, do não homem. O silêncio é reforçado como importante característica masculina e por isso deve ser cultivado [...] (LEVANT, 1992 apud SILVA et al., 2013). (ROSOSTOLATO, 2019)

Este também é um ponto chave para a análise que estou propondo neste capítulo de encerramento, o debate sobre o silêncio a respeito das próprias vulnerabilidades, a criação dessa “capa de proteção”. Um fenômeno que foi exemplificado neste subtópico a partir da relação com o humor autodepreciativo, e dialogou com outros elementos apresentados anteriormente, como o medo de ser associada a um “perfil gay”. Dados que contribuem com a confirmação da minha hipótese de pesquisa, de que aproximação ou afastamento de padrões de masculinidade hegemônicos impactam no engajamento de homens gordos com o ativismo antigordofóbico, compreendendo que o enfrentamento da cisheteronormatividade é uma questão central nesse processo.

A Revista Trip (2024) fez um *post* em seu perfil do *instagram* com a seguinte chamada: “O que os homens cisgêneros e heterossexuais conversam entre si? A maioria fala sobre tudo, menos sobre seus pensamentos e sentimentos mais profundos — e isso pode ser ruim pra toda a sociedade”. Segundo a reportagem apresentada por eles, o Instituto PDH- Papo de Homem apontou, a partir de uma pesquisa realizada com 28 mil homens brasileiros, que a maioria deles tem dificuldade de conversar a respeito de sentimentos mais profundos com seus amigos, dividir reflexões sobre seus medos e dúvidas.

O levantamento, que originou o documentário “O Silêncio dos Homens” (2019), revelou que apenas três em cada 10 homens possuem o hábito de conversar sobre os seus maiores medos e dúvidas com os amigos — entre heterossexuais, o índice é de 26%. Além disso, 57% deles afirmaram terem sido ensinados durante a infância e adolescência a não expressar emoções e apenas 20% disseram ter tido exemplos

práticos de como lidar com seus próprios sentimentos. Embora alguns estudos indiquem que as novas gerações estão provocando uma mudança nesse padrão, ao investir em laços de amizade com maior intimidade, a tendência é de queda no número de parcerias do tipo, principalmente entre os homens. (Legenda transcrita do perfil @revistatrip, postagem em 18 de abril de 2024)

Quando adicionamos a essa equação, além da sexualidade, o elemento racial, podemos observar como para os homens negros esse cenário é ainda mais complexo.

Como demonstrou a pesquisa realizada pelo portal Papo de Homem (INSTITUTO PDH, 2019) os homens negros são maioria nos presídios; correspondem a 75% dos que são assassinados anualmente; possuem 45% mais chances de suicídio do que homens brancos na faixa etária de 10 a 29 anos; têm menos anos de escolaridade e taxas maiores de analfabetismo. E um dos motivos de tantas desigualdades é o racismo presente na nossa sociedade. (PATRICIO, 2023, p.4)

Romper o silêncio e articular espaços de debate, nos quais pretos gordos possam trocar experiências e refletir a respeito da construção delas, é apresentado como um dos principais objetivos e também desafios no C.P.G. Um outro seguidor do perfil também chama atenção para essa característica apreendida como um elemento masculino, de não debater sobre seus próprios sentimentos, não se abrir sobre as situações que os afetam. Elemento que é barreira para articulação em rede, tão fundamental ao ativismo gordo, e que aparece como proposta central do Canal do Preto Gordo e mais uma vez expõe como a heteronormatividade atua nessas vivências.

Do homem preto hétero não querer demonstrar suas emoções, ou o que sente, por causa desse machismo dentro da nossa sociedade, que homem não chora, homem não demonstra sentimento, homem é sempre forte, é o porto seguro da família, tá ali apenas pra prover a família e proteger, mas ninguém sabe que esse homem quer ser protegido também. Ele quer ser escutado também, ele quer botar pra fora os sentimentos dele também e não pode. Ao mesmo tempo que o preto gay quer falar e não é ouvido. (Alexandre Santos, *live* em 30 de maio de 2021 no perfil @canal_do_preto_gordo)

A fala do interlocutor aponta diferenças nesses processos que são advindas da orientação sexual, argumentando que enquanto os homens heterossexuais não conseguem falar por conta dos aprendizados da heteronormatividade, os homens gays lidariam de outra forma com esse exercício da fala, mas, ainda assim não seriam escutados, teriam suas vivências invisibilizadas e silenciadas por esse mesmo regime heteronormativo. Diferentes faces da mesma moeda, como resultados de processos de conformação de gênero e sexualidade, vistos principalmente na expressão da homofobia.

Santos, Moreira e Silva (2022) também trazem a tona, além da homofobia, a expressão de antifeminilidade e em contraponto a ideia de que as mulheres seriam um “sexo frágil”,

refletem sobre a fragilidade da masculinidades no sentido da manutenção de um padrão hegemônico que exige que homens provem constantemente que são “machos” o suficiente para não sofrer sanções e dúvidas em torno da sua constituição social, e como é nesse processo que atitudes como a manutenção do silêncio se perpetuam.

É fato que os homens não costumam falar de si. Talvez não saibam muito o que dizer ou não seja de seu interesse questionar os mitos que sustentaram sua condição hegemônica. Ou até quem sabe, temam ser rechaçados. As mulheres, os homossexuais, os transgêneros, ao contrário, lutam por se fazer ouvir, confessando aflições, conflitos e dores. Enquanto isso como guardiões de uma ordem simbólica hipoteticamente imutável, os homens silenciam (MUSZKAT, 2018, p. 10 apud SANTOS, MOREIRA E SILVA, 2022, p.187)

Portanto, é nesse ponto de tensão que é possível analisar a constituição do Canal do Preto Gordo, a partir de uma proposta de ampliar espaços de fala e escuta entre os homens pretos gordos e enfrentar o silêncio que os impede, entre outras coisas, de se engajarem no ativismo antigordofóbico. Uma proposta que esbarra na manutenção da cisheteronorma, principalmente a partir do medo apresentado pelos homens cis heterossexuais de adentar esse espaço considerado um “perfil gay” e ter suas masculinidades questionadas.

Como observado, esse processo também impacta diretamente nos discursos que começam a ser vinculados ao perfil, de que a sexualidade e identidade de gêneros “não importam”, mesmo que essas sejam pautas constantemente abordadas, motivo de conflitos entre os seguidores e parte central do debate sobre a configuração de outros padrões de masculinidades, mais alinhados tanto com a proposta política de refletir sobre as masculinidades negras, quanto com o próprio ativismo gordo.

Por fim, é preciso reconhecer que sem tensionar a cisheteronorma, e a sua expressão através da homofobia presente nas construções de masculinidade que atravessam esses pretos gordos, a efetivação do objetivo do Canal do Preto Gordo não pode ser alcançada em sua plenitude. Contudo, essa é uma situação que continua sendo enfrentada por eles, a partir das ferramentas que conseguem acionar. Assim, propor reflexões a respeito das vivências desses homens, seus desafios e contradições, faz parte do repertório observado no perfil, e há por parte do seu administrador e de seguidores a reflexão de que é preciso enfrentar o machismo e a heteronormatividade para lidar com os impactos da gordofobia e suas intersecções com o racismo, homofobia, transfobia e outras opressões.

Essa reflexão é confrontada por desafios na prática, que compreendo que são sintomáticos do processo de encarar esses padrões internalizados, que nem sempre são percebidos conscientemente ou mesmo quando são percebidos, envolvem um processo

complexo de mudança, no qual o acesso às ferramentas necessárias para essa transformação ainda é atravessado por diferentes questões que fazem parte das realidades desses pretos gordos. Pretos gordos, mas que não são “apenas pretos e gordos”, que certamente não são iguais, mas também demonstram querer enfrentar o desafio de construir esse espaço compartilhado a partir do ativismo gordo e do antirracismo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi a presença minoritária de homens engajados no ativismo gordo que me chamou a atenção para a construção da presente pesquisa, foi também a invisibilidade de homens negros em páginas de valorização de homens gordos que motivou o criador do Canal do Preto Gordo na elaboração desse perfil no *instagram*, e consequentemente na gestão de uma comunidade de pretos gordos que, como vimos, se configura heterogênea, mas que é também atravessada por questões coletivas no que diz respeito ao seu lugar de encruzilhada a partir das intersecções do racismo e da gordofobia.

Este trabalho é resultado de um processo que começou antes da minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRB, e que certamente repercute para além dele. É fruto do meu compromisso enquanto pesquisadora e ativista, construído a partir do eco de muitas vozes e experiências, em um caminho em que tive que voltar meu olhar para o campo das masculinidades, antes pouco abordado por mim, mas, que sem dúvida, dialoga com interesses de pesquisa que se apresentam ao longo de todo esse processo, como o do fortalecimento de uma ótica interseccional para abordagem da gordofobia.

Desse modo, entendo que contribuo para o fortalecimento da construção de um campo de debate sobre masculinidades que tem uma implicação direta como os debates feministas. Isto é, uma pesquisa comprometida com uma dupla tarefa, como sinaliza Vigoya (2018), tanto de reconhecer as masculinidades como tema legítimo das pesquisas de gênero, com sua contribuição no estudo das estruturas desiguais de gênero que atravessam nossa organização social, o que implica no processo de reconhecer os prejuízos da imposição de padrões de masculinidades também para os sujeitos identificados como homens, quanto da ação de chamá-los a assumir suas responsabilidades diante dos ganhos sociais também implicados nessa identidade.

Portanto, retomo a reflexão que apresentei na introdução sobre “desuniversalizar” a história dos homens, compreendendo que desestabilizar essa posição também é um caminho que contribui para o reconhecimento da humanidade de “outros homens” excluídos dessas identidades hegemônicas, buscando analisar esse cenário complexo de disputas sobre os significados de “ser homem” sem isentá-los de suas relações contraditórias e privilégios, tanto quanto buscando não invisibilizá-los a partir de seus lugares de subalternidade.

Os frutos desse percurso etnográfico não se resumem apenas aos dados valiosos provenientes da observação do Canal do Preto Gordo, pois todo contato com seu administrador e demais homens, que dialogaram direta ou indiretamente comigo ao longo da

pesquisa, também alteraram minha própria percepção a respeito das masculinidades, o que extrapola o lugar de pesquisadora e também adentra minhas relações pessoais e minha posição ativista com relação à luta antigordofóbica.

Ademais, habitar essa posição de pesquisadora e ativista antigordofóbica também implicou no fortalecimento do meu compromisso ético ao lidar com as narrativas desses pretos gordos, e nesse sentido o contato com o administrador do C.P.G, buscando dialogar a respeito do processo, buscá-lo para sanar dúvidas, certificar dados e informar a respeito do andamento da pesquisa foi um movimento muito presente nesse percurso.

Diante da posição epistemológica assumida através do debate dos saberes localizados (HARAWAY, 1995) e do uso da interseccionalidade como ferramenta teórica e metodológica (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2018), também me coloquei em lugar de análise nessa trajetória, buscando entender as implicações da minha posição enquanto uma pesquisadora gorda menor, mulher e branca, e reforçando assim meu rigor científico diante de um lugar que não tem a pretensão de reivindicar uma suposta neutralidade, e sim, no qual busquei construir uma pesquisa comprometida com, e embasada pelas, Ciências Sociais no exercício do desenvolvimento de uma etnografia.

A fim de buscar ferramentas para compreender o cenário da luta antigordofóbica, onde se destaca o protagonismo de mulheres, localizei em meus debates iniciais como as problemáticas de gênero e sexualidade são centrais na trajetória desses movimentos. A contextualização histórica que tracei, especialmente no primeiro capítulo, trouxe a contribuição de destacar como esse período dos anos de 1960 e 1970, lembrados pela emergência de novos movimentos sociais como uma “segunda onda feminista”, movimentos em torno das sexualidades, direitos civis e antirracismo, também foi expressivamente marcado pela emergência de movimentos antigordofóbicos que não estão apartados dos demais.

Foi possível observar ao longo da pesquisa, entre outras questões, como as próprias ferramentas da plataforma do *instagram* são apropriadas por esses homens a fim da construção do ativismo proposto pelo perfil, onde as *lives* e o compartilhamento das fotografias ganham significado político e fazem parte de uma construção coletiva, mas nem por isso consensual em todos os seus elementos. Foi a partir dessas ferramentas que pude compreender como a gordofobia impacta no cotidiano destes interlocutores a partir das discriminações enfrentadas no acesso às profissões de interesse, nas discriminações e negligências médicas, no ato de evitar as atividades esportivas e de lazer diante dos

constrangimentos enfrentados, na dificuldade de estabelecimento de relacionamentos afetivo-sexuais e nas suas construções de autoimagem.

Ademais, a respeito das negociações e significados das imagens compartilhadas, foi possível identificar como no Canal do Preto Gordo, a criação desse grande “álbum fotográfico coletivo” caminha em diálogo com a percepção do quanto a disputa pela valorização estética de grupos socialmente subalternizados, apesar de não ser a única ferramenta na construção de um processo de empoderamento, se apresenta como relevante e profícua no sentido de auxiliar na construção de novas narrativas, assim como é feito através das *lives* que apresentam a ideia do sucesso profissional e da capacidade de construir diferentes projetos e *hobbies* como uma possibilidade para esses homens pretos gordos que integram o C.P.G.

Um aspecto relevante para a compreensão das relações entre masculinidades e gordofobia, que pode ser observado nas análises desta pesquisa, diz respeito aos constrangimentos existentes na exibição dos corpos de homens gordos a partir da construção de estereótipos que localizam os corpos desses sujeitos como “efeminados” pela gordura; uma construção histórica e que afeta diretamente nas leituras sociais e discriminações direcionadas a eles. Além disso, destaco também a análise sobre o fato de que o C.P.G seria lido por muitos como um “perfil gay” e a recusa por parte de homens pretos gordos cisheterossexuais de se integrarem ao perfil, evidenciando como a cisheteronormatividade se torna uma barreira na articulação do ativismo empreendido pelo Canal do Preto Gordo.

Dessa maneira, os dados ajudam a compreender a própria fragilidade dessa norma cisheterossexual, que na construção de padrões hegemônicos de masculinidade toma a associação com tudo que possa ser considerado feminino ou gay como uma ameaça à sua própria constituição, o que no contexto do Canal do Preto Gordo se torna um impedimento para os próprios pretos gordos que não acessam um debate relevante a respeito de suas corporalidades gordas pelo medo de serem lidos como “menos homens” por isso.

Portanto, encerro o último capítulo me dedicando a arrematar esse debate a respeito das conexões que observei entre o enfrentamento da cisheteronormatividade, a construção de reflexões sobre masculinidades negras e o engajamento no ativismo gordo a partir da experiência do C.P.G. Confirmando, assim, os prejuízos no engajamento antigordofóbico desses homens associados à busca por conformação com ideias hegemônicas de masculinidade. Um conformação expressas nas vivências observadas, principalmente, através da dificuldade de reconhecimento das próprias vulnerabilidades e da expressão dos seus sentimentos através do diálogo, com destaque para a análise do acionamento do humor

autodepreciativo e dos estereótipos que se apresentam nas suas vivências de forma interseccional.

A respeito das reflexões sobre masculinidades negras, é relevante destacar como esse é um fio condutor do conteúdo e objetivos propostos no Canal do Preto Gordo. De maneira que, apesar de anunciar nos objetivos específicos da pesquisa o interesse de analisar quais valores e visões compartilhadas no perfil a respeito de “ser homem” e “ser gordo”, outro elemento que também foi central na observação do perfil foram as reflexões dos interlocutores sobre o que é “ser preto”. Assim, as conclusões apontaram para como é a partir da intersecção entre raça e corporalidade gorda que constroem sua visão sobre o que é “ser homem”, além disso, outro elemento que ganhou centralidade foram as questões em torno da orientação sexual desses pretos gordos e como ela também é um ponto chave na construção das suas masculinidades.

Foi a partir das reflexões empreendidas através do arcabouço de debates sobre masculinidades negras que também destaquei a análise sobre o impacto da hipersexualização nas vivências desses homens pretos gordos, e como se encontram em uma encruzilhada de violências perpassadas tanto pelo estereótipo do “negão de pau grande” quando pelo “gordinho castrado”. Desse modo, os locais de discriminação do racismo e da gordofobia convergem em um cenário onde os relacionamentos afetivos sexuais desses homens são atravessados pela fetichização e negação do afeto público. Ademais, é no estabelecimento de trocas sobre tal assunto, que pode ser considerado íntimo e sensível, que o C.P.G avança no rompimento do silêncio que caracteriza aprendizados de gênero a respeito das masculinidades e contribui para a criação de diálogos e espaços de trocas que são fundamentais para a articulação em rede presentes no ativismo gordo.

Além disso, a partir desta pesquisa pôde-se constatar que o Canal do Preto Gordo contribui de forma significativa na valorização desses sujeitos, pelo fortalecimento do discurso de que “o preto gordo pode”. Seja através da construção de uma autoestima ligada à valorização das suas autoimagens por um viés estético, ou pela noção de que podem projetar suas próprias narrativas, podem ter carreiras de sucesso, podem se engajar em esportes, podem construir relações afetivo sexuais mais saudáveis e podem também ser agentes de transformação na luta contra a gordofobia.

Observar trocas que ocorreram tanto entre seguidores que estavam mais associados à construção de lutas sociais, engajamento em outros coletivos e leituras mais aprofundadas sobre a própria gordofobia, masculinidades, LGBTQIAP+fobia e racismo, quanto seguidores que por vezes estavam tendo os primeiros contatos com esses conceitos e com a experiências

de articulação coletiva, também apresentou um panorama relevante. Foi possível constatar como todas essas experiências são ricas para os debates estabelecidos no C.P.G, e que em muitos momentos também foram direcionadas e canalizadas para as reflexões de interesse do perfil a partir da *expertise* do seu administrador. Além disso, evidenciou-se que o Canal do Preto Gordo se constitui como ponte para a ampliação de uma rede de contatos capaz de facilitar conexões profissionais, fortalecimento de amizades e outras relações afetivas.

Nesse percurso, se reforça também as constatações sobre como a realidade de pessoas gordas é complexa e atravessada por diferentes questões e que, nesse sentido, é tanto importante reconhecer a necessidade dos espaços auto organizados e exclusivos para determinados grupos, como a de um perfil de homens pretos gordos, quanto a criação de espaços de coalizão, articulação entre diferentes sujeitos e bandeiras relacionadas a luta antigordofóbica.

Assim como já vinha apontando em pesquisas anteriores, as experiências de pessoas gordas, maiores e menores, e de mulheres gordas em diferentes lugares de raça, sexualidade, idade, classes econômicas etc., produzem realidades distintas com relação aos impactos da gordofobia. E nessa pesquisa foi possível observar o quanto isso se estabelece também entre os homens gordos, que acrescentam a essa luta suas próprias perspectivas e demandas. Ademais, desenvolver essa observação com um perfil exclusivo para homens negros também fortaleceu o entendimento de como o enfrentamento da gordofobia deve englobar o enfrentamento do racismo estrutural e do pensamento colonial que afeta nossas vivências, e como, especialmente analisando nosso contexto brasileiro, não podemos nos furtar de dedicar atenção às questões raciais e de classe na configuração das experiências de pessoas gordas.

Ademais, destaco que, assim como a interseccionalidade não é uma soma matemática de opressões, ela também não se estabelece a partir de uma soma de solidariedades de forma automática. A presente pesquisa expõe limites impostos pela convivência com as diferenças, na qual ser interseccionado por opressões em comum não é suficiente por si só para gerar empatia e engajamento social e político nessas diferentes lutas que atravessam a realidade dos pretos gordos do perfil, fazendo com que mesmo homens que são subalternizados pelo racismo, classicismo e gordofobia sejam também agentes de reprodução de opressões como a homofobia e transfobia.

Por fim, destaco como essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar os debates entre essa relação das masculinidades e da gordofobia, e que a confirmação da hipótese nesse contexto de observação específico pode ainda ser questionada ou aprimorada a partir de novas investigações que analisem outros cenários e vivências de diferentes homens gordos.

Inclusive, diante do estado inaugural desse debate, aponto a necessidade de mais pesquisadoras e pesquisadores se engajarem nele e contribuírem também na construção desse campo de conhecimentos.

Vigoya (2018) argumenta que “nenhum trabalho intelectual é definitivo” e que muitas vezes é difícil concluir um processo de pesquisa com o qual estivemos envolvidas por um período longo e\ou intenso, percepção que eu também senti, uma dificuldade de arrematar a dissertação diante de tantos caminhos de análise que se abriram a partir desse campo. Portanto essas considerações seguem uma linha de conclusão desse processo, mas não ligada a uma ideia de fechamento, e sim de abertura de novas possibilidades de pesquisa.

Desse modo, concluo essas considerações com os votos de continuar presenciando a expansão do ativismo e das pesquisas alinhadas à antigordofobia, e que possamos cada vez mais empenhar nossos esforços na construção de perspectivas interseccionais a respeito dessas realidades. Por um ativismo gordo construído por muitas mãos e por uma pesquisa gorda comprometida, ambos articulados com o combate às opressões que violentam pessoas gordas em suas diversidades.

REFERÊNCIAS

- Above 3X. Know Your Fat History: The Fat In of 1967. **The curvy fashionista curvy**. 2021. Disponível em: <<https://thecurvyfashionista.com/know-your-fat-history-the-fat-in-of-1967/>> Acesso em: 10 de ago de 2023.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **GORDOFOBIA**. 2023. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%3A,fator%20que%20mere%C3%A7a%20seu%20desprezo.>> Acesso em: 27 de nov de 2023.
- ALVES, Valdir; BENEVIDES, Silvio; MACHADO, Jurema; VALENÇA, Diogo. **Uma revolução silenciosa: Ciências Sociais no Recôncavo da Bahia**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2023.
- AMARAL, Adriana; FRAGOSO, Suely Frago; RECUERO, Raquel. **MÉTODOS DE PESQUISA PARA A INTERNET**. Porto Alegre. Editora Sulina. 2007.
- AMARAL, Inês Albuquerque. **Ciberespaço: a reinvenção do conceito de comunidade**. Researchgate. 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/270892779_Ciberespaco_a_reinvencao_do_conceito_de_comunidade> Acesso em: 15 de mai de 2024.
- ARRUDA, Agnes. Pequeno dicionário antigordofóbico. **AzMina**. 2021. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/pequeno-dicionario-antigordofobico/>> Acesso em: 27 de nov de 2023.
- ARRUDA, Agnes; JIMENEZ JIMENEZ, Maria Luisa; SLVA Marcelle Jacinto da. FEMINISMO GORDO: epistemologias, saúde e mídia. v. 1 n. 28: **Dossiê Fat Studies** – jan./jun. 2022
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARROS, Duda Monteiro de. **O que é nomofobia, novo transtorno ligado ao uso exagerado do celular**. VEJA 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/comportamento/o-que-e-a-nomofobia-novo-transtorno-ligado-ao-uso-exagerado-do-celular>> Acesso em: 02 de mai de 2023.
- BENTO, Maria Aparecida. “Branqueamento e Branquitude no Brasil”. In: **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil** / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras). Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.
- BETTI, Marcella Uceda. **BELEZA SEM MEDIDAS? Corpo, gênero e consumo no mercado plus-size**. Dissertação (Pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019. 184p.
- BORTOLOZZI, ANA CLÁUDIA; COSTA, TAMIRES GIORGETTI. **Sexualidade e o corpo gordo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- BRAGA, Adriana. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v.15, n.3, set./dez. 2012.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.
- CAVALLINI, Marta. **Empresas monitoram comportamento nas redes sociais para contratar ou demitir; veja cuidados**. G1 ECONOMIA. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/empresas-monitoram-comportamento-nas-redes-sociais-para-contratar-ou-demitir-veja-cuidados.ghtml>> Acesso em: 07 de fev de 2024.

CARDOSO, Lourenço. “O BRANCO-OBJETO: O MOVIMENTO NEGRO SITUANDO A BRANQUITUDE”. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011.

CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara. **GELEDÉS**. 2004. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>> Acesso em: 25 de jan de 2024.

CARROBA, Pablo Vinicius Pizzelli. **URSOS AO VIVO: MASCULINIDADES COMO PRÁTICAS DE SI NO CONTEXTO ONLINE**. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. São Carlos, 2021.

CHAVES, Yasmin da Silva; DESTEFANI, Afrânio Côgo. FISIOPATOLOGIA, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA SÍNDROME DE DUMPING E SUA RELAÇÃO COM A CIRURGIA BARIÁTRICA. **ABCD Arq Bras Cir Dig** 2016; 29(Supl.1):116-119

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo. 2019.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2nd ed. University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.

COOPER, Charlotte. What’s Fat Activism?. **StudyLib**. 2008. Disponível: <<https://studylib.net/doc/8785348/what-s-fat-activism%3F---university-of-limerick#>> Acesso em 10 de ago de 2023.

COSTA, Luisa Brandão, COSTA, Júlia Pagano, KAHHALE, Edna M. S. Peters e BRAMBILLA, Beatriz Borges. **Ansiedade ou cisheteronormatividade? Um estudo de caso na clínica em psicologia sócio-histórica**. MOSAICO - Estudos em Psicologia. v. 11, n. 1, p. 65-82, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento Para O Encontro De Especialistas Em Aspectos Da Discriminação Racial Relativos Ao Gênero”. **Estudos Feministas**, 1/2002. p 171-188.

DA REDAÇÃO. As empresas olham tudo dos funcionários nas redes sociais. **EXAME**. 2014. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/as-empresas-olham-tudo/>> Acesso em: 07 de fev de 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo. 2016.

FABBRINI, Felipe Moreira Borges Nascimento; FORTIM, Ivelise. #automutilação: a expressão simbólica da autolesão não suicida. 2022. São Paulo. **Junguiana** vol.40 no.3. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252022000300008> Acesso em: 28 de mar de 24.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019.

FIGUEIROA, Natália Lima. Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes. **Revista Pensata**, UNIFESP, v.4. n.1, 2014. p.112- 126.

FISHMAN, Sara Golda Bracha. Life In The Fat Underground. **Radiance Winter**. 1998. Disponível em: <https://www.radiancemagazine.com/issues/1998/winter_98/fat_underground.html> Acesso em: 10 de agosto de 2023.

FUZA, Denis Henrique. “A Propaganda da Eugenia no Brasil: Renato Kehl e a implantação do racismo científico no Brasil a partir da obra “Lições de Eugenia””. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 19. 2016, p. 85-107.

FLAUAUS, Vinicius Melo. **Ursos, Filhotes e Caçadores: Cultura, Identidade e Virilidade “Bear” Paulista**. **Dissertação** (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica PUC-SP. São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1977.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRANCO, Andressa Franco; ROSA, Patrícia. Gordofobia, racismo e sistema de saúde: porque a história de Vitor Augusto não é um caso isolado. **AFIRMATIVA**. 2023. Disponível em: <<https://revistaafirmativa.com.br/gordofobia-racismo-e-sistema-de-saude-porque-a-historia-de-vitor-augusto-nao-e-um-caso-isolado/>> Acesso em: 15 de jan de 2024.

FREITAS, Lúcia. PERFORMATIVIDADE NO HUMOR EM STAND UP: DISCURSO DE ÓDIO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA. **REVELLI** v.8 n.1. abril/2016. p.166 - 177. ISSN: 1984 – 6576 Dossiê Tópicos Especiais em Educação e Linguagem.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GERHARDT, Linda. The Rebellious History of the Fat Acceptance Movement. **Center For Discovery**. 2023. Disponível em: <<https://centerfordiscovery.com/blog/fat-acceptance-movement/>> Acesso em 10 de ago de 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Zahar. 2004.

GÓES, Juliana Moraes de. Reflexões sobre pigmentocracia e colorismo no Brasil. **REVES - Revista Relações Sociais**, Vol. 05 N. 04 (2022)

GONÇALVES, Juliana Soares. Novas estéticas para estruturas antigas: tecnologias, próteses de gênero e textualidades do mandato de masculinidade. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS. Belo Horizonte. 2021,

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Josiane Peres; SOUZA, Valdelice Cruz da Silva. “Investigação sobre gordofobia: estado do conhecimento em teses e dissertações”. In: **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.11, n.31. 2020, p. 363 - 387.

GONZALES, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, Rio de Janeiro. 1984, p. 223-244.

GUIMARÃES, Dandara Abreu. “Negro drama”: representações e estereótipos acerca das masculinidades negras. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2022.

HARAWAY, Donna. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **cadernos pagu** (5) 1995: pp. 07-41.

HENNEN, Peter. **Bear Bodies, Bear Masculinity: Recuperation, Resistance, or Retreat?**. 2005. Disponíveis em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243204269408>> Acesso em: 6 de dez de 2024.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona, Editorial UCO. 2004.

HIRSCH, Irvin H. Ginecomastia. **MSDMANUALS**. 2023. Disponível: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/dist%C3%BArbios-geniturin%C3%A1rios/endocrinologia-reprodutiva-masculina-e-dist%C3%BArbios-relacionados/ginecomastia#:~:text=A%20ginecomastia%20corresponde%20%C3%A0%20hipertrofia,sem%20aumento%20do%20tecido%20glandular.>> Acesso em: 28 de mar de 24.

JIMENEZ JIMENEZ, Maria Luisa; SILVA, Marcelle Jacinto da. Feminismo Gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54089. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54089>. Acesso em: 27 de nov de 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. Doutorado (Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) – Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil.

_____. Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais. 2020. **CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, (31), 15. <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30592>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. ; tradução de Carlos Irineu da Costa.— São Paulo: Ed. 34, 1999.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, Volume 17. 2017

KIMMEL, Michael S. A PRODUÇÃO SIMULTÂNEA DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998

KODAMA, Francielly. Cresce o uso de anabolizantes para fins estéticos; entenda os riscos. **GSHOW**. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/cresce-o-uso-de-anabolizantes-para-fins-esteticos-entenda-os-riscos.ghtml> Acesso em: 17 de abr de 2023.

KOZINETTS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

KULICK, Don. Pornô. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, 2012. p. 223-240. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2013.

LOCATELI, Victor. A busca pela perfeição: como os filtros do Instagram impactam a vida pessoal dos usuários. **ESQUINAS**. 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/tecnologia/a-busca-pela-perfeicao-como-os-filtros-do-instagram-impactam-a-vida-pessoal-dos-usuarios/> Acesso em: 10 de fev de 2024.

LORDE, Audre. *Não há hierarquias de opressão*. In: **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Heretika Difusão Lesbefeminista Independente, 2009.

MANIFESTA GORDA. **Manifesta gorda** [livro eletrônico] / coordenação Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil. -- 1. ed. – Belo Horizonte, MG : Agência de Iniciativas Cidadãs, 2023.

MARIRO, Blue. “Pessoa gorda e transmasculina: A quebra do padrão ‘cistêmico’ pela liberdade dos corpos trans”. **MEDIUM**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@mariroblue/pessoa-gorda-e-transmasculina-a-quebra-do-padr%C3%A3o-cist%C3%AAmico-pela-liberdade-dos-corpos-trans-1bca92d4a7a7> > Acesso em: 28 de fev de 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=Tamb%C3%A9m%20chamado%20de%20intimida%C3%A7%C3%A3o%20sistem%C3%A1tica,ang%C3%BAstia%20%C3%A0%20v%C3%ADtima%2C%20em%20uma> Acesso em: 08 de maio de 2024.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. Annablume. São Paulo. 2013.

MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo / Adilson Moreira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Sojourner Truth. **GELEDÉS**. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>> Acesso em: em 25 de abr de 2024

MULHER. “O gordo é assexualizado, não beija”, Paulo Vieira diz como sociedade vê corpo gordo. 2021. Disponível em: <<https://www.mulher.com.br/comportamento/o-gordo-e-assexualizado-nao-beija-paulo-vieira-diz-como-sociedade-ve-corpo-gordo>> Acesso em: 05 de mai de 2024.

NAZAR, Susanna. Redes sociais são critério na contratação de emprego, mas há limites para o uso de informações. **JORNAL DA USP**. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/redes-sociais-sao-criterio-na-contratacao-de-emprego-mas-ha-limites-para-o-uso-de-informacoes/>> Acesso em: 18 de abr de 2024.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n. 1 p. 287-308. Disponível online em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 10 de jan de 2024.

NOVAIS, Flávia Luciana Magalhães; MACHADO, Paula Sandrine. Racializando as discussões sobre diversidade corporal e movimentos anti-gordofobia. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021, ISSN 2179-510X

OLIVEIRA, Pamela Luisa Paiva de Oliveira. **TETA: Os papéis simbólicos do seio desnudo na sociedade brasileira urbana atual**. Dissertação (Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015.

PATRÍCIO, Claudio. A DOR INVISÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O SOFRIMENTO DO HOMEM NEGRO NUMA SOCIEDADE PATRIARCAL E RACISTA. In **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>. 2023

PEREIRA, Fernanda de Souza Pereira; SANTOS, Layrthton Carlos de Oliveira. Uso do Instagram: Relações com Autoestima e Autoconceito Físico em Adultos. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 14, n. 1, p. 48-66, janeiro-junho, 2022

PFEFFER, Carla A. **Fat activism and beauty politics from:** The Routledge Companion to Beauty Politics Routledge. 2021. Disponível em: <<https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9780429283734-20>>. Acesso em 25 de out de 2023.

PICCHETTI, Yara de Paula e SEFFNER, Fernando. Em gênero e sexualidade aprende-se pela repetição com diferença: cenas escolares. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.23, n.52, p. 717-739, jun. 2017 a set. 2017. 719

PINHO, Osmundo Araujo. ETNOGRAFIAS DO BRAU: CORPO, MASCULINIDADE E RAÇA NA REAFRICANIZAÇÃO EM SALVADOR. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

PINHO, Osmundo. Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. **universitas humanística** 77 enero-junio de 2014 pp: 227-250 bogotá - colombia issn 0120-4807.

PIZA, Edith. *Porta de vidro: entrada para a branquitude*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 59-90.

POLIVANOV, Beatriz. Reapropriação do conceito de “comunidade” na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2015. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/186>. Acesso em: 27 mai de 2024.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da Obesidade**. Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia (ORG). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013. P.415.

RAMOS, Mozer de M.; SANTOS, Elder C. Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. 2020. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 72 (1): 159-172

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **Redes da internet como meio educativo contra a gordofobia**. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

_____. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que é Abya Yala, o nome dado ao continente americano?. 2023. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/08/o-que-e-abya-yala-o-nome-dado-ao-continente-americano>>. Acesso em: 15 de dez de 2023.

REGO. Francisco Cleiton Vieira Silva do. **HIPERTROFIA MUSCULAR COMO EXPRESSÃO DA MASCULINIDADE ENTRE HOMENS TRANSEXUAIS: MASCULINIDADES E ÉTICA ANTROPOLÓGICA**. 2014. Disponível em: <https://www.29ba.abant.org.br/resources/anais/1/1401924790_ARQUIVO_REGO,FCVS_GT24_HIPERTROFIAMUSCULAR.pdf> Acesso em: 10 de abr de 2024.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. **Cisheteronormatividade como instituição total**. petdefilosofiaufpr.wordpress.com v. 18 , n. 2, agosto 2020.

ROSOSTOLATO, Breno. ALEXITIMIA E MASCULINIDADES: DO SILÊNCIO AOS PROCESSOS DE DESCONSTRUÇÃO. **RBSH** 2019, 30(2); 55-64

SÁ, Natália Nigro de, SZYLIT, Regina. CISHETERONORMATIVIDADE E LUTO NA EXPERIÊNCIA FAMILIAR DA PESSOA NÃO-CISGÊNERO. **Pathos: Revista brasileira de práticas públicas e psicopatologia**. Volume 07, número 1, Junho de 2021.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia Negra Sapatão Como Vetor De Uma Práxis Humana Libertária. *Periódicus*, Salvador n. 7, v. 1. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Maio-out. 2017. p. 102-116.

SANSONE, L. Pais Negros, Filhos Pretos. Trabalho, cor, diferença entre gerações e o sistema de classificação racial num Brasil em transformação. In: **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil** [online]. Salvador: EDUFBA, 2003, pp. 38-87.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade. 2016.

SANTOS, Frederico Oliveira, MOREIRA, Gilsélia Lemos e SILVA, Isabella dos Santos. CORPOS DISSIDENTES NA CISHETERONORMATIVIDADE: A RELAÇÃO DOS CORPOS TRANS COM OS ESPAÇOS URBANOS. **Revista COR LGBTQIA+**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 170-192, jul. 2022.

SANTOS, Renata Argolo dos. **SOMOS MUITAS: Uma análise interseccional da vivência de mulheres gordas**. Monografia (Graduação no Bacharelado em Ciências Sociais) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal da Bahia. Cachoeira. 2021.

_____. DESCONSTRUINDO RASPUTIA: RACISMO, SEXISMO E GORDOFOBIA ATRAVÉS DA REPRODUÇÃO DE IMAGENS DE CONTROLE NO FILME NORBIT. In:

Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. Rio de Janeiro(RJ) UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/512728-DESCONSTRUINDO-RASPUTIA--RACISMO-SEXISMO-E-GORDOFOBIA-ATRAVES-DA-REPRODUCAO-DE-IMAGENS-DE-CONTROLE-NO-FILME-NORB>. Acesso em: 22 de março de /2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre. p. 71-99, n. 20, v. 2, jul.-dez., 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX**. Companhia das Letras, 1993.

SIMON, Sarah. The Feminist History of Fat Liberation. **MSMagazine**. 2019. Disponível em: <https://msmagazine.com/2019/10/18/the-feminist-history-of-fat-liberation/> Acesso em: 10 de ago de 2023.

STIMSON, Karen W. Fat Feminist Herstory. 1993. **Fat Library Archive**. Disponível em: <https://fatlibarchive.org/fat-feminist-herstory-1993/> Acesso em: 10 de ago de 2023.

SOUZA, Bianca Toscano de. **A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA: RACISMO, CONSTRUÇÃO DE AFETOS E SUBJETIVIDADES**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico- raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, 2021

SOUZA, Rolf Ribeiro De. **Confraria da Esquina: O que os Homens de Verdade falam entre si em torno de uma carne queimando: Uma etnografia de um churrasco numa esquina do subúrbio carioca**. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2003.

AS REPRESENTAÇÕES DO HOMEM NEGRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.
Revista Fórum Identidades. Ano 3, Volume 6 | jul-dez de 2009

SOUZA, Rolf Malungo de Souza. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **ANTROPOLÍTICA**. Niterói, n. 34, p. 35-52, 1. sem. 2013

SOUZA, Henrique Restier da Costa. **LÁ VEM O NEGÃO: DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS SEXUAIS SOBRE OS HOMENS NEGROS. 1º Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

SPANJERS, Barbara. The Origins of NAAFA ('National Association to Advance Fat Acceptance). **Center for DISCOVERY - Eating Disorder Treatment**. 2023. Disponível em: <https://centerfordiscovery.com/blog/the-origins-of-naafa/>. Acesso 07 out 2023 16:33

SPLASH UOL. Jô Soares sobre gordofobia: 'O humor foi minha maneira de ser diferente. 2022. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2022/08/05/jo-soares-sobre-gordofobia-o-humor-foi-minha-maneira-de-ser-diferente.htm> >. Acesso em 17 de mai de 2024.

STRINGS, Sabrina. **Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia**. NYU Press. 2019.

TEXTOR, Alex Robertson. Organization, Specialization, and Desires in the Big Men's Movement: Preliminary Research in the Study of Subculture - **Formation**. **International Journal of Sexuality and Gender Studies** 4(3): 217-239. 1999. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/44662>>. Acesso em 11 de jan de 2024.

VAQUER, Gabriel. Fim de uma era: Faustão na Band cancela quadro de videocassetadas. **NOTÍCIAS DA TV**. 2023. Disponível em: [https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/fim-de-uma-era-na-band-faustao-cancela-quadro-de-videocasse](https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/fim-de-uma-era-na-band-faustao-cancela-quadro-de-videocassetadas-98208) tadas-98208> Acesso em: 16 de mai 2024.

VICENZO, Giacomo. Febre do suco: uso de anabolizantes cresce e hormônios vêm até do Paraguai. **VivaBem**. 2024. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/02/27/febre-do-suco-o-que-explica-aumento-do-uso-de-anabolizantes-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 17 de abr de 2023.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade: da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. 2018. Trad. Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 224 pp.

Viver/Diário. **Faustão é criticado após fazer piada gordofóbica sobre Mariana Xavier**. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/09/faustao-gordofobia.html>> Acesso em: 16 de mai 2024.